UNIVERSITY OF TORONTO
3 1761 01659792 4

R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

GRAMMATICA PORTUGUEZA

Obras do mesmo Autor

Propriedade da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

——) : - : (——

Exame de Admissão para os Gymnasios, promptuario das materias exigidas para o exame de admissão no Collegio Pedro II ..... 3$000

Historia do Brasil, para Gymnasios e Escolas Normaes, curso superior, 3.ª edição. 1 vol. cart..... 4$500

Historia do Brasil, para Escolas Primarias, adoptada para uso das Escolas do Estado de Minas, curso médio. 1 vol. cart. ..... 1$500

Historia do Brasil (Rudimentos de), para Escolas Primarias, curso primario. 1 vol. cart..... 1$500

Autores Contemporaneos. Selecta dos autores do seculo XIX, adoptada pelo Governo para os exames das linguas franceza, ingleza e allemã. Edição contendo numerosas annotações philologicas. 1 vol. cart..... 3$000

Grammatica Portugueza, da infancia, curso primario (1.º anno). 1 vol. cart..... 1$500

Grammatica Portugueza, elementar, curso médio (2.º anno). 1 vol. cart..... 2$500

Grammatica Portugueza, curso superior (3.º anno). 1 volume, cart..... 3$500

Diccionario Grammatical. 1 vol. cart. (em reimpressão).

Livro de Exercicios, para servir com a Grammatica do 1.º anno. 1 vol. cart..... 1$000

Selecta Classica — Periodo archaico, periodo classico; quinhentistas e seiscentistas; com annotações philologicas e grammaticaes. 1 vol. cart..... 4$000

Historia Antiga (Oriente e Grecia). 1. vol. cart. (esgotada).

Frazes Feitas (Explicação de proverbios e modismos vernaculos). 1 vol. br. 2$000, enc. em carneira..... 3$500

Segunda série das **Frazes Feitas.** 1 vol. br. 2$000, encadernado ..... 3$500

JOÃO RIBEIRO

Grammatica Portugueza

CURSO SUPERIOR

ADOPTADA NOS GYMNASIOS E ESCOLAS NORMAES DO PAIZ
E NO «PEDAGOGIUM»

20ª EDIÇÃO
Com um supplemento de annotações ao texto

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro
S. PAULO
129, Rua Libero Badaró
BELLO HORIZONTE
1055, Rua da Bahia
1923

LIBRARY
APR 1 9 1974
UNIVERSITY OF TORONTO

PC
5067
R5
1923

AVISO

Desde a 15ª edição ajuntamos um supplemento de annotações que se encontram no fim do volume, e versam a cerca de questões varias de syntaxe, analyse, orthographia etc., tratadas no texto.

Aconselhamos ainda d'esta vez o manuseio da *Selecta Classica* e dos *Auctores Contemporaneos*, que por suas notas numerosas illustram e completam a doutrina d'esta nossa grammatica.

INTRODUCÇÃO

Introducção

Muito pouco se conhece das populações ibericas da Hespanha antiquissima; foram de certo misturadas e eivadas de elementos celticos na orla maritima ou no curso dos rios. Por uma excellente carta de Kiepert (1) podemos vêr que os celtas mais se agruparam do lado do occidente (Portugal) do que na chamada *Celtiberia* da Hespanha. Nomes locaes celticos acompanham o Tejo da foz a Toledo, e encontram-se no Douro e na Galliza (*Kallaikoi* de Strabão). Do povo dos Artabros já Pomponio Mela diz *etiam nunc celticæ gens*, mas Plinio fala do promontorio de *Arrotreba*, d'onde saiu originariamente a *gens Artabrum*.

Tambem a população antiga e ainda hoje viva dos *bascos* queria Humboldt que descendesse dos *iberos*, mas os documentos que lhe apontaram essa conclusão, revistos á luz de mais segura critica, nada indicam de certo. Segundo G. Philips que os analysou cabalmente reconstituindo o antigo alphabeto iberico de origem greco-romano-phenicia, apenas mostram que o iberico e o basco possuiam identica riqueza de vogaes e a falta do *f*. A consideração dos nomes geographicos parece indicar que vieram os bascos do norte da Africa, invadiram a Hespanha, encontrando já ao norte d'esta os celtas. Outros ethnologos contradizem essas conclusões, e a unica segura é que *bascos* e *iberos* são estreitamente da mesma familia; e se isto não fôra restará sempre a duvida: que foi feito dos iberos, e como é possivel admittir que tenham sido totalmente extinctos? Costumes, usanças e feições que os antigos notavam nos iberos (*coloratos vultos*, *capillos contortos*, Tac.) acham-se hoje ainda nos *bascos*.

Quando foram depois romanizados os iberos, uma estirpe ao menos desenvolveu a cultura propria, a dos Turdetanos, os quaes (fala Strabão) cultivavam a poesia e a historia, e se regiam por leis escriptas em versos.

Quasi dous seculos antes de Christo (no anno 197) foi a Hespanha conquistada e feita provincia; antes d'ella apenas a Sicilia, a Corsega e a Sardenha eram provincias romanas. Conforme o systema de Roma, colonias e guarnições militares occuparam o paiz que novas estradas rasgaram ao trafego das legiões e do commercio.

A lingua latina, na sua fórma popular, o *sermo quotidianus*, *proletarius*, *rusticus*, *vulgaris*, dentro em breve ahi se propagou como nas terras conquistadas.

---

(1) Die iber. und kelt. Namen in Hispanien (Monatsber. d. K. Preuss. Ak. d. Wiss. Berlin, 1864, S. 143). *Apud* Groeber.

Para a Roma imperial, Hespanha não era só a rica região dos metaes; legiões de recrutas de lá vinham para o exercito romano (Mommsen, *Hist.* V), e no tempo de Vespasiano estendeu-se a todas as populações hispanicas a cidadania e o direito civil. Desde a edade de Cicero ha escriptores latinos, de nascimento iberos, e mais tarde um d'elles e o maior é Quintiliano.

A conquista romana foi de certo difficil e penosa, como incomparavel foi a reacção de Viriato e de Sertorio. Mas a submissão, quando feita, foi completa e decisiva, e ao cabo, os hespanhoes acceitaram com facilidade e alegria o antigo imperio.

O latim que então se diffundia pelas provincias não era o que conhecemos dos monumentos literarios antigos. O latim do povo differia consideravelmente da lingua literaria; e foi, qual o sabemos pela referencia dos escriptores e pelas inscripções populares, o verdadeiro germen d'onde se evolveram as linguas romanas de hoje.

Fórmas plebeias transparecem na mesma linguagem dos eruditos, como a variação do accento, *abiéte* em Ennio, *muliérem*, *tenebræ*, *colóbra;* os proclíticos *ille* e *iste* atonos em Plauto. Muitas das fórmas vulgares hoje conferidas com as nossas, d'estas pouco differem: *fomes*, por *fames; peius*, pejus; *plóvere*, *jovenis*, *boem* (bovem) *caldus*, *virdis*, *postus*. As conjugações perdem, conforme os logares, os seus antigos paradigmas; confundem-se os infinitivos em *ēre* e *ĕre*, ou alguns d'elles adoptam a desinencia *ire* (*seguire*, *petire*, *morire*). Varios radicaes agrupam-se num só sentido: **ser** (*esse*, *sedére*); **ir** (*vadere*, *ire*); *potére* diz-se na Iberia. A declinação successivamente vae minguando, se uniformiza ou desapparece. O primeiro caso que desapparece é o genitivo, já entre o I e II seculo da era christã (excepto nos compostos, como *lunæ dies*); o accusativo é o unico que resiste a todas as vicissitudes e dá o modelo das fórmas actuaes. Redistribuem-se os neutros pelos masculinos ou femininos. O comparativo fica com as duas fórmas de *plus* (em Sidonio Apoll. Avitus — e no ital. e fr.) e de *magis* (já em Orosius — e no port. e hesp.). Nos livros sagrados occorre o *kata* grego, que substitue *quisque;* e desde o tempo de Cesar *totus* concorre com *omnis* e o supplanta. Verbos novos formam-se dos participios dos antigos, como *ausare* (audere), *cantare* (canere); e expande-se o uso então restricto de alguns suffixos, como *ale*, já em Ovidio (*crinale*) e em Plinio (*brachiale*). Em geral as palavras curtas são substituidas por outras mais longas (*bucca* e não *os*).

A importancia do latim ainda mais augmentou com a victoria do christianismo e com o prestigio dos doutores da egreja, que, com escandalo dos grammaticos, faziam questão de ser entendidos pela plebe, e honraram a lingua vulgar em que falavam e escreviam. Aos

grammaticos dizia S. Jeronymo : *Melius in barbarismo nostro nos intelligitis quam in nostra disertudine deserti eritis* (Psalm. 36). (1).

O dominio latino é definitivo para a civilisação da Hespanha. Tudo quanto vier depois será accidental e não lançará raizes ; o trabalho de seis seculos da cultura romana ainda continuou latente sob a egide dos godos, que tudo haviam a aprender dos vencidos e do imperio a niquilado.

A conquista germanica data do tempo das grandes invasões dos barbaros, do seculo V, e posto não conseguisse annullar os effeitos do longo dominio romano, deixou na linguagem numerosos vestigios. Propriamente, o genio da lingua conserva-se intacto, e d'ahi por diante todo o influxo dos povos conquistadores limita-se ao vocabulario. Ainda assim, é difficil distinguir, não raras vezes, o vocabulo germanico do latino, attenta a natureza congenita das duas linguas (como nas palavras *ratto*, *kattu*, *flaska* etc., e ainda em *vadum* e *wado ; vae !* e *guai !*).

Das varias estirpes germanicas, suevas, vandalas (2), etc., é a dos VISIGODOS a que predomina na Hespanha ; monumentos que nos legaram directamente não existem, a não se contarem os nomes proprios e as legendas de algumas moedas ; a sua antiga lei, *Lex visigothorum*, possuimol-a em latim.

As palavras germanicas do portuguez são communs ás linguas romanas; algumas, porém, são exclusivas da peninsula : *fato*, *fona*, *tascar*, *sitio*.

Durava já quatro seculos o dominio visigothico quando um guerreiro arabe, Tarik, transpondo o estreito que separa a peninsula da Africa (*Gebel-al-Tarik*), anniquilou o exercito godo do rei Rodrigo. A conquista arabe manteve-se desde o seculo VIII até a propria dissolução que por toda a parte se consummou, já no rosiclér da edade moderna.

Tambem a lingua arabe, como o germanico, apenas contribuira para o lexico, e nem de leve affectara a syntaxe do idioma. Portugal mais cedo que a Hespanha se libertara do jugo dos islamitas.

Assim, conservando o caracter e o genio da lingua latina em todos os accidentes que soffreu a historia da Europa na transição do mundo antigo para a civilisação moderna, apresenta-se já no seculo XIII com as feições essenciaes que conservará para sempre. D'ahi por diante a evolução do portuguez começa a ser trabalhada e disciplinada pela literatura, cujo periodo aureo no seculo XVI coincide com o apogêo politico da nacionalidade.

---

(1) Veja-se o que dissemos a proposito do latim da egreja primitiva na nossa *Selecta Classica*, nota.

(2) Os *Alanos* são scythas e não germanos, e o dominio d'elles foi rapido e precario. O influxo dos *Suevos* é mais do que qualquer outro notavel na Galliza.

Não temos ainda, infelizmente, a chronologia exacta ou sequer approximada, dos velhos monumentos da lingua portugueza antiga; falta-nos a edição diplomatica, e ainda menos temos a edição revista do maior numero d'elles.

«Os primeiros textos de lingua portugueza passam por ser a *Noticia de Torto* ... e a *Noticia de partiçon*, do seculo XII, e os *Foraes* de Castello Rodrigo, do seculo XIII, em prosa. Varios monumentos literarios em verso existem dos seculos XIII e XIV, que representam a feição da antiga lingua ; taes são : o *Cancioneiro* da Ajuda, o *Canc. da Vaticana*, publ. em duas edições, a de Monacci e a de Th. Braga ; e o *Canc.* Colocci.

«A cultura grammatical começou no seculo XVI com as grammaticas de F. Lopez e de João de Barros. Sobre a lingua antiga, a obra excellente de Viterbo (*Elucidario*, de Lisboa, 1798) é ainda hoje o monumento mais consideravel levantado ao estudo do portuguez archaico...

«Póde-se fixar nos começos do seculo XIII o pleno desenvolvimento da lingua portugueza antiga ou *romance*, quando já o povo pouco ou quasi nada entendia do latim barbaro, ainda usado nos documentos de origem official e da praxe dos cartorios. Já desde muito tempo o latim dos documentos era completamente facticio, e é o que se vê pela introducção naquelles papeis de fórmas vulgares do romance, que não podiam ser traduzidas, e é facil verifical-o nas cartas de doações e nas proprias leis municipaes. Os documentos que devemos dar como excerptos caracteristicos da lingua d'esse tempo, abrangem o periodo dos seculos XIII e XIV, e são de duas naturezas bem distinctas. Os documentos em verso, na maioria, representam a phase da escola provençal portugueza. Foram escriptos e fazem parte do cyclo d'essa poesia no occidente da peninsula, e acham-se collecionados nos poucos cancioneiros do tempo. Os documentos em prosa são anonymos, e constam principalmente de titulos, ordenações e leis do tempo, e o mais que se considera como textos authenticos e mais puros da lingua da epoca a que se referem. Encontram-se manuscriptos em varios archivos do reino de Portugal, e acham-se publicados em parte na collectanea « Portugaliæ Monumenta Historica », editada em Lisboa pela Academia das Sciencias. Alguns actos publicos, geraes, leis, etc., como monumentos legislativos, datam do sec. XIII, mas como documentos philologicos datam dos fins do seculo XIV, pois representam claramente versões de textos originaes, redigidos em latim, e que já não existem. D'essas versões ha variantes e diversos codices de importancia para o estudo da lingua.

«Depois da disciplina classica realizada pelos fins do seculo XV e em todo o seculo XVI, a evolução do portuguez tornou-se lenta

e quasi toda promovida pela irresistibilidade ao progresso de outras literaturas, nomeadamente da franceza. Assim, pois, continuam intensas as alterações syntacticas, mas as phoneticas são realmente pouco notaveis ». (1)

Resumidamente, podemos assim fixar os periodos historicos da lingua, tendo em vista sua historia literaria :

Periodo archaico.— A Iberia e a Lusitania. Estabelecimentos phenicios e gregos nas costas do occidente. Conquista da Lusitania pelos romanos. Invasão dos barbaros germanos. Invasão dos semitas, arabes.

A—*Periodo de origens.*—Seculos XII a XIV. Epoca de formação do portuguez antigo. Lingua dos Trovadores.

B—*Periodo de transição.*—Sec. XV. Modificação do portuguez antigo, por influencia dos prosadores.

C—*Periodo classico.*—Sec. XVI—XIX. Apogêo e fixação da lingua grammatical e literaria.

a) Sec. XVI—XVII. Lingua classica.

b) Sec. XVIII. As Academias. Influxo francez.

c) Sec. XIX. Renovação romantica.

——

No resumido registro de vocabulos que vamos adiante fazer e prenunciam grandes riquezas do lexico, é preciso notar que a chronologia d'elles é bastante varia e difficil de determinar. Ha vocabulos latinos (e gregos) e germanicos que nos vieram por meio do francez e em differentes momentos da historia. Relações commerciaes e outras necessidades ao par da literatura e da sciencia, produzem effeitos identicos aos da conquista politica. As colonias portuguezas no antigo e no novo mundo, na Asia, na Africa e na America, em contacto com as populações d'esses recantos, trazem novo subsidio ao vocabulario da lingua da metropole.

O germanico.— Os vocabulos germanicos do portuguez foram introduzidos pelas nações gothicas que dominaram por seculos a peninsula. Naturalmente latinizaram-se e accommodaram-se quanto possivel era, ás condições da phonetica latina. Em geral são esses vocabulos dicções de differentes especies, predominando todavia, e como convinha á raça dos conquistadores, os termos da vida e da arte militar, os titulos de nobreza e mais tarde os vocabulos da arte da navegação.

---

(1) *Dicc. Grammatical* (2ª ed.) — Do A. Leia-se a pequena chrestomathia do portuguez antigo, que serve de introducção á minha Selecta Classica, 1905, mas da 2ª edição que se prepara.

Exemplos: *elmo, arauto, guerra, baluarte, bordo, norte, sul, léste, oéste, brandir, droga, albergue, rossim, rato, tregua, trapo, tocar, marchar, brida, abandonar, bandeira, braga, banhos (matrimoniaes), brasa, tira, roubar, franco, feudo, feudal, orgulho, quilha, escuma*, etc.

Os termos germanicos nos documentos coevos da dominação goda apparecem latinizados: *mariscalcus* (marechal), *quilia, robare, abandonare, bandaria, arautus*, etc.

O arabe.—Depois dos godos vieram os arabes, que dominaram tambem durante seculos. Muitos vocabulos d'essa origem foram implantados no portuguez e são nomes de cousas, da industria, commercio e artes. Muitos dos nomes, conforme a indole da lingua, vieram prefixados com o artigo *al: alviçaras, alfandega, algebra, alfelôa, algalia, almocreve, alfenim, fouveiro, zero, zenith, nadir, xarope, laranja, assucar, auge, cifra, enxaqueca, xadrez, xeque, azougue*, etc.

Varias dicções que vieram de fórmas arabicas têm origens differentes, como *xadrez, julepo, azul*, termos persas; *alchimia* é termo grego (*chémeia*), adoptado pelos arabes. Sem contar os archaismos, haverá uns 600 vocabulos arabes no portuguez, na maior parte substantivos. São arabes a interjeição *oxalá* (*insh-Allah!* queira Deus) e o adverbio *debalde*.

Alguns termos d'essa origem foram tomados do grego: *abenuz*, de ebenos; *adarme* e *adarame*, de drachmé; *alcaparra*, de kápparis; *quilate*, de karation; *alambique*, de ambiko; e muitos outros termos da cultura grega conhecida dos arabes. Notem-se as fórmas divergentes: *alarve, alarabe, arabe; alcouce e alcoceifa; alcool e alcofor; arraes e rez; zenith e azimuth; almoravidas e maravedis*. Notem-se as mudanças de sentido: *ceifa* (de *aç-çayfa*), o estio ou verão; *alcool*, que significava pó subtil e fino; *cafre* (de cáfiz), o infiel; *tomim*, de *thomn*, a oitava parte. Arroba (de *ar-rub*), a quarta parte (Conf. *Dozy* e *Engelmann* e *Devic*).

O arabe e o germanico com o latim são, por assim dizer, os elementos fundamentaes que presidiram á gestação da lingua.

Do seculo XIII por diante, depois de constituida a lingua portugueza, em diversos periodos do seu desenvolvimento, a influencia de linguas estranhas fez-se sentir em todo o vocabulario.

Francez.—Desde os primeiros tempos tem o francez fornecido cópia extraordinaria de vocabulos: *chapéo, chaminé, chefe, petipé* (petit-pied), *honor, oboé* (haut-bois), *vasculho* (bas-cul), *tiragem, brochura, golpe de estado, espirito* (no sentido de *chiste*), *obra-chefe* (chef-d'œuvre), *etiqueta, sangue-frio* (sang-froid), *blusa, bonné, paletot, rosiclér*, etc.

Muitos dos vocabulos, em primeira linha os recentes, conservam a fórma orthographica pura: *crayon*, *bouquet*, *mise-en-scène*, *blasé*, *boudoir*, *elite*, *soirée*, *vis-à-vis*, *tête-à-tête*, etc. O elemento francez é, sem contestação, nos ultimos tempos, o maior factor barbaro da grammatica e do vocabulario. Por influxo do francez, o portuguez é hoje mais analytico do que nos tempos classicos; a phrase vernacula vae perdendo o habito das inversões; os vocabulos têm soffrido continuadamente modificações de sentido, com mais desprimôres que beneficios.

Já desde os tempos do portuguez antigo se nota a influencia do francez em vocabulos hoje archaicos, ou pouco usados: mesnada, *mesnée;* meison, *maison;* oeta, guéta, *ouate;* loba, *l'aube;* bucre, cabellos, *boucle;* bojar, *bouger;* marchante, *marchand.*

É, em geral, por intermedio do francez que hoje importamos os neologismos inglezes, gregos, allemães e até italianos.

Italiano.—Os classicos do seculo XVI, os *quinhentistas*, tinham grande cultivo do italiano, e introduziram modismos e termos d'essa lingua. Mas onde a influencia do italiano é principal, é no vocabulario das bellas artes.

São de origem italiana: *pagem*, *pasquim*, *concerto*, *allegro*, *soneto*, *duetto*, *terceto*, *saltimbanco*, *tramontana*, *casamata*, *soprano*, *contralto*, *tenor*, *caricatura*, *aquarella*, *burlesco*, *arlequim*, *bravo*, *adagio*, *piano*, *banquete*, *allerta*, *allarma*, *carnaval*, *charlatão*, *grotesco*, *regata*, *terra-cotta*, *madrigal*, *dilettante*, *gondola*, *gazeta*, *paladino*, *fanfreluche*, etc.

Muitos d'esses vocabulos datam do seculo XVI, como *soneto*, *madrigal*, *terceto*, etc. Alguns ainda são anteriores, taes como os termos de marinha: *tramontana* (estrella), *caravela*, *sotavento*, *julavento*, *all'erta*, *all'arme*, etc. Note-se o diminutivo *casino*, de *casa*, habitação de recreio ou de campo. F. Diez approva a etymologia *marsapão*, de *Marzapane*, do nome do inventor *Marzo*, fórma que se confundiu com a de *massa*.

Ha italianismos de orthographia portugueza e prosodia etymologica, *polichinello* (pulcinello). Ha casos de prosodia portugueza com orthographia italiana, *imbroglio*, que não é uso pronunciar *imbrolhio*.

Inglez.—As dicções inglezas, em geral, são termos de industrias, de arte naval, de jogos, etc. Na maior parte foram adoptadas com a orthographia propria: *tunnel*, *tramway*, *sport*, *club*, *meeting*, *lord*, *roast-beef*, *fashionable*, *water-proof*, *water-closet*, *high-life*, *great attraction*, *rail*, *tender*, *gentleman*, *jury*, etc.

Alguns termos, principalmente os antigos, foram adoptados com a fórma vernacula, como doudo (*dold*), confortavel (*confortable*, de origem latina), enchorar (de *a shore*), redingote (*riding-*

coat), moção (*motion*, de origem latina), boiar (*buoy*). Com a fórma vernacula notam-se os anglicismos, termos de marinha : gurupés, *bowsprit* (*bug.*); bolina, *bowline*; hiate, *yacht*; alguns são originariamente portuguezes.

Muitos vocabulos inglezes representam estados alterados do elemento francez, como: *fashion*, de *façon*; *commodore*, de *commandeur*, que veio provavelmente do portuguez *commendador*; *jockey*, diminutivo de *Jacquet*, de *Jacques*. Segundo Pegges, *pamphlet* é uma corruptela anomala de *palme-feuillet*.

Allemão.—O elemento allemão moderno é pouco intenso; alguns vocabulos foram introduzidos pelo francez. Exemplos mais notaveis, *cobalto*, *bismutho*, *gaz*, *nickel*, *quartz*, *escravo* (*slavo*), *talco*, *zinco*, *valsa*, *wagon*, *talweg*, etc.

Tanto o inglez, como o allemão, podem figurar como partes do elemento germanico da 2ª época, isto é, do que influiu depois de constituida a lingua. A palavra *esthetica* é grega, porém foi formada por um philosopho allemão, Baumgarten. O termo *gaz* foi inventado por Van Helmont.

Hespanhol.—Os elementos hespanhóes que penetraram na lingua, fundiram-se com os elementos vernaculos pela extrema semelhança que conservavam entre si, de sorte que só relativamente em poucos casos se póde affirmar a origem hespanhola de um vocabulo. São castelhanos : *palomita*, *hediondo*, *trecho*, *seguidilha*, *cachucha*, *castanhola*, *bolero*, *habanera*, *savana*, *el-dorado*, etc.

Algumas vezes póde determinar-se a origem hespanhola do vocabulo pela analyse phonetica. O *f* latino transcripto pelo *h* hespanhol: *filius*, hijo ; *facere*, hacer. Por essa razão *hediondo* é termo hespanhol, derivado de *fœtibundus*; a fórma portugueza seria *fetibundo*. Semelhantemente, o grupo *ct* latino é representado por *ch*, *lacte*, leche; *octavo*, ochavo; por conseguinte, *tractus* só no hespanhol produziria *trecho*. Ainda a phonetica revela que o *pl* latino no hespanhol é *ll* : *plorare*, llorar, *plicare*, llegar. Dest'arte o termo portuguez *lhano*, de *planus* (ll=lh) é de origem hespanhola; a fórma portugueza seria, como é, *chão*, analoga a *chorar*, *chegar*.

São esses elementos os que maior quinhão offereceram á constituição do lexico portuguez; mas seja-nos licito recordar alguns casos secundarios de outros elementos, aliás importantes.

O celtico foi a lingua primitiva da peninsula. Os vestigios do celtico não são abundantes, mas são caracteristicos: *abra* (no francez *havre*); *penha*, que tambem apparece com a fórma *pena*: *Pen'alva*, *Penafiel*; a palavra *dur* (rio) nota-se em *Douro*; *dun* (montanha), em *duna*. A palavra *bala*, lago ou remanso fluvial, nota-se em *Setubal*. A palavra *branco* provavelmente origina-se do radical celtico *ban*, branco, adoptado pelos godos.

O hebraico influiu principalmente por intermedio da Biblia. São termos hebraicos: *abbade*, *amen*, *gehenna*, *alleluia*, *hosanah*. *Cherubim*, plural de *cherub*; *seraphim*, plural de *seraph*. *Jeovah*, *jubileu*, *Leviathan*, *samão*, sino samão=sino Salomão, *manná*, *sabbado* e *sabbatah*, *saphira*, etc. A palavra *alleluia*, consta de dous elementos: *allelu* (louvae com alegria) *Iah* (o que será: — Deus).

Russo.— *Caleche*, *steppe*, *versta* (medida linear).

Hungaro. — *Coche*, *cocheiro* (de *Kotezy*, all. *kutscher*), *sutache* (fr. *soutache*, de *szuszak*), e o termo *hussard*, de *hussar*, que significa *vigesimo*, derivado do arrolamento militar de camponezes, fundado por Mathias da Hungria em 1458 (V. Stappers).

Turco. — São vocabulos turcos: *janizaro*, *odalisca*, *khan*, *divan*, *horda*, *caftan*, *bey*, *pachá*, *padichá*, etc. Do turco notem-se o composto *bergamota* (de *bey*, rei ou rainha; *armud*, pêra) e *odalisca*, derivado de *oda*, camara.

Persa. — Grande parte dos vocabulos persicos vieram por intermedio do arabe. Exemplos de termos persicos: *azul*, *julepo*, *ponche*, *bazar*, *caravana*, *balcão*, *esmeralda*, *jasmim*, *musgo*, *sarabanda*, *satrapa*, *turbante*, *tulipa*, *tafetá*, etc. O termo *paraiso* (*pairideza*) é persico e foi introduzido no grego por Xenophonte, e depois aproveitado pelos traductores da biblia hebraica para verter a expressão *Eden*, que tambem foi adoptada.

Asiaticismos. — Notam-se numerosos, da India: *columin*, *saraça*, *pagode*, *fakir*, *rajah*, *culi* ou *coolie* (através do inglez), *junco*, *lascarin*, *nababo*, *palanque*, *cachemira*, *corja*, *madrasta*, *madapolão*, *musselina*, *pariah*, etc. Da lingua chineza: *nankin*, *chá* (tsé), *hyson*, *setim*.

Americanismos. — Das republicas hespanholas: *pampas*, *cochilas*, *jalapa* e *chocolate* (ambos do mexicano); *alpaca*, *condor*, *caimão*.

Do tupi-guarani: *jaguar*, *taba*, *tapera*, *pipóca*, *coivára*, *capoeira*, *jararacussú*, *ipueras*, *mandioca*, *mingáo*, etc.

O mesmo contacto de povos e de idéas novas, por um lado enriquece o lexico e por outro d'elle desterra locuções e palavras antigas que caem em desuso ou são literalmente esquecidas. Em balde para revocal-as á vida esforçam-se os eruditos, os letrados e os grammaticos; quasi sempre sem exito. É da propria indole das linguas essas perdas e renovações constantes, que são como o signal da sua nutrição e vida.

Em geral o ARCHAISMO representa cousas que não existem, expressões que foram substituidas, necessidades de civilisações e de edades que já desappareceram, ou matizes de idéas que outros vocabulos representam com maior precisão. A's vezes estão entre os

archaismos certas fórmas grammaticaes que a analogia ou outra tendencia logica destruiu em proveito da uniformidade e da euphonia.

Não se póde dar vida a palavras que não correm na linguagem presente ; é facto, porém, que um ou outro vocabulo que ainda tem curso nas provincias ou nas colonias, póde por natural expansão readquirir a intensidade de vida que d'antes possuia.

São exemplos de *archaismos:*

Substantivos e adjectivos. — *Hostes*, inimigos ; *heréo*, herdeiro ; *incréo*, incredulo ; *communal*, commum ; *lidimo*, legitimo; *ucha*, arca ; *infançon*, moço fidalgo ; *avença*, concordia ; *fazenda*, negocio ou sentimento ; *manceba*, mulher joven ; *cuidança*, cuidado; *naviamento*, navegação ; *primente*, primeiramente ; *visindade*, visinhança ; *livridõe*, liberdade ; *similidõe*, similitude ; *segre*, seculo ; *malo*, máo. D'estes citados alguns são ainda usados com discrição.

Entre esses archaismos, convém notar os participios em *udo: recebudo, estabeleçudo*, da 2ª conjugação. D'estes participios ha tres vestigios ainda usados: *teúdo, manteúdo e conteúdo* (tido, mantido, contido). Notem-se os archaismos resultantes da incerteza de suffixos na derivação : *soffrença e soffrimento ; livridõe e liberdade ;* ainda possuimos *nascença e nascimento*, que não se archaizaram.

O archaismo *avença* (concordia) deixou um vestigio em *desavença*. O archaismo *heréo* occorre na expressão *terra d'heréo*. *Ucha* sobrevive em *ucharia*, etc. *Malo* sobrevive na expressão : *Pedro das malas artes.*

Verbos. — *Geitar*, lançar ; *endurentar*, endurecer, soffrer ; *conquerer*, conquistar ; *emprir*, encher ; *chantar*, plantar ; *catar*, olhar ; *trebelhar*, brincar, etc.

Entre esses archaismos, notemos algumas fórmas verbaes, como : *andades, recebedes*, por *andais, recebeis*, e do que temos vestigios nos verbos monosyllabicos: *lêdes, tendes, vindes*, etc.; as fórmas do subjunctivo *mettir*, por *metter ;* note-se igual flexão, ainda viva, no futuro *vir*, de *vêr*.

Notemos que alguns verbos deixaram vestigios. *Jeitar* (fr. *jetter*) sobrevive nos compostos *rejeitar, deitar, sujeitar*. *Catar* observa-se em *cata-cégo, cata-vento*. — *Coitar* (magoar) nota-se em *coitado*, etc.

Particulas. — *Adur*, apenas ; *assuso*, acima ; *ajuso*, abaixo ; *acasuso, e ajuso ; hogano*, este anno ; *enxano* (*ex-anno*), cada anno ; *ooyte*, ontem ; *acaron*, na frente ; *trementes* (dum interim), emquanto ; *entonces*, então ; *de vegada*, de uma só vez ; *aramá*, em má

hora; *por ende*, porém; *ende*, ainda; *sammicas*, por ventura; *ca* e *car*, porque; *macar*, máo grado; *toste*, cedo.

Estas particulas são curiosas, sob o aspecto da etymologia: *aramá* (hora mala), opposto a *embora* (boa hora). *Hogano*=hoc+anno. *Car*, de *quare*, latino.

A particula *ende* deixou um vestigio em *porém*, de *por ende*, e mais a fórma *em* nas locuções:

Em que peze a...
(*Ende* que péze a...)

Ha, ainda, *archaismos de idéa* nos vocabulos e dizeres: uma *peça* de tempo, e outros semelhantes, como: *tanger* (referir-se); *torto*, no sentido de injustiça ou damno; *guardar*, no sentido de considerar; *conversação*, no sentido de conversão; *demanda*, no sentido de *pergunta; botica*, no sentido de loja ou venda qualquer. Mas nem sempre as palavras antigas são substituidas por outras novas que trazem tal ou qual identidade de sentido. As que têm maior vitalidade, persistem, porque basta a mais leve differença entre umas e outras para que se imponha a necessidade de ambas. Por isso, quando os escriptores do seculo XV e XVI, por influxo da cultura classica, tiraram do latim novas expressões, as antigas não desappareceram, porque com o tempo já tinham adquirido sentidos novos, que no antigo latim não possuiam. Algumas, e poucas, se perderam (como *segre* ao lado de *seculo*), porque não haviam modificado a significação.

Esses vocabulos antigos e os novos que concorrem na linguagem, e têm derivação commum, chamam-se FÓRMAS DUPLAS ou FÓRMAS DIVERGENTES.

Taes são *magoar*, antigo, e *macular*, moderno, ambos oriundos do termo latino *maculare*.

É digno de nota que um d'elles é formado espontaneamente na lingua pelo povo, e é o mais alterado: *magoar;* e outro, formado pelos eruditos, conserva com maior exactidão a fórma primitiva: *macular*.

O caracter differencial entre as fórmas eruditas a as populares consiste, pois, em que estas apresentam maior alteração e desvio do typo primitivo, do que aquellas. Comparando as fórmas divergentes: decimo e dizimo, de *decimus;* primario e primeiro, de *primarius;* recitar e rezar, de *recitare;* legal e leal, de *legalis;* é facil concluir que as formações eruditas, *decimo*, *primario*, *legal*, *recitar*,

são as mais etymologicas; e, ao contrario, as fórmas populares, *dizimo*, *primeiro*, *rezar*, *leal*, são as mais corrompidas.

As fórmas divergentes receberam o nome de *duplas* (*doublets*), porque em geral apresentam-se duas, uma popular, outra erudita: *operar* e *obrar* (de *operare*). Ha, porém, exemplos de tres ou mais fórmas divergentes: magoa, mancha, macula (de *macula*); as duas primeiras são populares; a ultima, erudita.

FÓRMAS DUPLAS

POPULARES	ERUDITAS	ORIGENS LATINAS
Sarar	sanar	*sanare.*
Sello	sigillo	*sigillum.*
Gruta	crypta	*crypta.*
Coalhar	coagular	*coagulare.*
Feito	facto	*factum.*
Rezar	recitar	*recitare.*
Areia	arena	*arenam.*
Conceição	concepção	*conceptionem.*
Mezinha	medicina	*medicinam.*
Prenda	prebenda	*proebendam.*
Bexiga	vesicula	*vesiculam.*
Pardo	pallido	*pallidus*
Deão	decâno	*decanus.*
Cabido	capitulo	*capitulum.*
Chão	plano	*planus.*
Quaresma	quadragesima	*quadragesima.*
Auto	acto	*actum.*
Atrever	attribuir	*attribuere.*
Gozo	gaudio	*gaudium.*
Desenhar	designar	*designare.*

Contam-se por milhares, mas esses exemplos são sufficientes para mostrar com toda a clareza o phenomeno.

Essas divergencias lexicas offerecem casos especiaes, dignos de analyse.

1. Muitas vezes as fórmas divergentes resultam de uma palavra archaica e de outra vigente, *segre* e *seculo*, de *seculum*; *segre* é hoje archaico. *Geolho* e *joelho*, de *genuculum*; a fórma *geolho* desappareceu, sem embargo de ser a mais perfeita.

2. As fórmas divergentes, em certos casos, são produzidas pela deslocação do accento: *polpa* e *polypo*, de *polypus*; *Isidro* e *Isidóro*, de *Isidorus*; *guitarra* e *cythara* (antigo *cedra* e *citola*), de *cythara*; *Tiago* e *Jacob*, de *Iacóbus*. O *t* inicial de Tiago provém de outra palavra: Sant'Iago.

3. As fórmas divergentes, algumas vezes, resultam de derivações simultaneas do nominativo e accusativo dos imparisyllabos: serpe, de *serpens*, e serpente, de *serpentem*; sabio, de *sapiens*, e sapiente, de *sapientem*.

Este facto é largamente exemplificado em muitos vocabulos. Podemos observal-o de varios modos. Além dos exemplos citados, convém notar os seguintes, mais ou menos contestaveis. *Honra* e *honor*, *sabio* e *sabente* (sapiens); *saibo* e *sabor* (sapor); *pavo* e *pavão*; *erro* e *error* (error); *Felix* e *feliz* (feliz); *tredo* e *traidor* (traditor); *travo* e *travor*; *chantre* (do francez) e *cantor* (cantor); *fésso* (pop.) e *fedor* (fœtor); *ração*, *razão* e *raso* (Vit. *Eluc.* ratio); *ladro* e *ladrão* (latro); *dama* e *damoça* (*Eluc.* Vit.). Estes exemplos devem ser ainda convenientemente criticados. Exemplos innegaveis são *iman*, do nominativo *adamas*, e *diamante*; *ezypa* (pop.) e *erysipéla*; e alguns nomes do zodiaco, *Léo* e *Leão*; *virgo* e *virgem*; *scorpio* e *escorpião*. A fórma *léo* é popular: ter *léo* (tempo) para trabalhar; andar ao *léo*, etc. Note-se ainda que póde um termo germanico latinizado dar fórmas duplas, *palc*, palco e balcão (talvez augmentativo).

4. As palavras divergentes são produzidas, embora em raros casos, pela introducção de uma fórma estrangeira de origem identica á da fórma vernacula. A fórma hespanhola *lhano*, a italiana *piano* e a portugueza *chão* derivam da mesma origem latina, *planus*. A fórma italiana *soprano* e a portugueza *soberano* derivam de identica fonte, *superaneus* (lat. barbaro). A fórma franceza *chefe* e a portugueza *cabo*, derivam de *caput*.

Convém notar, por fim, que as fórmas divergentes não se referem sómente ao elemento latino, embora as fórmas latinas sejam mais numerosas e tenham servido de exemplares aos classicos. Tambem se observam fórmas divergentes no elemento arabe: *rez* e *arrais*, de *ar-raz*; *zero* e *cifra*, de *zifr*; *auje* e *apsides*, de *audj*; *azimut* e *zenit*, de *assemi*. Como se vê, a divergencia aqui resulta ás vezes da presença ou omissão do artigo *al*: *raz* e *ar-raz*; *sem*, *as-sem*.

A fórma *zifr* foi alatinada na fórma *zephyrus*, que produziu *zero*.

Observam-se igualmente algumas divergencias entre vocabulos de origem germanica: *léste* e *este*; *espuma* e *escuma*; *baluarte* e *boulevard*. A fórma léste (l'este) formou-se pela anteposição do antigo artigo *lo*. A fórma *boulevard* é franceza e recente.

Não estão apenas entre as *fórmas divergentes* as criações literarias de vocabulos novos; o lexico ainda enriqueceu-se, afóra a synonymia d'aquellas, com a introducção de locuções e expressões novas, a que chamamos **neologismos.**

Duas epocas principaes de criação tiveram as palavras novas.

A primeira epoca foi a dos fins do seculo XV ao seculo XVI, a edade na qual floresceram os nossos maiores classicos, á maneira italiana chamados *quinhentistas* ou do seculo de quinhentos: Camões, Barros, Sá de Miranda, Ferreira, etc. Estes escriptores approximaram a lingua do latim, criando vocabulos, corrigindo as fórmas que lhes pareciam defeituosas, e organizando a grammatica.

Os quinhentistas reformaram o vocabulario, adoptando as fórmas alatinadas: *livramento* ou *liberdade*, pelo antigo *livridõe; irado*, por *sanhudo; legitimo*, pelo ant. *lidimo; imaginar* pelo ant. *maginar*, etc. Criaram os superlativos em *-issimo*, como no latim: *rigorosissimo, estranhissimo*, etc. Esses superlativos até o seculo XV não existiam como faculdade da lingua. Occorriam apenas as fórmas: *santissimo, christianissimo, grandissimo*, e ainda assim sómente applicaveis aos reis ou a autoridades supremas. Proscreveram quasi totalmente as abundantes *negativas* emphaticas, caracteristicas do periodo anterior: *nenhum nom* morreu (F. Lopez). Approximaram a syntaxe portugueza da latina augmentando as inversões e antitheses. Não só isto. Proscreveram os classicos o uso de qualquer syntaxe contraria á do latim. Assim, condemnaram o uso do participio presente pelo passado, que se encontra em Zurara e Lopez. «Havia rosto formoso e *parecente* corpo».

Essa latinização foi realizada, é tambem verdade, por influencia das letras italianas, que governavam a literatura portugueza.

Damos aqui uma lista de palavras reformadas ou criadas pelos quinhentistas. (1)

Palavras que não existiam antes do reinado de D. Manoel

SUBSTANTIVOS:

Afflicção	Conjectura	Milhão
Allivio	Crueldade	Motivo
Angustia	Desculpa	Obstaculo
Architecto	Desordem	Official
Audacia	Escriptor	Ponderação
Aurora	Ignominia	Sagacidade
Auxilio	Investigação	Transacção
Ciume	Maledicencia	

(1) *Mem. litt. port.* (da *Acad.*) t. IV-36-62).

ADJECTIVOS :

Affavel	Incredulo	Postumo
Alienado	Iracundo	Rebelde
Colerico	Magnanimo	Resplandecente
Continuo	Negligente	Superno
Desejoso	Nescio	Ultrajado
Difficil	Necessitado	Valoroso
Esplendido	Penoso	
Imaginario	Proprio	

VERBOS :

Arguir	Criticar	Fulminar
Castigar	Discorrer	Restituir, etc.

Esta lista é pouco abundante, mas serve para dar idéa da pobreza da lingua, antes dos *quinhentistas*.

O trabalho dos *classicos* foi continuado, e mal, na poesia, pelos *Arcades*, poetas do seculo XVIII, que criaram varios termos compostos : *aurilavrado*, *levipede*, *capribarbicornipede*, *ignivomo*, *flammifero*, etc., em geral de máo gosto.

Os escriptores brasileiros tambem têm contribuido para a riqueza da lingua. Odorico Mendes aportuguezou ou criou fórmas como : *olhicerulea* Deusa (de olhos azues) ; *galeato* Achilles, etc. José de Alencar formou varios vocabulos : *garrular ; inhale* (adjectivo) ; *affiar* o leque ; *elançar* (do francez), etc. (1)

A segunda epoca da criação de palavras novas é caracterizada nos tempos modernos pela organização das sciencias e pela solidariedade e interesses communs dos povos.

A technologia scientifica foi toda formada do grego : *photographia*, *telephone*, *cheiroptero*, etc.

Estes *neologismos* não foram directamente formados por escriptores da lingua vernacula. Foram introduzidos por influxo do francez, do inglez ou do allemão ; comtudo, *necroterio* foi criado no Brasil e *nephelibata* em Portugal.

Geodesia — *Gê*, terra+*daió*, eu divido. Sciencia de medir a superficie.
Physionomia — *Physis*, natureza+*gnomon*, indicador.
Heterodoxo — *Heteros*, differente+*doxa*, opinião.
Pantographo — *Pas* (pantos), todo+ *graphô*, eu escrevo.
Pathologia — *Pathos*, molestia+*logos*, sciencia.
Thermometro — *Thermos*, calor+*metron*, medida.
Telegramma — *Tele*, longe+ *gramma*, escriptura, caracteres.
Chrestomathia — *Chrestos*, bom+*mathein*, instruir-se, aprender.

---

(1) *Affiar* já se encontrou em M. Bernardes — *Nova Floresta*.

Dos termos gregos convém notar que muitos não são de formação moderna, e existiam já no grego classico, taes são : *pedagogo* (paidagôgos), *automato* (automatos), *apocalypse* (apokalupsis), mathematica (*matématikos*), etc.

Por isso não deixam de ser *neologismos ;* mas não são criações modernas.

O maior defeito das criações vocabulares modernas e que provém da ignorancia dos que as introduzem, é o hybridismo. Chama-se **hybridismo** o vocabulo composto de elementos tirados de linguas diversas. Quando o hybridismo é popular e de uso vulgar, força é admittil-o. Os eruditos, porém, devem formar as palavras de elementos homogeneos, tirados do mesmo idioma. Por isso são os *hybridismos* scientificos condemnados pelos puristas e grammaticos.

Heliogravura — Formado do grego *helios*, sol, e do latino *gravura*. A fórma mais correcta seria *heliographia*. Do mesmo modo *photogravura* é hybridismo por conter um elemento grego e outro latino.

Burocracia — Formado do francez *bureau* (l. *burelum*) e do grego *kratos*, poder. A fórma correcta seria talvez *synedriocracia*.

Sociologia — Hybridismo criado por Augusto Comte. O primeiro elemento é latino, o segundo é grego.

Zincographia — O primeiro elemento *zinco* é allemão, o segundo é grego.

Monoculo — de *monos* (isolado, grego) e *oculos* (olho, latim). D'esse typo são deci-*metro*, milli-*metro*, etc.

Por esse modo, como rapidamente descrevemos, formou-se a lingua portugueza, enriquecendo o diccionario de termos estranhos ou de criações novas, ora esquecendo, ora chamando á vida locuções e dizeres que o povo guardou intactos ou a literatura ennobreceu e poliu ; no meio, porém, de todas as vicissitudes e tyrannias da conquista, da moda e do ultraje do tempo, conservou até hoje a physionomia latina á qual a fortuna da America reservará uma nova e duradoura juventude.

PROLEGOMENOS

PROLEGOMENOS

1. Grammatica é a coordenação das formulas, leis ou regras da linguagem literaria ou polida.

Esta definição decorre da observação dos factos da linguagem. A analyse revela que toda a lingua tem grammatica, porque os vocabulos que servem para a expressão das idéas tomam variações de fórma, de collocação e de sentido susceptiveis de serem generalizadas, isto é, de serem construidas sob o typo de *leis* ou *regras*. O systema geral d'estas leis constitue a *grammatica*.

O objecto da *grammatica* é sempre o *grupo de palavras* e a *regra* respectiva. Apezar d'isso, é costume indicar nas grammaticas, além dos factos geraes que se applicam a grupos de palavras (como o *s* do plural), factos *isolados* que só a pratica da linguagem viva ou o *diccionario* poderiam ensinar (como, por exemplo, o saber que *mulher* é feminino de *marido*). Abrange, pois, o estudo de regras geraes e de casos especiaes que convém conhecer para o emprego legitimo e bom uso da lingua.

A grammatica divide-se em *geral* e *particular*.

Grammatica geral é a que expõe os principios logicos da linguagem. Póde ser commum a muitas ou a todas as linguas.—**Grammatica particular** é a que expõe os principios e as particularidades especiaes de cada idioma.—**Grammatica historica** é a que estuda os factos da lingua em seus diversos periodos, desde a origem e formação até a epoca actual.—**Grammatica comparativa** é a que estuda os factos communs ou differentes, em grupo de linguas que têm a mesma origem.

Em geral tanto o estudo *historico* como o *comparativo* são inseparaveis e constituem applicações do *methodo historico-comparativo*, essencial á sciencia das linguas. No caso da lingua portugueza, os elementos *historicos* são fornecidos pelo latim, pelo portuguez antigo e pelas influencias das linguas estranhas, em diversas epocas; os elementos *comparativos* acham-se na analyse das linguas romanas, no italiano, no francez, no hespanhol, que todas se originam do latim barbaro da edade média.

Grammatica descriptiva ou expositiva, ou pratica, é a arte que ensina a falar e a escrever correctamente, isto é, segundo o uso das pessoas doutas.

A grammatica pratica, como arte que é, contém preceitos não raro anti-scientificos, por isso que, ás vezes, de seu interesse é apontar meios mecanicos e mnemonicos que facilitem o estudo. Assim, a *grammatica pratica* denomina irregulares os verbos que, scientificamente, no sentido da filiação historica, conservam a regularidade etymologica primitiva. Quasi se póde dizer o mesmo a respeito de todas as irregularidades em grammatica.

2. A grammatica portugueza divide-se em quatro partes principaes: *Phonologia*, *Morphologia*, *Classificação* (ou *Taxinomia*) e *Syntaxe*. As tres primeiras referem-se ao estudo do VOCABULO, e por isso tambem se chamam *lexilogia*; a ultima, ao da PHRASE ou *proposição*.

O estudo do sentido do vocabulo chama-se *Semantica*, e o da origem e historia das fórmas primitivas, *Etymologia;* comquanto muito dependentes da grammatica, d'ella não fazem commummente parte a Etymologia, nem a Semantica, e antes representam divisões da philologia geral.

Phonologia é o estudo dos sons que compõem as palavras. (1)

(1) Na *Grammatica* do 2º, como na do 1º anno, acham-se as regras mais elementares da *phonologia*. Este estudo, porém, sob o aspecto linguistico e historico, como observa Sweet (*A new engl. Grammar logical and historical*), não deve fazer parte da grammatica e é antes um ramo muito especial da philologia. Por isso e ainda pela difficuldade do assumpto, collocamol-o no fim d'este livro, como estudo complementar, e de modo breve e summario.

Ao estudo dos sons ajunta-se o estudo das letras e symbolos que os representam. D'ahi a *Orthographia*, que ensina a representar graphicamente e com exactidão os vocabulos; a *Orthoepia* ou a *Prosodia* (ou ainda *Phonética*), que ensina a pronuncial-os segundo o bom uso, e, nesta materia, é considerada de bom uso a prosodia da côrte ou capital do paiz.

Morphologia é o estudo do vocabulo considerado como composto de elementos significativos.

A *morphologia* corresponde ao que nas sciencias biologicas tem sido varias vezes denominado *Organographia*. Os elementos morphicos não são simples letras ou syllabas; são partes do vocabulo que representam a idéa principal ou accessoria:

amar-ei
con-de-scend-ente
bon-d-oso
livro-s
pro-vid-enc-iar.

Cada um d'estes elementos em separado é como orgão que tem funcção ou sentido, e todos concorrem para determinar a significação total do vocabulo, determinando-lhe ao mesmo tempo a historia e a formação.

Classificação (ou taxinomia) é a distribuição dos vocabulos por familias e especies, segundo o sentido.

A classificação toma por base a idéa, por ser esta o attributo mais notavel do vocabulo. Segundo este systema, as palavras são classificadas em familias, que têm as denominações de *substantivos*, *verbos*, etc.

Syntaxe é o estudo dos vocabulos em coordenação, isto é, considerados na phrase. Os vocabulos, considerados uns com os outros, na proposição, mantêm entre si tres especies de relações: a de ordem ou collocação; a de *subordinação* ou (mais restrictamente) dependencia; e a de *concordancia*, que é um aspecto especial da dependencia. Fica incluido na syntaxe o estudo da classificação das phrases *(Analyse logica)*.

PRIMEIRA PARTE

O VOCABULO

Comprehende: 1º, o estudo da classificação (*Taxinomia*); 2º, o estudo das fórmas e variações de fórma (*Morphologia*).

A CLASSIFICAÇÃO

1ª PARTE

Primeira Classe. — Substantivos e suas especies

I

A Taxinomia é a parte da grammatica que nos ensina a classificar as palavras. (1)

Classificar as palavras consiste em distribuir por classes ou grupos os vocabulos que têm entre si certos caracteres communs. Na boa classificação, a logica determina que se observe a subordinação dos caracteres ; isto é, os *caracteres mais importantes* são os que devem servir de base á classificação. Por isso é que quasi todas as classificações em grammatica respeitam o mais importante dos caracteres ou attributos dos vocabulos : a idéa.

1. O processo de classificação póde ser feito considerando-se qualquer attributo dos vocabulos.

Tomando por fundamento a *fórma* historica dos vocabulos, estes se dividem em *primitivos e derivados.*

Primitivos são aquelles que se não originam de outros da mesma lingua · *trovão, livro.*

Derivados são os que se formaram dos primitivos : *trovoada*, de *trovão; livraria*, de *livro.*

Na pratica não convém levar ao exaggero o rigor d'este processo. Alguns nomes se tomam por derivados, embora tenham vindo do latim directamente. como *annual*, *pedreira*, que derivam de *annualis*, *petraria*, e não de *anno e pedra.*

2. Tomando por base de classificação a quantidade extensiva, os vocabulos são : *monosyllabos*, *dissyllabos*, *trisyllabos* e *polysyllabos*, conforme são de uma, duas, tres ou mais de tres syllabas. Ex.: *mar, pedra, soccorro, extraordinario.*

---

(1) Póde parecer a muitos mal soante ou excentrico o vocabulo taxinomia. Improprio ou desnecessario é que o não é. Basta a proposito lembrar que os grammaticos antigos classificavam os vocabulos em suas categorias logicas sob o titulo *Etymologia (!)*. E será este menos hellenico que o outro ?

Este processo de classificação é puramente material e tem poucas applicações, fóra da orthographia e da prosodia.

3. Tomando por base as variações que se observam em muitos vocabulos, tambem é possivel classifical-os em dous grandes grupos :

Palavras **variaveis** — são as que soffrem diversas variações na terminação, para exprimir o genero, o numero, o tempo, etc. Taes são os substantivos, artigos, pronomes e verbos. *Palavras* **invariaveis** — são aquellas cuja estructura jámais apparece modificada. Taes são os adverbios, as preposições, as interjeições e conjuncções.

O caracter de *variabilidade* não é muito definido. Sabe-se que primitivamente os adverbios e preposições tinham variações de gráo, frequentissimas. Ainda temos varias palavras que representam vestigios curiosos do latim. A preposição *pra* tem o comparativo *prior* e o superlativo *primus*. A preposição *in* tem o comparativo *inter* e o superlativo *imus* ou *intimus*. Assim, as expressões vernaculas *em*, *entre*, *imo*, *intimo*, *primo*, etc., são verdadeiros vestigios de gráos, que sobreviveram no latim e nas linguas modernas. Os proprios adverbios em *mente* podem receber a flexão do adjectivo componente, quando este se torna superlativo : *certamente*, *certissimamente*, etc.

4. Tomando por base a comparação de vocabulos entre si, podemos classifical-os nos seguintes grupos :

Synonymos — são os que têm mais ou menos a mesma significação : *casa*, *mansão*, *lar*, *domicilio*. O estudo dos synonymos é de grande importancia para a analyse do pensamento e dos variados recursos da linguagem. **Antonymos**—são os que têm significados oppostos : *luz*, *trevas*; *riso*, *lagrimas*. (1)

Os grammaticos que mais cultivam a mania de classificações ainda distinguem vãmente os :

Homonymos — vocabulos semelhantes entre si : *bota*, calçado ; *bota*, do verbo botar. Os **homonymos** são chamados *homographos* quando se escrevem com as mesmas letras, como no

---

(1) Nota que me communica o douto philologo Firmino Costa :

«Entre os antonymos podemos incluir uma classe interessante de palavras, que exprimem as partes oppostas de uma mesma cousa, como : o *direito* e o *avesso* da chita ; a *palma* e as *costas* da mão ; a *flôr* e o *carnal* ou *carnaz* do couro ; o *peito* e a *planta* do pé ; o *castão* e a *ponteira* da bengala ; o *gargalo* e o *fundo* da garrafa ; a *cabeça* e a *ponta* ou *bico* do alfinete ; a *nascente* e a *foz* do rio ; o *anverso* ou *face* e o *reverso* da medalha ; o *córte*, *fio* ou *gume* e *cota* da faca.

exemplo acima, São chamados *homophonos* quando apenas têm a mesma prosodia ou pronuncia: *cesta e sexta*. **Paronymos** — são palavras pouco differentes entre si: *relevar* e *revelar*, *differir* e *deferir*.

Todas as classificações mencionadas, sem deixar de confessar que muitas d'ellas são inuteis e fastidiosas, são utilizadas frequentemente pelos grammaticos, e por isso aqui se mencionam nesta annotação; mas é certo que, com excepção de poucas, são inteiramente superfluas; em geral, são incompletas ou apenas applicaveis a fins restrictos e especiaes. O caracter ou attributo essencial de qualquer vocabulo é a idéa ou a significação. Analysando o lexico de qualquer lingua, acharemos palavras que indicam seres (*substantivos*), palavras que indicam os factos, as acções (*verbos*), etc. É este o processo mais geralmente adoptado na *taxinomia* ou classificação grammatical, e é essa discriminação a que mais aproveita aos estudos grammaticaes.

Substantivo — é a palavra que indica um ser, seja cousa, pessoa ou animal. Ex.: *preguiça*, *Julio*, *avestruz*.

Tudo o que existe na natureza ou no entendimento é substantivo: *flôr*, *gloria*. A noção de *ser* ou *substantivo* só póde resultar do exame das qualidades que são representadas pelos *qualificativos*. Assim, todo o substantivo representa uma synthese de attributos (*flôr*), ou um mesmo attributo (*brancura*, *belleza*, etc.)

1. Os substantivos dividem-se em *abstractos* e *concretos*.

Abstractos — são os seres que só existem na imaginação, no pensamento do homem: *sciencia*, *medo*.

Concretos — são os seres que têm existencia supposta fóra do entendimento: *casa*, *pedra*, *rua*, *céo*.

Os *abstractos*, em grande numero, são por natureza do singular; mas é uma das bellezas da nossa lingua dar-lhes o plural: as *iras*, as *coleras*, as *esperanças*.

2. Attendendo á extensão da idéa, veremos que ha substantivos que se applicam a um só individuo, e outros que se applicam á classe inteira de individuos.

Nas linguas aryanas só ha o *substantivo proprio*. Em outras linguas póde haver adjectivos e verbos *proprios*, isto é, que só

podem exprimir um acto individual ou uma qualidade de um só individuo. É o que se dá nas linguas primitivas, no guarani, por exemplo, em que existem designativos, que sómente podem ser usados pelas mulheres ou pelos homens exclusivamente.

O substantivo proprio—é aquelle que designa individualmente cousa ou pessoa (ou animal), distinguindo-a de todas as outras da mesma especie : ***Antonio Rossinante, Paris, Bahia.***

Quanto aos nomes de pessoas convém distinguir o *prenome* e o *cognome*. O *prenome* é o primeiro nome ou nome da pia : *João, Pedro*. O *cognome* é o nome de familia : *Souza, Azevedo*. Na edade média era costume juntar ao prenome do individuo o nome paternal, o que deu origem aos nomes patronymicos : *Rodriguez*, dos *Rodrigos ; Fernandez*, dos *Fernandos*. Os patronymicos tornaram-se, pois, verdadeiros cognomes.

No Brasil, no tempo da independencia, muitos patriotas adoptaram cognomes derivados de palavras indigenas : *Utinguassú*, etc.

Mas, na maioria dos casos, permaneceram os cognomes portuguezes. (1)

Os *proprios* escrevem-se com a inicial maiuscula. Muitos d'elles são *latinos :* Antonio, Bento, Benedicto, Pedro, Marco, Julio ; são outros *gregos:* Ambrosio, André, Jeronymo, Dionisio e Diniz ; ainda outros *hebraicos :* Adão, Eva, Jayme, João, Maria ; *germanicos:* Frederico, Rodrigo, etc.; ou são *nomes communs*, sobretudo nos cognomes : Carvalho, Ferreira, Lobo, Leão, etc.

É frequente a contracção, como em *Vaz* (Vasco), *Ruy* (Rodrigo), *Men* (Mendo), *Fernão* (Fernando). Ás vezes a contracção apparece em compostos : Monsanto (monte), Fonseca (fonte), Castelvedro.

De *nomes e cognomes* fizeram-se nomes de familia ou patronymicos com um genitivo de origem germanica em *ez* ou *is*, ou *es : Lopez*, filho de Lopo ; *Martinz* (Martinez), filho de Martinho ; *Perez*, filho de Pero ; *Ennez* e *Eannez*, de João. Pensam outros que os patronymicos se originam de ablativos do plural latinos : *Pelagiis, de Pelagiis*=Paez.

O substantivo commum é o que designa qualquer ser de uma especie ou de um genero. É o substantivo

---

(1) Muitas vezes o cognome de homem celebre se torna *prenome* para os seus posteros, e foi o que succedeu a *Virgilio* (Publio), *Cicero* (Marco Tullio), *Cesar* (Julio), *Pompeu* (Cneo), *Mario* (Caio), cujos cognomes são hoje verdadeiros *prenomes*.

que convém a muitas cousas, pessoas ou animaes : *rio*, *homem*, *pastor*, *cão*. Tambem se chama APPELLATIVO.

Todos os nomes abstractos são *appellativos* ou *communs*. A razão é que o abstracto nunca representa um individuo determinado, e por isso não póde ser nome proprio.

Collectivos são os substantivos communs que indicam collecção ou aggregado de seres : *laranjal*, *tropa*, *assembléa*, *familia*, *clero*.

Os collectivos são *determinados*, quando exprimem numero positivo : *milhão*, *duzia*, *groza*. Indeterminados dizem-se quando não designam o numero exacto da collecção : *confraria*, *clero*. Muitas vezes a *indeterminação* só existe na intenção da phrase. Ex.: «*mil vezes*» em vez de *muitas vezes*. «Dizer *tres palavras*». Inversamente, a determinação do numero ás vezes desapparece, como succedeu ao termo *corja*, que designava vinte ; *ponche*, que designava cinco (ingredientes). (1)

Na classificação de substantivos, alguns fazem excessiva e inutil distincção entre os que têm existencia real, como *flôr*, *rosa* ; e os *ficticios*, que têm existencia objectiva imaginaria : *mãe d'agua*, *lobis-homem*, etc. ; e os nomes de *materia* : ouro, ferro, leite, agua. Esses nomes de materia recebem o plural excepcionalmente para indicar qualidades varias da substancia : os *assucares*, os *méis*, os *vinhos*, as *aguas* (mineraes ou outras em quantidade grande).

3. Os substantivos, segundo o gráo ou intensidade de significação : **Augmentativos** são os que exprimem o augmento material ou moral dos seres : *homemzarrão*, *mulheraça* ; **Diminutivos** são os que exprimem a diminuição material ou moral dos seres : *homemzinho*, *boletim* (bulla), *folhinha*. A diminuição na fórma póde traduzir a intensidade na idéa. Assim, *sósinho* não diminue, antes augmenta a idéa de *só*.

Os *augmentativos* exprimem, por ironia, a pequenez moral e a negação da idéa : *valentão*, etc. Esta translação para o opposto sentido chama-se *tendencia pejorativa*. Para conhecer a influencia

(1) A palavra *corja* veio da India, e encontram-se nos classicos phrases como esta : *uma corja de sedas* (vinte peças). Quanto ao vocabulo *ponche*, é persico e corresponde a *pente* grego (cinco).

das linguas romanicas na formação dos diminutivos, notemos que o suffixo castelhano mais commum *é ito*, e é de etymologia obscura:

bonito	— bom
mosquito	— mosca
periquito	— peruca

Os suffixos italianos são numerosissimos, e alguns se entreostram no portuguez:

eto	—	*libreto*	— livro
	—	*quarteto*	— quarto
	—	*soneto*	— som
eta	—	*gazeta*	— gaza (moeda)
	—	*careta*	— cara

O diminutivo francez, entre outros, tem o suffixo *on*, que se assemelha ao nosso augmentativo:

— *mignon* —

— Ha analogia entre o *diminutivo* e o genero *feminino*; por isso que têm em commum certos suffixos, *ino*, *ina*, *inha*. Alguns femininos são de facto diminutivos: gallo, gallinha; rei, rainha.

— O uso de formar diminutivos analyticos com o adjectivo *pequeno* (pequena casa — cazinha) era mais *extensivo* no antigo portuguez, onde se encontram exemplos como *pequena hora* (menos de uma hora), analogos aos do francez.

« Em pequena hora venceria os christãos. » (Coll. dos Nobres, *Port. Mon. Hist.*)

— Os diminutivos em *ejo* trazem sempre a idéa de menospreço: *logarejo*, *animalejo*.

II

Segunda classe. Qualificativos

Qualificativo é a palavra que serve para qualificar os objectos. Qualificar, isto é, mostrar uma qualidade do objecto, ou descrevel-o: homem *bello*; casa *grandiosa*.

Os adjectivos dividem-se, na commum opinião dos grammaticos, em duas grandes classes: nominaes (ou qualificativos) e pronominaes (ou determinativos).

- Adjectivos
  - 1. Nominaes ou Qualificativos
  - 2. Determinativos
    - Possessivos
    - Demonstrativos
    - Relativos
    - Interrogativos
    - Articulares
    - Quantitativos
      - Numeraes
      - Indefinidos

Por este schema se vê que os *indefinidos*, embora não possam ser rigorosamente *determinativos*, exprimem uma determinação negativa: *nenhum*, *cada*, *todos*. Os *interrogativos* são determinados mais pela intenção de quem fala ou escreve e pela inflexão da voz, do que pela natureza do vocabulo.

Pensamos, todavia, que é disparatada e illogica a reunião dos *qualificativos* e *determinativos* no mesmo grupo com o nome geral de *adjectivos*.

O **qualificativo** é o que exprime a qualidade do objecto: *casa assoalhada*.

A funcção do qualificativo é mostrar como são os objectos: *grande*, *vermelho*, *pendente*, *luminoso*. Succede, no emtanto, que o qualificativo muitas vezes exerce a funcção determinativa do objecto, distinguindo-o de outros: são Pedro, a BELLA Helena. Nestes casos, vem ordinariamente anteposto. A collocação dos adjectivos não é arbitraria, como se ha de vêr na syntaxe.

Dos *qualificativos* existem varias fórmas contraidas, que ainda se acham em uso. *Grão*, *bel*, *mal*, *recem*, *são*, *dom*. Ex.: *bel prazer*, *malcriação*, *malgrado*, *São* Pedro, *Dom* João. (1)

A fórma *São* precede os nomes que começam por vogal. Uso classico, entretanto, é dizer-se *Santo* Thomaz, *Santo* Thyrso, *Santo* Christo e *Santo* Thomé.

Áquella categoria pertencem *frei* por *freire* (Fr. Luiz), *mano* por ermano, irmão; *recem* em vez de recente e recentemente (adverbio); *cem* por cento, que é usado junto d'outro *adjectivo* numeral (excepto antes do numeral substantivo: cem *mil*, cem *milhões*, etc., *cento* e vinte, quatro *centos*); *beira* em vez de *ribeira* (substantivo), e *fundo* em vez de *profundo*, que eram as palavras originaes. *Grão* é dos dous generos:

> Assi que ó Rei se minha *grão* verdade.
> Tens por qual é.
>
> *Lus.* VIII, 75.

Locuções adjectivas são qualificativos expressos analyticamente por duas ou tres palavras:

Quarto DE DORMIR
Mesa DE MARMORE
Véla DE CERA
Navio DE VÉLA
Navio DE VAPOR (2)
Animal DE DOUS PÉS

Estas *locuções* se chamam adjectivas, porque mais ou menos podem ser substituidas por um qualificativo (mesa *marmorea*, animal *bipede*), ainda que com alguma differença de sentido (conforme se acha explicado na minha *Selecta Classica*, ann. 97)

---

(1) D'estas fórmas *contractas*, escrevi na minha *Selecta Classica* (annotações n. 58 e 143).

(2) Haverá necessidade de naturalizar os gallicismos: navio *a* vela, navio *a* vapor? *Navio de vela* é como se diz; e quanto ao segundo basta a expressão usual: *vapor*.

III

Terceira Classe. Determinativos

Determinativos são os que marcam a referencia dos nomes sem indicar nenhuma qualidade. Tambem se chamam PRONOMINAES.

Em verdade, os adjectivos determinativos são simultaneamente adjectivos e pronomes. A discriminação de funcções é apenas apreciavel no texto da phrase. A distincção consiste em que o *adjectivo* vem junto ao substantivo, e o *pronome* vem desacompanhado. Assim, nas phrases: « *Que* cousa? — *Meu* tio », as partes *que* e *meu*, são adjectivos. Nest'outra phrase: « O chapéo *que* achaste é *meu* », os termos *que* e *meu* são verdadeiros *pronomes*. Pelas mesmas razões, na phrase: « Os soldados são *sete* », a palavra *sete* porque não haveria de ser ahi considerada um pronome? Para evitar semelhantes confusões é que nos pareceu judicioso só considerar pronomes os *pessoaes*, deixando á margem as variações que só dependem do emprego e uso das palavras. Tambem *verbos*, *adverbios* podem ser empregados como substantivos e nem com isso se auctoriza uma nova classificação d'essas palavras.

Possessivos são os que determinam a pessoa grammatical a que pertencem ou concernem os objectos: *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*, *seu (d'elle)*, *seu (d'elles)*.

O sentido mais ou menos lato da *posse* ou idéa equivalente, nem sempre póde ser indicado pelo possessivo. Não se poderia dizer *meu traidor* (como no antigo francez *mon traitor*), podendo-se todavia dizer: *meu* amigo, *seu* assassino, novas *suas*, ao *meu* encontro.

O pronome *seu* é tanto do singular, como do plural; e assim o era no latim; os francezes têm *son* e *leur*; os italianos *suo* e *loro*, cada um para cada numero. É provavel que o portuguez archaico possuisse a fórma *lures*, que existiu no castelhano antigo.

No portuguez antigo os possessivos não pronominaes tinham as fórmas contraídas quando antepostos. Ex.: *ma senhor*, *senhor*

minha (minha senhora). A palavra *senhor* era naquelle tempo commum de dous generos. Exemplos taes occorrem nos antigos cancioneiros.

Os nomes *gentilicos* são uma especie de *possessivos* e exprimem a nacionalidade de pessoas e cousas: *brasileiro*, do Brasil; *francez*, de França.

Os nomes *gentilicos* offerecem algumas particularidades dignas de nota. Alguns têm fórmas duplas distinctamente (mas nem sempre) para pessoas e para cousas: *godo* (pessoa), *gothico* (cousa); *scita, scitico; inglez e anglo; ibero, iberico* e *hespanhol*, etc. Os nomes de lingua ora tomam uma ou outra fórma: *o inglez, o allemão, o arabe* (e raro *o arabico*), *o latim* e não *o latino, o romance* e não *o romano, o persa* e raro *o persico*. No emtanto diz-se *o hebraico* e *o hebreu, o germanico, o syriaco, o celtico*, etc.

Tambem entre nós observamos talvez essas distincções: *bahiano* (pessoa), *bahiense* (cousa); *sergipano* (pessoa), *sergipense* (cousa); *alagoano* (pessoa), *alagoense* (cousa). O escriptor Varnhagem insurge-se contra o nome *brasileiro* cujo suffixo é antes de nome de officio do que gentilico; em verdade *brasileiro* era a principio o que extraía o *brasil*, como analogamente se diz hoje do *seringueiro* do Amazonas. Todavia a expressão *brasiliano* não foi adoptada e a de *brasilico* parece referir-se a cousas do indigena ou da natureza.

Muitos dos gentilicos são formados de radicaes latinos: *braccarense* (de Braga), *fluminense* (Rio), *hispalense* (Sevilha), *genuense* (Genova), *eborense* (Evora e York), *gaulez*, do antigo *Gaula*, *manchego* (Mancha hespanhola).

Demonstrativos são os que determinam o logar dos objectos no espaço, no tempo e no discurso: *este, esse, aquelle; isso, isto, aquillo.*

É de notar que o genero neutro foi determinado por uma flexão interna, isto é, por mudança de letra na raiz do vocabulo: *isto, aquillo*. O mesmo aconteceu com o indefinido *tudo*, de *todo*. As fórmas neutras não se acompanham do substantivo. Tambem a variação do genero altera a vogal do masculino: *éste, ésta; aquélle, aquélla.*

Relativos são os que se referem a nome ou pronome, que é determinado ou qualificado pela proposição: «Eu QUE sou criança. A gloria de Deus a qual não se póde escurecer», etc.

São relativos *que, qual, quem.*

Vê-se, pois, que o *relativo* substitue o nome e ao mesmo tempo faz as vezes de conjuncção, ligando o nome determinado com a proposição determinante que se segue. Por isso, póde tambem ser denominado *nome conjunctivo*. A palavra ou phrase a que se refere o relativo, chama-se *antecedente*. Nos exemplos citados são antecedentes *eu* e *a gloria*.

Interrogativos são os que exprimem indefinidamente os objectos, como indagando a sua individualidade ou natureza: *que? que* homem? *quem? qual?*

São interrogativos *que*, *qual*, *quem*.

Articulares são os que acompanham os nomes, como indicando genero ou especie: *O* homem; *um* leão.

Praticamente assignalam o genero e o numero dos nomes.

Os quantitativos são INDEFINIDOS OU POSITIVOS (numeraes). **Indefinidos** são os que dão aos nomes uma determinação vaga, sem indicar o numero certo ou a qualidade: *muitos*, *poucos*, *diversos*, *differentes*, *varios*, *alguns*, *algo*, *tantos*, *quantos*, *quaes*, *todos*, *cada*, *nenhum*, *uns*, *outros*, *restantes*, *os mais*.

É digno de nota que *qualificativos*, por translação de sentido e de uso, passam a indefinidos: *diversos*, *varios*, etc.

Qual só é indefinido quando significa algum: «*qual* se levantou, *qual* ficou deitado». *Algum* e *nenhum*, quando tomam as variações *alguem*, *ninguem*, que só se referem a pessoas. *Cada* póde determinar unidade ou collecção indeterminada.

Note-se que *quem* póde referir-se a cousas:

> Co' um delgado sendal as partes cobre
> De *quem* vergonha é natural reparo
> (*Lus. II, 37*).

É uso que se vae tornando raro.

Os indefinidos *cada*, *qualquer*, *alguns*, *poucos*, *muitos*, têm sido chamados *partitivos* ou *distributivos*. *Todo* e *nenhum* têm sido denominados *absolutos* ou *universaes*.

— Existiu o partitivo *delles*, desde a antiga lingua, como se vê de um documento do seculo XIV:

> «Saem todos juntamente, *deles* em magotes e *deles* em aazes longas e *deles* em aazes coinha...»
>
> *L. de linh. do Coll. dos Nobres*
> (*Port. Mon. Hist. I.*)

O partitivo *delles* ainda abunda nos auctores classicos e é usado por Barros:

> Acompanhado de 200 homens de pé, *delles* para levarem o fato dos nossos e *delles* que serviam de espada».
>
> BARROS, I—IV—8.

Numeraes são os que indicam o numero, determinando a quantidade exacta: *um*, *tres*, *millesimo*.

Dividem-se em *ordinaes* e *cardeaes*.

Cardeaes são os que indicam o numero de unidades: 1, um; 2, dois: 25, vinte e cinco; 3412, tres mil quatrocentos e doze.

Os numeros na escripta podem ser representados por palavras ou por symbolos, algarismos ou letras romanas: 5 e V, cinco e quinto.

Na composição dos numeros ligam-se os elementos dos compostos com a palavra *e*: *mil novecentos e um; cento e noventa, mil e uma noites.*

Bilhão designa *mil milhões* (e não milhão de milhão).

Muitos dos numeraes são antes substantivos: *cento*, *mil*, *milhão*.

Ordinaes são os que exprimem o numero conforme a ordem das cousas: *primeiro*, *vigesimo*, etc.

Os ordinaes tambem exprimem a fracção: *o centesimo, a decima oitava parte;* e podem ser substantivos.

Na sciencia mathematica adoptou-se na leitura das fracções o suffixo *avos*, do termo *oitavo*, para designar o divisor de 11 para cima: *quinz'avos*. Conservaram-se dos numeros digitos as denominações usuaes: *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, etc.

Convém notar que os *cardeaes*, algumas vezes, sobretudo nos numeros altos, substituem com bom uso os ordinaes: Luiz *dezoito*, seculo *dezenove*, pagina *vinte e cinco*, capitulo *vinte e um*.

Entre os ordinaes existem series diversas de derivação:

A. — Com o suffixo *eiro* (*arius*):

Primeiro *Milheiro* (subst.)
Terceiro

B. — Com a fórma latina pura:

Segundo *Terço* (subst.)

Quarto Primo (subst.)
Quinto
Sexto
Setimo, etc.

Note-se que o vocabulo *terço* é adjectivo hoje só na fórma feminina; diz-se a *terça parte*, mas não *terço* quinhão e *terço logar*, e sim o *terceiro logar*. Diz-se: *terço estado* (*tiers-état*) por imitação do francez.

C. — Com o suffixo *esimo* (o *s* d'esta terminação sôa como *ss*):

Vigesimo
Trigesimo
Centesimo

Todas estas fórmas foram criadas sobre o modelo de *decimo* (decimus); cf. *dizimo*, *sesmaria*, *quaresma*.

D. — Com o suffixo *ão* ou *ã*, do latim *anus*. Os exemplos são raros na lingua actual e persistem em algumas expressões: febre *terçã*, febre *quartã*, febres *sezões*, *sezã*, (de 3 em 3, de 4 em 4, de 6 em 6 dias).

Não obstante, existem varias fórmas com a terminação *ena*: *novena*, *trezena*, *quinzena*, *vintena*, *centena*, *dezena*, *quarentena*, etc., que são substantivos. E tambem se empregavam *onzeno* por *undecimo* ou *decimo primeiro e dozeno*.

Entre os numeraes convém notar os MULTIPLICATIVOS; são substantivos que representam o numero de vezes da unidade:

Simples — 1 vez.
Dobro, *duplo* — 2 vezes.
Tresdobro, *triplo* — 3 vezes.
Multiplo — muitas vezes. (1)

E tambem os modos de dizer: *dous tantos*, *tres tantos*, *outros tantos*. No *Graal* (17) já se encontra:

dous tantos mais claro.

A fórma *ambos* indica a dualidade natural ou habitual: *ambas* as mãos, as mãos *ambas*; os dous *ambos* (no italiano, *ambedue*). *Ambos de dous:* é locução classica, usada uma vez em Camões,

« De *ambos de dous* a fronte coroada.

---

(1) *Simples*—*sine plice*, sem dobra; *duplex*, dobrado em dous, etc. A palavra *simples*, porém, perdeu o sentido etymologico; é com esse significado emprega-se *singelo*, por opposição a *duplo* ou *multiplo* ou *ornado*.

Algumas vezes os numeraes são substituidos por substantivos collectivos : *par*=2 ; *duzia*=12 ; *groza*=12×12.

Em composição, notam-se no portuguez frequentemente, nos vocabulos eruditos, os numeros gregos : *pente*, *deca*, *myria*, *hecto*, (hecaton), correspondentes a 5, 10, 10.000, 100 ; e varios outros. Exemplos : *pentagono* (cinco angulos), *hectometro* (cem metros). Os numeraes italianos subsistem nos termos *duetto*, *duo*, *trio*, *terceto*, *quartetto*, *quatuor*, *quintetto*.

O numeral arabe *ar-rub* (a 4ª parte) subsiste na palavra *arroba*, Arroba é a 4ª parte do quintal, unidade antiga.

N. B. — Notemos desde já entre os qualificativos : os derivados de verbos (*amante*, *ardente*, *lisongeador*) ; os derivados de substantivos (*braçal*, *trabalhoso*) ; os derivados de outros qualificativos (*romanico*, *hellenico*, *eternal*) ; e os derivados de adverbio : *hodierno* (*hodie*, hoje), ou de particula : *anterior*, *contrario*, *postumo*.

IV

Quarta classe. Pronomes

Pronome é a palavra que lembra o nome, em relação á sua pessoa grammatical.

A pessoa grammatical consiste na posição que representa uma pessoa ou cousa no dialogo ou no discurso. O pronome é, como disse um philologo, uma designação *subjectiva* que suppre a designação definida de qualquer cousa, e esse modo de ver estende-se a todos os *determinativos*. «Todos os pronomes têm por funcção situar cousas e pessoas no tempo ou no espaço; parecem deixar subentender um gesto, e, se a expressão não fosse paradoxal, poder-se-ia chamal-os *gestos falados*» (Darmesteter).

Ha tres pessoas grammaticaes. *A primeira*, que é a pessoa que fala: *eu*, *nós*. *A segunda*, que é a pessoa a quem se fala: *tu*, *vós*. *A terceira*, que é a pessoa ou cousa de quem se fala: *elle*, *ella*, etc.

No portuguez, a *terceira pessoa* é usada pela segunda grammatical nas expressões: *Você*, o *Senhor*, *V. Mercê*, etc., proprias do dialogo ou do estylo epistolar.

O pronome é um simples determinativo. Quando digo: *livro*— este ser apparece á mente com todos os seus attributos. O pronome *elle*, porém, póde designar qualquer individuo independentemente dos attributos.

Os pronomes pessoaes conservam os vestigios da declinação que tinham no latim; d'ahi, as *variações* que soffrem em todas as pessoas: *eu*, *me*, *mim*, etc.

Primeira pessoa

S. Nominativo	— *Eu*	— no latim	*ego*
Dativo	— *Mim, mi*	—	*mihi*
Accusativo	— *Me*	—	*me*
Ablativo	— *Com-migo*		*mecum*

P. Nominativo	— *Nós*	—	*nos*
Accusativo	— *Nos*	—	*nos*
Ablativo	— *Com-nosco*	—	*noscum*

A fórma antiga do dativo era *mi;* e a do ablativo, *comego.*

Nos ablativos da 1ª e 2ª pessoas notaremos a anteposição pleonastica da preposição *com*, nas fórmas: *commigo, comtigo*, derivadas de *cum-mecum, cum-tecum.*

Segunda pessoa

S. Nominativo	— *Tu*	—no latim	*tu*
Dativo	— *Ti*	—	*tibi*
Accusativo	— *Te*	—	*te*
Ablativo	— *Com-tigo*	—	*tecum*
P. Nominativo	— *Vos*	—	*vos*
Accusativo	— *Vos*	—	*vos*
Ablativo	— *Com-vosco*	—	*voscum*

Nota. — As fórmas *noscum, voscum*, são contraídas de *nobiscum, vobiscum.* Esta segunda pessoa tem dous radicaes, *tu* e *vos*, dos quaes se originam as variações ou vestigios de casos.

Terceira pessoa

S. Nominativo	— *El, elle, ella*	— *ille, illa*
Dativo	— *Lhe*	— *illi*
Accusativo	— Lo, la, *o, a*	— *illum, am*
P. Nominativo	— *Elles*	— *illi*
Dativo	— *Lhes* (lhe)	— *illis*
Accusativo	— Los, las, *os, as*	— *illos, as.*

Nota. — Este pronome só tem um radical no latim, mas produziu tres classes de palavras no portuguez:

1º O pronome *elle*, com suas variantes.

2º O artigo *o, a*, vestigio do accusativo (*illum*), cujas fórmas antigas foram *lo, la*, que ainda são conservadas por euphonia em alguns casos: *amal-o, vol-o*, etc.

3º O artigo *el*, que existiu commummente no castelhano, no portuguez antigo e é só usado na expressão *El-Rei* e no vocabulo hespanhol *el-dorado;* não é usado como pronome pessoal. Encontra-se, mas raro, apposto a um alto titulo: *el-duque, el-conde.*

Notemos ainda que o accusativo (*me, te, vos*) no portuguez tambem exerce funcção de dativo (deu-me, *dedit mihi*, deu a mim) na primeira e na segunda pessoas. Por isso talvez se estendeu a

mesma analogia á terceira pessoa, dizendo-se *vi-lhe*, por *vio-o;* este uso, aliás antigo, já se encontra até o seculo XV: mas não deve ser imitado, pois não tem auctorização dos melhores classicos, a não ser em um ou outro exemplo duvidoso.

Ha ainda a fórma da terceira pessoa pronominal denominada *pessoa reflexiva*, que é a que occorre no discurso indicando relação de identidade com o sujeito. Esta pessoa é determinada pelos accusativos das duas primeiras, *me*, *te*, e por uma fórma *se*. As fórmas *me* e *te*, já são conhecidas ; aqui daremos o paradigma da fórma *se :*

Dativo	— *Si*	— *sibi*
Accusativo	— *Se*	— *se*
Ablativo	— *com-sigo*	— *cum-secum*

Já vimos que muitas palavras, como os determinativos (V. a lição precedente) *indefinidos*, *possessivos*, podem exercer a funcção de pronomes :

Quem aqui escreve, affirma
— Eu affirmo, etc.

Todas as locuções d'esta especie devem ser denominadas *equivalentes logicos do pronome.*

Fórmas antigas. — 1ª O pronome *Eu* teve varias fórmas : *eu*, *ei*. *Geu* em *nanjeu* = não + já + eu (Leite de Vasconcellos).

Variações — nos, *nus ;*
me, *mi ;*
migo, *nosco.*

2ª A variação *te* apparece algumas vezes no portuguez antigo com a fórma *che*, *xe : bem che quero. Mais vale um aveche que dous che darei.* A fórma *vosco* precede *a comvosco.*

3ª As fórmas *le*, *li*, *lhe*, como *se*, uniam-se a outras palavras, como *enlhe*, *nelhe*. O *se* tem exemplos da fórma *ge*, a crêr no que affirma Viterbo (II, 19).

No dialecto indo-portuguez, os pronomes estão sempre agglutinados á palavra *outro*, no plural : *ellesoutro*, *nosoutro*, *vosoutro*. (*Ellesoutro tinha nó* — Elles estavam núS. — *Biblia* de Ceylão *Gen.* II).

Pronomes adverbiaes archaicos do portuguez, eram :

1º *Ende* (no francez *en*, Canc. da Vat. 1195).

E poys *end'*as novas saber
Tambem poss'eu

(E tambem posso saber as noticias d'elle).

2º O pronome Y, no francez *y*, existiu durante muitos seculos, notavelmente com a fórma *hi*. Confunde-se com o adverbio :

... veno a vos senhor
Que me digades que farei eu y.

(*Trovas e cant. 259*).

Póde ser interpretado como adverbio (tanto no portuguez como no francez ; como no italiano *ci* e *vi*).

V

Quinta classe—Verbos e suas especies

Verbo é a palavra pela qual póde uma acção, estado ou qualidade ser attribuida a um ser.

Este ser é o *sujeito* do verbo. As relações de estado ou acção devem ser naturalmente numerosas, e o seu conjuncto constitue a *conjugação*. (1)

Conjugação é o systema de todas as variações do verbo. As variações do verbo são mais ou menos uniformes e obedecem a quatro modelos ou *paradigmas*, que terminam em *ar*, *er*, *ir*, *or*, no infinito; taes são: *amar*, *receber*, *punir*, *pôr*.

A quarta conjugação em *or*, é composta do verbo *pôr* e seus derivados; é uma conjugação contraída da segunda em *er*. A antiga fórma de *por* era *poer*.

Verbos irregulares são os que se afastam dos respectivos modelos de conjugação.

Historicamente, os irregulares são os que conservam a maior regularidade, isto é, conservam pela filiação historica as fórmas latinas de onde se originaram. Assim, o presente *venho* do verbo *vir*, é regularissimo, se attendermos á origem latina: *venio*.

Tambem se definem os VERBOS IRREGULARES, os em que o radical ou thema varia: *dorm*-ir, *durm*-o.

Esta definição é pouco acceitavel; no verbo *vir* o radical é a letra *v*, que existe em todos os tempos, embora o verbo *vir* seja irregular. A irregularidade do verbo nada tem que vêr com os *radicaes* ou *themas*.

---

(1) Convém lembrar, que materialmente o verbo se divide em duas partes: o *radical*, que representa a idéa principal, e a *desinencia*, que é sempre variavel e exprime a idéa accessoria. Em *am-ar*, *receb-er*, as partes *am*, *receb*, são os radicaes ou themas.

Na conjugação do verbo notam-se as seguintes circumstancias:

1. O modo.—A acção ou estado podem ser indicados como certos, incertos, suppostos ou obrigatorios. D'ahi, a idéa de MODO e suas divisões. O MODO é, pois, a qualidade, o *como* da affirmação: *se eu quizesse; querias; quero, quizera.* Os modos são das seguintes especies:

Indicativo.—É o que indica a *realidade* da acção ou estado: *amo, não vieste, amei, amarei.*

Imperativo.—É o que indica acção ou estado ordenado ou pedido: *vae, perdoae.*

Subjunctivo.—É o que indica incerteza, duvida, supposição: se *trabalhasses;* quando *trabalhares.*

Condicional.—É o modo de indicar a affirmação, dependente de uma condição não realizada: eu *faria, amaria, louvaria.*

Nas linguas primitivas, os *tempos* são mais importantes que os *modos.* Nas linguas modernas, os limites, dos modos não são bastante definidos, e o *condicional* é uma maneira média e commum ao indicativo e ao subjunctivo. As linguas romanas criaram o modo *condicional,* que não existia discriminadamente no latim. Poder-se-ia supprimir o *condicional* d'entre os *modos,* mas havia que classifical-o entre os *tempos;* sem vantagem, por que a *condição* é mais um conceito de modo do que de epoca ou momento da acção.

2. Os tempos.—A acção ou o estado realizam-se em diversas epocas. O *tempo* é a variação que indica a epoca da acção ou do estado. Os tempos são, em rigor, tres:

O preterito.—Indica o momento passado: *amava, amou, viesse.*

O presente.—Indica o momento supposto actual ou verdadeiramente actual: *amo.*

O futuro. — Indica o tempo por vir: *cantarei*; quando eu *vier*.

Todos os *tempos* são *simples*, quando constam de um só vocabulo: *leio, li*; são, porém, *compostos*, quando são representados por mais de um vocabulo: *estou lendo, tenho lido, ivesse lido.*

As linguas romanas perderam alguns dos tempos latinos (o futuro do indicativo *cantabo*, o imperfeito do subjunctivo *cantarem* e muitas fórmas infinitivas), e criaram tempos novos os futuros em *ei* (de *hei*, haver) e grande numero de tempos compostos de toda a sorte.

Pensam alguns que o chamado infinito pessoal do portuguez é o imperfeito do subjunctivo latino, hypothese que não repugna quanto ás leis phoneticas, mas desarrazoada quando se attende ao sentido. É certo que o sentido podia variar, mas não é necessario imaginar gratuitamente essa variação. O infinito pessoal não se distingue do infinito nem pela fórma nem pela idéa; só o uso diverge e ainda assim esse uso é hesitante e indeterminado. Mais vale explical-o pela euphonia e necessidade de clareza.

3. Pessoa. — É a variação que indica a pessoa grammatical do sujeito: *am-as* (tu), *am-ae* (vós).

4. Numero. — É a variação que indica ao mesmo tempo a pessoa, a unidade d'esta ou a sua pluralidade: *ama, amaste* (singular), *amaram, amastes* (plural).

Existe um verbo unico que não tem idéa attributiva, isto é, o attributo vem d'elle sempre separado, e este verbo apenas exprime a *existencia* em absoluto. É o chamado verbo *substantivo: ser*. (1)

Todos os outros verbos são *attributivos*, isto é, encerram uma idéa predicativa do sujeito.

Transitivos. — São aquelles que têm complemento no qual se emprega *directamente* a acção predicativa: *amo* a virtude.

---

(1) Tambem chamado *verbo abstracto, verbo absoluto.*

Intransitivos.— São os que exprimem predicação por si só completa ou com complemento indirecto: *durmo ; vou* a Roma.

Todos os *transitivos* ou *intransitivos* podem entre si mudar de categoria. Por esta virtualidade immanente a toda a acção, é possivel dizer-se : *chorei lagrimas*, ou, de um modo absoluto: *escrevo*, isto é, *sei escrever ; leio, sei ler*.

As diversas maneiras de ser do sujeito indicam as **vozes** do verbo.

Voz passiva.—É aquella em que o sujeito soffre a acção : *sou amado*.

Voz activa.— É aquella em que o sujeito é o agente da acção: *eu amo*.

Voz reflexa.—É aquella em que o sujeito exerce a acção, ao mesmo tempo que esta reverte ao sujeito : *eu me* enganei ; *tu te* voltaste.

Havia, além d'estas vozes, a *depoente*, no latim : *admirari, mori, sequi*, que se foram tornando em *admirare, morire, sequere*, etc. No portuguez, só alguns participios têm o valor de depoentes : *calado, agradecido, viajado* (que agradece, que viaja ou viajou, etc).

Tambem a *passiva* perdeu as fórmas simples nas linguas modernas e forma-se com o auxiliar *ser*, ou, em certos casos, com o pronome *se*, conforme analysaremos na syntaxe. Notaremos no mesmo logar que muitas vezes a voz activa tem o valor de passiva (É de *crer* que = é de *crer-se* que...).

Os verbos que vêm, não casualmente, mas sempre, com os dous pronomes, chamam-se **pronominaes**: *eu me* arrependo; *arrepender-se*.

Defectivos ou impessoaes.— São verbos a quem faltam alguns tempos ou pessoas da conjugação: *chove, troveja*.

A omissão de flexões dos defectivos explica-se geralmente pela impossibilidade que têm a 1ª e 2ª pessoas de receberem certas attri-

buições. Não se póde dizer: *eu trovejo, tu nevas*, a não ser em sentido figurado. Succede tambem que a euphonia rejeita certas fórmas, como: *eu abulo* ou *abolo*. do verbo *abolir;* ou eu *coloro*, de *colorir*. Outras vezes, o caracter de *impessoal* é momentaneo, como em *haver*, apenas *impessoal* em determinado uso e emprego.

Verbos inchoativos — (frequentativos e reiterativos). Exprimem a acção prolongada ou repetida: *florescer*, *esmorecer* (morrer), *branquejar*, *passear* (passar), *agitar* (agir), *saltitar* (saltar), etc.

Derivados verbaes. São tres:

O INFINITO.—É o derivado verbal equivalente ao *substantivo: amar*, *viver*, *rir-se*, etc. Termina em *r*.

O PARTICIPIO.—É o derivado verbal equivalente ao adjectivo: *amado*, *lido*, *amante*, etc. Termina em *do* ou *te* (1). Considera-se *supino* quando invariavel e em composição: tenho *amado*.

O GERUNDIO. — É o derivado verbal equivalente ao adverbio: *amando*, *vivendo*, etc. Termina sempre em *ando*, *endo*, *indo* ou *ondo*.

Locução verbal. — É o verbo composto de dous elementos: *ter andado*, *ir andando*, etc. A conjugação respectiva denomina-se CONJUGAÇÃO PERIPHRASTICA.

A impossibilidade de definir sufficientemente o *verbo*, resulta de que toda a definição é uma locução substantiva, e nenhum substantivo póde manter equipolencia com o verbo. De sorte que a definição mais clara seria: «Verbo é a palavra que significa *ser*, *estar* ou *fazer* qualquer cousa.» (Cf. Flores, *Gram. hesp.*)

---

(1) O *participio* póde ser do passado, *amado;* do presente, *amante*. E alguns ha do futuro, em *ouro* ou *eiro: vindouro, mandadeira*.

VI

Palavras invariaveis. 6ª, 7ª e 8ª classes

As *palavras invariaveis*, commummente chamadas *particulas*, distribuem-se por quatro classes: os adverbios, as preposições, as conjuncções e as interjeições. Exceptas estas ultimas, que são verdadeiras phrases, as demais são palavras que exprimem relação. É util considerar, que, se a *interjeição* representa por si um juizo, o adverbio representa um fragmento completo d'elle, isto é, um talho de phrase, aquillo que se chama por vezes *complemento* ou cousa equivalente: *neste logar* é o equivalente de *aqui*; *nesta hora presente* — agora (hac hora).

1.

Adverbio — é a palavra que exprime qualquer circumstancia da acção ou da qualidade: *hoje* escreverei; *grandemente* sabio; *muito* ligeiramente.

O adverbio modifica o sentido do verbo, do adjectivo e de outro adverbio. Quando a circumstancia é expressa por um grupo de palavras, cabe o nome de *locução adverbial*:

Amo *com ardor*.
Existe *em algum logar*.
Virá *depois de amanhã*.

Ha varios generos de adverbios.

De logar. *Aqui, lá, acolá, em cima, além, onde*, etc.

De tempo. *Hoje, agora, immediatamente, recentemente, antes, tarde*, etc.

De modo. *Assim*, *como*, *bem*, *mal*, e a maioria dos adverbios em *mente*.

De quantidade. *Tão*, *tanto*, *muito*, *nada*, *tudo*, *completamente*, etc.

De modalidade ou de affirmação. São os que exprimem duvida, affirmação ou negação.

De *duvida : talvez*, *provavelmente*.

De *negação : não*.

De *affirmação : decididamente*, *effectivamente*, *sim*.

Os adverbios em *mente* representam sempre o caso ablativo latino :

Boamente — *bona mente*.

Este processo era pouco commum no latim ; tornou-se mais vulgar no latim barbaro e superabundante no francez. No portuguez antigo, os adverbios em *mente* são raros. Note-se aqui que nas formações em *mente* os adjectivos em *ez* ficam (como eram outr'ora) invariaveis : *portuguezmente*, e não *portuguezamente*.

2.

Preposição é a parte que posta entre dous vocabulos determina a natureza da relação que existe entre elles.

A relação póde ser de :

Posse. — Casa *de* João.

União. — Seguiu *com* o cavalleiro.

Separação. — Seguiu *sem* o cavalleiro.

Tempo. — Viveu *durante* dez annos.

Causa. — Desmoronou *com* a chuva. Ferido *por* um raio.

Conveniencia. — Estudou *conforme* a regra ; escreveu *segundo* a logica.

Opposição. — Falou *contra* todos.

Fim. — Orae *por* elle.

Logar. — Esteve *no* campo.

Locução prepositiva é o grupo de palavras que exerce a funcção de preposição : *conforme a, máo grado*, etc. (1)

No latim e em outras linguas existem vestigios de gráo das preposições. São comparativos : *inter.* de *in ; extra*, de *ex ; contra*, de *cum ; prœter*, de *præ*, etc. São superlativos : *extremus* (*exterimus*), de *ex ; intimus*, de *in ; primus*, de *præ ; supremus* (*superimus*), de *super*. Da mesma fórma em inglez o positivo *for* tem o comparativo *fore* e os superlativos *first* e *foremost*. Dos gráos latinos é facil concluir a existencia de alguns vestigios no portuguez.

As preposições *por, de, em, a*, juntas ao artigo, affectam as fórmas *pelo, do, no, ao*, etc. A preposição *a* concorrendo com o artigo feminino *a*, orthographa-se com o accento : *á*. (2)

3.

Conjuncção é a palavra que serve para indicar as relações entre duas proposições : « Vive, *mas* sê sabio. Elle é justo *e* sabio. » Muitas vezes a proposição é elliptica, como no ultimo exemplo. Mas a analyse ahi descobre duas proposições : *elle é justo ; elle é sabio.*

Segundo o sentido, dividem-se estas particulas em conjuncções de *subordinação* e conjuncções de *coordenação*.

1. De coordenação são as conjuncções que indicam relações entre proposições que têm a mesma funcção na phrase : Vae *ou* volta ; *nem* sae, *nem* entra ; quero *porque* tenho direito ; soffre, *logo* está doente.

As conjuncções de coordenação mais notaveis são :

As copulativas : e, tambem.
Disjunctivas : nem, ora... ora, quer.
Adversativas : porém, mas, todavia.
Conclusivas : ora, logo.

---

(1) Das *preposições componentes — pre, ob, abs, per*, etc., trataremos quando nos occuparmos com os elementos de derivação e composição (prefixos).

(2). « O artigo *el*, ao que parece, contraía-se tambem com a preposição *a*, conforme se vê no *Palmeirim*, de Francisco de Moraes, tomo 1º : fizeram sua cortezia *al* imperador Trineo e *al* rei Arnedos, pag. 296 ; depois que se despediu de D. Duardos e Florida, se foi *alrei*, pag. 336 ; se foi caminho de Londres levar novas *al* rei, pag. 348. » (Nota de Firmino Costa). Veja-se tambem a minha *Selecta Classica*, annotada, 1905.

De subordinação são as conjuncções que unem proposições das quaes uma tem funcção differente, isto é, serve de complemento ou sujeito da outra.

As principaes são : *logo que*, *pois que*, *quando*, *depois que*, *antes que*, *de sorte que*, *afim de que*, *se*.

Quasi todas as conjuncções de subordinação são verdadeiras *locuções* e contêm o elemento *que*.

A conjuncção exerce ás vezes a funcção de preposição. A expressão *sete e oito* equivale a *sete com oito*. (1)

Comquanto a conjuncção ligue sempre proposições, estas nem sempre são susceptiveis de resolução por meio da analyse logica. Assim, a proposição contracta : *Paris está entre Bruxellas e Marselha*, não soffre a divisão analytica em duas orações : *Paris está entre Bruxellas* e *Paris está entre Marselha*. Estas locuções só têm valor como phrase composta ; são abreviaturas irresoluveis.

4.

A Interjeição é mais phrase do que simples vocabulo. É expressão breve da emoção, do sentimento : *oh ! olá ! psiu !*

As interjeições *simples* e *primitivas* são verdadeiras exclamações : *ah ! oh ! ui !* As interjeições *secundarias* ou *derivadas* de outras palavras são improprias, ou *locuções interjectivas*, apenas utilizadas como meio de exprimir accentuadamente a emoção : *muito bem ! bravo ! caluda ! fóra !* etc.

A classificação das interjeições é a mesma dos sentimentos que representam : de *dôr*, de *alegria*, de *aversão*, de *approvação*, *surpreza*, etc.

A interjeição não entra como parte na construcção do discurso. É uma proposição por si mesma de caracter elliptico, frequentissima nas linguas primitivas, nas quaes era mais extensa e intensa a expressão sentimental. Ha certas interjeições que apenas se empregam quando o homem trata com animaes : *bit! sape!* e até outras cujos ruidos quasi não podem ser representados pela escripta.

(1) A verdade é que *e* equivale a *a* e n'estes casos é preposição, como se vê em pouco *e* pouco, pouco *a* pouco ; dezeseis, dezaseis. A respeito escrevi na minha *Selecta Classica*, nota 174.

A preposição é uma palavra relativa, que com o seu complemento necessario fórma um adverbio ou *locução adverbial : com* ardor = ardentemente, etc.

O adverbio é uma fórma synthetica, contendo logicamente a preposição com o complemento : *ardentemente* = com ardor. Mas se no adverbio ha apenas a synthese de um grupo de palavras, na **interjeição** ha a synthese completa de todo um juizo.

VII

Familias e grupos de palavras

Synonymos, homonymos e paronymos

(LIÇÃO DO MESTRE)

I

Na parte preliminar da taxinomia ou *classificação*, vimos que as palavras se distribuem em classes ou grupos, conforme a idéa que representam. Os vocabulos tambem podem ser agrupados em classes ou *familias*, conforme seus caracteres de affinidade etymologica ou de origem.

Familia de palavras é o conjuncto de termos que têm raiz ou radical commum.

Ha, portanto, dous modos de comprehender uma *familia de vocabulos*. Se se considera a *raiz*, cada familia contém grande numero de palavras; se, porém, considerarmos o *radical* ou *thema*, as familias abrangem numero de termos relativamente pequeno.

O agrupamento de familias de termos que têm *raiz* commum, além de algumas vezes impossivel, é quasi sempre difficil de determinar para os que não conhecem duas ou tres das linguas aryanas. Assim, a exemplo do que fizeram Bailly e M. Bréal para o latim e Stappers para o francez, nos seus diccionarios, basta considerar as palavras que têm apenas o *radical* ou *thema* commum.

Não obstante, damos neste logar dous exemplos em que se toma por base de agrupamento a raiz. São as raizes:

FL — correr	MAN — pensar
Fluxo	mente
Fluir	lembrar
Affluente	memorar
Chuva	imagem
Fluvial	imaginar
Affluir	mentir
Pluvioso	lembrança
(*Pluvia, fluere*)	Minerva

Cada uma d'estas raizes tem um numero consideravel de derivados no allemão, no grego, no latim, etc., e todos os derivados constituem uma familia.

Revela a analyse que em nosso proprio idioma muitos vocabulos ha que constituem familias, isto é, possuem thema commum.

1. Do thema **am**, temos os vocabulos:

Am-or
Am-ante
Am-ador
En-**am**-orado
Am-avel
Am-izade
Am-igo
Am-ar
Des-**am**-or
N-**am**-orar
In-**im**-igo

2. Do thema **musa**, contam-se, entre outros:

Musa
Musaceas
Musica
Musical
Museu

3. Do thema **ver** e **vid**, notam-se:

Ver
Evidente
Previdencia
Providencia
Provido
Visão
Vista

4. Do thema **vice**, notam-se:

Vice
Vez
Vice-rei
Vizo-rei
Visconde
Vigario (*vicarius*)

5. Do thema **anno** e **ennio**, que significam a mesma cousa, temos:

Biennio
Quatriennio
Centenario
Octogenario
Solemne
Perenne
Annual

Na composição d'esses termos latinos, *a* quasi sempre se permutava em *e*; assim, de *arma*, *inerme* — sem armas; de *barba*, *imberbe* — sem barba, etc.

Por isso a fórma *anno* se transformou em *ennio*.

Solemne, composto de *solus* e *annus*, significava aquillo que só se devia fazer uma vez no anno, e ainda por isso não se justifica a orthographia *mn*, que é a do uso geral: *perenne*, de *per* e *annus*, significava o que devia durar o anno inteiro.

A fórma *octogenario* é abreviada de *octogintenario*.

6. Do thema latino **cap** ou **cab**, ha a numerosa familia:

Capitão
Cabeça
Cabeçada

Capitel
Capitulo
Cabido (**capitulum**)
Capello
Cabo
Cabello
Acabrunhar
Acabar
Chapéo

D'estas palavras algumas offerecem difficuldades de analyse. *Acabar* é um verbo derivado de *cabo*, isto é, o fim, a ponta. *Acabar* quer dizer: fazer o fim ou termo, terminar. *Acabrunhar* é um composto (*caput* + *pronare*), dobrar a cabeça. A palavra *chapéo* veio do francez (*chapeau*), como todas em que *c forte* se tornou em *ch* brando, como, por exemplo, *chaminé* (de *cheminée*, *camminata*). *chefe* (de *chef*).

7. Do thema grego **anthropos**, que significa « homem » temos a familia:

sciencia	do homem	Anthropologia
inimigo	do —	Misanthropo
amigo	do —	Philanthropo
semelhante	ao —	Anthropoide

8. Do thema germanico **ban**, que significa divulgar, mostrar, temos os vocabulos:

Bando
Bandeira
Banhos
Banal, banalidade

A palavra *banhos* (por *bandos*) na expressão *banhos matrimoniaes*, é germanica. *Banho* (lavagem) vem do latim (*balneum*). A palavra *banal* é gallicismo, já muito usado pelos escriptores contemporaneos.

Os exemplos de familias dos vocabulos citados são sufficientes para dar noção clara do assumpto.

Classificando por idéas associadas, veremos que existem as seguintes classes:

Proprias — São as palavras que têm o sentido exacto e são usadas como taes: *boi*, *cão* (animal). **Translatas** — *metonymicas* ou *figuradas* são aquellas que se empregam em sentido differente do

primitivo ou normal: *cão* (de espingarda); *argento*, em vez de *mar*; *Diana*, em vez de *lua*; *lar* ou *fogo*, em vez de *casa*.

A classificação em *synonymos*, *antonymos*, *homonymos*, etc., já foi anteriormente feita.

Os homonymos dividem-se em *homophonos* e *homographos*. *Homophonos* são os que têm a mesma pronuncia, tendo orthographia qualquer: *cêsta* e *sexta* (inversamente, *homographos* são os que têm identica orthographia: como péso (verbo) e peso (gravidade).

Os synonymos são poderosas fontes de archaismos. É natural que, havendo muitas palavras para a expressão unica de uma só idéa, algumas se tornem inuteis e desusadas com o tempo. Assim, a palavra mais euphonica sobrevive a outras que o são menos. Em alguns casos, como é facil notar, as palavras de pequena extensão desapparecem diante de outras: como *os*, que se archaizou, ao passo que permaneceu *bucca* (bocca); *res* desappareceu ao lado de *causa* (cousa), etc.

Quando se formaram na lingua dos seculos XV e XVI os neologismos alatinados *seculo*, *occasião*, *rosario*, desappareceram por inuteis as velhas fórmas vernaculas *segre*, *cajon*, *rosairo*, etc. As fórmas que persistiram, tambem conservaram uma differença de sentido: *rezar* e *recitar* (de *recitare*), conforme o que foi explanado na Introducção a esta *Grammatica*.

Os homonymos podem em certos casos ser factores de archaismos; mas esta asserção está longe de ser provada. Parece, muito ao contrario, que entre os termos *sella* e *cêlla* só existe porventura confusão para o ouvido dos grammaticos. Os dous vocabulos têm vida independente, e jámais na linguagem vulgar occorrem simultaneos com frequencia tal que occasionem a presumida confusão. Assim, a semelhança ou identidade phonetica só em rarissimos casos poderia ser causa de archaismos ou de esquecimento de vocabulos.

ESTUDO DA FORMAÇÃO DOS VOCABULOS

(MORPHOLOGIA)

I

A estructura do vocabulo. Raiz e affixos

Morphologia é a parte da grammatica em que se estuda o vocabulo considerado em sua estructura como um composto de orgãos ou partes significativas.

Orgão de um vocabulo, aqui se chama a qualquer parte d'elle que exerce funcção ou tem sentido. Assim, na palavra *semi-deuses*, a analyse descobre tres elementos :

Semi-deus-es

O primeiro, *semi*, indica: metade ou meio.

O segundo, *Deus*, exprime a pessoa suprema ; é a idéa principal (raiz).

O terceiro, *es*, exprime a pluralidade do ser.

A reunião d'estas partes constitue o que se chama a *estructura* do vocabulo. Os *elementos morphologicos* dotados de sentido são, pois, muito differentes dos *elementos phoneticos*, puramente materiaes e sem sentido, sons, letras ou syllabas.

Thema e terminação.

Chama-se *thema* o todo do vocabulo, excepto a *terminação* ou *desinencia :*

cant-ar
cant-avam
Deus-es
prev-er
contradiz-er
prop-or

As partes *cant—prev—prop—contradiz*, são themas ou fórmas que, em geral, não soffrem variação ou flexão.

Desinencia é a parte variavel do vocabulo, e é por conseguinte a que exprime os accidentes da flexão:

Cant-*ar*
Cant-*avam*
Deus-*es*
Prev-*er*
Contradiz-*iam*
Prop-*or*

As partes elementares *ar*, *avam*, *es*, *er*, *iam*, *or*, são as desinencias ou terminações dos vocabulos, e exprimem, ora a flexão de tempo, ora de numero, de genero, pessoa.

Synonymia.—Terminação é qualquer porção final do vocabulo, é termo geral. *Suffixo* é especialmente a terminação dos derivados: pedr-*eira*, form-*oso*, etc. *Desinencia* ou *flexão* é o suffixo variavel dos nomes e verbos: ric-*o*, ric-*a*; am-*ei*, am-*avam*.

Raizes e affixos.

Affixos são os elementos morphologicos (ou *orgãos*) que se appõem ao vocabulo modificando-lhe a significação.

Os *affixos* dividem-se em *prefixos* e *suffixos*.

São *prefixos* os elementos que antecedem a palavra principal. Taes são: *anti*, *per*, *ob*, *pre*, *sub*, etc., na composição dos vocabulos. Ex.:

per-furar
anti-Christo
ob-turação
pre-juizo
sub-metter, etc.

Suffixos são os elementos que prolongam e completam a palavra principal. Taes são, entre outros: *eiro*, *oso*, *ade*, *ico*, *ino*, etc. Exemplos:

pinh-*eiro*
form-*oso*
felicid-*ade*
analyt-*ico*, etc.

Convém observar que o *prefixo* tem uma noção definida e mais positiva do que o *suffixo*. Assim, os prefixos *pre*, *sub* denotam sempre, ao menos quasi sempre, a antecipação, o logar inferior, etc. Os *suffixos*, porém, têm funcção menos definida e tomam varias accepções, conforme o uso estabeleceu. O suffixo *eiro* tem diversos significados, como dos exemplos seguintes se vê:

Exprimindo o *continente*:

tinteiro—tinta

Exprimindo *factor* de objectos:

sapateiro—sapato
caldeireiro—caldeira

Exprimindo o *agente* da acção:

caminheiro—o que caminha
cavalleiro—o que anda a cavallo
romeiro—o que vae a Roma (peregrino)

Exprimindo a *arvore* em relação ao fructo:

pinh-*eiro*
tomat-*eiro*
mamo-*eiro*
etc., etc.

As tres ultimas accepções indicam sempre a actividade ou os agentes da producção.

Note-se, além d'isto, que em alguns brasileirismos o suffixo *eira* ou *éra* representa o vocabulo tupi-guarani *cuéra*, *cuér*, *gué*, e denota o tempo passado, nos substantivos que d'esta arte se conjugam como se foram verbo. Taes são os dous exemplos:

Tap-*éra*, aldeia que existiu, aldeia em ruinas.
Capo-*eira*—matto que existiu, agora matto novo.

Entre os *affixos* podem-se considerar as letras e fórmas *infixas*, embora esporadicas, como as que se notam nos futuros:

far-*vos*-ei
dir-*te*-ei

Nestes especimens, os pronomes *vos*, *te*, são verdadeiros *infixos*.

Convém observar que o termo *prefixo* foi especialmente consagrado aos elementos prepositivos, com exclusão dos demais elementos componentes dos vocabulos. Assim, em *beija-flôr*, *bem-te-vi*, os termos *beija* e *bem* não são considerados prefixos e sim simples palavras elementares. O *prefixo* póde ser qualquer vocabulo, comtanto que seja frequentemente utilizado como elemento de composição e não possua de per si e senão raras vezes o valor de palavra.

Raiz.—Raiz é o nucleo da palavra, despida de seus affixos.

Em lingua portugueza, são raizes as seguintes fórmas:

diz—em *contra*-DIZ-*er*
pre-DIZ-*er*.

sta— *circum*-STA-*ncia*.
pre-STA-*nte*.
etc.

D'est'arte, a raiz representa o vocabulo puro, sem as modificações accidentaes que lhe dão os *prefixos*, *suffixos* ou *flexões*.

Dentro dos limites da lingua é este o unico criterio que póde servir de base ao conceito de *raiz*. É claro, porém, que em sentido mais lato e com referencia, não a uma lingua, mas á totalidade das linguas que constituem uma familia, a palavra *raiz* indica a fórma hypothetica de onde decorreu uma série de vocabulos que têm entre si affinidade material e de sentido, mais ou menos definida e explicita. As *raizes*, neste caso, representam o resultado de inducções theoricas, apoiado na analyse comparativa dos idiomas. A raiz AS, que significava primitivamente *respirar*, *viver*, explica e justifica as variedades do verbo *ser* nas diversas linguas aryanas ou indo-européas.

No sentido restricto em que a palavra *raiz* deve ser comprehendida, é sempre possivel substituil-a, e com vantagem, pela palavra *radical*.

O sentido das palavras deduzido dos elementos morphicos nem sempre se prestará á determinação fixa e invariavel.

Nos compostos cujos elementos foram alterados pela evolução phonetica, nenhuma noção existe dos significados e dos termos parciaes que formam o todo. Exemplos: em *marmota* (*murem-montis*, rato dos montes), *devota* (*deo-vota* — dedicada a Deus) *menino* (*minino* — meu menino), já não existe a consciencia dos elementos parciaes que formam o todo.

Não succede, porém, a mesma cousa em relação aos compostos de juxta-posição separada. Ha perfeita consciencia dos elementos componentes em:

beija-flôr
quebra-nozes
vae-vem
vira-volta

Existem, todavia, alguns exemplos em que um elemento é barbaro ou desconhecido e archaico, e outro completamente vivo e usual na lingua. Exemplos:

Porta-relogio
Porta-pennas
Guarda-*napo*
Malas-artes

Nestes compostos, o povo apenas tem a consciencia do valor separado de um termo, e ignora o que seja *portar*, *napo* ou *malas*.

Quando, porém, todos os elementos do composto são de origem estrangeira, nenhuma consciencia existe dos sentidos elementares do vocabulo. É o que succede com os termos:

Redingote — Do inglez: *riding coat*, vestido para montaria.
Charcuteria — Do francez: *chair cuite*, carne cozida.
Biscouto — Do latim: *bis-coctus*, duas vezes cozido.
Panacéa — Do grego: *pan* (*pantos*) e *akos*, todo-remedio. Remedio para tudo.
Kermesse — Do hollandez: *kerk* e *misse*, igreja-festa.
Narval — Do allemão: *Nar* (*nase*) e *Wal*, nariz-baleia. Especie de cetaceo.

Calamina — Do italiano: *gialla* e *mina*, mina amarella. Carbonato de zinco.

Algebra — Do arabe: *al-djaber*, a restauração (1). A sciencia das restaurações.

Janizaro — Do turco: *ieki-tcheri*, joven soldadesca. Milicia creada no seculo XIV.

Paraiso — Do zend: *pairi-daeza*, ao redor, baluarte. Introduzido no grego por Xenophonte e aproveitado pelos antigos traductores da Biblia.

Chocolate — Do mexicano: *choco-latll*, cacáo agua.

Xará — Do tupi-guarani: *xe-hera* (absol. *terá*) meu nome. É um brasileirismo.

Rosicler — Do francez: *rose-clair*.

Pundonor — Do hesp. *pun-d'onôr* (point d'honneur).

É claro que na formação d'esta especie os elementos morphicos só têm funcção de sentido para os eruditos.

No caso geral dos compostos, podem-se seguir as regras seguintes:

1ª. *O sentido do vocabulo é determinado pela palavra principal ou raiz;*

2ª. *O sentido do vocabulo é modificado pelas circumstancias expressas pelos prefixos e suffixos.*

Exemplificando, analysemos o vocabulo *perseguir*, que contém tres elementos morphicos: o prefixo *per*, o radical *segu* e o suffixo *ir*. O sentido, pois, d'este vocabulo será determinado pela raiz *segu*, que significa: andar, ir na mesma direcção. O suffixo *ir* denota a acção. O prefixo *per* designa que a acção é continua, longa, perpetua, perfeita. De sorte que *perseguir* designa a acção de andar na mesma direcção, no encalço de outra cousa, continuadamente, sem repouso.

Fazendo a applicação pratica d'esses principios, é preciso não esquecer que nos vocabulos juxtapostos e agglutinados, a palavra principal é, na quasi totalidade dos casos, representada pelo segundo elemento, como se póde verificar nos exemplos apontados.

---

(1) Para os arabes, algebra era a sciencia das *restaurações*. Ainda hoje o cirurgião tem o nome de *algebrista*, termo que se vae tornando obsoleto.

Frequentemente o sentido novo do vocabulo é produzido pelo que Darmstetter appellida *a lei do contagio*: um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. É o que succede com os adjectivos substantivados:

O rico — (o homem)
O justo — (o homem)
O sereno — (o tempo) (1)
A meia — (a calça)
O jornal — (*diurnalis*) (2)

— A flexão é um dos factores de sentidos novos dos vocabulos.

O *numero*, v. gr., em:

a honra — as honras
o viver — os viveres
a parte — as partes

O *genero* tambem modifica o sentido, ainda que em menor gráo:

fôlho — folha
modo — moda
jarro — jarra
madeiro — madeira
cesto — cesta

Ha outros casos que não dependem da estructura do vocabulo.

Note-se, a proposito de compostos, que em latim não havia a faculdade de compôr com verbos como em portuguez: *lambe*-pratos, *córta*-páo, e como tambem se fazia na lingua grega. Os compostos latinos formavam-se em taes casos com adjectivos verbaes: igni*vomus*, armi*gerus*.

---

(1) *Seranus*. Outra fórma: *serão*.
(2) Veio directamente do francez.

II

FLEXÃO

Genero, numero e caso

Flexão é a propriedade que têm os vocabulos de exprimir variações de sentido, por uma modificação da terminação: *Deus, deus-es ; louc-o, louc-a.*

Nestes exemplos os vocabulos *Deus* e *louco* variam de sentido, com só variar a *desinencia*. Todas as palavras variaveis são, pois, palavras de *flexão*.

No latim, as palavras exprimem as relações de posse (*genitivo*), de attribuição (*dativo*), de origem (*ablativo*), etc., por meio de casos, cujo conjuncto ou systema se chama declinação. As cinco declinações existentes no latim se reduzem a uma unica, que foi a primitiva.

Este facto comprova-se pelo accusativo em *m*, commum a todas: *horam, servum, arborem, currum, rem*, e pelo ablativo em *ibus* da 3ª, 4ª e 5ª, que não differe do ablativo em *is* das duas primeiras: *is* (de *horis, servis*) é uma fórma contracta de *ibus*, o que ainda se nota em alguns vestigios de nomes da 1ª e 2ª declinações, como *equa* e *Dii*, que fazem no ablativo plural *equabus, divibus*, etc.

Além das *flexões* de casos, possuia o latim, como o portuguez, *flexões* que indicavam o genero e o numero.

A noção de *genero* derivou-se naturalmente da noção dos sexos. Mas, com o tempo, esta distincção se obliterou, de sorte que os *generos* nos seres inanimados nada mais indicam, e apenas dão, como diz Egger, elegancia ao estylo. No grego, por exemplo, ha nomes de mulheres que são do genero neutro. Em portuguez, como depois veremos, os *generos* variam com os tempos e com o progresso da lingua. A lingua ingleza é a unica que faz uma distribuição systematica dos generos: todos os inanimados são neutros, os mais seres têm o genero correspondente ao sexo.

A flexão de genero indica o sexo dos animaes, dos entes suppostos animados e, por extensão, figuradamente, dá sexo a cousas e seres inanimados: o *cavallo*, o *Pegaso*, o *vicio*.

A flexão de numero indica pluralidade ou unidade (*singularidade*) dos seres: *a casa*, *as casas*.

Em portuguez existem dous generos, o *masculino* e o *feminino*; e existem dous numeros, o *singular* e o *plural*.

Em todos os casos de flexão, referimo-nos ás alterações da desinencia. Mas as variações de *genero* e *numero* por vezes se fazem com vocabulos differentes ou produzem a modificação interna dos sons do vocabulo (1), mórmente da vogal tonica. Exemplos: form*óso*, form*ósa*, form*ósos*.

Só assim se explicam os pluraes com a modificação, p. ex., de *ão* para *õe* ou *ãe* (sermÕES, escrivÃES).

GENEROS DE SUBSTANTIVOS (2)

«O *genero* representa a distincção dos sexos. Os generos são dous: o *masculino* indica os seres machos, como *homem*, *leão*; e o *feminino*, as femeas, como *mulher*, *leôa*.

Aos substantivos que com a mesma fórma significam individuos masculinos e femininos, dá-se a denominação de *epicenos* ou *communs de dous generos*: *lebre*, *cobra*.

Os generos dos nomes conhecem-se pela *significação* ou pela *terminação*.

DOS GENEROS CONHECIDOS PELA SIGNIFICAÇÃO

«**I.**—São masculinos os substantivos que significam *macho*, ou sejam proprios ou appellativos, quer de homens, como *Pedro*, *rei*; quer de brutos, como *Bucephalo*,

(1) É o *Umlaut* dos allemães.

(2) Comquanto já esteja a materia explanada no nosso curso elementar (1º e 2º anno), aqui damos um extracto da Gramm. de J. F. Macedo, que, creio, satisfará aos que não conhecerem devidamente esta parte pratica.

cavallo; já de profissões, ministerios e titulos proprios do homem, como *Bispo*, *Conde*, *Marquez*, *Conselheiro;* já mesmo os que, sendo femininos, quando significam cousas ou acções, passam (precedidos do artigo masculino) a designar officios ou occupações do homem, como *o atalaia*, *o guarda*, *o guia*, *o lingua*.

Por analogia, consideramos ainda masculinos os nomes d'anjos (bons ou máos), deuses falsos, ventos, montes, mares, rios, mezes, porque é na figura de homens que os costuma representar a pintura, esculptura e poesia; ex.: *S. Miguel*, *Lucifer*, *Jupiter*, *Marte*, *Norte*, *Atlas*, *Mediterraneo*, *Guadiana*, *Janeiro*.

II.— São femininos os substantivos que significam *femea*, ou sejam proprios ou appellativos, quer de mulheres, como *Elvira*, *rainha;* quer de brutos, como *Issa* (cadélla de Publio Romano), *cabra;* já d'officios, titulos ou cargos que competem a mulheres, como *Abbadêssa*, *Freira*, *Condessa*, *Marqueza*, *Avó*, *Mãe*, *Costureira*.

Finalmente, são tambem por analogia femininos os nomes de cousas que a pintura, esculptura e poesia costumam personificar em fórma de mulher; ex.: as deusas fabulosas, como *Minerva;* as musas, como *Clio;* as parcas, como *Clotho;* as furias, como *Tisiphone;* as nymphas, como *Arethusa;* as 5 partes da Terra, como *Europa*, *Asia*, etc.; as sciencias e artes liberaes, como *Theologia*, *Mathematica*, *Pintura*, *Historia;* as virtudes e vicios, como *Fé*, *Temperança*, *Ira*.

III.—São communs de dous os substantivos que com uma só terminação podem applicar-se ora a macho, ora a femea, como *infante*, *interprete*, *martyr;*—ou que com uma só terminação e debaixo d'um só genero, ou masculino ou feminino, significam ambos os sexos (e então têm o nome de epicênos), como são os nomes masculinos *côrvo*, *javali;* e os femininos *cobra*, *codorniz*.

Com estes nomes especificamos o genero do animal

ajuntando-lhe o adjectivo *macho* ou *femea*; ex.: *o corvo macho, o javali femea, a cobra macho, a codorniz femea.*

DOS GENEROS CONHECIDOS PELA TERMINAÇÃO

«Os substantivos portuguezes acabam em alguma vogal ou diphthongo oráes ou nasáes; ou em alguma das consoantes finaes *l*, *r*, *s*, *z*; e em *d* nas duas palavras *talmúd*, *talúd*, que tambem se escrevem, e é mais commum, *talmude e talude*.

Nem sempre os nossos substantivos têm sido considerados do mesmo genero, que hoje lhes attribuimos; sendo que em nossos classicos se encontram femininos os nomes *cometa*, *echo*, *estratagema*, *extase*, *fim*, *mappa*, *planeta*, *synodo*; e masculinos *alleluia*, *arvore*, *bagagem*, *base*, *coragem*, *gáge*, *homenagem*, *laudes*, *linguagem*, *linhagem*, *origem*, *phrase*, *pyramide*, *villagem*, *visagem*; que o uso faz hoje os 1os masculinos, e os 2os femininos.

A alguns substantivos *incertos* entre os antigos, que ora os faziam masculinos, ora femininos, como *catastrophe*, *diadema*, *metamorphose*, *personagem*, *phantasma*, *scisma*, *torrente* e *tribu*, o uso da nossa lingua ha hoje unicamente conservado o genero que tinham em suas origens, fazendo masculinos os que no Grego eram neutros, como *diadema*, *phantasma*, *scisma*, e femininos os outros, que o são tambem no Grego e no Latim.

Entram todos, pois, nas regras geraes, que passamos a dar, das terminações, que são umas masculinas, outras femininas, outras communs aos dous generos.

I.—São do genero masculino os nomes terminados em: **á, í, ú**, agudos, como *alvará* (excepto *pá*, feminino), *bisturí*, *bahú*.

o grave, como *dardo*.

ô fechado, como *avô*.

im, om, um, como *marfim*, *tom*, *bodúm*.

ái, áo, éo, oi ou **óe** como *pai*, *calháo* (excepto *náo*, feminino), *véo*, *mausoléo*, *comboi*, *heróe*.

l, como *poiál*, *tonnel*, *barril*, *paiól*, *consul*, *paúl*.

ar, er, ir, or, ur, como *lar, talhér, prazêr, cutter* (excepto *colhér* e *mulhér*, femininos), *elixir, vizir, amor, andor, ardor, favor* (excepto *côr, dôr, flôr*, femininos), e *catúr.*

ôz, fechado, como *algôz.*

s, como *atlas, arráes, jús, ourives* (exceptuando os em **as,** só usados no plural, como *andas, arrhas, alviçaras, cocegas ;* alguns em **es,** como *preces, ephemerides,* e os gregos, que para o portuguez passam com a terminação **is,** como *dosis, hypothesis;* cuja terminação é hoje substituida geralmente por **e,** como *dose, hypothese*).

e os verbos no infinito, quando fazem a vez de nomes, como *andar, perder, dormir, compôr.*

II.—São do genero feminino os nomes terminados em: **à** grave, como *casa, gomma, porta* (excepto *dia,* mascul.).

ã ou **am** nasal, como *irmã, lã, maçã, romã.*

ãi e **e** fechado, como *mãi, mercê.*

III.—São communs aos nomes masculinos e aos femininos as terminações em:

e agudo e grave, como...	M. *café, córte, dente, valle.* F. *fé, libré, ralé, arte, córte.*
ó agudo, como...	M. *beilhó, chinó, dó, ilhó, nó.* F. *avó, enchó, eiró, filhó, mó, teiró.*
ão ou **am,** como...	M. *caixão, feijão, lodão, melão, orgão, pão.* F. *acção, dicção, feição, multidão, opinião,* e em geral todos os nomes em **ão,** derivados dos latinos em **io.**
em, como	M. *bem, desdem, págem, trem, vaivém.* F. *ordem, vantagem,* e os mais substantivos em *gem,* excepto *págem.*
ei, como..	M. *rei, bei;*—F. *lei, grei.*

az, como.. { M. *anthraz*, *cabaz*, *cartaz*, *gaz*.
F. *paz*, *tenaz*.

ez, como.. { M. *arnêz*, *convéz*, *jaêz*, *pêz*, *revéz*, *xadrêz*.
F. *fêz*, *rêz*, *têz*, *torquêz*, *vêz*.

iz, como.. { M. *almofariz*, *matiz*, *nariz*, *paiz*, *tapiz*, *verniz*.
F. *cerviz*, *buiz*, *matriz*, *raiz*.

oz, como.. { M. *albornoz*, *aljaroz*, *coz*.
F. *foz*, *noz*, *voz*.

uz, como.. { M. *alcaçuz*, *alcatruz*, *arcabuz*, *capuz*, *obuz*.
F. *cruz*, *luz*.

Com quanto as precedentes regras habilitem para conhecermos o genero da mór parte dos appellativos portuguezes, poderemos obviar ainda as duvidas, que porventura dar-se possam para com algumas terminações, notando :

1º—Que os nomes femininos em **e** grave têm pela maior parte um **d** por figurativa, como *benignidade*, *caridade*, *castidade*, *probidade*, *raridade*, *saudade*.

2º—Que na mór parte dos femininos em **ão** é este precedido da vogal **i** ou da sibilante **s**, ou assim figurada, ou com dous **ss** ou **ç** cedilhado, como *acção*, *opinião*, *pensão*, *petição*, *secção*, *sessão*, *união*.

3º—Que os femininos em **em** d'ordinario têm **g** por figurativa, como *ferragem*, *ferrugem*, *friagem*, *linhagem*.

4º—Que o geral dos femininos em **ôr** com **ô** fechado são monosyllabos ; em quanto os masculinos são de mais d'uma syllaba, como se vê nos exemplos da regra I.

DOS NUMEROS E INFLEXÕES NUMERAES

«O *numero* é a propriedade que têm os substantivos e os adjectivos, de representar a *unidade* ou a *pluralidade*. São dous os numeros na lingua portugueza :—o *singular*,

que designa um ser ou objecto só, como *urso*, *mesa*, *arvore*;—e o *plural*, que indica mais que um, como *ursos*, *mesas*, *arvores*.

Dos substantivos portuguezes, alguns só têm singular, outros só têm plural; os mais têm singular e plural.

Têm só singular:—1º Os nomes proprios; ex.: *Antonio*, *Ernesto*, *Izabel*, *Aveiro*, *Coimbra*.

E, com quanto ás vezes se diga: *os Césares*, *os Albuquerques*, *os Almeidas*; e terras haja, cujos nomes são pluraes, como *Abrantes*, *Alcaçovas*, *Elvas*, *Fórnos*, *Silves*, *Torres*, *Vendas*; é porque uns de proprios passaram, por synecdoche, a ser communs e outros ao contrario; e assim, sendo singulares, conservam a fórma do plural.

2º Os nomes proprios de cousas incorporeas, mas que costumamos individuar ou personificar, como as virtudes, artes, sciencias, etc.; ex.: a *Fé*, a *Castidade*, o *Amor*, o *Odio*, o *Pudor*, a *Juventude*, a *Velhice*, a *Philosophia*, a *Theologia*, a *Milicia*, e todos os infinitos, quando servem de substantivos, como *amar*, *aborrecer*, *preferir*; bem como os nomes dos 4 ventos ou rumos cardeaes e dos seus collateraes e intermedios.

3º Os nomes de substancias elementares inorganicas e de suas especies e grupos; ex.: *hydrogeno*, *oxygeno*, *azoto*, *carbono*, *enxofre*, *ouro*, *prata*, *ferro*, *cobre*; *hydrureto*, *oxydo*, *sulfato*, *sulfito*.

E se ás vezes dizemos: *todas as pratas*,—*posto a ferros*, é figuradamente, em vez de: *todas as alfaias de prata*,—*carregado de grilhões de ferro*.

4º Os nomes de productos animaes e vegetaes, considerados especificadamente; ex.: *leite*, *mel*, *cera*, *almiscar*, *seda*, *espermaceti*, *açafrão*, *azeite*, *canella*, *hortelã*, *mostarda*, *pimenta*, *incenso*, *lacca*, *myrrha*.

5º Alguns collectivos, ex.: *christandade*, *infanteria*, *cavallaria*, *artilheria*.

No plural só se empregam os nomes de cousas que

nunca se consideram individualmente; ex.: *alviçaras*, *amygdalas*, *arredores*, *arrhas*, *bexigas* (doença), *cócegas*, *confins*, *expansões*, *exequias*, *herpes*, *laudes*, *matinas*, *preces*, *trevas*, *victualhas*, *viveres*.

Os nomes que se empregam em ambos os numeros, —ou têm uma só fórma para os exprimir ambos; ex.: *alferes*, *arráes*, *cáes*, *ourives*, *simples* (com quanto os nossos antigos dessem a estes nomes a terminação de plural, dizendo *alférezes*, *arráezes*, *cáezes*, *ourivezes* e *simplices*); e os proprios de homens e patronymicos, como *Carlos*, *Malachias*, *Marcos*, *Mathias*, etc.; *Alvares*, *Borges*, *Henriques*, *Pires*, *Vasques*; — ou têm fórmas distinctas de singular e plural; e para a formação d'estes passamos a dar as seguintes regras.

I. — Os nomes, em vogal ou diphthongo oraes ou nasées, formam o plural accrescentando um **s** ao singular; ex.: fita, *fitas*; monte, *montes*; prado, *prados*; mercê, *mercês*; javali, *javalis*; ilhó, *ilhós*; tribu, *tribus*; lã, *lãs*; páe, *páes*; lei, *leis*; véo, *véos*; heróe, *heróes*; mãe, *mães*; cidadão, *cidadãos*.

> Nunca, porém, a nasal, representada com **m** no fim, conservará este no plural, antes do **s**, mas mudal-o-á primeiro em **n** (e é regra orthographica), para que não se escreva **m** antes de **s**; ex.: ordem, *ordens*, fim, *fins*, tom, *tons*, atum, *atuns*.

Exceptuam-se d'esta regra grande parte dos nomes terminados em **ão**, que mudam para o plural o **ão** em **ães** ou **ões**, a saber: (1)

1.º Seguem a regra geral os nomes em **ão** derivados dos latinos em *anum* ou *anus*; ex.: irmão, *irmãos*, mão, *mãos*, orphão, *orphãos*, orgão, *orgãos*; e os que no hespanhol acabam em *ano* e no plural em *anos*; ex.: cidadão,

(1) Não são as regras que se seguem as melhores, porque não as ha bôas nesta materia. Só a pratica do escrever e da leitura são guias seguros (*Nota de J. R.*).

cidadãos, christão, *christãos*, cortezão, *cortezãos*, grão, *grãos*.

2º Mudam o **ão** em **ões** no plural os derivados dos latinos em *o* com o plural em *ones;* ex.: doação, *doações*, nação, *nações*, paixão, *paixões;* — e os que no hespanhol terminam em *on* e no plural em *ones*, ex.: coração, *corações* (do hespanhol, *coraçon*), e galardão, *galardões*.

Os nomes *benção, cidadão, villão*, podem fazer o plural em **ãos** ou **ães**.

3º Mudam o *ão* em *ães* no plural os nomes que no latim fazem o plural em *anes ;* ex.: cão, *cães*, pão, *pães ;* — e os que no hespanhol acabam em *an* e no plural em *anes*, ex.: allemão, *allemães*, capitão, *capitães*.

Os pluraes latinos em *ones* e *anes*, na passagem para o portuguez *ões* e *ães*, apenas soffrem a metathese do *n* para depois do *e*, conservando todas as letras do latim na ordem *oens* e *aens*, que são prosodicamente differentes maneiras de figurar o plural dos diphthongos nasaes *õe* e *ãe*.

4º Os augmentativos e demais nomes em *ão*, não comprehendidos nas tres precedentes hypotheses, fazem o plural em *ões;* ex.: roupão, *roupões*, feijão, *feijões*.

Os nomes em ò grave, com syllaba accentuada em ô fechado, fórmam regularmente a terminação do plural ; — mas trocam para *ó* agudo o *ô* fechado da syllaba accentuada ; ex.: povo, *póvos* (e tambem, avô, *avós*) ; — exceptuando *bolo, contorno, mono, morro*, que no plural conservam o mesmo accento.

II. — Os nomes terminados em consoante formam o plural accrescentando *es* ao singular, ex.: ar, *ares*, colhér, *colhéres*, emir, *emires*, paz, *pazes*.

Exceptuam-se : 1º Os nomes em *s* e em *x*, que, antes de se lhes accrescentar a terminação *es*, mudam, os 1os o *s* em *z*, e os 2os o *x* em *c ;* ex.: nariz, *narizes*, obús, *obúzes* (cujos singulares se escrevem mais geralmente com *z*), deus, *deuzes ;* calix, *calices*.

2º Os nomes em *al*, *ol*, *ul*, que mudam o *l* em *es* ; ex. : animal, *animaes*, anzol, *anzóes*, paul, *paúes*.

Mas *cal* (de moinho), *mal*, *consul*, seguem a regra geral.

3º Os nomes em *el* e os em *il* (não accentuado), que mudam estas terminações em *eis* ; ex. : tonnel, *tonnéis*, fóssil, *fósseis*, ágil, *ágeis*.

4º Os nomes em *il* agudo, que mudam o *l* em *s* ; ex. : ardil, *ardis*, carril, *carris*.

As palavras compostas de dous nomes tomam geralmente a fórma respectiva do plural só no ultimo nome ; ex. : gran-cruz, *gran-cruzes*, salvo-conducto, *salvo-conductos* ; — mas *qualquer* e *gentil-homem* fazem *quaesquer* e *gentis-homens*.» (1)

(1) Aqui termina o que tomamos á Gramm. port. de J. F. Macedo. Veja-se tambem o *Dicc. grammatical*.

Observações supplementares. I. Numeros

Os *numeros* do latim, singular e plural, foram conservados no portuguez em todas as categorias que os tinham no latim, isto é, nos substantivos, adjectivos, pronomes e verbos.

O signal distinctivo do plural portuguez é o *s*. Por isso a palavra *ourives* (de *aurificem*) e as outras terminadas em *s*, rejeitam por euphonia a flexão do plural.

Ha, não obstante, o exemplo do plural de *ourivezes* e *simplices*, por *simples*. Os termos *alferes*, *cães*, tambem por euphonia rejeitam o plural, e aliás não são de origem latina. (Em Camões : *alferezes*).

A lingua grega tinha, além dos dous numeros, um terceiro, o *dual*. O latim possue os vestigios *ambo* e *duo*, que passaram para o portuguez na fórma *ambos*, *dous*, e as fórmas *nós*, *vós*, que etymologicamente representam o *dual*.

II. Generos

Os generos, em latim, eram tres: o masculino, o feminino e o neutro.

Os generos masculino e feminino foram conservados na lingua vernacula; o genero neutro desappareceu.

O desapparecimento do genero neutro nas linguas modernas explica-se pela decadencia do latim barbarizado pelos godos e pelo caracter negativo e distribuição irracional d'esse genero.

Ha, todavia, varios casos em que o portuguez conservou a *flexão* neutra do latim. A palavra *al*, usada em expressão como «não digas *al*», é um vestigio do neutro latino *aliud*, adjectivo *alius*. *Ello* é um archaismo, e é um vestigio do neutro *illud*. Incidentemente, o neutro se manifesta no portuguez, já não pela flexão da desinencia, mas pela variação interna do radical, como nas linguas semiticas : *isso*, *esso* (do neutro, *ipsum*); *isto*, *esto* (do neutro, *istud*); *aquillo* (do neutro, *hoc-illud*); *tudo* (do neutro, *totum*); *o* (*illud*) e *elle*, por *ello*.

A esta classe pertencem, conforme o uso que d'elles se faz, *algo*, *pouco* e *muito* : «*Pouco tenho; muito* poderia ter.» «*Algo* tramam por ahi.»

Exemplos de fórmas neutras :

« Vi o jardim ; não havia nelle (por *ello*) agua.»
« Todos querem ser illustres, mas poucos *o* são.»
« Se esta historia é authentica, como *o* parece.»

Em Portugal o povo diz *elle chove, elle* é bom que... (*bonum est*). (1)

Além d'esses factos, ha neologismos literarios tirados directamente do neutro latino. Taes são : *memorandum, ultimatum, Corpus Christi, mare-magnum, fas* e *nefas*.

Ha outra classe de neutros que entraram na lingua portugueza depois de passarem á 1ª declinação latina, com a flexão em *a* do plural neutro. Taes são :

Folium	plural	*folia*	— folha
Erratum	»	*errata*	— errata
Armum	»	*arma*	— arma
Velum	»	*vela*	— vela

O genero feminino dos nomes em *ão* formava-se naturalmente em *ôa :* pobretôa, abegôa, allemôa, villôa, cidadôa.

Essa flexão, por influxo, talvez, do hespanhol, foi substituida pela de *ã* e *ona :* valentona, cidadã. Tambem é verdade que do periodo ante-classico para o dos quinhentistas data a transformação da terminação *om* para *ão*. Camões foi um dos que deram maior força e prestigio á pronuncia *ão*.

Eram dos dous generos os nomes em *or :* senhor, pastor, no port. antigo. Adoptaram-se depois as terminações em *ora, eira :* pastora, benzedeira. Nos *Cancioneiros* sempre está *senhor*, por *senhora*, e ainda em J. de Barros lêm-se : cidade *dominador*, mulher *merecedor*.

III. Declinação

A declinação latina desappareceu nas linguas romanas por effeito da tendencia analytica, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições.

As palavras, em geral, corrompem-se mais profundamente pela terminação. Por isso é que se perderam os casos em lingua tão corrompida como devia ser o latim falado por estrangeiros barbaros. Nos documentos medievaes encontram-se exemplos : *venit per illo rivo*... veio por aquelle rio ; *vadit ad illo rivo* ou *ad illum rivum*, vae para aquelle rio.

---

(1) Aqui, escreve-me Firmino Costa (ainda que me pareça ser o uso antes plebeu que classico) : É de uso classico o emprego do pronome *elle* e tambem do feminino *ella* com fórmas neutras : «*Elle* é certo que muitos se envergonham de fazer oração e penitencia. » Bernardez, Nova Floresta, I, 187. «Escuta cá, Francisco. *Elle* ha um modo de nunca faltarem livros aos que gostam de lêr.» Castilho, Colloquios aldeões, 113. «*Ella* é cousa admiravel que os conselheiros de Castella se conformem tauto como os nossos.» Vieira, Cartas, I, 358.

Na degeneração do latim, a 4ª declinação em *us* confundiu-se com a segunda, *fructus, us* ou *ci*. A 5ª confundiu-se com a 1ª: *materies, luxuries* e *materia, luxuria*.

Não são raros, porém, os vestigios que ficaram dos casos latinos; citamos os exemplos mais caracteristicos, além dos que se encontram nos pronomes pessoaes.

Nominativo. — O *nominativo* latino deixou vestigios incontestaveis, especialmente nos nomes proprios: *Dido, Apollo, Juno, Cicero, Cupido, Carthago, Deus, Venus, Nero, Jupiter, Domingos, Marcos.*

No francez, frequentemente a origem attesta o accusativo: *Apollon, Didon, Ciceron, Junon*, etc. As fórmas obliquas tambem incidentemente apparecem em nossos classicos: *Cicerão*, por *Cicero*; *Varrão* e *Varro*.

O nominativo latino é indicado ás vezes pelo *s*: Marcos, *Marco* em Camões, *Lus.* III, 41. Carlos, Nemesis, Venus, Ulysses, Xerxes, Semiramis, Thetis, Adonis, Apelles, Euphrates, Moysés; (ha exemplos de *Hydaspe, Gange, Xerxe*, em contrario, e acaso por influxo do italiano.

Muitos nomes proprios vieram do accusativo, como *Marte* (*Mars, tis*), *Scipião, Catão*.

Ha alguns nomes que se sabe vieram do nominativo, pela accentuação que conservam:

Gorgulho	de *gurgulio*,	*onis*
Bafo	de *vapor*,	*oris*
Sôr e *Soror*	de *soror*,	*oris*
Sastre	de *sartor*,	*oris*
Tredice	de *traditio*,	*onis*
Serpe	de *serpens*,	*entis* (erudita)
Preste	de *presbyter* (do francez)	
Chantre	de *cántor* (do francez)	

Algumas d'estas fórmas são francezas, como é a de *liz* (flôr de liz) antigo plural de *lil*.

Genitivo. — O genitivo deixou alguns vestigios em composição, em termos de origem latina, quasi todos formados naquella lingua:

jus	*jurisconsulto*	— *jurisconsultus*
	jurisprudencia	— *jurisprudentia*
navis	*naufragio*	— *naufragium*

Naufragium, navis-fragium, quebramento de náo. *Xofrango*, derivado de *ossifraga* — que quebra osso. *Auspicio* deriva de *auspicium* — *avis, spectio*, a observação, o agouro da ave. *Freguez* hesp. *feligrez*, de *filius gregis*.

Ha quem explique a fórma dos patronymicos como um *genitivo*

basco; F. Diez considera-a genitivo gothico (em *is*). Será talvez o ablativo do plural: Paez = *Pelagiis*.

Accusativo. — Foi o caso de onde commummente se originaram os nomes. Leão (*leonem*), leões (*leones*); arvore (*arborem*); peito (*pectus*); lado (*latus*).

O imparisyllabismo da 3ª declinação dos nomes neutros, como *corpus*, *pectus*, prova que foi o accusativo e não o ablativo que nos deu a etymologia dos nomes vernaculos: *corpo* e não *corpre*.

Dous a dous, é util comparar os derivados simultaneos do nominativo e do accusativo, como *serpe* e *serpente*; *honra* e *honôr*; *saibo* (*sapor*) e *sabor* (*saporem*).

Ablativo. — O ablativo deixou frequentes e numerosos vestigios, sobre tudo em fórmas adverbiaes:

agora — *hac horâ*	como — *quomodo*
logo — *loco* (in loco)	car — *quare* (quâ-re (1)

E em todos os adverbios em *mente*: *bonamente* (com boa intenção), *certamente* (*certamente*), etc.

Opinam muitos que os nomes portuguezes vêm do ablativo latino. Esta opinião é insustentavel, porque não é admissivel que os pluraes portuguezes venham do ablativo em *is* ou *ibus*. Em segundo logar, o ablativo não explica a derivação dos imparisyllabos neutros da terceira: *peito*, *lado*, que de certo não podem vir de *pectore* e *latere*, e sim dos accusativos *pectus* e *latus*, etc.; se viessem do ablativo, teriam necessariamente de conter vestigios do incremento (*corpre*, *latre*, *peitre*), e é o que succede aos que não são neutros: lebre, de *leporem*.

Dativo. — O dativo só deixou vestigios em alguns casos muito raros. Os pronomes *mim*, *ti*, *si*, *lhe*, derivam dos dativos *mihi*, *tibi*, *sibi*, *illi*. Em alguns compostos nota-se a presença do dativo:

devoto — (*deo-voto*) — dado a Deus.

IV. O — S — do plural

Como no francez e no hespanhol, o *s* final tornou-se o expoente do plural do portuguez:

casa — casa-s; homem — homen-s.

Explica-se este facto pela theoria que faz derivar os nomes portuguezes do accusativo, na sua maioria. Dada a tendencia do maior numero, a analogia generalizou a regra, fazendo pospôr o *s* aos nomes que devem exprimir o plural.

Provindo os nomes do accusativo latino, o mais leve exame revela que este caso no plural sempre contém o *s* em todas as declinações.

(1) A expressão *car* (porque) é um archaismo.

III

Estudo historico da flexão

Genero. — Em geral, os generos latinos foram conservados nos vocabulos portuguezes, quer nos masculinos, quer nos femininos. Os neutros tornaram-se *masculinos* (tempo, de *tempus;* mar, de *mare*); ou passaram muito poucos pela fórma do plural em *a* a ser femininos, como *alimaria* (animalia), *obra* (opera), *folha* (folia).

No emtanto, convém notar as seguintes divergencias:

1. Os femininos latinos em *e* tirados do grego tornaram-se, em grande parte, masculinos: *aloes, epitome. Catastrophe* é masculino em Vieira.

2. Os nomes em *or*, masculinos em latim, tornaram-se, alguns, femininos em portuguez: *côr* (color), *dôr*, etc.; por influencia do suffixo *ura*, feminino, e *ora*.

3. Muitos dos nomes gregos em *os*, que eram femininos no latim, tornaram-se masculinos: antidoto (*antidotus*), atomo (*atomus*), dialecto (*dialectus, i*), diametro (*diametrus, i*), diphthongo (*diphthongus, i*), ermo (*eremus, i*), papel (*papyrus, i*), topazio (*topasius*), e todos os nomes gregos do suffixo — odos: *periodo, synodo*, etc.; por influencia da terminação — o — masculina.

4. Os masculinos *erysipelas, paries, flos, lepus, fons, ordo*, tornaram-se no portuguez femininos: *erysipela, parede, flôr, lebre, fonte, ordem*.

5. Os femininos *dos, palus*, tornaram-se masculinos: *dote, paul*.

6. Os neutros que se tornaram femininos na fórma do plural, foram da segunda declinação: lenha (*ligna*), folha (*folia*), vela (*vela*), arma (*arma*), fila (*fila*), joia (*gaudia*), testemunha (*testimonia*); ou da terceira declinação: temporas (*tempora*), penhora (*pignora*), obra (*opera*). Alguns femininos derivam de fórmas neutras dos adjectivos: novas (*nova*), maravilha (*mirabilia*), batalha (*batualia*), latim barbaro.

7. Os nomes em *o*, latim *us*, embora femininos, como os nomes de arvores, ficaram no portuguez, por analogia e força da terminação, masculinos: freixo (*fraxinus*), louro (*laurus*), pinho (*pinus*), figo (*ficus*).

8. A respeito dos neutros, convém observar que se redistribuiram entre masculinos e femininos, conforme a analogia da ter-

minação, mas houve hesitações e ainda as ha, pois contra a analogia popular varias vezes se insurgiram escriptores e eruditos. **A.** Os neutros de origem grega em — *ma, matis*, ficaram, em geral e conforme a boa regra, femininos: *diadema, apostema, celeuma e chusma* (celeusma), *asthma, feima* ou *fleugma* ou *phlegma;* mas os eruditos sempre quizeram dizer o *thema*, o *aroma*, o *emblema*, o *poema*, o *symptoma*, o *problema*, o *epigramma*, e assim todos os vocabulos eruditos d'esta especie. **B.** Os neutros em *us* necessariamente se afiguravam pluraes e assim foram entendidos: os tempos (*tempus*), os peitos (*pectus*), os corpos (*corpus*); parece que nestes o singular é de formação tardia como no castelhano, que primeiro conheceu *tempos, pechos*, antes do singular *tiempo, pecho*. **C.** Os neutros de plural em *a* ficaram femininos por analogia (arma, *arma*), e por vezes succedeu originarem-se fórmas duplas do singular e do plural, como: folio e folha (*folium*, no plural *folia*), braço e braça (*bracchium*, plur. *bracchia*) e assim animal, *alimaria;* voto e *boda;* ovo e *ova;* lenho e *lenha*, véo e *vela*, etc.

Flexões de genero.— Ha algumas terminações que são caracteristicas do *feminino:*

A — *filha, casa*, etc. Esta terminação é a da 1ª declinação latina propria dos femininos.

ISSA — A fórma *issa* do grego passou ao latim, e na lingua portugueza apresenta as fórmas *iza* (sacerdotiza), *essa* (condessa), *eza* (baroneza, princeza, etc.)

ORA e IZ — A fórma *triz* (imperatriz, cantatriz, cantarina), etc., é erudita. A popular é a formação analogica, segundo a regra, em *a : cantora, oradora*, etc.

São dignos de nota os vocabulos que soffrem encurtamento ou distensão de fórma nas duas flexões: ladrão — ladra ; rapaz — rapariga ; mú — mula ; cão — cadella.

Estes nomes têm differenças explicaveis. Assim, as fórmas *cabro, ladro*, que correspondem aos femininos *cabra, ladra*, são archaicas; a fórma *raparigo* existiu provavelmente, e ainda hoje existe no gallego. *Mú* ou *muu* é a contracção de *mulo*. *Cadella* (*catella*) é etymologicamente o diminutivo de gato (*catus*).

A formação do feminino, já o vimos, é muitas vezes moldada sobre o diminutivo: *gallo* e *gallinha ; rei* e *rainha;* · *czar* e *czarina*. Assim, em regra, ha tendencia de uniformar os masculinos com os

augmentativos, e tendencia de uniformar os femininos com os diminutivos.

Alguns nomes masculinos vieram de femininos mais primitivos: *miolo* (medulla), *bolo* (bulla), *cano* (canna), *cimo*, de cima, *madeiro*, de madeira (materia), *arroz* (oryza), *bolso*, de bolsa (byrsa). Inversamente, ha femininos superfluamente formados de masculinos: *poça*, de poço (puteus), *raia*, de raio (radius), *horta*, de horto (hortus), *cunha*, de cunho (cuneus). Na maior parte, ao menos devem ter-se originado da confusão de generos no latim popular. Essa confusão não é, todavia, tamanha que não deixe transparecer seus cambiantes de significação mais ou menos alterada: barco e *barca*, sacco e *sacca*, jarro e *jarra*. As fórmas femininas indicam maior amplitude ou grandeza, e antes largura maior que comprimento.

Dentro dos periodos historicos da lingua notam-se variações de genero, em grande numero de exemplos. A analogia tornou femininos no periodo antigo e ainda no classico: *a planeta* apressada (Camões), *a clima* humidà (Barros), *a fim* (que sobreexiste na expressão *alafim*), *a paradoxa*, *a cometa*, etc.

Encontram-se exemplos de *o linguagem* (masc.), *o tribu*, e ainda hoje se diz arbitrariamente: *o* ou *a personagem*. A palavra *arvore* teve genero masculino, e entre outros exemplos citamos o de Fernam Lopez:

«Como a raposa ao pé *do* arvore» — Chr. 74.

O adjectivo *commum* era de um só genero no singular, como hoje: voz *commum*, lingua *commum*; podendo-se dizer: *voz commua*, flexão que se foi considerando desagradavel.

No emtanto tinha os dous generos no plural: cousas *communs* aos homens (Barros, II, III, 3, e ainda em II, V, 9), etc.

Os adjectivos em *ez* eram dos dous generos no singular: uma mulher *portuguez*, gente *francez*, etc. O mesmo ainda hoje se nota nos adjectivos *cortez* e *montez*, que são dos dous generos. O facto da invariabilidade generica fica ainda demonstrado pela formação dos adverbios em *mente*, construidos com o feminino: *portuguezmente* e não *portuguezamente*.

Tambem na lingua antiga, como já foi notado, carecia de fórma feminina grande numero de nomes em *or*: *a auctor*, *nossa defensor*, *minha senhor*; e com esse uso ainda se conformam os comparativos em *or*: *melhor*, *peior*, *superior*, etc. Substantivamente se diz a *superiora*, e em Aragão se diz a *menora*, a mulher de menor edade (Menendez Pidal, *Gram.* 117).

Numero.— O facto mais importante relativo ao numero é o

plural logico expresso pela flexão *a;* os pluraes logicos notam-se nos collectivos, que sob a fórma de singular encerram a idéa de pluralidade, *exercito*, em relação a soldado; *povo*, em relação a *individuo*. Ha alguns collectivos que se formam do feminino dos nomes: *modo*, collect. *moda; lenho*, collect. *lenha*, etc. Evidentemente o significado de collectividade ou a pluralidade logica derivou do plural morphico dos neutros latinos em *a:*

modum — o modo
moda — a moda (isto é, os modos)

D'ahi, a analogia uniformizou os outros nomes, como *fructus*, que não são neutros. Do plural latino vieram *alimaria* (animalia), boda, arma, cabidela, braça, celha, era (já no latim havia o singular *æra*), feita, ferramenta, festa, folha, ova, prenda, primavera, senha, sina, temporas, testemunha, tormenta, valla, vela, vestimenta, cereja, maçã, nespera, amora, pera, batalha, maravilha, nova, etc. Vide observação acima a respeito do *Genero*.

Ha muitos nomes que só se usam no plural: *confins*, *algemas*, *arredores*, *annaes*, *arrhas*, *calendas*, *nonas*, *idos*, *temporas*, *ephemerides*, *anaguas*, *expensas*, *exequias*, *hemorrhoides*, *matinas*, *manes*, *nupcias*, *pandectas*, *pareas*, *trevas*, *penates*, *veras*, *viveres*, *alviçaras*, etc.

Alguns d'estes ha que, sendo do plural, têm algumas vezes sido usados no singular: *prece*, *treva*, *aborigene*, *calça*, *ceroula*, *zelo*, *delicia*.

Outros ha que variam de sentido com o numero: *lar* e *lares*, *honra* e *honras*, *côrte* e *côrtes*, *letra* e *letras*, *bem* e *bens*, *parte* e *partes*, etc.

Flexões de numero.— As excepções que se notam na formação do plural dos nomes são no sentido historico apenas apparentes, como se póde verificar pela analyse dos factos.

1. *Os nomes que acabam por* M mudam o M *em* N *antes de receber a flexão:* homem, *homens*. Este *m* é um puro signal orthographico analogo ao *n* quando concorre no fim das syllabas. O *m* que se nota no accusativo singular *hominem*, desapparece no plural *homines*.

2. *Os nomes acabados em* R e Z *formam o plural em* ES: mar, *mares;* feliz, *felizes*. A intercalação do *e* é euphonica e ás vezes euphonica e etymologica (*felices);* a lingua, por indole, rejeita as terminações *rs*, *zs: mars*, *felzs*. A presença do *z* e ainda do *x* não tolera o accrescimo de mais uma sibilante *s*. Os pluraes *mezs*, *calixs*, por *mezes*, *calices*, seriam anti-euphonicos. Além d'isto os pluraes latinos contêm o *es: menses*, *calices*.

É de notar que se encontram nos classicos pluraes que já se não

usam: *ourivezes* e *caezes* (J. de Barros). Ainda hoje ha *deuses*, *simplices*. Em Camões, como já foi dito:

Alferezes volteiam as bandeiras.

Lus. IV, 27.

3. *Os nomes em* AL, OL, UL, *mudam as terminações em* AES, OES, UES: sal, *saes;* anzol, *anzoes;* paul, *paues.* Estes pluraes resultam da syncope do *l*, da consoante média entre vogaes, como se nota em *paço* (pa-l-atium). Os pluraes de *moral*, *sol*, *paul*, seriam *morales*, *soles*, *paules*, e, pela syncope do *l*, *moraes*, *sóes*, *paues*. Da primeira fórma ainda existem os exemplos: *males*, de mal; *consules*, de consul.

Com os nomes em *él* ha a particularidade da intercalação de um *i:* papel, *papeis*. Seria anti-euphonica a concurrencia de dous *ee: papees*.

Com os nomes em *il* convém notar os casos de agudos e graves. Os agudos perdem o *l:* arrabil, *arrabis;* funil, *funis*. É o caso já apontado da syncope: *funiles*, *funies*, *funis*.

Os graves mudam o *il* em *eis:* docil, *doceis* (dociles).

4. *Os nomes em* ão *têm tres pluraes differentes*, conforme as classes: ão — irmão, *irmãos;* ões — acção, *acções;* ães — escrivão, *escrivães*. No uso de hoje, por motivo de confusões e falsas analogias, é impossivel determinar as classes que correspondem a cada flexão. *Serão* (*seranus*) deveria fazer o plural *serãos;* entretanto, nos escriptores, *serões*.

a) *Os nomes que derivam da terceira declinação latina, têm o plural em* ões: acção, *acções* (actiones), etc.

b) *Os nomes que derivam da segunda declinação*, têm o plural em ãos ou, poucas vezes, em ães: irmão, *irmãos* (germanos); escrivão, *escrivães* (scribanos).

c) Podendo-se conferir com as fórmas castelhanas, notaremos que as castelhanas terminadas em *anes* (*capitanes*) têm no portuguez o plural em ães: capitães. Comtudo, essa analogia, como as outras, não é de rigor.

d) Têm sempre o plural em ãos os graves: accordão, *accordãos;* orgão, *orgãos*. Esta regra é a unica que não soffre excepção.

IV

Gráos

Os substantivos *communs* ou *appellativos* e os adjectivos *qualificativos* são susceptiveis de gráo.

Gráo é a maior ou menor intensidade que se póde dar á significação das palavras.

De modo geral, todas as palavras são susceptiveis de gráo, desde que não exprimem uma determinação, como os nomes proprios, os pronomes, etc. Os verbos *inchoativos* são phenomenos de gráo; basta analysar a formação de *florescer*, de *florir*; *esmorecer*, de *morrer*, etc.

Os substantivos têm dous gráos: o *augmentativo* e o *diminutivo*. O estado normal do vocabulo chama-se *gráo positivo*: *casa*, *sala*, *homem*. O *gráo augmentativo* fórma-se com a juncção de varios suffixos: *ão*, *anha*, *az*, *azio*, etc.

portão	de	porta
montanha	»	monte
campanha	»	campo (1)
mulheraça	»	mulher
copazio	»	copo, etc.

Ha alguns *augmentativos*, que se formam irregularmente, como *homenzarrão*, *casarão*, etc.

Alguns auctores incluem entre os augmentativos vocabulos que, sem ter maior intensidade, têm maior extensão de idéa. Taes são: *pedraria*, de *pedra*, etc.

O gráo diminutivo exprime a diminuição da idéa, na qualidade e na quantidade: *chuvazinha*, *homemzinho*.

---

(1) O suffixo «anha» (*agne*) é mais proprio do francez, mas existe tambem no latim barbaro.

Fórma-se ordinariamente com os suffixos *inho*, *eto*, *ote*, *ulo*, *ino*, *eo*, *ito*.

Bichinho	bicho
Livreto	livro (*ital.*)
Camarote	camara
Animalculo	animal
Pequenino	pequeno
Ilhéo	ilha
Mosquito	mosca

Quer os *augmentativos*, quer os *diminutivos*, são syntheticos, quando expressos por um só vocabulo: *homemzinho*. São *analyticos*, quando expressos por mais de um vocabulo: *homem pequeno*.

Succede frequentemente que os augmentativos e os diminutivos são, por ironia, tomados em máo sentido: neste caso chamam-se *pejorativos*. Exemplos: *sabichão*, *homunculo*, *valentão*.

Ha muitos nomes em portuguez que representam vestigios de diminutivos latinos, sem comtudo despertarem actualmente a idéa de diminuição.

ovelha	*ovicula*	*ovis*
abelha	*apicula*	*apis*
gaiola	*caveola*	*cavea*
rolha	*rotula*	*rota*
donzella	*domicella*	*domina*
janella	*januella*	*janua*

Sobre os *gráos* dos nomes, convém fazer as seguintes reflexões:

1. Muitas vezes o feminino de um nome é um diminutivo: do positivo *rapaz*, o feminino é o diminutivo *rapariga* (1); o positivo *gallo* tem para feminino o diminutivo *gallinha*, etc.

2. O genero do augmentativo dos femininos póde ser masculino: um *mulherão*, um *carão;* o mesmo póde succeder aos diminutivos: um *espadim*, um *flautim* (de *espada* e *flauta*).

3. Os diminutivos de nomes de animaes são muitas vezes representados por expressões differentes que indicam varias phases da vida animal: *pinto*, *frango*, *gallo;* *bezerro*, *boi;* *novilha*, *vitella*, *vacca;* *leitão*, *porco;* *borrego*, *ovelha;* *poldro*, *sendeiro*, *cavallo;* *borracho* é diminutivo de ave de ninho; *cachorro*, diminutivo de animaes quadrupedes.

---

(1) O masculino *rapariço* existe no gallego, segundo notou o Sr. A. Pimentel.

4. Os diminutivos de nomes proprios ou *hypocoristicos* constituem uma classe arbitraria, de analyse difficil : *Zézé*, *Juca*, *Zé* (de José) ; *Marocas* (Maria) ; *Chico* (no Brasil, Francisco), etc. Variam muito de logar a logar.

Os adjectivos, além do caso normal ou *positivo*, têm dous gráos : comparativo e superlativo :

Os comparativos e superlativos syntheticos irregulares são os seguintes :

Bom (*bonus*) — Melhor (*melior*) — Optimo (*optimus*) — Máo (*malus*) — Peior (*pejor*) — Pessimo (*pessimus*) — Grande (*grandis*) — Maior (*major*) — Maximo (*maximus*) Pequeno (1) — Menor (*minor*) — Minimo (*minimus*).

Estes comparativos e superlativos são irregulares, e têm radicaes differentes, como succede aos tres gráos do primeiro : *bom*, *melhor*, *optimo*.

É preciso notar que no uso classico nem sempre se deparam esses comparativos syntheticos. As resoluções analyticas *mais grande*, *mais bom*, já foram de uso. Póde-se, comtudo, dizer *mais pequeno*, *mais máo*. Já a lingua antiga depara : *chus* (*plus*) pequena. (*For.* de Gravão, 375).

Os comparativos latinos formam-se com a flexão *or* ; de *justus*, *justior*. Em portuguez existem alguns vestigios de taes comparativos, e são :

Maior } — de *major* (*mag*)
Major }
Prior — de *prior* (*præ*)
Senhor — de *senior* (*senis*), etc.

Outro processo aryano do comparativo existia no latim archaico com a terminação *ter*, como se observa nas particulas *extra*, *inter*, de *ex*, *in*.

Os substantivos, desde o latim, podiam ter o superlativo em *issimo* : *oculissimus*, de *oculus* ; *dominissimus*, de *dominus*. D'ahi a fórma *abysmo* (*abissimus*, de *abyssus*), e o pronome : mesmo, *metipsimus*. Filinto Elysio empregou o plebeismo *casaquissima*, de *casaca*.

(1) *Pequeno* parece ser um diminutivo de *pêco*.

Os hebreus davam, aos nomes, superlativos analyticos por duplicação, como se nota no estylo biblico : *rei dos reis, cantico dos canticos*, etc. D'elles e do estylo sagrado vem esse uso.

O superlativo synthetico, que exprime o gráo summo, apparece desde o seculo XV (Leal Cons., *Canc. geral*), como no latim, com as flexões : *issimo, limo, emo :*

Justissimo, de justo
Facillimo » facil
Supremo » superior.

Entre os superlativos dos terminados em *il* no positivo, alguns têm o superlativo em *illimo*. O caso mais geral é seguido : *ultilissimo, humildissimo, fragilissimo*.

O superlativo *summo* é uma fórma contracta de *supremo*, e já existia no latim.

Os *superlativos irregulares* são os que se encostam ao typo latino.

Frigidissimo de frio, *frigidus*.
Ultimo—do comp. *ulterior*.
Christianissimo de christão, *christianus*.

Em alguns irregulares apenas ha modificação de orthographia : *riquissimo*, de *rico*. Neste caso a irregularidade origina-se da necessidade de representar por *qu* o som de *c* forte.

Nos nomes em *vel* adopta-se a terminação latina em *bil : amabilissimo*. Entretanto, *miseravelissimo* disse Fr. Luis de Souza na *V. do Arceb.* I, 24, e Vieira, *terrivelissimo*.

Os superlativos *syntheticos* em *issimo* não existiam no antigo portuguez, a não ser em um ou outro termo consagrado, v. gr. : *Santissimo*. A sua apparição completa data da renascença literaria, do seculo XVI em diante, quando floresceram os quinhentistas e os grandes escriptores.

Camões prefere sempre as fórmas alatinadas *miserrimo*, *uberrimo*, *asperrimo* e até *superbissimo;* mas tambem d'elle é *asperissimo :*

Nem o Peno, *asperissimo* contrario
Do romano poder....
Lus. III, 116.

Ainda dizia *muito* ou *mui muito*, Gil Vicente, III, 268:

Que dos *mui muitos* ciumes
Nasce o *mui muito* amor.

— O comparativo formado com o adverbio *mais* diz-se de *superioridade ;* diz-se de *inferioridade*, quando formado pelo adverbio *menos ;* e finalmente é chamado de *igualdade*, quando é formado com o adverbio *tão*.

— O *superlativo analytico* é formado geralmente pela anteposição ao vocabulo dos adverbios *muito*, *nada*, *de todo*, *grandemente*, etc.

muito sabio
nada sabio
grandemente sabio

Os *superlativos* d'este genero são chamados *absolutos*. Quando são formados do comparativo precedido de artigo definito, chamam-se *relativos :*

O *mais* bello
O *menos* bello

Os escriptores classicos, mas não tanto Camões, contribuiram exaggeradamente para generalizar os superlativos em *issimo*, ainda quando a fórma regular fosse em *errimo*, etc.

« Rochedo *asperissimo*» em Camões ; Ferreira frequentemente emprega a fórma *bonissimo*, por *optimo*.

Diversas causas oppõem-se, em certos casos, á formação de superlativos : a *euphonia* rejeita os superlativos em *issimo* dos esdruxulos *temerario*, *momentaneo*, *aligero*, mas modifica o radical de alguns, de *benevolo*, *benevolentissimo* (benevolente), etc.

A euphonia ainda rejeita a desinencia *issimo* nos nomes em *io*: *tardio*, *sombrio*, etc. Entretanto, ha os exemplos: *piissimo*, *friissimo*.

A significação muito precisa de certos vocabulos tambem se oppõe ao augmento expresso pelos superlativos: *primeiro*, *terceiro*, *immortal*, *eterno*, *maritimo*, *terrestre*, *repentino*, etc.

Os superlativos, ainda os que vieram do latim já formados, não admittem o reforço do gráo analytico. É erro dizer-se: *muito bellissimo*, *mais superior*, *mais extremo*, etc. No emtanto diz-se: *mais* ou *muito intimo*, *muito proximo*; notando-se ainda que as fórmas alludidas são susceptiveis do gráo emphatico em *issimo* em alguns casos: *superiorissimo*, *extremissimo*, *mesmissimo* (mesmo, *met-ipsimus*). etc.

V

Flexão dos determinativos e pronomes.—Declinação

1. Genero

Os nomes *determinativos* têm a flexão de genero dos substantivos. A caracteristica do feminino é a letra *a*, que representa a desinencia dos substantivos da primeira declinação latina:

todo	—	toda	(*totus*)
algum	—	alguma	(*aliq-unus*)
este	—	esta	(*iste*)

Na mudança para o feminino, a vogal fechada *e* = *ê* muda-se em *e* = *é*: ésta, aquélla (êste, aquêlle).

Alguns são invariaveis, como *que* e *qual*, que não têm genero. Alguns formam irregularmente o feminino, como *meu*, que tem a fórma feminina *minha* (antigamente *mia*), por influencia da nasal inicial *m*.

Nesta classe existem vestigios do neutro, a que já alludimos:

isto	*istud*
isso	*ipsum*
tudo	*totum*

Os nomes de numero não têm genero, excepto *um* e *dous*, que têm os femininos *uma*, *duas*; e tambem os compostos de *cento* (*trezentas*, *quinhentas*, etc.)

2. Numero

Os *pronomes determinativos* têm o mesmo expoente *s* dos nomes para indicar o plural :

uns — qualquer — quaes-quer
nenhuns — alguns — meus — todos

São invariaveis : *que*, *quem*, *alguem*, *ninguem*, etc.

3. Casos. Declinação

Entre os *pronomes*, os *pessoaes* têm casos e declinam-se como no latim ; é o que se vê da tabella seguinte :

NUMERO SINGULAR

Nominativo	Eu *(ego)*	Tu *(tu)*	Elle *(ille)*
Genitivo	—	—	—
Dativo	Mim *(mihi)*	Ti *(tibi)*	Lhe *(illi)*
Accusativo	Me *(me)*	Te *(te)*	O *(illum)*
Ablativo	Com-migo *(mecum)*	Comtigo *(tecum)*	—

NUMERO PLURAL

Nominativo	Nós *(nos)*	Vós *(vos)*	Elles
Genitivo	—	—	—
Dativo	Nos *(nobis)*	Vos *(vobis)*	Lhes *(illis)*
Accusativo	Nos *(nos)*	Vos *(vos)*	Os *(illos)*
Ablativo	Nosco *(noscum)*	Vosco *(voscum)*	—

REFLEXIVO

(para ambos os numeros)

Genitivo	— —
Dativo	— si *(sibi)*
Acc.	— se *(se)*
Abl.	— sigo *(secum)*

Observações supplementares

1. O genitivo desappareceu com o latim e não figura na declinação dos pronomes. Nota-se no vestigio do genitivo *sui*, no termo *suicidio* (destruição de si mesmo).

2. O dativo *mim* teve a antiga fórma *mi;* a prolação do *m* inicial nasalizou a syllaba inteira, ou outra foi a causa. Cf. si e *sim*, assi e *assim*. No *Parn. Lus.* lê-se a observação (V. 384): «No tempo em que Ferreira escrevia, dizia-se *si* e não *sim*, como hoje.»

Identica prolação houve em «*muito*», que se pronuncia *muinto*.

3. O accusativo *o* da terceira pessoa (*illum*), é o que chamamos artigo definido, e tinha outr'ora a fórma *lo* (*illum*), de que ainda se encontram vestigios conservados pela euphonia: *vol-o* deu = *vos-o* deu; *dil-o* = diz-o; *amal-o*=*amar-o*. (1). A mesma razão da euphonia levou a dizer: *amam-no*.

Que o veneno espalhado pelas veias,
Curam-*no* ás vezes asperas triagas.

Lus. IX, 33.

O mesmo com o adverbio não: «Não *no* vês tinto de ira» (VIII, 28), e «quem não sabe a arte, não *na* estima» (V. 97). E este exemplo que parece amphibologico:

Occultos os juizos de Deus são!
A's gentes vãs que não *nos* entenderam.

Lus. X. 38 (2)

E, ainda que não figure na escripta, a ligação euphonica realiza-se com as palavras *bem*, *quem*. Bernardim Ribeiro escreveu:

«A terá *quen* na assi tem.»

4. O *ablativo* derivou do latim com a repetição pleonastica da preposição *com: com-migo* = *cum mecum*. As fórmas *noscum*,

---

(1) Os que dizem que o *l* é simplesmente euphonico, explicam a permuta r—l em *amar-o — amal-o*. Mas como admittir permutas como *s* em *l*, em *vol-o*, contra todas as leis da phonetica? Houve, pois, quéda da letra precedente *r, s*, etc. e conservação do artigo *lo*.

(2) A ed. dos *Lusiadas* de 1880 do *Gab. Port. de Leit.* do Rio, feita quasi que sobre o texto das duas edições de 1572, dá a lição: não *os* entenderam.

voscum, do latim barbaro, são contracções das fórmas completas *nobiscum*, *vobiscum*.

Não concluimos sem fazer notar que alguns determinativos portuguezes adquiriram no seio da lingua certa *flexão* singularissima, que chamaremos *flexão hominal*. Esta flexão caracteriza-se pela suffixação *em*:

algu-*em*
qu-*em*
ningu-*em*

Taes determinativos só se applicam (em geral) a pessoas, e por isso a flexão é puramente *hominal*. O suffixo *em* podia ter provindo de *omen* (*que omen* — que homem), ou, mais provavelmente, de *um*, que na lingua portugueza antiga é equivalente do *on* francez.

Não pode *um* ter que não fale.

Póde, comtudo, empregar-se *quem* com referencia a cousas (V. Syntaxe).

VI

Conjugação

Tempos primitivos e derivados

Os verbos exprimem diversas condições de tempo, numero e pessoa, por meio de variações da terminação.

A conjugação do verbo é o conjuncto methodico de suas variações.

Methodico, isto é, distribuido por classes de tempos, de numeros e pessoas. As fórmas verbaes que constituem o systema da conjugação, explicam-se pelas origens latinas ou pela analogia.

1. Os *verbos regulares* sempre conservam o radical. *Am-ar*, v. gr., em todas as suas fórmas conserva o thema *am : amo, amarei, amasse, amando.*

2. Os *verbos regulares* são divididos em tres classes : a 1ª em *ar*, cujo modelo (ou paradigma) é *amar ;* a 2ª em *er*, cujo modelo é *receber ;* a 3ª em *ir*, cujo modelo é *punir.*

Os verbos que se não conjugam conforme os modelos, embora conservem intacto o radical, são irregulares. Ex.: *v-ir*, que conserva o radical *v* em todas as fórmas.

3. Em grande numero, as fórmas verbaes são *compostas*, isto é, constituidas por mais de um verbo : *tenho amado.* Os verbos que fazem constantemente parte de tempos compostos, são *auxiliares*, v. gr., os verbos *haver, ser, ter (sou amado, hei amado, tenho amado).*

1. Tempos e Modos (1)

1. Os *tempos* da conjugação portugueza, são :

(1) As derivações das fórmas verbaes, tempos, pessoas, etc., são tratadas na *Etymologia*, em *Appendice.*

MODO INDICATIVO :

O presente — que exprime a affirmação no momento actual ou supposto actual : *canto*, *rio-me*.

O presente denota o habito ou faculdade do sujeito. *Eu canto* póde significar *eu sei cantar*, *eu tenho o habito de cantar*.

Póde o presente indicar o acto futuro : *eu vou amanhã=eu irei amanhã*.

Póde ainda indicar o *passado* no estylo historico : Então Lazaro ouvindo a voz do Senhor, *levanta-se* da cova (Vieira).

O preterito imperfeito — indica a acção simultanea em relação a um momento passado : *ria*-me *quando chegaste*. Foi por isso chamado *co-preterito*.

O preterito definido — denota a acção completamente passada e realizada : *vim*, *vi*, *venci*.

O preterito indefinido — representa a acção passada e que ainda continúa : *tenho visto*, *tenho lido*. Foi por isso chamado *aoristo*.

Não se póde usar indifferentemente os dous preteritos, o definido e o indefinido, sem commetter gallicismo. Quem viu uma só vez Paris, deve dizer: *vi Paris*, e nunca, *tenho visto Paris*.

O preterito mais que perfeito—representa a acção como anterior a um momento passado : *eu cantára*.

O *mais que perfeito* possue a fórma composta : *eu tivera amado*.

O futuro — exprime a acção que vae ser realizada: *eu amarei*. Ha no futuro duas *fórmas compostas* principaes : eu *hei* de amar, eu *tenho* de amar. Uma é formada pelo verbo *haver*, outra pelo verbo *ter*.

O tempo condicional — exprime a acção de realização dependente de condições : *amariamos*. Ha do *condicional*, como do *futuro*, duas *fórmas compostas*, constituidas pelos verbos *haver* e *ter :* haveria de amar, teria de amar. (1)

(1) Não nos parece que o condicional seja MODO; é um mero tempo como o *imperfeito*, e nem sempre exprime condição.

O MODO IMPERATIVO — indica a acção que se deseja ou se ordena que se realize no futuro: é um modo que ha de ser igualado a um tempo futuro: *Vae! Perdoa!*

Por um hebraismo introduzido pelo estylo biblico, substituimos o imperativo pelo futuro : *Amarás* a Deus. Não *matarás*, etc.

2. Os tempos do **MODO SUBJUNCTIVO** têm o mesmo caracter dos tempos do indicativo, exprimindo todavia a dependencia e a subordinação.

Presente : *ame*.

Preterito. Fórma simples: *amasse*. Fórma composta: *tivesse amado*.

Futuro : *amares, amardes. Vier, vierdes*. As fórmas compostas de *ter* e *haver* são : *tiver de amar* e *houver de amar*.

3. Os tempos do **MODO INFINITIVO** são :

O *presente*, que no portuguez, por excepção, é dotado de flexão pessoal : *vir eu, vires tu*, etc., do verbo **vir**.

O infinito pessoal é um facto anomalo, explicavel talvez pela falsa analogia que o fez confundir com o futuro subjunctivo.

O passado — que representa uma fórma composta do presente : *ter amado*.

TEMPOS PRIMITIVOS

Examinando os *radicaes* ou *themas*, incrementos e flexões dos tempos, podemos agrupal-os em diversas series, cada uma d'estas dominada por um tempo a que se póde chamar **primitivo**, e aos outros derivados.

1ª serie. Nesta, as flexões ligam-se ao thema sem incremento. Ex.: **am-o, dev-o, sirv-o**.

Primitivo:	**Am-o**	— **Pres. do indicativo**
Derivados	Am-ei	— *P. perf. do ind.*
	Am-e	— *Pres. do subj.*
	Am-a	— *Imperativo.*
	Am-ando, ado ..	— *Participios.*

2ª serie. Nesta, as flexões ligam-se ao thema augmentado do incremento *ar*, *er*, *ir*, *or*.

Primitivo:	Am-**ar**	— **infinito**
Derivados	Am-*ar*-es	— *Inf. pessoal*
	Am-*ar*	— *Fut. subj.*
	Am-*ar*-ei	— *F. indic.*
	Am-*ar*-ia	— *Condicional.*
	Am-*ar*-a	— *Mais que perf.*

3ª serie. Aqui as flexões se ajuntam ao thema com o incremento *av* ou *ass* (contr. de *aviss.*)

Primitivo: Am-**av**-a — **P. imperf. indic.**

Derivado: Am-*ass*-e — *P. imp. do subj.*

As formações d'esta ultima serie são as menos regulares porque nellas se realizaram contracções (am-*aviss*-em: amasse; deb-*eb*-am: deviam, etc.).

Na conjugação portugueza existem, pois, **tres tempos primitivos: o infinito, o presente e o imperfeito do indicativo**; todos os demais são derivados.

2. Pessoas

As fórmas verbaes representam, cada uma, uma *pessoa grammatical*. A 1ª representa a pessoa principal, a que fala. A 2ª representa a pessoa secundaria, aquella a quem se fala. A 3ª representa a pessoa ou cousa relativa, e aquella de quem se fala. Para cada pessoa existe uma flexão, que nem sempre é distincta.

1 — **A segunda pessoa** de ambos os numeros tem a flexão caracteristica — *s*; *amas*, *amaes*, *amasses*, *amavas*, etc.

Exceptuam-se dous casos : o do imperativo *ama tu* e *amae vós*, e o caso da segunda pessoa do singular do preterito definido ou perfeito : *amaste, recebeste ;* excepções que se originam do latim.

II—**A terceira pessoa do plural tem como caracteristica a flexão nasal** : *amavam, amam, amariam*, etc.

Esta regra não tem excepção. Note-se no emtanto que por necessidade de orthographia a nasal *m* é substituida por um *til* nos futuros simples : *amarão, receberão, punirão.* As terminações são *am, em, ão.*

III—**A primeira e terceira pessoas** do singular têm para a flexão uma vogal : *amo, recebi, puna, amará.*

Ha duas excepções em que a flexão é constituida pelas letras *r* e *z*, no subjunctivo futuro e no infinito presente, *amar eu, reduz, reluz.* Comtudo, nos antigos escriptores encontram-se as fórmas regulares : *quere, requere, reluze*, etc. No mesmo infinitivo, se não se escreve, ao menos sôa uma vogal final quasi nada : *amar* (amare), *beber* (bebere).

IV—**A primeira pessoa** do plural tem para flexão caracteristica um *s* final : *amemos, amassemos.*

3. Numeros

As fórmas da conjugação têm dous numeros determinados pelo sujeito : o *singular* e o *plural.*

As *flexões de numero* são indicadas simultaneamente pelas proprias *flexões de pessoa*, das quaes são inseparaveis.

A primeira conjugação no portuguez corresponde á primeira *conjugação* franceza e, como esta, deve ter a denominação de *conjugação dos verbos novos.* Com effeito, na sua quasi totalidade, os verbos novos não vindos do latim, pertencem á primeira conjugação : *dignificar, clarificar, cantarolar, telegraphar, magnetizar*, etc.

É a conjugação dos *neologismos.*

Alguns *neologismos* ha, todavia, que foram imaginados conforme a typos latinos mais ou menos puros e que pertencem a conjugações diversas : como, v. gr., *evolvir* (*evolver*), *flectir*, ao lado de *flexionar, evolucionar ; agir*, segundo o typo de *reagir, coagir.*

— Na *voz passiva*, os tempos compostos são ainda formados com os verbos *ter* e *haver*, que se ajuntam ás fórmas do verbo *ser*, auxiliar da conjugação passiva : *eu tenho de ser amado, eu hei de ser amado.*

VII

I Serie

Quadro synoptico das conjugações

Tempos primitivos e derivados. - O *thema* + a *flexão* ligados immediatamente : preterito perfeito, imperativo, presente do subjunctivo, participios, os quaes, todos, derivam do *presente*.

Primitivo :	**Presente** (ind.)	Am+o	Dev-o	Pun-o
Derivados	P. perfeito (ind.)	Am+ei	Dev-i	Pun-i
	Imperativo	Am+a	Dev-e	Pun-e
	Presente (subj.)	Am+e	Dev-a	Pun-a
	Participios	Am+ando	Dev-endo	Pun-indo
		Am+ado	Dev-ido	Punido

II Serie

O *thema* + a *flexão* ligados mediatamente com intercalação do incremento **r (ar- er- ir)** : futuros do indicativo e subjunctivo, mais que perfeito, condicional, os quaes, todos, derivam do *infinito*.

Primitivo :	Infinito	Am+ar	Dev-er	Pun-ir
Derivados	Futuro (ind.)	Am+ar+ei	Dev-er-ei	Pun-ir-ei
	Mais que perfeito	Am+ar+a	Dev-er-a	Pun-ir-a
	Condicional	Am+ar+ia	Dev-er-ia	Pun-ir-ia
	Fut. (subj.)	Am+ar	Dev-er	Pun-ir

III Serie

O *thema* + a *flexão* ligados mediatamente por intercalação do incremento *v* ou *ss* (ava e ia = iva ; *ass*, *ess*, *iss*, por *avisse*, etc.) : imperfeito do subjunctivo, que deriva do imperfeito do indicativo.

Primitivo :	Imp. do ind.	Am + av + a	Dev + i + a(1)	Pun + i + a(1)
Derivado :	Imp. do subj.	Am + ass + e	Dev + ess + e	Pun + iss + e

OBSERVAÇÕES GERAES SOBRE OS VERBOS

1. A terminação *mos* perde o *s* por assimilação quando ligada ao artigo : amamo*lo* [amamos-lo]. Igual perda soffre o infinito : amal-o [amar-lo].

2. Nunca são esdruxulas as fórmas verbaes ; é um plebeismo pronunciar *séjamos*, *suppónhamos*. Mas diz-se : míngua, exágua, deságua, resfólega ; comtudo, essa prosodia tem contradictores. Castilho manda dizer *mingúa*, *desagôa*, *enxagôa* [Dicc. de rimas]. E é certamente melhor dizer *agôa*, do verbo *agoar*.

3. As variações verbaes obedecem a analogias reciprocas, como o mostra a existencia de tempos primitivos e derivados.

Outras analogias notaveis são : as que se encostam ao presente, *sou* [soo, som], dou, estou, vou ; seja e esteja ; houve, *jouve trouve* [trouxe], prouve ; a de ver e vir em *prover* [provido, próvo, provisto] ; a de *peço* sobre *impido*, *despido* ; a de colh*eito*, tolh*eito*, escorr*eito*, etc.; a flexão *eio* que substitue *io* : odeio, premeio, negoceio, que convém não preferir a *odío*, *premío*, etc., ainda que não faltem exemplos excellentes nos melhores classicos.

---

(1) Na derivação dos verbos da segunda e da terceira conjugação, na *terceira serie* dos tempos, a irregularidade é apparente. O incremento *i* (*devia*, *punia*) é o mesmo *av* (*de amava*). No latim as fórmas eram *amabam*, *debebam*, *puniebam* ; o *b* (lei da consoante média) desappareceu e restaram as fórmas *devea* ou *devia* e *punia* ; o mesmo não poderia succeder a *amabam*, porque a quéda da consoante daria o hiato *amáa*; não caiu, pois, e apenas abrandou-se em *v* : *amabam* = amava.

VIII

CONJUGAÇÃO REGULAR DOS VERBOS NOS TEMPOS SIMPLES (1)

VOZ ACTIVA

Indicativo

PRESENTE

1ª CONJUGAÇÃO	2ª CONJUGAÇÃO	3ª CONJUGAÇÃO
S. Louv-*o*	S. Dev-*o*	S. Applaud-*o*
» *as*	» *es*	» *es*
» *a*	» *e*	» *e*
P. » *ámos*	P. » *emos*	P. » *imos*
» *aes*	» *eis*	» *is*
» *am*	» *em*	» *em*

PRETERITO

S. Louv-*ei*	S. Dev-*i*	S. Applaud-*i*
» *aste*	» *este*	» *iste*
» *ou*	» *eu*	» *iu*
P. » *ámos*	P. » *emos*	P. » *imos*
» *astes*	» *estes*	» *istes*
» *áram*	» *éram*	» *iram*

FUTURO

S. Louvar-*ei*	S. Dever-*ei*	S. Applaudir-*ei*
» *ás*	» *ás*	» *ás*
» *á*	» *á*	» *á*
P. » *emos*	P. » *emos*	P. » *emos*
» *eis*	» *eis*	» *eis*
» *ão*	» *ão*	» *ão*

(1) Nas edições anteriores haviamos supprimido os paradigmas da conjugação, por serem materia já estudada nas *Gramm. do 1º e do 2º anno*. A conselho de professores, aqui incluimos as conjugações regulares e irregulares, como se acham na *Gramm.* de B. de Oliveira (Coimbra, 1900) com as notas da 25ª edição. Evitamos, d'este modo, reproduzir a materia de que já tratamos e aproveitamos o ensejo de tornar conhecida a excellencia d'aquella nova edição de B. de Oliveira, devida ás notas de A. A. Cortesão, philologo de muito merito. As notas são todas as d'este cap. VIII.

PRETERITO IMPERFEITO

S.	Louv-*ava*	S.	Dev-*ia*	S.	Applaud-*ia*
	» *avas*		» *ias*		» *ias*
	» *ava*		» *ia*		» *ia*
P.	» *ávamos*	P.	» *íamos*	P.	» *iamos*
	» *aveis*		» *ieis*		» *ieis*
	» *avam*		» *iam*		» *iam*

CONDICIONAL

S.	Louvar-*ia*	S.	Dever-*ia*	S.	Applaudir-*ia*
	» *ias*		» *ias*		» *ias*
	» *ia*		» *ia*		» *ia*
P.	» *iamos*	P.	» *iamos*	P.	» *iamos*
	» *ieis*		» *ieis*		» *ieis*
	» *iam*		» *iam*		» *iam*

ou (1) (*Pret. mais-que-perf.*)

S.	Louv-*ára*	S.	Dev-*êra*	S.	Applaud-*íra*
	» *áras*		» *êras*		» *íras*
	» *ára*		» *êra*		» *íra*
P.	» *áramos*	P.	» *êramos*	P.	» *íramos*
	» *áreis*		» *êreis*		» *íreis*
	» *áram*		» *êram*		» *íram*

Imperativo

PRESENTE

S.	Louv-*a* (*tu*)	S.	Dev-*e* (*tu*)	S.	Applaud-*e* (*tu*)
P.	» *ae* (*vós*)	P.	» *ei* (*vós*)	P.	» *í* (*vós*)

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S.	Louv-*e*	S.	Dev-*a*	S.	Applaud-*a*
	» *es*		» *as*		» *as*
	» *e*		» *a*		» *a*
P.	» *emos*	P.	» *âmos*	P.	» *âmos*
	» *eis*		» *aes*		» *aes*
	» *em*		» *am*		» *am*

(1) Estas duas fórmas do *condicional* apenas são identicas na sua significação e emprego; etymologicamente são muito differentes. Juntamol-as sob a mesma designação com o fim de facilitar a nomenclatura dos tempos.

PRET. MAIS QUE PERF.

S.	Louv-*asse*	S.	Dev-*esse*	S.	Applaud-*isse*
	» *asses*		» *esses*		» *isses*
	» *asse*		» *esse*		» *isse*
P.	» *ássemos*	P.	» *êssemos*	P.	» *íssemos*
	» *asseis*		» *esseis*		» *isseis*
	» *assem*		» *essem*		» *issem*

FUTURO (1)

S.	Louv-*ar*	S.	Dev-*er*	S.	Applaud-*ir*
	» *ares*		» *eres*		» *ires*
	» *ar*		» *er*		» *ir*
P.	» *armos*	P.	» *ermos*	P.	» *irmos*
	» *ardes*		» *erdes*		» *irdes*
	» *arem*		» *erem*		» *irem*

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Louv-*ar*	Dev-*er*	Applaud-*ir*

PRESENTE PESSOAL

S.	Louv-*ar*	S.	Dev-*er*	S.	Applaud-*ir*
	» *ares*		» *eres*		» *ires*
	» *ar*		» *er*		» *ir*
P.	» *armos*	P.	» *ermos*	P.	» *irmos*
	» *ardes*		» *erdes*		» *irdes*
	» *arem*		» *erem*		» *irem*

GERUNDIO

Louv-*ando*	Dev-*endo*	Applaud-*indo*

PARTICIPIO PASSADO

Louv-*ado*	Dev-*ido*	Applaud-*ido*

(1) As flexões do futuro do conj. confundem-se, nos verbos regulares, com as do chamado infinitivo pessoal, embora a sua formação ou etymologia sejam muito differentes. Nos verbos irregulares não se dá essa confusão.

Terminações Geraes dos Verbos

	1ª CONJUG.	2ª CONJUG.	3ª CONJUG.
INDICATIVO			
PRESENTE	o	o	o
	as	es	es
	a	e	e
	âmos	êmos	imos
	aes	eis	is
	am	em	em
PRETERITO	ei	i	i
	aste	este	iste
	ou	eu	iu
	ámos	emos	imos
	astes	estes	istes
	áram	êram	iram
FUTURO (1)	ei	ei	ei
	ás	ás	ás
	á	á	á
	emos	emos	emos
	eis	eis	eis
	ão	ão	ão
IMPERFEITO	ava	ia	ia
	avas	ias	ias
	ava	ia	ia
	ávamos	iamos	íamos
	aveis	ieis	ieis
	avam	iam	iam

(1) Fórmam-se juntando estas terminações ao infinitivo.

CONDICIONAL (1) ...	ía	ia	ía
	ías	ias	ías
	ía	ia	ía
	íamos	íamos	íamos
	ieis	ieis	ieis
	iam	iam	iam

ou

(*Pret. mais-que-perf.*).	ára	êra	íra
	áras	êras	íras
	ára	êra	íra
	áramos	êramos	íramos
	áreis	êreis	íreis
	áram	êram	íram

Imperativo

PRESENTE.....	a	e	e
	ae	ei	i

Conjunctivo

PRESENTE.....	e	a	a
	es	as	as
	e	a	a
	emos	âmos	âmos
	eis	aes	aes
	em	am	am

PRET. MAIS-QUE-PERF.	sse	esse	ísse
	asses	esses	isses
	asse	esse	isse
	ássemos	êssemos	íssemos
	asseis	esseis	isseis
	assem	essem	issem

(1) Fórmam-se juntando estas terminações ao infinitivo.

FUTURO	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem

Infinitivo

PRESENTEIMPESSOAL	ar	er	ir
PRESENTE PESSOAL..	ar	er	ir
	ares	eres	ires
	ar	er	ir
	armos	ermos	irmos
	ardes	erdes	irdes
	arem	erem	irem
GERUNDIO.....	ando	endo	indo
PARTICIPIO PASSADO	ado	ido	ido

Verbos auxiliares

Auxiliares são os verbos que, juntos e conjugados com outro verbo ou participio, formam tempos compostos. Os principaes verbos auxiliares são: *ter* e *haver*. (1).

Observação. Têm o nome de *auxiliares* porque, conjugados com o infinitivo, com o participio ou com o gerundio d'outros verbos, os ajudam a formar certas *locuções verbaes*, que elles de si não têm, para exprimir os diversos modos de sua significação começada, continuada ou acabada.

Nestas locuções, o ultimo verbo representa a acção, estado ou qualidade que se deseja manifestar; o que ou os que o precedem, exprimem a maneira de ser d'essa acção, a época em que se realizou, e a pessôa que a pratica. Ex.: **Vou** *estudando*, **ando** *a estudar*, **tenho estado** *a escrever*; **estava** *dormindo*; **ia** *afflicto*.

Ter e **haver** — formam duas especies de tempos compostos: tempos preteritos e tempos futuros (2).

---

(1) Os escriptores antigos empregavam o verbo *ser* por *ter, haver e estar*. Ex.: *Porque elle não* **era** (tinha) *alli* **vindo** *senão para conservar a antiga amizade dos portuguezes* (D. Couto). — Depois d'el-rei **ser** (estar) *em Evora...* (D. Goes).

(2) Aos tempos compostos (na voz activa) dá-se hoje a denominação generica de — *conjugação periphrástica*. A cada tempo simples correspondem dois tempos compostos: um preterito e um futuro, excepto ao imperativo e ao participio passado.

Os tempos **preteritos** formam-se **com os auxiliares** *haver* ou *ter*, conjugados com o participio passado do verbo auxiliado, como : *haver* ou *ter* louvado, *hei* ou *tenho* louvado, etc.

Os tempos **futuros** (ou **por fazer**) (1) formam-se dos mesmos auxiliares *haver* ou *ter*, conjugados com o infinitivo impessoal do verbo auxiliado, regido da preposição *de*, como : *haver* ou *ter de* louvar, *hei* ou *tenho de* louvar, *havia* ou *tinha de* louvar, etc.

OBSERVAÇÃO. Muitos grammaticos consideram tambem o verbo *ser* como *auxiliar*, por isso que fórma os tempos compostos da voz passiva.

Conjugação dos verbos TER, HAVER e SER (2)

Indicativo

PRESENTE

S.	**Tenho**	S.	Héi	S.	**Sou**
	tens		has		és
	tem		ha		é
P.	temos	P.	havemos	P.	somos
	tendes		haveis		sois
	têm		hão		são

(1) Tambem se lhes chamava *linguagens de significação inicial* ou *projectada*, porque significam um facto começado na intenção e futuro na execução.

(2) Os tempos do verbo *ser* (bem como dos outros verbos) derivam dos respectivos tempos em latim ; mas nesta lingua esses provêm das raizes de dous verbos differentes: da raiz *es* do verbo *esse*, e da raiz *fu* do verbo *fuo*. D'esta raiz deriva o preterito *fui*, o mais-que-perf. *fueram*, etc.

Os nossos classicos até ao principio do seculo XVIII usavam mais do auxiliar *haver* que do auxiliar *ter*, para todos os modos, tanto na conjugação do verbo *ser*, como na dos outros verbos, dizendo : *hei sido*, *hei amado*, *havia sido*, *havia amado*, etc. Actualmente emprega-se mais vezes o verbo *ter* do que *haver*.

PRETERITO (1)

S. Tive	S. Houve	S. Fui
tiveste	houveste	foste
teve	houve	foi
P. tivemos	P. houvemos	P. fomos
tivestes	houvestes	fostes
tiveram	houveram	fôram

FUTURO

S. Terei	S. Haverei	S. Serei
terás	haverás	serás
terá	haverá	será
P. teremos	P. haveremos	P. seremos
tereis	havereis	sereis
terão	haverão	serão

PRETERITO IMPERFEITO

S. Tinha	S. Havia	S. Era
tinhas	havias	eras
tinha	havia	era
P. tinhamos	P. haviamos	P. éramos
tinheis	havieis	ereis
tinham	haviam	eram

CONDICIONAL

S. Teria	S. Haveria	S. Seria
terias	haverias	serias
teria	haveria	seria
P. teriamos	P. haveriamos	P. seriamos
terieis	haverieis	serieis
teriam	haveriam	seriam

ou

(*Pret. mais-que-perf.*)

S. Tivera	S. Houvera	S. Fôra
tiveras	houveras	fôras
tivera	houvera	fôra
P. tivéramos	P. houvéramos	P. fôramos
tivereis	houvereis	fôreis
tiveram	houveram	fôram

(1) O verbo *ter*, como transitivo, tem este preterito na significação de *possuir*, como : tive *razão ;* tive *que fazer*. Como auxiliar não o tem.

IMPERATIVO

PRESENTE

S. Tem (*tu*)	S. Ha (*tu*)	S. Sê (*tu*)
P. tende (*vós*)	P. Havei (*vós*)	P. sêde (*vós*)

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Tenha	S. Haja	S. Seja
tenhas	hajas	sejas
tenha	haja	seja
P. tenhâmos	P. hajâmos	P. sejâmos
tenhaes	hajaes	sejaes
tenham	hajam	sejam

PRET. MAIS QUE PERF.

S. Tivesse	S. Houvesse	S. Fôsse
tivesses	houvesses	fôsses
tivesse	houvesse	fôsse
P. tivéssemos	P. houvéssemos	P. fôssemos
tivesseis	houvesseis	fôsseis
tivessem	houvessem	fôssem

FUTURO

S. Tiver	S. Houver	S. Fôr
tiveres	houveres	fôres
tiver	houver	fôr
P. tivermos	P. houvermos	P. fôrmos
tiverdes	houverdes	fôrdes
tiverem	houverem	fôrem

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Ter	Haver	Ser

PRESENTE PESSOAL

S. Ter	S. Haver	S. Ser
teres	haveres	seres
ter	haver	ser
P. termos	P. havermos	P. sermos
terdes	haverdes	serdes
terem	haverem	serem

GERUNDIO

Tendo	Havendo	Sendo

PARTICIPIO PASSADO

Tido	Havido	Sido

Observação. — Quando os verbos *ter* e *haver* são empregados como auxiliares, não têm *imperativo*, nem *participio passado*, excepto nos tempos compostos quando são verbos transitivos ; e o verbo *ser* no mesmo caso só tem este participio junto com outro auxiliar (*tenha sido* louvado, *havia sido* louvado, etc.).

CONJUGAÇÃO D'UM VERBO NA VOZ PASSIVA

Indicativo

PRESENTE

S. Sou, és, é } louvado, -a
P. somos, sois, são } louvados, -as

PRETERITO

S. Fui, foste, foi } louvado, -a
P. fomos, fostes, foram } louvados, -as

CONDICIONAL

S. Seria, serias, seria } louvado, -a
P. seriamos, serieis, seriam } louvados, -as

ou

(*Pret. mais-que-perf.*)

S. Fôra, fôras, fôra } louvado, -a
P. fôramos, fôreis, fôram } louvados, -as

FUTURO

S. Serei, serás, será } louvado, -a
P. seremos, sereis, serão } louvados, -as

PRETERITO IMPERFEITO

S. Era, eras, era } louvado, -a
P. éramos, ereis, eram } louvados, as

PRET. MAIS QUE PERF.

S. Fôsse, fôsses, fôsse } louvado, -a
P. fôssemos, fôsseis, fôssem } louvados, -as

FUTURO

S. Fôr, fôres, fôr } louvado, -a
P. formos, fordes, forem } louvados, -as

Imperativo

PRESENTE

S. Sê louvado, -a
P. sêde louvados, -as

Conjunctivo

PRESENTE

S. Seja, sejas, seja } louvado, -a
P. sejâmos, sejaes, sejam } louvados, -as

Infinitivo

PRESENTE IMPESSOAL

Ser louvado

PRESENTE PESSOAL

S. Ser, seres, ser } louvado, -a
P. sermos, serdes, serem } louvados, -as

OBSERVAÇÃO. Pelo modelo da conjugação completa do verbo *louvar*, facil é formar todos os seus tempos compostos na voz passiva: pret. impess.—*haver* ou *ter sido louvado;* pret. pess.—*haver* ou *ter sido louvado, -a, havermos* ou *termos sido louvados, -as*, etc.; futuro impess.—*haver* ou *ter de ser louvado;* futuro pess.—*haver* ou *ter de ser louvado, -a, haveres* ou *teres de ser louvado, -a*, etc.; pret. comp. do gerundio—*havendo* ou *tendo sido louvado, louvada, louvados, louvadas;* futuro comp. do gerundio—*havendo* ou *tendo de ser louvado, -a, -os, -as;* pret. comp. do pres. do indic.—*hei* ou *tenho sido*

louvado, -a, has ou *tens sido louvado, -a*, etc.; fut. comp. do pres. do indic. — *hei* ou *tenho de ser louvado, -a, havemos* ou *temos de ser louvados, -as*, etc.

CONJUGAÇÃO COMPLETA D'UM VERBO NA VOZ ACTIVA

Indicativo

PRESENTE

S. Louv-*o*	P. Louv-*ámos*
» *as*	» *aes*
» *a*	» *am*

PRETERITO COMP. DO PRESENTE (1)

S. Hei	ou	Tenho	louvado
has		tens	
ha		tem	
P. havemos		temos	
haveis		tendes	
hão		têm	

FUTURO COMP. DO PRESENTE

S. Hei	ou	Tenho	de louvar
has		tens	
ha		tem	
P. havemos		temos	
haveis		tendes	
hão		têm	

PRETERITO

S. Louv-*ei*	P. Louv-*ámos*
» *aste*	» *astes*
» *ou*	» *áram*

PRETERITO COMP. DO PRETERITO (2)

S. houve	ou	Tive	louvado
houveste		tiveste	
houve		teve	
P. houvemos		tivemos	
houvestes		tivestes	
houveram		tiveram	

FUTURO COMP. DO PRETERITO

S. Houve	ou	Tive	de louvar
houveste		tiveste	
houve		teve	
P. houvemos		tivemos	
houvestes		tivestes	
houveram		tiveram	

(1) Estas novas denominações dos tempos compostos, que pela sua symetria facilmente se prestam a ser decorados pelos alumnos, não explicam a significação e uso de taes linguagens, mas exprimem unicamente a sua fórma material, os elementos da sua composição. Na *Syntaxe* encontrar-se-á a significação e o emprego d'esses tempos compostos.

(2) Actualmente é raro o emprego d'este tempo, que se encontra aliás em bons classicos. Ex.: *Como* teve elegido *o logar para a fortaleza, andou buscando alguma pedra.* (J. BARROS).—*Depois que chegou ao logar* e houve comido (FERNÃO LOPES).—*Como El-Rei* houve bebido *o seu ultimo conforto...* (CAST.).

FUTURO

S. Louvar-*ei*
» *ás*
» *á*

P. Louvar-*emos*
» *eis*
» *ão*

PRETERITO COMP. DO FUTURO

S. Haverei / haverás / haverá
P. haveremos / havereis / haverão
ou
Terei / terás / terá / teremos / tereis / terão
louvado

FUTURO COMP. DO FUTURO

S. Haverei / haverás / haverá
P. haveremos / havereis / haverão
ou
Terei / terás / terá / teremos / tereis / terão
de louvar

PRETERITO IMPERFEITO

S. Louv-*ava*
» *avas*
» *ava*

P. Louv-*ávamos*
» *aveis*
» *avam*

PRETERITO COMP. DO IMPERFEITO

S. Havia / havias / havia
P. haviamos / havieis / haviam
ou
Tinha / tinhas / tinha / tinhamos / tinheis / tinham
louvado

FUTURO COMP. DO IMPERFEITO

S. Havia / havias / havia
P. haviamos / havieis / haviam
ou
Tinha / tinhas / tinha / tinhamos / tinheis / tinham
de louvar

CONDICIONAL

S. Louvar-*ia*
» *ias*
» *ia*

P. Louvar-*iamos*
» *ieis*
» *iam*

ou

(*Pret. mais que perf.*)

S. Louv-*ára*
» *áras*
» *ára*

P. Louv-*áramos*
» *áreis*
» *áram*

PRETERITO COMP. DO CONDICIONAL

S. Haveria	ou	Teria	louvado
haverias		terias	
haveria		teria	
P. haveriamos		teriamos	
haverieis		terieis	
haveriam		teriam	

FUTURO COMP. DO CONDICIONAL

S. Haveria	ou	Teria	de louvar
haverias		terias	
haveria		teria	
P. haveriamos		teriamos	
haverieis		terieis	
haveriam		teriam	

ou

S. Houvera	ou	Tivera	louvado
houveras		tiveras	
houvera		tivera	
P. houveramos		tiveramos	
houvereis		tivereis	
houveram		tiveram	

S. Houvera	ou	Tivera	de louvar
houveras		tiveras	
houvera		tivera	
P. houveramos		tiveramos	
houvereis		tivereis	
houveram		tiveram	

IMPERATIVO

PRESENTE

S. Louv-*a* P. Louv-*ae*

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Louv-*e* P. Louv-*emos*
» *es* » *eis*
» *e* » *em*

PRETERITO COMP. DO PRESENTE

S. Haja	ou	Tenha	louvado
hajas		tenhas	
haja		tenha	
P. hajâmos		tenhâmos	
hajaes		tenhaes	
hajam		tenham	

FUTURO COMP. DO PRESENTE

S. Haja	ou	Tenha	de louvar
hajas		tenhas	
haja		tenha	
P. hajâmos		tenhâmos	
hajaes		tenhaes	
hajam		tenham	

PRET. MAIS-QUE-PERF.

S. Louv-*asse* P. Louv-*ássemos*
» *asses* » *asseis*
» *asse* » *assem*

PRETERITO COMP. DO PRETERITO

S. Houvesse / houvesses / houvesse
P. houvéssemos / houvesseis / houvessem

ou

Tivesse / tivesses / tivesse / tivéssemos / tivesseis / tivessem

louvado

FUTURO COMP. DO PRETERITO

S. Houvesse / houvesses / houvesse
P. houvéssemos / houvesseis / houvessem

ou

Tivesse / tivesses / tivesse / tivéssemos / tivesseis / tivessem

de louvar

FUTURO

S. Louv-*ar* / » *ares* / » *ar*

P. Louv-*armos* / » *ardes* / » *arem*

PRETERITO COMP. DO FUTURO

S. Houver / houveres / houver
P. houvermos / houverdes / houverem

ou

Tiver / tiveres / tiver / tivermos / tiverdes / tiverem

louvado

FUTURO COMP. DO FUTURO

S. Houver / houveres / houver
P. houvermos / houverdes / houverem

ou

Tiver / tiveres / tiver / tivermos / tiverdes / tiverem

de louvar

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Louv-*ar*

PRETERITO IMPESSOAL

Haver ou ter louvado

FUTURO IMPESSOAL

Haver ou ter de louvar

PRESENTE PESSOAL

S. Louv-*ar* / » *ares* / » *ar*

P. Louv-*armos* / » *ardes* / » *arem*

PRETERITO PESSOAL

S. Haver / haveres / haver
P. havermos / haverdes / haverem

ou

Ter / teres / ter / termos / terdes / terem

louvado

FUTURO PESSOAL

S. Haver / haveres / haver
P. havermos / haverdes / haverem

ou

Ter / teres / ter / termos / terdes / terem

de louvar

GERUNDIO

Louv-*ando*

PRETERITO COMP. DO GERUNDIO
Havendo ou tendo louvado

FUTURO COMP. DO GERUNDIO
Havendo ou tendo de louvar

PARTICIPIO PASSADO

Louv-*ado*

Conjugação d'um verbo pronominal

DIGNAR-SE

INDICATIVO

PRESENTE

S. Eu *me* digno
tu *te* dignas
elle *se* digna
P. nós *nos* dignâmos
vós *vos* dignaes
elles *se* dignam

PRETERITO

S. Eu *me* dignei
tu *te* dignaste
elle *se* dignou
P. nós *nos* dignámos
vós *vos* dignastes
elles *se* dignáram

FUTURO

S. Eu *me* dignarei
tu *te* dignarás
elle *se* dignará
P. nós *nos* dignaremos
vós *vos* dignareis
elles *se* dignarão

ou

S. Dignar-*me* hei
dignar-*te* has
dignar-*se* ha
P. dignar-*nos* hemos
dignar-*vos* heis
dignar-*se* hão

PRETERITO IMPERFEITO

S. Eu *me* dignava
tu *te* dignavas
elle *se* dignava
P. nós *nos* dignavamos
vós *vos* dignaveis
elles *se* dignavam

CONDICIONAL

S. Eu *me* dignaria
tu *te* dignarias
elle *se* dignaria
P. nós *nos* dignariamos
vós *vos* dignarieis
elles *se* dignariam

ou

S. Dignar-*me* hia
dignar-*te* hias
dignar-*se* hia
etc.

ou

S. Eu *me* dignára
tu *te* dignáras
elle *se* dignára
etc.

IMPERATIVO

PRESENTE

S. Digna-*te* tu
P. dignae-*vos* vós

CONJUNCTIVO

PRESENTE

S. Eu *me* digne
tu *te* dignes
elle *se* digne
P. nós *nos* dignemos
vós *vos* digneis
elles *se* dignem

PRET. MAIS-QUE-PERF.

S. Eu *me* dignasse
tu *te* dignasses
elle *se* dignasse
etc.

FUTURO

S. Eu *me* dignar
tu *te* dignares
elle *se* dignar
etc.

INFINITIVO

PRESENTE IMPESSOAL

Dignar-*se*

PRESENTE PESSOAL

S. Dignar-*me* eu
dignares-*te* tu
dignar-*se* elle
P. dignarmo-*nos* nós
dignardes-*vos* vós
dignarem-*se* elles

GERUNDIO

Dignando-*se*

Observações sobre alguns verbos regulares

A.) Os verbos terminados em:

a) **oar** — mudam o *o* em *ô* no pres. indicat. e pres. conj., excepto na 1ª e 2ª pessôas do plural dos ditos tempos: *coroar, corôo, corôe; voar, vôo, vôe; abençoar, abençôo, abençôas*, etc.;

b) **car** — mudam o *c* em *qu* antes de *e: applacar, applaque; arrancar, arranque*, etc.;

c) **gar** — mudam o *g* em *gu* antes de *e: afogar, afogue; apagar, apague; folgar, folgue; jogar, jogue*, etc.;

d) **ger, gir** — mudam o *g* em *j* antes de *o, a: abranger, abranjo, abranja; eleger, elejo, eleja; erigir, erijo, erija; fugir, fujo, fuja*, etc.;

e) **guer, guir** — perdem o *u* antes de *a, o: erguer, ërga, ërgo; distinguir, distingo, distinga, distingas*, etc. (exceptua-se *arguir*);

f) **çar** — mudam o *ç* em *c* antes de *e: alcançar, alcance;*

g) **cer** — mudam o *c* em *ç* antes de *a* ou *o: adoecer, adoëço, adoêça*, etc.;

h) **ear, iar** — mudam o *e* e o *i* em *ei* no pres. do ind. e pres. do conj., excepto na 1ª e 2ª pess. do plural (taes são: *recrear, ceiar, grangear, prantear, vaguear, anciar, odiar, commerciar,*

diligenciar, *evidenciar*, *incendiar*, *licenciar*, *mediar*, *negociar*, *premiar*, *presenciar*, *remediar*, *sentenciar*, etc.). Exceptua-se *crear*, cujo *e* se muda em *i:* crio, crias, cria, creâmos, creaes, criam; e os verbos—*adiar*, *afiar*, *alliar*, *alumiar*, *aviar*, *contrariar*, *confiar*, *copiar*, *fiar*, *miar*, *saciar*, *tosquiar* e *variar*, cujo *i* se conserva sem alteração.

B). Em alguns verbos da 3ª conjugação a penultima syllaba do infinitivo soffre as seguintes modificações, influenciada pela vogal immediata:

a) O *e* surdo passa para *i* na 1ª pess. do sing. do pres. do ind., e em todas as do pres. do conj.: despir, dispo, despes, despe, dispa, dispas, dispâmos, etc. E assim os verbos—*vestir*, *adherir*, *ferir*, *advertir*, *competir*, *conseguir*, *seguir*, *repetir*, *servir*, *reflectir* e *expellir*.

Nos verbos *prevenir*, *aggredir*, *progredir* e *transgredir*, aquelle *e* passa para *i* sempre que seja accentuado: previno, prevines, previna, etc.

b) O ẽ (en) nasal, não accentuado, passa para ĩ (in) na 1ª pess. do sing. do pres. do ind. e em todas as do pres. do conj.: sentir, sinto, sinta, sintâmos; mentir, minto, minta, mintâmos, etc.

c) O *o* (pronunciado *u*) não accentuado, passa para *u* na 1ª pess. do sing. do pres. do ind. e em todas as do pres. do conj.: dormir, durmo, durma, durmas, durmâmos, etc. E assim os verbos—*cobrir*, *descobrir* e *encobrir*.

Nos verbos—*cortir* e *sortir* o *o* muda-se em *u* quando é accentuado: cortir, curto, curtes, curte, curtem, curta, curtas, etc.

d) O *u* não accentuado muda-se em *o* aberto (accentuado) na 2ª e 3ª pess. do sing. e 3ª do pl. do pres. do ind. e no sing. do imperat.: acudir, acodes, acode; construir, constroes, constroe, etc. E assim os verbos—*bulir*, *consumir*, *cuspir*, *destruir*, *engulir*, *fugir*, *sacudir*, *subir*, *sumir* e *tussir*.

D'esta alteração exceptuam-se os verbos—*assumir*, *entupir*, *instruir*, *obstruir*, *nutrir*, *punir*, *vir*, *presumir*, *reassumir*, *rugir*, *zumbir*, *supprir*, etc.

C). Nos verbos *crer* e *ler*, quando aos themas *cre* e *le* se segue *o* ou *a*, o *e* alarga-se em *ei: creio*, *creia*, *creias; leio*, *leia*, *leias*, *leiámos*, *leiaes*, *leiam;* e semelhantemente no verbo *requerer*, quando ao *r* se segue *o* ou *a: requeiro*, *requeira*, *requeiras*, *requeiramos*, etc. Em linguagem ant. a 3ª pess. do sing. do ind. presente era sempre *requere;* actualmente escreve-se *requer*, ainda que, se se lhe seguir o pronome *o*, *a*, escrevemos *requere-o*, *requere-a*, como no verbo *querer*.

Egualmente nos verbos da 3ª conj. cuja vogal thematica é precedida de z (*adduzir*, *conduzir*, *deduzir*, *reduzir*, *luzir*, *produzir*,

etc.), o *e* da 3ª pess. do sing. do ind. pres. é apocopado: *adduz*, *conduz*, *deduz*, *reduz*, *luz*, etc. Finalmente, naquelles cuja vogal thematica é precedida de *a* (*-air*), esta vogal alarga-se em *ai* quando não se lhe siga *i*: *saio*, *saies*, *saia*, *saias*, *saîmos*, etc.; e assim nos verbos *cair*, *contrair*, *distrair*, *esvair*, etc.

Conjugação de alguns verbos irregulares nos tempos onde o são (1)

1ª CONJUGAÇÃO

D-ar

INDIC. PRES.: Dou, dás, dá, dâmos, daes, dão.
PRET.: Dei, déste, deu, démos, déstes, déram.
PRET. MAIS Q.-PERF.: Déra, déras, déramos, etc.
CONJ. PRES.: Dê, dês, dê, dêmos, deis, dêem.
PRET. M.-Q.-P.: Désse, désses, déssemos, etc.
FUT.: Dér, déres, dér, dérmos, dérdes, dérem.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjuga *desdar*. *Circumdar* é regular.

Est-ar

INDIC. PRES.: Estou, estás, está, estâmos, estaes, estão.
PRET.: Estive, estiveste, esteve, estivemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Estivera, estiveras, estivéramos, etc.
CONJ. PRES.: Esteja, estejas, esteja, estejâmos, estejaes, estejam.
PRET. M.-Q.-P.: Estivesse, estivesses, estivéssemos, etc.
FUT.: Estiver, estiveres, etc.

---

(1) Não mencionamos o imperativo por serem as suas pessôas as mesmas do pres. do ind., tirado o *s* final.

Observação. Por este se conjuga *sobre-estar*. Os compostos — *constar* (impessoal), *obstar*, *prestar*, *restar* e *sustar* são regulares.

2ª CONJUGAÇÃO

Cab-er

INDIC. pres.: Caibo, cabes, cabe, cabemos, etc.
pret.: Coube, coubeste, coube, coubemos, etc.
pret. m.-q.-p.: Coubera, couberas, etc.
CONJ. pres.: Caiba, caibas, caibâmos, etc.
pret. m.-q.-p.: Coubesse, coubesses, etc.
fut.: Couber, couberes, etc.

Diz-er

INDIC. pres.: Digo, dizes, diz, dizemos, etc.
pret.: Disse, disseste, dissemos, etc.
futuro.: Direi, dirás, dirá, etc.

cond.: Diria, dirias, etc.
pret. m.-q.-p.: Dissera, disseras, disséramos, etc.
CONJ. pres.: Diga, digas, digâmos, etc.
pret. m.-q.-p.: Dissesse, dissesses, disséssemos, etc.
fut.: Dissér, disséres, etc.
participio pass.: Dito.

Observação. Por este se conjugam os compostos — *bemdizer*, *condizer*, *contradizer*, *desdizer*, *maldizer* e *predizer*.

Faz-er

INDIC. pres.: Faço, fazes, faz, fazemos, etc.
pret.: Fiz, fizeste, fez, fizemos, etc
fut.: Farei, farás, fará, etc.
cond.: Faria, farias, fariamos, etc.
pret. m.-q.-p.: Fizera, fizeras, fizéramos, etc.
CONJ. pres.: Faça, faças, façâmos, etc.
pret. m.-q.-p.: Fizesse, fizesses, fizéssemos, etc.
fut.: Fizer, fizeres, etc.
part. pass.: Feito.

Observação. Por este se conjugam os compostos — *afazer*, *contrafazer*, *desfazer*, *perfazer*, *refazer* e *satisfazer*.

Hav-er

OBSERVAÇÃO. O verbo *rehaver* só se emprega nas fórmas em que entra o *v*.

Perd-er

INDIC. PRES.: Perco, perdes, perde, perdemos, etc.
CONJ. PRES.: Perca, percas, percâmos, etc.

Pod-er

INDIC. PRES.: Posso, podes, póde, podêmos, etc.
PRET.: Pude, podeste, pôde ou poude, podémos, etc.
CONJ. PRES.: Possa, possas, possâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Podésse, podésses, etc.
FUT.: Podér, podéres, etc.
N. B. Não tem imperativo.

P-or (*po-er*)

INDIC. PRES.: Ponho, pões, põe, pômos, pondes, põem.
PRET.: Pus, poseste, pôs, posémos, posestes, poseram.
FUT.: Porei, porás, porá, poremos, poreis, porão.
PRET. IMP.: Punha, punhas, púnhamos, punheis, punham.
COND.: Poria, porias, poríamos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Posera, poseras, etc.
CONJ. PRES.: Ponha, ponhas, ponhâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Posésse, posésses, poséssemos, etc.
FUT.: Posér, poséres, posérmos, etc.
GER.: Pondo.
PART. PASS.: pôsto.

OBSERVAÇÃO. E assim os compostos — *antepôr*, *oppôr*, *compôr*, *contrapôr*, *dispôr*, *impôr*, etc.

Praz-er (*impessoal*)

INDIC. PRES.: Praz.
PRET.: Prouve.
PRET. M.-Q.-P.: Prouvera.
CONJ. PRET. M.-Q.-P.: Prouvesse.
FUT.: Prouver.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjuga — *aprazer*. *Comprazer* tem conjugação completa, e só é irregular na 3ª pess. sing. do pres. do ind. — *compraz*. Quasi sempre se emprega na fórma pronominal — *comprazer-se*.

Quer-er

INDIC. PRES.: Quero, queres, quer, queremos, etc.
PRET.: Quis, quiseste, quis, quisemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Quisera, quiseras, quiseramos, etc.
CONJ. PRES.: Queira, queiras, queirâmos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Quisesse, quisesses, quisêssemos, etc.
FUT.: Quiser, quiseres, quisermos, etc.
N. B. Não tem imperativo.

Sab-er

INDIC. PRES.: Sei, sabes, sabe, sabemos, etc.
PRET.: Soube, soubeste, soube, soubémos, etc.
CONJ. PRES.: Saiba, saibas, saibâmos, saibaes, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Soubesse, soubesses, soubessemos, etc.
FUT.: Souber, souberes, etc.

S-er e T-er

OBSERVAÇÃO. Pelo verbo *ter* se conjugam—*abster*, *ater*, *conter*, *deter*, *entreter*, *manter*, *obter*, *reter* e *suster*.

Traz-er

INDIC. PRES.: Trago, trazes, traz, trazemos, etc.
PRET. Trouxe, trouxeste, trouxemos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Trouxera, trouxeras, trouxéramos, etc.
FUT. Trarei, trarás, trará, etc.
COND.: Traria, trarias, trariamos, etc.
CONJ. PRES.: Traga, tragas, tragamos, tragaes, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Trouxesse, trouxesses, trouxessemos, etc.
FUT.: Trouxer, trouxeres, etc.

Val-er

INDIC. PRES.: Valho, vales, vale, valemos, etc.
CONJ. PRES.: Valha, valhas, valhâmos, valhaes, etc.

V-er

INDIC. PRES.: Vejo, vês, vêmos, vêdes, vêem.
PRET.: Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.
PRET. M.-Q.-P.: Vira, viras, viramos, vireis, etc.
CONJ. PRES.: Veja, vejas, vejâmos, vejaes, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Visse, visses, vissemos, etc.
FUT.: Vir, vires, virmos, etc.
PART. PASS.: Visto.

Observação. Do mesmo modo os comp.—*antever*, *entrever*, *prever* e *rever*. *Prover* conjuga-se como *ver*, mas é regular no pret. simples e no pret. mais-q.-perf. do ind. (*provi*, *proveste*, etc., *provêra*, *provêras*, etc.), no pret. mais-q.-perf. do conj. (*provêsse*, *provêsses*, etc.) e no part. pass. (*provido*). E do mesmo modo *desprover*.

3ª CONJUGAÇÃO

Ir (1)

INDIC. PRES.: Vou, vaes, vae, vamos (ou imos), ides, vão.
PRET.: Fui, foste, foi, fômos, fostes, fôram.
FUT.: Irei, irás, irá, iremos, ireis, irão.
PRET. IMP.: Ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.
COND.: Iria, irias, iria, iriamos, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Fôra, fôras, fôra, fôramos, etc.
Conj. PRES.: Vá, vás, vá, vâmos, vades, vão.
PRET. M.-Q.-P.: Fôsse, fôsses, fôsse, fôssemos, etc.
FUT.: Fôr, fôres, fôr, etc.
GER.: Indo.
PART. PASS.: Ido.

Ouv-ir

INDIC. PRES. Ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem.
CONJ. PRES. Ouça, ouças, ouça, ouçâmos, ouçaes, ouçam.

Ped-ir

INDIC. PRES.: Peço, pedes, pede, pedimos, etc.
CONJ. PRES.: Peça, peças, peçámos. peçaes, peçam.
Observação. Do mesmo modo se conjugam os verbos—*despedir e impedir*. Semelhantemente se conjuga—*medir*.

Rem-ir *(redimir)*

INDIC. PRES.: Redimo, redimes, redime, remimos, remis, redimem.
CONJ. PRES.: Redima, redimas, redima, redimâmos, etc.

R-ir

INDIC. PRES.: Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.
CONJ. PRES.: Ria, rias, ria, riâmos, riaes, riam.

---

(1) Este verbo, rigorosamente falando, é defectivo: completa-se com os tempos e pessoas d'outros verbos. Algumas das suas flexões provêm do verbo lat. *ire*, outras do verbo *vadere*, e outras da raiz *fu*.

V-ir

INDIC. PRES.: Venho, vens, vem, vimos, vindes, vêm.
PRET.: Vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.
PRET. IMP.: Vinha, vinhas, vinhamos, vinheis, etc.
PRET. M.-Q.-P.: Viera, vieras, viéramos, viereis, etc.
CONJ. PRES.: Venha, venhas, venhâmos, etc.
PRET. M.-P.-Q.: Viesse, viesses, viéssemos, etc.
FUT.: Vier, vieres, viermos, etc.
PART. PASS.: Vindo.

OBSERVAÇÃO. Por este se conjugam os comp. — *advir*, *avir-se*, *contravir*, *convir*, *desavir*, *intervir* e *sobrevir*.

Observações sobre os verbos defectivos e impessoaes

Defectivos.— D'entre os *defectivos* carecem de pessoas, cujas terminações comecem por **a** ou **o**, os verbos—*brandir*, *carpir*, *discernir*, *explodir*, *feder*, *fruir*, *fulgir*, *ganhir*, *latir* ; e egualmente aquelles cujas terminações comecem por **a, o, e**: *abolir*, *addir*, *banir*, *colorir*, *delinquir*, *delir*, *demolir*, *exhaurir*, *extorquir*, *fallir*, *florir*, *munir*, *polir*, *renhir*, *retorquir*, *submergir* (1). Os verbos *precaver* e *rehaver* não se empregam nas tres pess. do sing. e na 3ª do plural do ind. pres., no imperat. e no conj. pres.

Impessoaes (2).— Verbos *impessoaes*, propriamente di-

---

(1) Todavia, CASTILHO disse : *Esta amor produz, aquella os* bane. (*Metamorph.*).— *O padre* extorque *o fato* (*Fastos*).—*Que lhas* extorquam. (*Idem*); e CAMILLO : *Maneiras que disfarcem e* colorem *as concessões*.— *A penitencia* dele *as culpas*.

(2) Os verbos *impessoaes* exprimem factos sem os referir a sujeitos determinados ; ao passo que os verbos pessoaes apresentam a acção referida á pessoa ou coisa que a produz. Aquelles tambem se lhes costuma dar o nome de *unipessoaes* por se conjugarem só nas 3as. pess. do singular ; attende-se neste caso apenas á fórma exterior, ao contrario da denominação de *impessoaes*, que exprime a propria essencia de taes palavras.

O verbo *haver* (transitivo) tambem póde ser empregado impessoalmente, ex.: ha *homens sabios ;* — houve *grandes festas ;* — havia *lá muito livro ;* — ha de haver *exames em outubro ;* etc.

Com o pronome indefinido *se* dá-se tambem a alguns verbos a fórma impessoal, ex.: diz-se *que ha de vir ;* — estudava-se *muito então ;*— comeu-se *e* bebeu-se *com satisfação*, etc. A indeterminação do agente é algumas vezes representada pela 3ª pess. do plural do verbo (vide *Synt., Emprego dos pron.*) ; e até na 3ª do singular, ex.: faz *calor*.

Na linguagem popular (e ainda nos classicos) encontram-se ás vezes orações impessoaes, tendo apezar d'isso expresso, por um modo analogo ao dos francezes, um pronome ou sujeito neutro. Ex.: *Pois sempre* elle *será verdade?* (GARRETT).— *Pois se* elle *ha dôres como laminas de ferro enterradas no peito...!* (CAMILLO.)

tos, são os que em sentido proprio se usam só nas terceiras pessoas do singular, como—*pesar* (ter sentimento), *prazer* e os seguintes: *amanhecer*, *anoitecer*, *chover*, *nevar*, *orvalhar*, *trovejar*, *ventar*, *relampejar*, etc., cujos sujeitos podem ser *o dia*, *o tempo*, *o céu*, *a nuvem*, etc., ordinariamente occultos; excepto quando taes verbos se empregam figuradamente. Ex.:

E (**Deus**) *lhes choveu o manná para comer, e lhes deu pão do céu* (Ant. Per. Figueiredo. (1)

---

(1) Ainda se consideram impessoaes certos verbos, cujo sujeito é uma oração do modo infinitivo ou finito com a conjuncção *que*, como os seguintes: *convir* (ser conveniente), *cumprir* (ser necessario), *importar* (ser util ou conveniente, valer, interessar), *acontecer*, *parecer*, *relevar*, etc. Ex.: *Muitas vezes nas orações dos verbos impessoaes concorrem palavras no numero plural, que* **parece** *serem os sujeitos d'esses verbos* (L. Coelho, *Encyclop.*). — *A mim* **convem** *dar doutrina, a ti* **releva** *aprender sciencia, aos homens* **apraz** *ter dinheiro, ás mulheres* **cumpre** *honestidade, e a todos obedecer aos preceitos da igreja.* (J. Barros, *Gramm*).

O verbo *ser* tambem algumas vezes se emprega impessoalmente. Ex.: *Quando* **foi** *do terremoto, contava ella cincoenta annos.* (Cam.).— **Foi** (**aconteceu**) *uma tarde de abril* (Rebello).

IX

Observações supplementares (1)

1. Os verbos que contém *c*, *g*, *gu*, *qu*, soffrem pequenas alterações exigidas pela orthographia: fi*car*, fi*quei*; ce*gar*, ce*guei*; julgo, julguemos; distin*guir*, distin*go*; di*rigir*, di*rijo*; ele*ger*, ele*jo*; agradece*r*, agrade*ço*.

2. Na PRIMEIRA CONJUGAÇÃO, os verbos em *ear* e *iar* formam o presente em *eio* ou *io*, e grammaticos e escriptores nesse ponto muito se contradizem (V. neste livro a *Etymologia*, III parte, e o capitulo anterior).

A regra por onde é mais facil acertar é seguir-se a desinencia *eio*, *eia* nos verbos em *ear* ou *eiar* e a desinencia *io*, *ia* nos verbos em *iar*. Digam-se, comtudo, sempre *odeio* e *premeio* por serem de uso.

Camões escreve *lisonge* em logar de *lisongeia*:

> Por que a fama te exalte e te *lisonge*
> *Lus.* IV, 101.

— E *estê* por esteja em varios classicos: «Por mais mudado que *estês* (Sá de Miranda).

— Sobre *crear* e *criar*. (Vide a *Syntaxe*, verbos). Por analoga distincção formam-se de um só dous verbos: *parar* e *pairar*; *pugnar* e *punir* (com o sentido de *pugnar*).

3. Na SEGUNDA CONJUGAÇÃO, o verbo *perder*, ainda nos classicos, apparece com as fórmas *perdo*, *perda*, por *perco*, *perca*. E *morrer* em Camões com as variantes *mouro*, *moura*.

> Mas *moura* emfim nas mãos da bruta gente
> *Lus.* II, 41.

> Naquelle por quem *mouro* criarei
> Estas reliquias suas.
> *Lus.* III, 129.

---

(1) Muitas d'essas observações se acham feitas no capitulo antecedente.

— Eram da *segunda conjugação* no portuguez antigo *poêr* (pôr), *aduzer*, *caer*, *cinger*, *esparger*, *fenger*, e o eram tambem no latim com a terminação *êre*.

4. Na Terceira conjugação, os verbos que contêm *u* nas syllabas finaes mudam-no para *o* no presente: consumo, consome; destruo, destroe; acude, acóde; fujo, foge; cuspo, cospe; engulo, engole; tusso, tosse; bulo, bole; cubro, cobre; e assim *construir*, *subir*, *sacudir*, *sumir*.

Esta é a regra, mas não o era no tempo dos classicos e dos bons auctores. Ha em Ferreira, Bernardez, Vieira, *acude*, *consume*, *cubre*. E em Camões:

Mas seguindo a victoria *estrue* e mata

Lus. I, 90.

Dizendo, *fuge*, *fuge*, lusitano

Lus. II, 61.

E ha verbos de identica terminação que não fazem variar a vogal: *presumir*, *resumir*, *ruir*, *derruir* e os em *luir*: *fluir*, *diluir*.

— Irregularidade analoga é a transformação do *o* e *e* nos verbos: sentir, *sinto;* ferir, *firo;* dormir, *durmo;* servir, *sirvo;* seguir, *sigo;* impedir, *impido* (1).

— No antigo portuguez dizia-se *senço*, *mènço* (e começar), por *mido* e *meço; arço*, por ardo, e *ovo* (por ouço) ainda em Gil Vicente.

5. Dos Participios conforme o typo latino, em geral de pouco uso, muitos se tornaram nomes e já não lembram a origem verbal: *lévedo*, *bébedo*, ou bebado, *quéda*, *colheita*, *tinta*, *cinto*.

---

(1) Em algumas edições dos *Lusiadas* e na de J. da Fonseca, encontra-se *sigue* (III, 30; III, 68), que se não lê em outras melhores. Vide Reinhardstœttner, *Gram.* 236, e os seus *Lusiadas*. Quanto á alteração da vogal nos verbos, registram-se os casos que occorrem nos classicos na minha *Selecta Classica*, em varias notas, nomeadamente n. 181.

X

Derivação e composição. Prefixos

Palavras derivadas, em geral, são as que se formam de outras por meio de *suffixos* ou terminações: *amoroso* (de *amor* + suffixo *oso*).

Palavras compostas, em geral, são as que se formam de outras precedidas de um PREFIXO, ou são as que se compõem de dous ou mais termos juxtapostos. No primeiro caso, o composto diz-se por *prefixação*, v. gr.: *prever* (do prefixo *pre* e do verbo *ver*) ; *contradizer* (do prefixo *contra* e do verbo *dizer*), etc. No segundo caso, o vocabulo diz-se *composto por juxtaposição: saca-rolhas, pedra-pomes.*

1.—Juxtaposição

Na *juxtaposição* é muito de notar a ordem dos elementos componentes do vocabulo. Em regra, o primeiro elemento é geral e o segundo é particular e determinante. Assim, em *couve-flôr*, o elemento *couve* exprime o genero, e *flôr* a especie. Esta regra é essencial á ordem analytica da lingua ; mas no latim a inversão é commum e o primeiro elemento exprime a idéa especifica. D'ahi, as excepções que se encontram nos compostos eruditos, tirados do latim ou formados de accôrdo com os typos latinos de composição : *silvicultura*, *agricultura*, etc., em que os elementos *silvi* (selva) e *agri* (campo) representam o sentido particular, e *cultura* o geral.

Entre os compostos, alguns ha cujos elementos estão de tal fórma agglutinados que a separação d'elles é de todo impossivel. Taes são: *manobra* (*man*+*obra*), de (*manus*+*opera*), etc. Esses compostos dizem-se *agglutinados*, por apresentarem perfeita e completa aggregação de seus elementos. Exemplos:

Marmota — do lat. *murem montis* (rato montez)
Avestruz — *avis struthica.*
Condestavel — *comes stabuli* (intendente de estrebaria).
Salitre — *sal petræ* (sal de pedra) *sal nitrum.*
Pedra-húme — *petra alumen* (pedra alumina).

Ha outros casos d'estes compostos em que os elementos vieram agglutinados do latim; é o que se observa em:

Ourives — do lat. *aurifex*, que é um composto de *aurum* (ouro) e do verbo *facere* (fazer).
Equinoxio — do lat. *æquinoctium*, que é um composto de *nox* (noute) e do adjectivo *æquus* (igual). Noutes iguaes.
Privilegio — do lat. *privilegium*, que se compõe de *privus*, particular, e *lex*, lei.
Registo — do lat. *registum*, composto do *res*+*gestæ*, cousas feitas, obradas.
Trevo — do lat. *trifolium*, composto de *tria* (tres) e *folium* (folha).
Ouropel — *auripellum*

Estes e outros nomes em que a agglutinação dos elementos é completa, sempre recebem a flexão como se fossem vocabulos simples, pela modificação da desinencia: *registo*, *registos*, etc.

Os typos mais frequentes de juxtaposição de diversos elementos são os seguintes:

1. **Substantivo** mais outro substantivo. *Pedra-pomes*, *redactor-chefe*, *carta-bilhete*, *banho-maria*. A flexão do plural d'esses nomes é feita pelos dous elementos: *redactores-chefes*, *cartas-bilhetes*.

2. **Substantivo** mais adjectivo, ou adjectivo mais substantivo. *Pernilongo*, *meio-dia*, *boquiaberto*, *grão-mestre*, *capitão-mór*, *passeio-publico*, *gentil-hômem*, *balança-romana*, etc.

Os dous elementos d'este caso formam a flexão do plural: *gentis-homens*, *capitães-môres*. Salvo quando uma das fórmas por natureza ou contracção conserva-se invariavel: PERNI-*longos*, GRÃO-*mestres*, etc.

3. **Substantivo** mais verbo, ou verbo mais substantivo. *Saca-rolhas*, *fura-paredes*, *cata-vento* (*v.catar=vêr*), *porta-relogio*, *porta-pennas*, *guarda-roupa*, *puchavante*, etc.

Nesta classe ficam incluidos os adjectivos em *fero* (levar), **em** *gero* (trazer), **em** *vomo* (vomitar). **Exemplos:** *aligero, pestifero, flammivomo*, etc.

Os agglutinados mais notaveis **são:** *manietar* (*mãos atar*) ; *acabrunhar* (*caput*+*pronare*, dobrar **a cabeça**); *averiguar* (*ad*+*verum*+*collare, avericolare*, segundo outros, *verificare*), etc.

A flexão do plural, quando existe, só é determinada no ultimo elemento: *porta-relogios, cata-ventos*.

4.. **Adjectivo** mais adjectivo. *Agridoce, doce-amargo, verde-gaio* (verde-alegre, no fr. *gai*), *lusco-fusco*. O plural, no ultimo termo : *agridoces*.

Exemplo de um agglutinado : *sestercio*, do lat. *sestercium*, composto de *semis-tertius*, isto é, dous e meio.

5. **Particula** com um nome adjectivo ou substantivo. *Entre-acto, entre-mez, sobre-mesa, contra-maré, ante-olhos, mascavado, semsaboria, bemdizer, maldizer, adeus, recem-nascido, ante-braço, sub-delegado*.

O plural, no ultimo elemento: *sobremesas, adeuses*.

Entre esses agglutinados notam-se : *benzer*, de *benedicere ; benção*, de *benedictionem ; biscouto*, de *bis-coctus*, duas vezes cozido ; e os propriamente latinos : *Benedicto* (*bene-dictus*); *peninsula* (*pene*=quasi, *insula*=ilha) ; *sandeu* (*sans dieu, sem Deus*).

São da mesma categoria, *maleficio, beneficio, malevolencia, benevolencia, intervallo, proconsul*.

6. **Compostos** introduzidos no idioma por influencia de linguas estrangeiras. Estes *compostos* são do grego, das linguas germanicas e das americanas e semiticas, na maior parte. Formam o plural como as palavras simples. (1)

a) De linguas germanicas : *high-life, tram-way, roast-beef (rosbife), gentleman, sportsman*.

b) Do grego : *philosophia, chiromante*, etc.

---

(1) Comtudo, como é ainda insufficiente a disciplina classica no emprego d'estes nomes—ha quem adopte o plural das linguas originarias: *desiderata, gentlemen, etc.* Mas esse uso só se justifica em palavras que se conservaram incorruptas e na sua fórma etymologica.

c) De linguas semiticas: *cheque-mate*, *benjoim*, *masmorra*, etc.

d) De linguas americanas: *capoeira* (matto), *Catumby*, etc.

Vendaval	— Vent d'aval. Francez.
Gendarme	— Gens d'armes. Francez.
Fidalgo	— Hijo d'algo.
High-life	— Alta vida. Inglez.
Roast-beef	— Tostada carne. Idem.
Philosophia	— Amor da sabedoria. Grego.
Geologia	— Terra-sciencia. Idem.
Orthographia	— Correcta-escriptura. Idem.
Benjoim	— *Luban-Jauin*, incenso de Java. Arabe.
Masmorra	— *Mats-mora*, cova subterranea. Idem.
Capoeira	— *Cáa-paun-éra*, matto redondo que existiu. Tupi.
Lansquenet	— *Landknecht*, terra servidor. Germanico.
Caparosa	— *Kupfer-asche*, cobre-cinzas. Germanico.
Huguenotes	— *Eid-genossen*, a juramento ligados. Germanico.
Marechal	— *Mähre-Schalk*, cavallo servo. Germanico.
Kermesse	— *Ker-misse*, igreja missa. Hollandez.
Caróba	— *Cáa*, matto; *roba*, amargo; lingua tupi.

Compostos modernos, a modo de apposição, dispensam por abreviatura a preposição que serve de connectivo:

Collegio Pedro II	Collegio de Pedro II.
Ministerio Saraiva	Ministerio do Snr. Saraiva.
Rapé Meuron	Rapé de Meuron.
Canhão Krupp	Canhão de Krupp.

Este genero de abreviaturas é notavelmente usado quando um dos elementos é nome proprio, ou de titulo e marca distinctiva dos objectos.

II—Prefixos

Chamam-se **prefixos** as particulas que entram na composição dos vocabulos: *sub*-entender, *pre*-videncia, *archi*-duque.

Os prefixos são em geral *gregos* ou *latinos*, conforme a origem.

Os **prefixos latinos** mais usados são:

Ab—marca separação. *Ab-jurar*, separar-se do juramento. *Ausente* (ab-sente), o que está longe. *Absorver*, *abdicar*.

Ad—exprime direcção. Toma por assimilação as fórmas *ac*, *ag*, *af*, *al*, *ap*, *ar*, *as*, *at:* acclamar, aggravar, affirmar, alugar, apparecer, arrecear-se, assentar, attender.

Ante—antes. Antediluviano, antepôr. (Corrijam-se os erros: *antidatar*, *anticamara* para *antedatar*, *antecamara;* é preferivel escrever *antecipar*, apezar de *anticipare* (latino). Vide *Anti* na parte dos prefixos gregos.

Bis e **bi**—duas vezes. Biscouto (duas vezes cozido), bipede (de dous pés).

Circum—ao redor. Circum-navegar, circumpolar (ao redor do pólo).

Cum—companhia. Toma as fórmas *col*, *co*, *cor:* collaborar (trabalhar com outro), corresponder (responder com outro), coevo.

Contra—contradizer, contra-tempo. Na fórma *contro:* controverter.

De—direcção de cima para baixo. Demittir (Aur. Pimentel), declarar, delegar, deferir.

Di e **dis**—direcção para differentes partes. Disseminar, disputar, differir. Escreva-se *dilapidar* e não *delapidar;* discorrer e não *descorrer*, e distinga-se *differir* e *deferir*. Foi de máo uso o haver-se adoptado a orthographia *des* em logar de *dis* em *desinquieto*, *desencontrado*, *desferir*, etc.

Des—longe de, sem, privação. Deshonra, descobrir, desagradavel. Toma ás vezes a fórma *dis: diffamar;* seria preferivel escrever *defamar*, que era de uso antigamente.

E, ex—extracção, origem. Excentrico (fóra do centro). A's vezes têm as fórmas *ef*, *e:* efficiente, eleito, enorme (fóra do normal), expôr, enumerar.

Entre. Veja-se **Inter.**

Extra—além, fóra de. Extraordinario, extra-legal.

In—exprime negação. Inactivo, injustiça. Toma as fórmas *il, im, in, ir:* illegal, immaterial, innocente, irresoluto. Muitas vezes o nome componente não existe isolado, como em im-placavel, in-extinguivel, in-exoravel. (1)

In—exprime inclusão. Irradiar, enterrar. Soffre as assimilações notadas acima e apparece ás vezes com a fórma *em:* illuminar, embarcar, implorar.

Inter ou **Entre**—posição entre dous objectos. Entremetter-se, intervir, interceder.

Intra—dentro de. Intrometter, **intrinseco, intra**tropical.

Juxta—ao pé de. Juxtapôr.

Male ou mal—Maldizer, malevolente (que deseja o mal). Tambem se nota o opposto *bene:* bem-dizer, benevolente.

Ob—por causa de, defronte, contra. Assimila-se em *oc, of, ol, op*, etc.: occasião, offender, opposição, observar.

Pene—significa quasi. Peninsula, *quasi ilha;* penumbra, *quasi sombra.*

Per—atravéz, por meio de. Perdurar, perverter. Assimila-se unicamente em *pel:* pellucido=perlucido.

Post—depois. Pospôr.

Pre—anteposição. Prever, preexistencia, prehistorico.

Preter—de origem latina, significa além. Preterir (ir além, antecipar), preterito.

Pro—em favor de, adiante. Proseguir, proclamar. Conviria preferir *promenores* e *profil* ás palavras de uso menos etymologico *pormenores* e *porfil* ou *perfil.*

Re—repetição. Reedificar, reeleger, reconsiderar.

---

(1) Sobre os prefixos *in* e *des* negativos, leia-se o que escrevi na minha *Selecta Classica*, nota 120.

Retro—para traz. Retroceder, retrospecto (vista para traz).

Satis—bastante. Satisfazer.

Semi—meio, metade. Semi-circulo, semi-tom.

Sine—exclusão. Sinecura (sem trabalho). A fórma vernacula *sem* observa-se em: semsaboria, sem razão.

Sub—debaixo. Submetter, subjugar. Assimila-se em: *suc*, *suf*, *sus*: subordinar, succeder, sufficiente, susceptivel, etc. A fórma italiana é *sotto*: sota-vento (para baixo do soprar do vento), sotopôr (pôr em baixo), sota-piloto ou *sotopiloto*.

Super—em cima. Superfluo. Exprime tambem excesso e affecta as fórmas *sor* e a vernacula *sobre*: sobrecarga, surprehender.

Susum—acima. Suspender, sustar, suspirar.

Supra—o mesmo que *super*, em cima, acima, além. Supranumerario, supramencionado.

Trans—com as fórmas *trans*, *tres*, *tra*, exprime excesso. Transferencia, transportar, transatlantico, transmontana (além dos montes, estrella), tresvariar, tressuar, tresler (lêr além dos limites). A fórma *tres* confunde-se com a de *tri* e *tres*.

Tri, tres—tres vezes ou tres. Triangulo, tricolor, trezentos (tres centos).

Ultra—além de. Ultramar, ultra-liberal (liberal com excesso).

Un, uni—uma vez. Unanime (de uma unica vontade), unicornio.

Vice—em logar de. Vice-rei, vice-consul. Tem a fórma *vis* em visconde (vice-conde) e a fórma *viso* em *viso-rei*.

Ab — *Ausente* (absente); *vantagem* (*ab*-+*ante* com o suffixo *agem*).
Escuso, de *absconsus*.

Bis — *Bigorna*, de *bi-cornus*.
Balança, de *bilanx*.
A palavra *viez*, que se nota melhor nos derivados *enviezar*, etc., deriva de *bifacem* (no francez *biais*).
Cum — *Acompanhar*, antigo *compengar*, deriva de *cumpaniare*, ter ou comer o mesmo pão.
Contar, de *com-putare; comprar*, de *comparare*.
Custar, de *con-stare*, estar com, valer por.
Conhecer vem de *cognoscere*, isto é, de *cum* e *gnoscere*.
Ainda se compõem de *com: comer* (*com-edere*), *costume* (*consuetudinem*).
De — *Defunto*, de *fungor*, gozar, o que acabou de gozar.
Des — que é prefixo em geral negativo, póde, entretanto, indicar reforço: *desnudar*, *desalliviar* (em Camões: «De rigorosas leis *desalliviai-os*», X, 149. (Silva Ramos). Já está indicado no logar proprio, acima.
Ex — Frequentemente tem no portuguez a fórma *en*, como se vê em: ensaio, exame, etc. (*exagium*, *examen*).
Pro — *Prompto*, de *promptus*, deriva de *prómere* (A. Pimentel).
Sed — Este prefixo, que exprime desvio, separação, só existiu no latim; mas d'ahi nos chegaram muitos vestigios: *selecção* (legere), *segredo* (cernere), *seduzir* (ducere).
Sub — Suspirar (*sub-spirare*); sorrir (*sub-ridere*); sopapo, por sob-papo.
Sine — Simples, de *simplex*, sem dobra. Cf. singelo.

Os *prefixos* originados de outras linguas estranhas são raros e representam apenas vestigios conservados em alguns vocabulos esparsos.

O artigo *al*, do arabe, com as assimilações em *ar*, *as*, é o prefixo mais abundante: alviçaras, alcova, assude, arrabil, etc.

Da lingua ingleza o prefixo *a* (*aback*, *aside*) permaneceu no verbo *enchorar*, derivado de *a*+*shore* (pron. *échôer*) com fórma *ch*.

III—Prefixos gregos

Os **Prefixos** gregos mais communs são os seguintes:

A, an—exprime negação.—*Atheu*, sem Deus, *anonymo*, sem nome. A fórma *an* usa-se antes de vogal ou *h*: *anemia* (an-hemia) sem sangue. (1)

(1) Não obstante, escreve-se *anhydro* (pron. anidro).

Amphi (de ambos os lados).—*Amphibio*, o que vive de dous modos. (1)

Ana (de novo, para traz).—*Anachronico*, de tempo atrazado. *Anabaptista*, que se baptiza de novo.

Anti (contra).—*Antipapa*, *antagonista*. (2)

Apo (longe).—*Apogêo*, longe da terra. *Apo* corresponde ao latim *ab*. *Ap-helio*, longe do Sol.

Arch (superioridade).—*Archanjo*, o anjo superior, *archiduque*, *architecto*.

Auto (o proprio).—*Autographo*, escriptura do proprio. *Autonomo*, o que se governa a si proprio.

Cata (contra, em baixo).—*Catarrho*, que corre para baixo. Escreva-se sem *th*: *categoria*, *catechismo* e não *cathegoria*; mas escreva-se *catholico* porque o *h* não pertence ao prefixo.

Di (duas vezes), tambem *dis*.—*Diphthongo*, dous tons, *dissyllabo*.

Dia (atravéz).—*Diametro*, medida pelo meio. *Diaphano*, que deixa ver atravéz (3).

Dys (mal).—*Dyspepsia*, má digestão. Escreva-se *dyscolo* e não *discolo*.

Ec (ou **ex** antes de vogal).—*Ecchymose*, *eclipse*, *eclectico*, *eczema*, *exarcha*, *exegese*, *exanthema*.

En ou **em**.—*Energia*, *encyclica*, *energumeno*, *encephalo*, *enthusiasmo*, *emblema*, *emphase*, *embryão*.

---

(1) O correlativo de *amphi* no latim é *amb*: *ambiente* (ambire), *amputar* (cortar de um e outro lado).

(2) Grande numero de palavras modernas da vida social, da medicina, em parte hybridas, foram formadas com este prefixo: anticonstitucional, anti-febril, anti-scorbutico, anti-patriotico, anti-scientifico, etc. Leia-se o que se disse a proposito de *ante* e *anti* na parte dos Prefixos latinos. E quanto á orthographia não ha uso uniforme no que respeita á união dos dous elementos ou separação por um traço.

(3) Corresponde pelo sentido ao *per* latino. *Diabo*, no grego *diabolos*, no inglez *devil*.

Fórma mais lata endo.—*Endosmose, endoderma.* **E** tambem **ento**—*entozoario.*

Epi (sobre).—*Epidemia*, sobre o povo; *ephemero*, sobre um dia, que dura um dia.

Eu ou **ev** (bem).—*Euphonia*, bom som. *Evangelho*, boa nova.

Hemi (metade).— *Hemispherio*, metade da esphera.

Hyper (em cima, no lat. *super*).— *Hyperboreal*, acima do boreal ou muito boreal, muito ao norte.

Hypo (debaixo, no lat. *sub*).— *Hypothese*, debaixo da affirmação, supposição.

Meta (mudança).— *Metamorphose*, mudança de fórma. *Metaphysica*, além da physica; *methodo.*

Micro — (pequeno).— *Microcosmo*, mundo pequeno, rapido.

Mis, veja-se PHILO.

Mono (um só).—*Monomania*, loucura ou mania unica. *Monarchia*, governo de um só.

Palin (em sentido contrario).— *Palinodia*, canto em sentido contrario, *Palimpsesto*, *palingenesia.*

Pan, panto (tudo, todo).—*Panorama*, vista de tudo. *Pantomima*, tudo gesto.

Para (ao lado).—*Paragrapho*, escripto ao lado; *parabola*, *parallelo*, *parasita.*

Neo (novo).—*Neocatholico*, novo catholico. *Neologismo*, palavra nova.

Peri (ao redor).—*Periphrase*, locução ao redor, circumlocução. *Pericarpo*, ao redor do fructo (casca).

Pro (na frente).—Igual ao latino *pro*, mas usado nos termos gregos : *prothese*, *problema*, *prologo*, *prodromo.*

A fórma **pros** : *prosodia*, *prosthese*, *proselyto.*

Philo (amigo).— *Philantropo*, amigo dos homens. O opposto é expresso por *mis* : *misantropo*, inimigo dos homens.

Poly (muitos).—*Polyedro*, muitas faces.

Pseudo (falso).—*Pseudonymo*, nome falso.

Syn (com, lat. *cum*). —Assimila-se em *syl*, *sym*, *sy* : *syntaxe*, ordem com, co-ordenação. *Synopse*, vista simultanea, conspecto. *Syllogismo*, *sympathia*, *systema*, etc.

Tele (ao longe).—*Telegraphar*, escrever de longe. *Telescopio*, visão de longe. *Telephone*, voz de longe.

Alguns prefixos gregos soffreram alterações phoneticas na evolução da lingua. *Diamante* derivou de *adamante* latino, que por sua vez veio do grego; a letra *a* de *adamante* é o prefixo *a* ou *an* negativo; *adamante*, isto é, o que se não quebra, se não doma, indomavel. O nome *diamante*, pelo nominativo *adamas*, parece que produziu a fórma *iman* (fr. *aimant*.)

O prefixo *arch* tem a fórma *arce* em *arce*diago (*archidiaconos*) e *arcebispo*, etc., e tinha a mesma fórma nos escriptos de Barros a palavra *Arcepelago*. (Dec. III, I, 3).

Um caso interessante do methodo de prefixação dá-se quando vem o prefixo com o suffixo, simultaneamente. Certos derivados originam-se de tal processo. *Embarcar* formou-se de barca com a juncção simultanea do prefixo *em* e do suffixo *ar;* a juncção é provadamente simultanea, pois nunca existiram os primitivos verbos *barcar* ou o nome *embarca*. De identica natureza são: *alinhar*, *enfileirar*, *desasnar*, *ennobrecer*, *empobrecer*, *enriquecer*, *depauperar*, etc.

XI

Derivação das palavras. Suffixos

As palavras derivadas são as que se formam de outras existentes na lingua: de *pedra*, formam-se as derivadas: *pedraria*, *pedreira*, *pedregulho*, etc.

A derivação denomina-se **propria**, quando as palavras se formam por meio de suffixo:

— **aça** — populaça, mulheraça.
— **vel** — agradavel, applicavel.
— **oso** — bondoso, caridoso, etc.

Derivação **impropria** é a que se faz sem suffixos, sem addição de terminações. Não é, pois, uma derivação, é, sim, apenas mudança de categoria ou de classe.

Ha dous casos principaes de derivação *impropria*:

O ente — part. de *ser*.
O amante — » amar.
Tenente — de ter.
Doente — de doer.

E tambem os participios passados:

O feito
A descoberta
O achado

Estas palavras são derivadas dos adjectivos *feito*, *amante*, etc.

1. O segundo caso *da derivação impropria* é constituido pelas palavras que derivam de tempos verbaes.

Provarás	do futuro do verbo ***provar***.
Blasphemia	do v. *blasphemar*.
Appello	do v. *appellar*.
Recibo	do v. *receber*.
Combate	do v. *combater*.
Duvida	do v. *duvidar*.
Sustento	do v. *sustentar*.
Equivoco	do v. *equivocar*.
Rogo	do v. *rogar*.
Commando	do v. *commandar*.
Mando	do v. *mandar*.
Liga	do v. *ligar*.
Despacho	do v. *despachar*.
Castigo	do v. *castigar*.
Adorno	do v. *adornar*.
Choro	do v. *chorar*.
Passes	do v. *passar*.

Todos estes nomes não existiam no latim e foram derivados de maneira dita **impropria**, sem accrescimo de suffixos. Convém notar que na quasi totalidade foram derivados do presente do indicativo. Em ultima analyse, *o derivado improprio* é toda a palavra que mudou de categoria grammatical, passando de verbo, adverbio, etc., para substantivo, etc.: os *porquês*, os *dizeres*, o *como*, o *responso*, (part. archaico de *responder*), etc.

Os derivados *improprios*, em resumo, são constituidos pelas seguintes classes:

Substantivos.— São derivados de qualquer categoria grammatical; de adjectivos—o *bello*, o *pobre*, a *metralhadora;* de verbos—a *compra*, a *venda*, o *saber*, a *corrigenda*, etc.; de particulas — o *como*, os *ais*, o *pro*, o *contra*, etc.

2. Adjectivos. São derivados de substantivos : chapéo *monstro;* actriz *cantora;* vestido *carmesim*, etc.; de verbos : *laxante*, *doente*.

3. Palavras invariaveis.—São derivadas de adjectivos: *caro*, *pouco*, etc.; de verbos: *durante*, *não obstante;* de substantivo : *silencio!* etc.

Varios processos de formação explicam a riqueza progressiva das linguas.

a) a *mudança de significação* vae creando palavras novas : *doente*, *durante*, *rogo*, são apenas significados novos de palavras antigas. Assim aconteceu etymologicamente com *pensar* e *pesar*, *constar* e *custar*, originados de *pensare* e *constare*.

b) a *mudança do accento* tira de uma palavra unica duas fórmas: *saïbo* e *sabõr;* e os artigos **el** e o (lo)=**ill**e e ill**um**; elle=o.

Tem muito pouco primõr esse processo de derivação, o mais archaico de todos e do tempo em que o latim já se havia desnaturado. Comtudo, ainda ha quem queira criar, pelo accento, palavras novas: *estáse* e *éstase*, *genése* e *génesis*. É de muito máo gosto. Sobre este processo de differenciação de sentido causada pela accentuação, veja-se o que digo na *Selecta Classica* (nota 187), a proposito de *flórido* e *florído*, *válido* e *valído*.

c) a *desaptação;* a flexão serve de origem a palavras novas: véo (*velum*), vela (*vela*).

d) a *composição* é outra fonte : *beija-flõr*, *vae-vem*.

e) a *analogia* de suffixos já conhecidos origina neologismos : *sentimento*.

f) de *onomatopéas* antigas ou modernas: *puff*, *frufru*, *krac*, *bufar*, *miar*, *ciciar*, *bébé*, *nênê*.

g) de *derivação erudita: primario* e *primeiro* (1).

SUFFIXOS

Os suffixos constituem uma riqueza de fórmas consideravel. Não está nos limites d'este trabalho fazer a analyse minuciosa de todos os suffixos da lingua portugueza.

Daremos aqui dos suffixos as suas applicações methodicas, e os que se distinguirem por alguma circumstancia notavel.

Os *suffixos* não têm, como succede aos prefixos, significação exacta e positiva; apresentam apenas idéa vaga e pouco definida. (2)

1. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Os substantivos derivam-se de outros substantivos por meio de suffixos.

---

(1) Hermann Suchier, *apud* Græber-*Grundriss d. rom. Philologie*, I.
(2) Vide anteriormente as observações feitas sobre a extensão da idéa nos *suffixos*.

Suffixos latinos :

Ada—De limão, *limonada ;* balaustre, *balaustrada.*

Agem—(lat. *aticus*). Homem, *homenagem ;* vassallo, *vassallagem.* A fórma pura *é atico : viatico* (transformado em *viagem*).

Ado—(*atus*, jurisdicção). Consul, *consulado;* protector, *protectorado.* A fórma originaria é *ato : celibato, pariato, triumvirato.*

Cida—(o que mata). Compostos latinos: de mãe, *matricida;* de rei, *regicida.* Ha outros modernos : *insecticida, formicida.*

Aria—(lat. *aria*). *Cavallaria*, de cavallo; *carpintaria*, de carpenta.

Astro—(lat. *astrus*). *Poetastro*, de poeta ; *madrasta*, de mãe, (madre); *padrasto*, de pae ; *pilastra*, de pilar. Como se vê pelos exemplos, ha casos de metathese : *madrasta.* É um suffixo pejorativo.

Ulo—(diminutive lat. *ulus*). De parte, *particula ;* de animal, *animalculo ;* de globo, *globulo.*

Ello—(diminutivo lat. *ellus*). De livro, *liber, libello ; capello*, chapéo, lat. *capellus* (caput).

Ela—significa acção ou effeito. *Corruptela, loquela.* Collectividade, *parentela.* O suffixo *ela* é diminutivo : *janella, fivela, sovela* (1)

Ades, adas—(patronymicos). De Luso, *Lusiadas ;* de Ilio, *Iliada.*

Ario, eiro—(*arius*). De louro, *loureiro ;* de engenho, *engenheiro ;* de vocabulo, *vocabulario.*

Ense, ez—(lat. *ensis*). De Milão, *milanez ;* de França, *francez ;* de Brasil, *brasiliense.*

Os suffixos gregos mais usados são:

(1) Nota do Sr. A. Pimentel.

Kratia—(governo). *Democracia*, governo pelo povo. *Bureaucracia*, governo pelos *bureaux* (1), pelo funccionalismo.

Iskos—(diminutivo). *Asterisco*, *obelisco*.

Ites—*Cosmopolita*, *israelita*, *jesuita*.

Ismo—(dos verbos gregos em *izo*). De despota, *despotismo*. *Materialismo*, *espiritualismo*, *jornalismo*, *absenteismo*.

2. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE ADJECTIVOS

Iça, Icia (lat. *itia*). *Justiça*, de justo ; de malo, *malicia*. Na fórma *eza:* de rico, *riqueza;* pobre, *pobreza*.

Encia (do lat. *entia*). De corpulento, *corpulencia ;* de virulento, *virulencia*.

Ão e ude —(*tudinem*, lat.). De muito (*multi*), *multidão;* de apto, *aptidão*. A fórma pura é *ude:* de acto, *attitude* (italiano) ; de quieto, *quietude*.

Suffixos gregos :

Kratia—*oligarchia*, governo de poucos.
Arch—*monarchia*, governo de um.

3. SUBSTANTIVOS DERIVADOS DE VERBOS

Os principaes suffixos são :

Or—(*or*, lat.). *Orador*, de orar; *falador*, de falar ; *doutor*, (docêre); *credor* (credere), etc.

Ma, ismo—(do grego e latim). *Spasmo*, de pasmar. *Baptismo*, *prisma*, etc., que se derivam de verbos.

Mento—*adiamento*, de adiar ; *argumento*, de arguir.

Ão—(lat. onem). São os mais numerosos: *comparação*, de comparar, *traição*, de *trair*. *Fusão*, *cessão*, *redempção*.

4. ADJECTIVOS DERIVADOS DE SUBSTANTIVOS

Os suffixos de mais uso são :

Al (alis, lat.)—De materia, *material ;* de fórma, *formal*.

---

(1) Este vocabulo é um hybridismo. Li, affirmado por um escriptor (o Dr. C. Laet), que, com identico sentido, existe no grego moderno a fórma *grapheiokratia*.

Forme — (lat. *formis*). De fuso, *fusiforme*. *Biforme*.

Aneo — (lat. *aneus*). — De terra, *terraneo*, *subterraneo* ; de tempo, *temporaneo*, *contemporaneo*, *temporão*.

Oso — (lat. *osus*). — De inveja, *invejoso* ; de odio, *odioso*.

Imo — (lat. *imus*). De lei (leg-it-) *legitimo* ; de mar (mar-it-) *maritimo*.

5. ADJECTIVOS FORMADOS DE ADJECTIVOS

Al — É muito commum ajuntar-se este suffixo ao adjectivo em algumas linguas, como no inglez : *canonical*, *historical*. Em portuguez, os exemplos são raros, *angelical*, de angelico, sendo de notar que eram frequentes no tempo de Eannez de Zurara. É mais vulgar nos adjectivos terminados em syllaba nasal : *eternal*, *nocturnal*, *perennal*.

El — (*elis*, lat.). De fido, *fiel* (*fidelis*) ; de crú, *cruel* (*crudelis*).

Engo — É o suffixo germanico *ing* ou *ling*, indicando posse ou semelhança, igualdade : *verdoengo*, *realengo*, etc.

6. ADJECTIVOS DERIVADOS DE VERBO

Ado, ido — Representam os participios latinos : de amar, *amado* ; de punir, *punido*. Antigamente havia a fórma *udo* na segunda conjugação, d'onde : *conteúdo*, *contido*, de *conter*.

Ante, ente, inte — representam os participios do presente do latim : de amar, *amante* ; de defender, *defendente* ; de ouvir, *ouvinte*.

Vel — (*bilis*, lat.). De amar, *amavel* ; de agradar, *agradavel*. Apparece com a fórma *bre* em *nobre* (*nobilis*, do thema *nov*, conhecido, illustre).

Undo — Fórma gerundial com sentido particular. Do latim : *moribundo* (*mori*, morrer) ; segundo (de *sequi*, seguir). *Rubicundo*, *jocundo*, *vagabundo*.

Ivo (*ivus*, lat.). *Executivo*, de executar ; *pensativo*, de pensar. *Captivo* (de *capere*, tomar, prender), etc.

7. — Verbos derivados

Os verbos são derivados, segundo alguns suffixos:

Izar — *Civilizar*, *humanizar*, *catechizar*, *realizar*. Este suffixo é de origem grega.

Teve a fórma *izare* no latim.

Ficar — (*ficare*, de fácere, lat.). *Clarificar*, *fortificar*, *purificar*. Fazer claro, forte, puro.

Escêr — fórma inchoativa, representa a progressão do acto. Florir, *florescer*; dormir, *adormecer*; ferver, *effervescer*. Cair, *esquecer* (escaecer, *excadescere*). Morrer, *esmorecer*.

Itar — *saltitar*, de saltar; *agitar*, de agir; *palpitar*, de palpar; *pipilar*, de piar. O modo de exprimir a reiteração e frequencia do acto póde ser feito de duas fórmas: duplicando o suffixo, *saltitar*, de *saltar*; e tambem duplicando, por onomatopea, o prefixo ou inicio do thema: *tutucar*, de tocar. (1)

8. — Particulas

As particulas possuem varios elementos de composição. Dous d'elles podem ser tidos como suffixos, pela frequencia com que occorrem:

Mente — (lat. *mens*, *tis*). Esta palavra apresenta-se no ablativo latino e serve para a formação dos adverbios em *mente*: *boamente*, *grandemente*, *longamente*.

S — Esta letra caracteristica do plural aggregou-se em varias linguas a numero consideravel de particulas como suffixo. O facto parece inexplicavel; Littré considera-o um plural facticio: *antes*, *alhures*, *entonces* e os plebeismos *aindas*, *poréns*, etc.

---

(1) Segundo algumas opiniões, *tutucar* é corruptela de *cutucar* (coto). Segundo o Dr. Macedo Soares, vem do verbo guarani, *cotóco*. Póde, comtudo, haver aquella palavra, seguido o prospecto de outras onomatopeas: *gagueiar*, *cacarejar*, *papagaio* e *papagueiar*.

Convém indicar que o suffixo grego *issa*, *prophetiza*, toma fórmas differentes no vocabulo, e é o que se nota nos vocabulos *cond*ESSA, *duqu*EZA, *baron*EZA, conforme já vimos, tratando do genero dos nomes.

O suffixo gothico *hardus* (all. *art*) tem no portuguez transcripções muito variadas: *balu*ARTE. *bast*ARDO, *cov*ARDE, *bomb*ARDA, *esping*ARDA, *estand*ARTE.

XII

Palavras variaveis formadas no seio da lingua

Sendo a lingua dotada de todos os processos de derivação, abundantemente rica de suffixos, não admira que, em seu proprio seio, se formasse numero grande de vocabulos de todas as categorias grammaticaes. De facto, mais de um terço do lexico de qualquer lingua romana consta de formações originaes modernas, embora se baseiem em elementos já existentes no latim ou no grego.

1.—SUBSTANTIVOS E QUALIFICATIVOS

Grande numero de substantivos *communs* foram derivados de verbos. Taes foram: *choro*, de chorar; *chama*, de chamar; *tempera*, de temperar; *esmo*, de *esmar* (archaismo derivado de *æstimare*), etc.

Os nomes em *ença*, *ancia*, em grande numero formaram-se na lingua. Já no latim existiam *temperantia*, *prudentia*, etc.; no portuguez formaram-se *bonança*, *bemquerença*, *nascença*, *cuidança*, etc.

Os nomes em *ade* do latim, vontade (*voluntatem*), liberdade (*libertatem*), etc., serviram de typo a outras fórmas originaes e proprias: *leviandade*, *mortandade*, *ruindade*, *irmandade*, etc.

Os nomes em *mento* do latim, fragmento (*fragmentum*) etc., serviram de norma aos neologismos: *pensamento*, *andamento*, *conhecimento*, *sentimento*, etc.

Os nomes em *agem* do latim, viagem (*viaticus*), selvagem (*silvaticus*), etc., serviram de modelo a creações novas: *linguagem*, *coragem*, *hospedagem*, *vantagem*, *paysagem*, *linhagem*, *ultrage*, etc.

Os nomes em *ão* do typo latino, mansidão (*mansuetudinem*), deram origem a formações numerosissimas e proprias do idioma: *escravidão*, *negridão*, *escuridão*.

Não é cousa assentada que os nomes em *ão* decorram directamente do suffixo *udinem*: aptidão, *aptitudinem*. Ha exemplos archaicos que parecem antes indicar a preexistencia do suffixo—*atem*. Exemplos: firmidõe (*firmitatem*), limpidõe (*limpiditatem*), livridõe (*libertatem*). Houve, pois, confusão na etymologia de taes suffixos: firmeza (*firmitiam*), firmidade (*firmitatem*), firmidõe (*firmitudinem?*) e a etymologia é mais explicavel por analogia do que pelas fórmas originarias do latim classico.

Accrescentemos ainda que os diminutivos em *inho* e os augmentativos em *ão* são vocabulos que começaram a existir depois das origens da lingua.

Os *qualificativos* em *oso* de typo latino (*laboriosus*), glorioso (*gloriosus*), crearam na lingua a aptidão para a formação de vocabulos novos: *cavalheiroso, amargoso, teimoso, esperançoso, piedoso*, etc.

Os nomes do grego em *ismos*, como *baptismos, solecismos*, serviram de modelo ás creações modernas: *jornalismo, gongorismo, abolicionismo, germanismo, francezismo*, etc.

2.—PRONOMES E DETERMINATIVOS

Os *numeraes* tambem possuem exemplos de formação moderna: de *mil* formaram-se *milhão, bilhão*, etc.; de oitavo originaram-se os dizeres: dozeavos, trintavos, etc.

Entre os *demonstrativos: aquelle*, formado de *ecc'+ille*. O archaico *aquest*, de *ecc'+iste*. Outros opinam que a derivação é *hic-ille, hiciste*; mas é etymologia pouco provavel, porque no latim vulgar já existia o uso de *eccum* (por *ecce eum*) e d'ahi o reforço *eccu'iste, eccu'ille*.

Entre os indefinidos ha varias creações modernas: *algo* (*aliquis*), algum, *alig'unus*; nenhum, *neq'unus*.

Os quantitativos *tan-manho* (*tam-magnus*), e *quam-manho*, arch. (*quam-magnus*) não occorrem senão nos ultimos tempos, nos documentos barbaros.

3.—VERBOS

Os verbos do typo latino *icare*, como julgar (*judicare*), vingar (*vindicare*), deram o exemplo dos neologismos: *madrugar, cavalgar, manejar, dardejar, gracejar, branquejar*, etc.

Os verbos do typo latino inchoativo *ascere, escere, iscere*, forneceram á lingua a tendencia para creações analogicas: *offerecer* (offerre), *favorecer; envelhecer, acontecer*, etc.

As fórmas do participio presente produziram derivados verbaes: *adormentar, alevantar, apoquentar, apparentar*, etc., de *dormente, levante*, etc.

Os verbos do typo grego *philippitizô*, como *moralizar*, etc., deram a tendencia hoje riquissima das formações: *terrorizar, suavizar, auctorizar, aromatizar, evangelizar, vulgarizar*, etc. Aos verbos já mencionados devem-se ajuntar todos os que se originam de formações modernas: *afrancezar* (ou melhor, *afrancizar*), *italianizar*, etc.

Ha um grupo restricto de verbos derivados de *locuções*, que são por isso interessantes. Ex.: *apear*, de *a pé; acabar*, de *a cabo; encimar*, de *em cima*.

Devem-se enumerar as fórmas de participios regulares, que são modernas: *absolvido*, por absolto e absoluto; *comprimido*, por compresso; *escondido*, por escuso; *tingido*, por tinto; e são quasi os unicos de uso como participios. Os classicos preferiam a fórma irregular (*acceito*, *despezo*, *assumpto*) nos casos em que hoje empregamos a fórma regular: *assumido*, *despendido*, etc. Em Camões, *Soneto* 11:

> Tanto do bem humano estou *diviso*.

E em Bernardez, *Floresta*, I, 41:

> D'estes *illusos* que se alegram com o seu mal, disse sabiamente Salviano....

E o mesmo disse . *assumpto*, *acceito*, *leso*, *absolto*, etc.

XIII

Palavras invariaveis formadas no seio da lingua

As palavras *invariaveis* formadas no dominio historico da nossa lingua representam a juxtaposição corrompida dos varios elementos que a compozeram.

1. O portuguez formou *adverbios* numerosos com a juncção de *mente* a adjectivos femininos: *clara*+*mente*, *docil*+*mente*, *boa*+*mente*. Esta faculdade já existia com pequena extensão no latim classico. O composto *bona mente* com valor adverbial encontra-se em Quintiliano. Mas no portuguez e nas linguas romanas o facto tornou-se em habitualismo. Nesses compostos os nomes em *ez* conservam-se invariaveis, como eram outr'ora: «Cuido que escrevi clara e *portuguezmente* a minha idéa.» (Camillo).

2. Os adverbios latinos em *o* do ablativo, como *modo*, deram o typo de formações originaes: vendeu *caro;* falou *baixo;* fala *continuo*, *rijo*. Custou *barato;* anda *apressado*, etc. Tendo adquirido o adjectivo a aptidão adverbial, tornou-se inutil a derivação mais lata de *fortiter*, *breviter*, etc., que foram substituidas por *breve*, *forte*. Apezar d'isto, parece, permaneceu *agiliter* na expressão: *azinha* (depressa).

Alguns adverbios, na fórma adjectiva, como *caro*, foram creados pelos classicos, conforme diz Filinto Elysio, para evitar o uso repetido dos adverbios em *mente*. O facto, porém, é que taes adverbios já tinham antiquissimos modelos, como *cedo* (cito), *logo* (loco).

3. Os adverbios em *e* originaram-se de typos latinos em *e:* longe (*longe*), tarde (*tarde*), maxime, bem (*bene*), mal (*male*). Segundo esta tendencia, em nosso idioma apparecem outros adverbios: *a miudo*, *ascinte* (*a sciente*), etc. Esse typo de adverbios corresponde aos adjectivos latinos de uma e duas fórmas, como *gravis* e *constans*. Ex.: *bastante*. Para *ascinte* não é admissivel a etymologia *scienter*. *Sciente*, synonymo do já archaico *ás sabendas*, representa o participio puro de *scire*, saber. *Ascinte*=elle o sabendo, affrontando-o. Precede-o a preposição *a*, como foi uso entre os antigos: *a segundo* (Camões), por *segundo* (*seguindo*). Tambem ficaram moldados sobre o typo da desinencia em *e* os adverbios de origem arabe: em balde, de balde.

4. São do uso de Barros, seculo XVI, os adverbios: *ás cegas*, *ás escuras*, *ás rebatinhas*, *ás vessas* (1)

São, na maioria, adverbios novos as locuções e equivalentes adverbiaes: *ás caladas*, *ás apalpadelas*, *ás sabendas*, *ás tentas*, etc.

Este typo adverbial offerece um repositorio de exemplos da flexão *s* do plural, occurrente nas particulas: *ante-s*, *sammica-s*, etc., e cuja explicação parece difficil, conforme já o notamos.

5. São adverbios formados na lingua os que derivam segundo o latim de locuções analyticas: agora (*hac*+*hora*), hontem (*hanc*+*noctem*), no hesp. *anoche* (2), embora (em boa hora=*in-bona hora*), assaz (*ad*+*satis*), talvez (tal-vez, *tali-vici*), jámais (já-mais, *jam-magis*), etc. Estes adverbios não existiam no latim, mas eram mais ou menos communs aos romances medievaes; assim, muitos d'elles existem simultaneamente no francez, no italiano e no hespanhol. A lingua antiga era mais rica e tinha um numero consideravel d'estes adverbios: *acajuso*, *asuso*, *julavento*, *aramá* (hora má), *hogano* (hoc-anno), *cadano* (cada anno, *cata* anno), etc. Muitos d'estes ainda existem no dialecto gallego.

A fórma *quiçá* é provavelmente a italiana *chi sa?* quem sabe? O adverbio *como* (*quomodo*), influenciado por *quum*, tinha a fórma *cume*.

6. Muitas das *preposições* representam o typo anteriormente citado; são palavras novas compostas desde o periodo antigo da lingua sobre elementos latinos: dentro (*de*+*intro*), após (*ad*+*post*), depois (*de*+*post*), desde (*de*+*ex*+*de*), avante (*ab*+*ante*), diante (*de*+*ab*+*ante*), adiante (*a*+*de*+*ab*+*ante*), etc.

Estas composições foram naturalmente morosas e em parte deviam ser iniciadas pelo latim barbaro, desde que se manifestou a tendencia analytica, creada pela desapparição dos casos.

7. As *conjuncções* formadas por locuções são todas novas: *porque*, *supposto que*, *comtanto que*, *por consequencia*, *todavia* (*tota vice*), *por isso*, *senão* (*si non*=*nisi*), *outrosim*, etc.

Nota-se a preeminencia da idéa na creação d'estes vocabulos. O latino *vel*, de *velle*, querer, transformou-se no equivalente de outra origem: *quer*.

Si non substituiu *ni si*, de radicaes invertidos (*ni-nec*+*si*).

A fórma *porém*, antigo *porende* (por+ende), origina-se de *pro*+*inde*. *Logo*, de *loco*, em vez de *ergo* ou *igitur*.

---

(1) *Mem. de litt. da Academia portugueza*, III, 113. E as notas 65, 70, 72, 73 na minha *Selecta Classica*.

(2) Etymologias propostas: *ante*, *ante noctem*, *ad noctem*, *nocte*, *hodie ante*.

8. As *interjeições* formadas de outras palavras, verbos, adjectivos, etc., representam creações novas da lingua: *caluda! safa! bravo! ak d'El'Rei!* etc. (Vide *Sel. Class.* nota 167).

Caluda faz conjecturar a existencia de um verbo *caler*. A interjectiva *ak d'El-Rei!* parece conter o elemento imprecativo *ak*, que se encontra no celtico (*Zeuss*).

No portuguez antigo havia a preposição *guiza*, que tambem se ajuntava aos nomes (como em castelhano antigo: *lloraron muy fiera guiza*) com a mesma funcção de *mente: feramente*. A palavra *guiza* é germanica, e com essa funcção conservou-se no inglez (*otherwise*) e no allemão (*gleicherweise*), ainda que com alguma differença de sentido.

SEGUNDA PARTE

SYNTAXE

(Estudo da proposição)

I

Da syntaxe em geral

Syntaxe é a parte da grammatica em que se estudam os vocabulos e os grupos de vocabulos considerados em conjuncto no discurso.

O fim da syntaxe é determinar a disposição a que devem obedecer os vocabulos para que exprimam um juizo ou *proposição;* e ainda determinar a disposição a que devem obedecer as proposições para que formem um sentido completo ou periodo.

Em verdade, muitos vocabulos juntos só têm syntaxe quando representam um juizo. Assim o grupo: *feito é barro o homem de*, não é syntactico; porém, *o homem é feito de barro*, é um grupo syntactico, porque os vocabulos estão dispostos com perfeita concordancia e dependencia e ajustados de maneira que representam uma serie intelligivel de idéas.

A syntaxe, pois, divide-se em duas partes:

Syntaxe das palavras — é a que expõe as regras para expressão das relações entre as partes da proposição.

Syntaxe das proposições—é a que expõe as regras que determinam as relações entre as proposições.

Em qualquer dos casos, os factos capitaes da syntaxe são a *coordenação* dos elementos do discurso e a *subordinação* (ou *dependencia*) que entre esses elementos existe.

Antes de estudar a syntaxe das palavras e dos seus usos e empregos, convém adiantar algumas noções sobre a *proposição* em geral.

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juizo, isto é, alguma affirmação.

A PROPOSIÇÃO contém dous elementos capitaes e indispensaveis: o *sujeito* e o *predicado*.

SUJEITO é o ser de que se affirma alguma cousa.

Predicado é aquillo que se affirma do *sujeito*.

Sujeitos	*Predicados*
Os passaros	*voam.*
Os peixes	*não voam.*
A vida em Paris	*é dispendiosa.*
O tempo	*consome as cousas.*

No caso do verbo *ser*, á palavra que completa o **predicado, (como** *dispendiosa* no exemplo acima) chama-se **attributo.**

A proposição é **simples** (Julio Cesar venceu os barbaros) ou **composta** (Veio, viu e venceu), ou **complexa**, quando, além do sentido principal, contém proposições dependentes ou accessorias (Julio Cesar, que foi um grande general romano, venceu os barbaros).

Quando tratarmos da *analyse* das proposições, desenvolveremos todas as questões que se prendem ao estudo da proposição.

II

Concordancia do sujeito e concordancia do attributo (1). Complementos

Os elementos essenciaes da proposição, já o vimos, são o sujeito e o predicado.

Os elementos accessorios são os complementos.

As relações de concordancia dos termos capitaes da proposição são de duas especies : relações do sujeito com o verbo; relações do completivo ou attributo com o sujeito e até com o verbo.

1.—Relações do sujeito com o verbo

Regra geral.—O *verbo* concorda em *numero* e *pessoa* com o sujeito.

As casas *são* altas.
Os Espartanos *respeitavam* a velhice.
Eu *amo* a virtude.

Nota-se nestes exemplos que a *pessoa* e o *numero* do sujeito são exactamente a *pessoa* e o *numero* do verbo.

Esta regra é, todavia, susceptivel de algumas modificações.

1. Sujeito collectivo.—Quando o collectivo é seguido de *um determinativo do plural*, o verbo fica no singular, se o collectivo é geral, e póde ir para o plural, se o collectivo é partitivo :

O exercito dos Persas invadiu a Grecia.
A maioria dos gregos pedia a paz (ou *pediam...*)

---

(1) Leia-se mais adiante o capitulo sobre as *Difficuldades de concordancia*.—E tambem a respeito dos verbos *haver*, *ser*, etc., onde se analysam as questões de concordancia que aqui não têm logar. Do mesmo assumpto me occupo na *Selecta Classica*, notas 145 e 183.

A maior parte dos homens morre antes dos vinte annos (ou *morrem...*)

Ha casos especiaes em que esta regra não é seguida. Quando a acção do verbo só póde ser attribuida á collecção e não separadamente aos individuos, o verbo preferentemente concorda com o collectivo:

«Um troço de soldados *enchia* o primeiro pavimento do edificio.

É claro que a acção de encher um pavimento não podia ser attribuida individualmente a cada soldado.

É frequente nos classicos deparar-se o plural com qualquer collectivo:

«Ditosa condição, ditosa *gente*
Que não são de ciumes *offendidos*.»

Exemplo de dous casos diversos:

«Nunca me esquecerá aquelle dito teu — que mais *era* para temer um *exercito de ovelhas*, quando *tinham* por capitão um leão, que de *leões*, se os capitaneava ovelha.»

Em geral o collectivo fica (quando concorda no plural) a alguma distancia da palavra dependente:

Se esta *gente* que busca outro hemispherio
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que *padeçam* vituperio...

Lus. I, 28.

E ainda no *canto* III, 82:

Logo *todo o restante* se partiu,
De Lusitania *postos* em fugida.

2.—Sujeitos coordenados e unidos por e.—Quando concorrem muitos sujeitos unidos pela conjuncção *e* ou sem conjuncção, o verbo vae para o plural:

«A lua *e* o sol *são* astros.»
«Marte, Venus, a Terra, *são* planetas.»

Cumpre notar que, quando os sujeitos são de pessoas differentes, o verbo no plural concorda com a pessoa que tem prioridade. A segunda pessoa tem prioridade sobre a terceira, e a primeira sobre todas as outras:

Eu e meu pae *estamos* doentes.
Tu e Tullia *estaes* bons.

Estas regras soffrem as seguintes modificações:

a) Embora concorram muitos sujeitos, sempre foi primor e liberdade de estylo deixar o verbo no singular desde que este os precede na phrase :

> *Foi* grande principio e esperança de saude. *Vida do Arc.* I, cap. XV.
>
> Bemdita *seja* a paz e a alegria da alma. BERNARDEZ, *Flor.* I, 23.
>
> Fiz occultamente pelo achar quantas diligencias me *ensinou* a importancia do mesmo caso e a afflicção do meu animo. *Id*, I, 385.

b) Quando os sujeitos representam a mesma cousa ou pessoa, o verbo fica no singular :

> «A dôr, o pezar *envelheceu-o.*»
> «Seu filho e successor *subiu* ao throno um anno depois.»

c) Quando os sujeitos representam gradações da mesma idéa, o verbo fica no singular :

> «Uma palavra, um olhar, um gesto *basta* para denuncial-o.»

d) Quando a enumeração fica resumida por outra palavra :

> «As flôres, as arvores, os rios, tudo se *illuminou* com os raios do sol.»

3.—Sujeitos separados por intercalação.—Quando um sujeito do singular está separado de outros e entre elles o verbo, este igualmente fica no singular :

> Assim Deus *quer* e a natureza.

É construcção propria do verso. Mas ainda na prosa com as intercalações *não só . . . mas tambem* (e analogas), o verbo fica (sem rigor) no singular :

> "*Não só* a morte, *mas tambem* a vida é inexplicavel." (1)

---

(1) Exemplo colhido por Said Ali.
Não ha rigor quanto a essa regra, e a proposito escreve-me abalisado philologo, o Sr. Firmino Costa :

4.—Sujeitos unidos por nem e ou.—A respeito de dous sujeitos, o verbo, quando só se refere a um, com exclusão de outro, fica no singular :

«Nem eu, nem elle será nomeado.»

O verbo, quando se refere á totalidade dos sujeitos, vae para o plural :

«E quando as obrigações da communidade ou obediencia particular o *levava* fóra d'ella, sempre lia primeiro umas palavras que tinha escriptas em um papel...»

Vida do Arceb. I, cap. 3.

«Nem Achilles, nem Ulysses estiveram em Lisboa.»
«Nem elle, nem eu temos esperanças de nos vermos.»
«Hortelã, mangerona, ali respiram
Onde nem *frio inverno ou quente estio*
As *murcharam* jámais ou sêccas viram.»

5.—Sujeitos unidos por com.—O verbo, em geral, concorda com o primeiro :

«Napoleão com os francezes venceu a Europa.»
«O pae com os filhos saiu a passeio.»

«Merecem attenção os seguintes exemplos de A. Herculano : «... e em que até certo ponto *estava compromettido, não só* o meu caracter litterario, *mas tambem*, o que mais importa, o meu caracter moral.» (Opusculos, tomo 3º, 35.) «Com ella, *não só* a aristocracia permanente e hereditaria, *mas tambem* a individual e moral *seriam* inuteis.» (Ibidem, tomo 4º, 62.) *Não sómente* os hebreus espanhoes, *mas tambem* aquella parte da população portugueza que era a mais rica e industriosa, ou *fugira* a occultas ou *padecera* perdas irreparaveis.» (Hist. da orig. da Inquisição, etc. I, 135). « *Não só* a consciencia d'elle impetrante, *mas tambem* a do pontifice *eram* interessadas em que a fé se conservasse em toda a sua integridade e pureza.» (Ibidem, I, 174.)»

E em Vieira, segundo aponta Said Ali :

«Os que o condemnaram á morte não *foi* só Herodes, senão Herodes e mais o demonio. *Sermões*, I, 121.

Não obstante, quando os sujeitos cooperam todos no mesmo grão para o fim da acção, o verbo póde ir para o plural: (1)

"Que *eu* co' o grão Macedonio e *co'* o Romano
Demos lugar ao nome lusitano."

«O tigre com o leão ganhavam dinheiro nas feiras.»

Rodrigues Lobo escreveu na *Côrte na Aldeia*, Dialogo I:

Um curioso em Italia estando com sua mulher ao fogo lendo o Ariosto *pranteiaram* a morte de Zerbino....

6.—Sujeitos da fórma — «um dos que» — O verbo da segunda proposição deve estar no plural:

«Eu sou dos que *entendem*...
Sou *um* dos que *pensam*.»

Deve-se, pois, considerar excepcionaes (ainda que não faltem exemplos entre os antigos) todas as construcções como a de Julio Diniz (Pup. 3º):

«O reitor foi *um dos que* mais *se importou* com a preoccupação do homem.» (2)

7.—Sujeito da phrase — é que.— O sujeito do plural não modifica o primeiro verbo:

«*Os moços* é que *serão* os velhos d'amanhã.»

2— RELAÇÕES DO SUJEITO COM O COMPLETIVO

Attributo adjectivo. — Quando o attributo é um qualificativo, varia em genero e numero para concordar com o sujeito:

---

(1) Exemplo colhido pelo Dr. Silva Ramos, em Rodrigues Lobo: «Mas o velho *com* os de sua companhia lhes *pediram* que passasse ali a sesta. *Primavera*, 265.

(2) Trato sobejamente do assumpto na minha *Selecta Classica*, nota 151.

As rosas são bellas.
O cravo é branco.

— Quando existem muitos sujeitos de *diversos generos*, o attributo toma o plural e o genero masculino.

As casas e os palacios são *luxuosos.*

Esta regra não é de rigor grammatical, mas meramente logico. Existem exemplos classicos em contrario :

«Não ficou na fortaleza *parapeito* nem *ameia* que não fosse *arrazada.*»

«*O qual* (serviço) e *a honra* que V. A. me faz e quer fazer, *ficaria frustrada* e *exposta* a um effeito tão contrario. (1)

Esta excepção resulta de que o ultimo substantivo em concurrencia é *feminino.*

Se invertermos as primeiras palavras do primeiro exemplo, poderemos dizer, ainda que pouco elegantemente :

Os palacios e as *casas* são *luxuosos.*

O melhor é incluir por ultimo o nome masculino.

Note-se, todavia, que muitas vezes se empregam os pronomes *vós* e *nós* para designar uma pessoa unica. Neste caso o attributo fica no singular :

Estamos *convencido.*
Sois *generoso* e *bom.*
Trabalhae e *sereis* abençoado.

J. de Barros disse: «Antes sejamos *breve* que *prolixo*» e Fernão Lopez: «*Nós* não somos *abastante* para compridamente louvar.»

Attributo participio. — O participio é variavel quando conjugado com o verbo *ser :*

As flôres *são orvalhadas* pelo relento.

---

(1) **Ferreira de Andrade Junior, *Gramm.***

Attributo do verbo TER.— O attributo d'este verbo é o chamado supino, e é invariavel, segundo o uso da syntaxe moderna, e quando conjugado com o verbo *haver:*

Os classicos tinham *enriquecido* a lingua.

Comtudo, o uso da syntaxe antiga ainda é seguido, embora com certa parcimonia.

3.— COMPLEMENTOS

Os elementos secundarios são os complementos dos sujeitos ou dos verbos da proposição. São dispensaveis e nem sempre occorrem no periodo.

O sujeito-substantivo póde ter duas sortes de complementos: o APPOSITIVO e o DETERMINATIVO.

Complemento appositivo.— Ha quando o substantivo é especificado por outro. Dos dous substantivos um indica o *genero* e o outro a *especie.*

O titulo de *barão.*
A Republica do *Brasil.*
A cidade *do Rio.*
O anno *de 1896.*
O mez de *Setembro.*
O nome *de amigo.*

Estes complementos são appositivos e podiam ter, em vez de preposição, a simples apposição dos nomes: o titulo barão, a cidade Rio, o nome amigo. «Pela cidade Roma» diz F. Elysio — *Fab.* II, 7.

Quando não existe a preposição, existe não já complemento, mas simples apposição: *Montes Uraes, Cabo Non, Lago Lemano.*

Em João de Barros é commum a omissão da particula: cidade Ormuz, cidade Goa, cidade Evora (II, II, 3; II, V, 1; III, I, 6).

E em Camões:

Já na *cidade Beja* vae tomar
Vingança...

Lusiadas, III, 64

Exemplos familiares de apposição são os da preposição *de,* quando se designam qualidades de pessoas: o *bom* do frade, a *falsa* de sua sogra. (É uso commum ás linguas romanas, que Vaugelas denotava como *bien étrange, mais bien français*).

Complemento determinativo. — É o que exprime a determinação por outro nome designando objecto differente: *A casa do governador. A força do vento. A dedicação á patria. O recurso contra a calumnia. O gosto pelas letras.*

Estes complementos não exprimem limitação de *genero* e *especie*, como os appositivos. Aqui o complemento indica objecto de significação differente, e que não se póde incluir na primeira. Por isso não se poderia dizer: *dedicação patria*, como se diz *cabo Trafalgar*.

Em João de Barros notam-se apposições syntacticas, como na expressão *a Deus misericordia*.

Partiram-se *a Deus misericordia* sem piloto (*Dec.* II, I, 7).
Havendo dous dias que andaram na lingua das ondas *a Deus misericordia*, chegaram á terra (III, IV, 5).

Os verbos podem ter varios complementos: *directo*, *attributivo*, *indirecto*, *circumstancial*.

Complemento directo (1)—é o nome do objecto indicado ou produzido pela acção do verbo:

Escrevi *um livro*.
Respeitemos *o uso*..

O complemento directo, quando é substantivo, não vem regido de preposição, excepto quanto aos nomes proprios (ou personificados):

Ama *a Deus*.
Mandou *a Pedro*.

Ainda assim, quando ha dous complementos com *a*, o primeiro não tem a preposição:

Vendeu a Pedro.
Vendeu Pedro a Mathias
Vendeu José aos mercadores.

---

(1) Objecto directo.

O complemento directo, sendo infinitivo, vem precedido de preposição com alguns verbos.

Com os verbos *começar*, *acabar*, *cessar*, seguidos de infinitivo, ou *travar*, *tomar*, *arrancar*, com substantivo, o complemento directo tem a preposição *de*:

Começar *de* escrever.
Acabou *de* escrever.
Cessou *de* escrever.
Arrancam *das* espadas.

Sendo infinitivo, o complemento directo traz a preposição *a* com os verbos *começar*, *principiar*, *aprender*, *ensinar* (com mais frequencia que com a preposição *de*):

Começou *a* dizer.
Ensinou *a* falar.
Principiou *a* ler.

O complemento directo póde ser uma proposição:

« Dá *que eu possa nesta vida*, etc.»
« Não estranheis *se minh'alma endoudece.*»

Complemento attributivo.—Ha alguns verbos que admittem, além do complemento directo, outro complemento attributo d'esse ultimo:

Eu o nomeei *general.*
A *Herodoto* chamam o *pae* da historia.
A França declarou a *Alsacia* um *territorio neutro.*

Complemento indirecto (1)—Além do complemento directo, ha o complemento indirecto, que indica a pessoa ou cousa em vista da qual a acção é feita.

Em geral, o complemento indirecto representa a ampliação exigida por um verbo de sentido incompleto:

Utilizou-se do *methodo.*
Deu um livro a *João.*

(1) Objecto indirecto.

Accusou o réo *de roubo.*
Admirou-se *do espectaculo.*
Emprestei-*lhe* um livro.

Complemento circumstancial (1). — É o que indica circumstancia *de tempo, modo, logar*, etc.

Logar — Passou *pela Italia.*
tempo — Ha chuvas *no verão.*
companhia — Saiu *com outros.*
causa — Desmoronou *com a chuva*, etc.

---

(1) Adjuncto adverbial, como tambem lhe chamam.

III

Syntaxe do substantivo e do adjectivo

Ordem e collocação. — Os substantivos, em geral, precedem os qualificativos : *Homem trabalhador.*

Póde ser invertida a ordem : *real merito*, *merito real.*

Ha mister considerar que não existe arbitrariedade nestas inversões, de modo absoluto. A collocação em primeiro logar é determinada pela emphase e pelo calor da idéa ; depois, o uso já consagrou a collocação de certos epithetos que, deslocados, perderiam o significado proprio. Comparem-se os exemplos :

Santissimo Sacramento	— Sacramento Santissimo
Altos céos	— Céos altos.
Santos padres	— Padres santos.
Amor proprio	— Proprio amor.
Bello homem	— Homem bello.
Todo homem	— Homem todo.
Certa manhã	— Manhã certa.
Máo signal	— Signal máo.
Novos homens	— Homens novos.
Causa primeira	— Primeira causa.
Dias longos	— Longos dias

Além d'estes casos que são numerosissimos, ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo que é inadmissivel a inversão. Taes são, v. gr., *Deus padre*, *estrella fixa*, *mão direita*, *deputado federal*, *codigo civil*, *illustrissimo senhor*, etc, que soam como se fossem palavras compostas.

Os epithetos necessarios ou de uso tradicional, em geral, precedem o substantivo: *o piedoso* Eneas (*Lus.* II, 45), *o facundo* Ulysses (ib.), a *tenebrosa* noute, o *aspero* rochedo.

Mas não é regra absoluta (Albuquerque *terribil*, Castro *forte*, Venus *bella* (*Lus.* I, 33), e, ao contrario, é de uso pospôr os epithetos de nomes de reis ou celebridades: Carlos, o *Temerario;* Plinio, o *Moço.*

Genero. — A variação de genero dos substantivos produz frequentemente certo desvio de sentido. O feminino ganha maior extensão na idéa :

Madeiro — madeira
Fôlho — folha
Fructo — fructa
Quadro — quadra

— O nome *masculino* é o que designa a *especie:*

O *leão* é carnivoro. O *lobo* é voraz.

O feminino é usado quando não ha masculino (a avestruz, a rã, a formiga, a abelha), ou quando o feminino nos animaes de criação é o que mais nos interessa : a *gallinha*, a *ovelha*, as *pombas*.

O uso de formar femininos em *enta* dos nomes em *ente*, como *presidenta*, *almiranta*, *infanta*, tem-se pouco generalizado.

Tambem é digno de nota que os generos no correr do tempo soffreram variações :

A palavra *mar* foi antigamente feminina, e isto ainda se nota em *prea-mar* (*plena*-mar). Cf. o francez *la mer*.

O numero de variações historicas dos generos é bastante consideravel. *Theorema*, *planeta* e *problema* eram femininos, como o eram e são os nomes gregos em *a* desde cedo introduzidos : freima, broma, teima, almorreima. A palavra *linhagem* era masculina. Ainda hoje têm genero incerto : *scisma*, *personagem*, *phenix*. Foram outr'ora masculinos : *linguagem*, *arvore*, *tribu*, *linhagem*. Foram femininos : *clima*, *mappa*, *diadema*, *fim*, *planeta* e muitos nomes gregos terminados em *a*. Leia-se o que já escrevemos na primeira parte d'esta grammatica, a este respeito.

Lembremos os exemplos de Camões :

Mas já *a planeta* que no céo primeiro
Habita cinco vezes *apressada*...

Lus. V, 24.

Ou quem o *tribu* illustre destruiu
De Benjamin ?

Lus. III, 140.

Os adjectivos em *ez* não tinham feminino, como ainda hoje *cortez*, *montez*. Ainda no seculo XVIII escreveu Diniz:

A nossa *portuguez* casta linguagem.

Hyss. V.

Numero.— As variações de numero tambem denotam variação de sentido. Em regra, o plural dá sentido abstracto á palavra:

Honra — honras
Côrte — côrtes
Parte — partes
Letra — letras

Os nomes, habitualmente do plural, que indicam unidade de tal modo que não são acompanhados de artigo, exigem a concordancia no singular. Notem-se os exemplos:

Buenos-Ayres é a mais bella cidade da America.
Montes-Claros fica na planicie.

Comparem-se aos nomes que trazem o artigo:

Os *Alpes ficam* na Suissa.
Os *Estados Unidos fizeram* guerra á Hespanha.

Concordancia do qualificativo.— O adjectivo, em geral, concorda em genero e numero com o substantivo:

Homens velhos
Mulher sensata

Esta regra soffre diversas modificações. Quando concorrem varios substantivos, o qualificativo concorda com o ultimo:

A prudencia, a moderação sincera. Desejos e virtudes *puras.*

Com os numeraes é permittida a concordancia do substantivo no plural quando se enumera: *o terceiro e o quinto imperadores.*

Não se trata aqui do caso em que o qualificativo é attributo. (Vide o Cap. antecedente). (1).

O adjectivo *meio* póde ser usado adverbialmente; é então invariavel:

Olhos *meio* abertos

Póde igualmente fazer a concordancia, como nos exemplos de A. Herculano: *meios nús* (Eur. IX), familias hebreas *meias mortas* (Inquis. I, 217).

Eu te encontrei num alcantil agreste
Meia quebrada, ó cruz.

(Harpa do Crente).

Concordancia dos compostos. — Os nomes compostos tomam o plural em ambos os elementos componentes, quando estes representam a funcção propria de nomes:

Surdos-mudos
Capitães-tenentes, etc

Quando um dos elementos tem funcção adverbial ou está atrophiado, o plural só é indicado pelo ultimo:

---

(1) Escreve-me Firmino Costa:

«O sr. Freire da Silva (Gramm. Port. pag. 328) acha incorrectos estes dizeres—as litteraturas franceza e italiana, os primeiro e segundo andares—ao passo que Pacheco e Lameira, em sua gramm. á pag. 557, os consideram correctos. Exemplos classicos confirmam este ultimo parecer: «com que a nobreza e povo d'esta villa se oppoz aos *estados ecclesiastico e secular* da cidade de Braga.» Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo, I, 6; «sob a relação da educação domestica, e das *affeições conjugal, filial e paternal*». Castilho, Colloquios, 148; «*as naturezas angelica e humana*», Bernardez, Ex. Esp. II, 559; «*aristocracias secular e ecclesiastica*» A. Herculano, o Bobo, 8.»

Tem razão Firmino Costa, o mesmo nome proprio não escapa á concordancia, quando se quer, como fez Camões:

O quarto e quinto *Affonsos* e o terceiro.

Lus. I, 13.

Sciencias physico-*chimicas*
Linguas neo-*latinas* (1)
Crianças recem-*nascidas*
Jornaes luso-*brasileiros*.

Emprego dos numeraes. — Os numeraes podem, como outras palavras, ser empregados substantivamente : *o cinco de ouros ; quatro* é o dobro de *dous ; cincoenta e cinco* escreve-se com dous cincos. (2).

Os numeraes cardeaes sempre precedem o nome : *vinte* dias. As excepções notam-se no estylo poetico e em alguns proverbios : «Em abril, aguas *mil*.»

Os ordinaes podem ser substituidos por *cardeaes*, especialmente em numeros altos : *pagina vinte e cinco ; capitulo quatorze ; seculo dezenove*.

Nos seculos XV e XVI o uso dos cardeaes era frequentissimo e antecediam o substantivo, como se vê em Zurara : «No *doze* capitulo de Tobias...»

Nesse tempo não eram de uso os ordinaes eruditos : *undecimo*, *duodecimo*, etc. Deparam-se ainda *onzeno* e *dozeno* nos classicos quinhentistas e seiscentistas.

Os numeraes coordenam-se por meio da copulativa *e : cento e vinte, trinta e cinco*.

Collocam-se *antes* ou *depois* do nome, preferentemente *antes*, quando se designar a parte antes do todo :

---

(1) Não me parece que se deva substituir *neo-latino* por *novilatino* ou peiormente *novo-latino* Não ha hybridismo, por que nomes proprios e geographicos são inevitavelmente de todas as linguas. O composto de caracter syntactico *novilatino* é uma imitação do neologismo *novilunio*, que nunca existiu no latim (e nem existiram n'elle palavras formadas com o prefixo *novi*.)

(2) Foi já notado na primeira parte que *milhão* equivale a *conto*, e que este é preferido, quando se trata de moeda : um *conto*, dez *contos*. Assim é, no uso commum. Comtudo, uma ou outra vez se deparam, nos classicos, exemplos como este de Manoel Bernardez : «Valentino Gerardo affirma... que sobre o mestre das sentenças tinham composto de commentarios naquella universidade um *conto* e cem mil auctores.» *Floresta*, V, 307.

Na *primeira* metade do *seculo*
No *quinto* mez do *anno*
No *segundo* canto dos *Lusiadas*
No *segundo* seculo da *era christã*.

O numero *cento* possue a fórma contracta *cem*, que se emprega sómente quando vem só ou quando precede uma unidade superior: *mil, milhão, cem mil, cem milhões*. Nos outros casos emprega-se *cento. cento e trinta*, etc.

Comtudo, na linguagem forense emprega-se *cento* por *cem*. Lê-se no *Memorial a D. João IV*, de D. Francisco Manoel:

«Mil cruzados para a parte, duzentos para as despezas da mesa e *cento* para o seu juizo.»

Ha outros usos e empregos que notaremos nas *Apostillas*.

Os numeraes de numero elevado soffrem muitas vezes translações de sentido e perdem a noção mathematica e pura que representam.

Mil vezes obrigado.
Com mil e quatrocentas bombas!

Identica expressão emphatica, consagrada no latim do tempo de Plauto, era *sexcenti*. Na edade média, nos romances, occorre a formula *quingenti* (Diez). (1)

Gráos.—O portuguez admitte a emphase do gráo, adaptando adverbios ás formulas do comparativo e do superlativo: *muito mais formoso*, *mui formosissimo*, *assaz formosissimo*, etc. (2)

No hespanhol, observa Salvá que a inflexão vale mais que a periphrase, e que *doutissimo* diz mais do que *muito douto*. Tambem em francez *rarissime* vale mais que *très-rare*.

---

(1) Quando um numero de cousas já existe consagrado pelo uso, não é de bom conselho alteral-o sob qualquer fundamento. No 1º manuscripto (o de Faria de Souza) dos *Lusiadas*, I, 12, estava:

Os *onze* de Inglaterra e o seu Magriço.

O grande poeta emendou, e excellentemente, na edição impressa:

Os *doze de Inglaterra* e o seu Magriço.

Por onde se conserva a expressão *doze de Inglaterra* e inclue-se, sem sommar a estes, o Magriço.

(2) Escreve-me Firmino Costa:

«Neves Pereira ensina que, nas phrases—*o mais sabio e o mais constante* dos philosophos ou *o mais sabio e constante* dos philosophos,—é correcta sómente esta ultima. Do estudo, porém, dos classicos se verifica

O mesmo se dá no portuguez, e isto explica a preferencia das fórmas syntheticas consagradas nos titulos: *illustrissimo*, *reverendissimo*, etc. (1)

Gráo superlativo, intensidade ou energia maior da expressão póde ser conferida pelo adverbio *mal*, apposto a certas palavras. Assim, diz Ruy Barbosa:

«É muito da nossa boa linguagem, entre os que a tem sabido falar com elegancia, o emprego do adverbio *mal* na accepção de *mámente*, *de modo máo*, *muito*, *iniquamente*, *gravemente*, *duramente*, *asperamente*, *severamente*.

«Vejo-me *mal* castigada» (Gil Vicente: *Obr.*, II, p. 485). (Isto é, *severamente castigada*).

«Fareis bem de vos tornar,
Porque estou mui *mal sentido*.»

(Isto é, mui *profundamente sentido*.)

«Não somente dá vida aos *mal feridos*.»

(Cam.: *Lus.* IX, 32.)

«Já o tyranno ia embainhando sem sangue a *mal temida espada*.» (Vieira: *Serm.*, v. IV, p. 105.) Isto é, a *mui temida*.

---

que tanto nos superlativos como nos comparativos, podemos repetir ou não os adverbios, conforme a clareza ou a euphonia da phrase o exigir, parecendo ser mais emphatica a repetição. Para não tornar longa esta nota, vejamos apenas exemplos de superlativos.

«Por ser este o melhor e o mais rico porto.» Fernão M. Pinto, Liv. classica, I, 104.

«O maior e mais verdadeiro servidor.» (Sem repetição do artigo.) Vieira, Cartas, I, 10.

«Mas tornava de cêra os mais duros e mais emperrados corações.» Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo, I, 451.

«São os mais raros e os mais fascinantes olhos que ha.» Garrett, Viagens na minha terra, I, 116.

«Louvae obras do Senhor a Senhora, porque ella é a mais nobre, a mais excellente e perfeita obra do Senhor!» Bernardez. Luz e Calor, 561.

«De quem se conta nas historias a mais incrivel e singular fineza.» Latino Coelho, Vasco da Gama, I, 84.»

(1) Talvez por essa razão, em vez de *mais sublime*, empregou Vieira *sublimissimo* na phrase:

«As quaes (cousas) se não podiam entender e penetrar só com a agudeza dos entendimentos, *por* sublimes e *sublimissimos* que fossem». *Historia do fut.* Cap. 11.

«Quer em jogo, quer em sanha, sempre o gato *mal arranha*.» JORGE FERREIRA: *Eufros.*, c. II, sc. 4.

«Um adagiozinho, que a mandriões, como eu, regala o papo: «Mais val bem folgar, que *mal trabalhar*.» CASTILHO: *Colloq.* p. 328. Quer dizer: mais val folgar bem, que trabalhar *muito* ou *asperamente*.

«Muitas vezes sahia *mal-ferido* d'aquelle combate desigual.» HERCUL.: *O Bôbo*, p. 35.

O superlativo relativo pede depois de si o emprego da preposição: *o mais valente* DE *todos*.

Os comparativos de superioridade e inferioridade pedem o emprego das locuções: *de que*, *do que*, *que*.

Mais bella do QUE *a rosa*, *menos bella* do QUE *a violeta ou que a violeta*. (1)

Mais e *menos* repellem sempre as fórmas contraídas mui, tam, quam (muito mais, tanto menos, etc.)

Note-se que, comquanto *maior*, *menor*, *peior*, etc., exijam a conjuncção *que (maior que* a serra), os comparativos *superior*, *inferior*, *interior*, *exterior*, por esquecimento etymologico, rejeitam identica syntaxe; seria erro dizer: superior *que* aquelle, etc.

A boa syntaxe consiste em adoptar o caso sujeito depois do regimen: mais rico *que* eu; mais pobre do que *tu*.

No emtanto é commum encontrar nos documentos antigos e algumas vezes (raras) nos livros classicos a syntaxe: melhor que *mim*, mais rica *que ti*. Este uso não deve ser imitado, ainda que seja analogo ao francez.

Exemplo colhido pelo Dr. Silva Ramos: o emprego de *ti* depois do comparativo:

Tão velhaca é como *ti*?

Camões, *Amphitr.*

---

(1) E' digno de nota que o segundo membro póde ter a fórma *apparentemente negativa*, quando o comparativo é fraco ou timido na expressão: A ruina de Roma foi *mais causada* das innumeraveis gentes do Norte *que não* da sua destreza militar. (Severim— *Not.* I, 4).

Tambem o comparativo póde exprimir-se com maior intensidade por meio de circumloquios e expressões adequadas. *Da vantagem* empregou Filinto Elysio e tambem Camões:

Mas eu por *da vantagem* merecel-os
Dei mais a vida e alma por querel-os.

O comparativo de igualdade *tam* exige o emprego da subordinação pelo adverbio *como* ou *quanto*, *quam*. *Tam modesto, quanto sincero. Tam rapido como o raio.* (1)

Nos comparativos de superioridade e inferioridade, a syntaxe italiana exige o emprego de *de: più bella dei fiori.* O antigo portuguez tinha frequentes vezes syntaxe semelhante: *Mais fremosa de outras.* (2)

E ainda na lingua actual usamos, em expressões um pouco differentes, identica syntaxe: *mais de cincoenta leguas (mais do que cincoenta leguas).*

O uso do superlativo emphatico é classico e auctorizado. Barros diz: *muy antiguissimo;* os italianos dizem *più doctissimo*, e os latinos diziam: *longè doctissimus.* Na syntaxe antiga do portuguez dizia-se: *mui muito altos* (montes). (3)

— O *gráo* póde ser determinado por varios modos (4).

1. Possessivos

Os possessivos collocam-se ordinariamente antes do substantivo: *meu pae, vossa senhoria.* (5)

---

(1) Os superlativos syntheticos absolutos podem ser usados como relativos, por latinismo: *a formosissima das mulheres*, etc. Este uso é raro, sendo todavia mais frequente com os superlativos *ultimo, minimo, infimo: a ultima das glorias, o minimo dos seres.*

(2) Porque ei medo que alguem dirá...
que vos amei sempre mays d'outra ren.
C. da Vat., n. 15

(3) *Diccion. de Syn.* por F. de S. Luis, n. 306.

(4) Uma das fórmas populares de gráo ou emphase é feita com o prefixo *re:* velho, *revelho.*

Hei de ser *vosso* e *revosso.*
Amphitr.

Na mesma *Comedia*, emphase semelhante se depara com o verbo:

Que quando estas damas taes
Me *cacham*, então *recacho.*

(5) Ha uma elegancia de expressão, e é recurso da nossa lingua modificar o sentido e a applicação do possessivo, quando este se colloca depois. *Minhas saudades* quer dizer — as saudades que sinto. *Saudades*

No antigo portuguez, seculos XII e XIII, existiam as fórmas *ma ta, sa,* contraídas de *mia, tua, seu, sua.* Estas só eram usadas depois, e as outras, antes do substantivo: *Ma senhor (minha senhora), Senhor mia,* etc.

Os possessivos *meu* e *nosso* empregam-se em estylo comico para designar a pessoa de que se trata:

«*Vestiu-se o* nosso *deão, e rapido partiu.*» Diniz. *Hyssope.*

No periodo contemporaneo da lingua já se começa a dizer sem o artigo: *meu chapéo, meu livro.* A syntaxe antiga parece que quasi sempre punha o artigo em evidencia, o que se nota nas phrases consagradas pela religião e pelo estylo official: *venha a nós o teu reino; a tua vontade. A minha real camara,* etc.

O uso dos possessivos não é elegante, e é por isso frequentemente evitado com grandes vantagens no estylo idiomatico da lingua.

Cortou-*me* o braço
(meu braço)
Ouvia-*se*-lhe a voz
(sua voz)
Dos tres filhos *que tenho*
(meus)
Um rei *que temos* (Lus. II, 80)
A fama das victorias *que tiveram* (I, 3).
Venho *de casa.*
Terra *da patria.*

Por isso mesmo o uso claro do possessivo é emphatico e excepcional:

Deixa-me com a *minha* dôr.
Estou na *minha casa.*

---

minhas—as que outrem sente por mim. D'ahi, a propriedade e eloquencia singular d'estes dizeres: receberás cartas *minhas* (e não *minhas cartas*). Desconfianças *minhas* (partidas de mim). Loucura *minha* (a que me é propria ou de mais ninguem). Por igual, quando a emphase está na pessoa e não na cousa ou objecto de posse, a inversão é de regra:

Formosa filha *minha,* não temaes

Lusiadas, II, 44.

Custou-me o *meu suor*. (1)

O uso de *Vosso* nas palavras de tratamento não exige o emprego de possessivos correspondentes:

«Conceda-me *Vossa alteza* a *sua* graça.»

«*Vossa* Reverencia deixou aqui os *seus* livros.

2. Demonstrativos

A funcção do *demonstrativo* é algumas vezes expressa pelo artigo *o: os de Hespanha* (em fr. *ceux d'Espagne)*, *os que admittem*. (2)

Entretanto, com a fórma *o que*, o demonstrativo não envolve sentido de terceira pessoa, como *aquelle que:*

Não sou eu *o que hei* de deixar as minhas raizes, senão vós».

VIEIRA, *Sermões*.

---

(1) Não se approxima d'esta minha opinião a de Soares Barbosa. A proposito, escreve-me Firmino Costa:

«Pela regra de Soares Barbosa (Gramm. Port. pag. 272) o adjectivo possessivo se deve repetir a todos os substantivos continuados, e pela regra do sr. Freire da Silva (Gramm. Port. pag. 376) o possessivo, uma vez expresso, não deve ser repetido. Para o primeiro, é correcto dizer: *seus vestidos e suas joias*, e não *seus vestidos e joias;* para o segundo, *seu contentamento e espanto*, e não *seu contentamento e seu espanto*. No emtanto Soares Barbosa, na propria Grammatica, pag. 266, escreve — *seus temores e esperanças*, e a pag. 114 — «*seus usos e propriedades*» — E agora, os classicos:

«Olha que te mereço grande amor, porque sou *teu Deus, teu Creador e Salvador*». Bernardez. Luz e Calor, 285.

«Tão amigos de conservarem a fé e de a dilatarem foram sempre *seus paes e avós*.» Fr. Luis de Souza, Vida do Arcebispo, 1, 311. «Não me deixa *o meu sentimento e o meu temor*.» Vieira, Cartas, I, 333.

«Como se gloriam d'ellas *em seus escudos e bandeiras*.» Fr Thomé de Jesus, Trabalhos de Jesus, XXV.»

(2) Já escrevi em outro logar que os *qualificativos* que por longo habito e emprego antecedem o nome, valem como demonstrativos: O *pio* Eneas, a *bella* Helena. O uso commum no estylo epistolar e na conversação deu a *caro* (*caro* amigo, *caro* snr.) o mesmo valor de mero indicativo. Foi sem duvida por isso que Camões não hesitou escrever:

Cara minha inimiga...
Soneto XVII

em vez de *minha cara inimiga*, que daria outro sentido.

A fórma articular *o* evita a repetição do nome, que seria fastidiosa:

O som da minha voz era o da voz de homem.
(Herc. *Mong.* II).

E mesmo frequentemente nem sequer é necessario pol-a clara:

...chorando,
Ella males de amor, eu da fortuna.
(*Mal. Conquist.* III. 92)

O sentido do demonstrativo *esse* contém o seu significado etymologico *(ipse,* o mesmo), e por isso é usado para indicar qualquer cousa já enunciada:

O que acreditar em mim, *esse* será o escolhido.

3. Relativos (1)

Que resolve-se em *o qual, os quaes,* etc., quando o antecedente fica distante e ha necessidade de clareza.

O livro *que* leste.
O livro da bibliotheca, *o qual* leste.

A razão é que o relativo *qual* serve desde os mais antigos tempos da lingua como recurso para distincção de uma cousa d'entre muitas, e é até *distributivo.*

Tambem serve de nexo da comparação: *feroz qual um tigre.*

Quem com a preposição *sem,* por euphonia, resolve-se em *o qual: Sem o qual não deves partir.*

No seculo XVI ha exemplos de syntaxe *sem quem,* e Camões disse:

«*Esposo sem quem não quiz amor*» (Lus. VI, 92).

---

(1) Leia-se adiante a syntaxe das *Conjuncções* (Palavras invariaveis).

Quem póde usar-se com referencia a cousas, comtanto que a estas se empreste idéa elevada:

A terra...
Por *quem* tanto trabalho experimentava (Lus. VI, 94).

As lacteas tetas lhe tremiam.
Com quem amor brincava (ib. II, 36).

Qual tambem se emprega com a funcção de distributivo: *qual saiu, qual ficou.*

«Qual do cavallo desce que não vôa,
Qual co'o pennacho do elmo açouta as ancas.»

Cujo representa o genitivo latino de *que* e *quem*: *«O homem cuja casa viste.»*

No antigo portuguez até os tempos na renovação erudita, em pregava-se *cujo* como interrogativo: *Cujo é este livro?* É um latinismo que desappareceu da lingua.

No seculo XVI ainda *cujo* usava-se como relativo:

«El-Rei de Ormuz *cujo* este logar era» (*Dec.* II, III, 2).

Que, qual, quantos, são interrogativos: *Que homens? Que causa? Qual delles?*

«Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor! »
L. Palmeirim.

A expressão *O que é a vida?* com anteposição do pronome *o*, é provavelmente um brasileirismo. O uso classico não admitte anteposição do *o*. Os bons escriptores contemporaneos confirmam a omissão: Mulher, *que* me pedes tu? (Al. Herculano, *Arrhas*, VIII). A mesma syntaxe é observada nas linguas romanas. (1)

(1) O Dr. Carlos de Laet reuniu bom numero de exemplos que documentam a syntaxe do *que* interrogativo na lingua vernacula e em outras linguas romanas (V. *Microcosmo* de 26 de Março de 1888).

Entretanto, é de uso no gallego *o que*, e *il che* no dialecto florentino, nas interrogações, segundo affirma D'Ovidio (*Manual neolat*). II).

Recentemente o Dr. Ruy Barbosa em sua memoravel *Replica* (redacção do Projecto do Codigo Civil) firmou a doutrina classica no assumpto.

Os escriptores modernos portuguezes, porém, empregam geralmente —*O que* — nas frazes interrogativas.

Note-se ainda no uso dos relativos :

a) A equivalencia de *onde, por onde, em que, no qual, do qual, pelo qual*, etc.

> Os valles *onde* (*nos quaes*) nunca soara a voz humana. (Herc. *Eur.* II).

No portuguez antigo o uso de *onde* era muito mais extenso, como se vê da edição do Graal :

> «Aquelle cavalleiro *onde* me tantò falou (53)
>
> «Era Galvam tal homem *onde* se nam poderia vingar (99).

b) É regra geral collocar-se *que* junto ao seu antecedente, e, quando não é possivel fazel-o, como vimos acima, prefere-se o uso de *qual*. Entretanto, póde-se discretamente e com elegancia evitar o recurso de *qual*, quando o sentido é bastante claro, de modo que facilmente se percebe o antecedente verdadeiro :

> «*Muitas cousas* espantam de longe, *que* de perto provocariam riso».

E o exemplo de Arraes :

> «*Aquelle* é proximo a Deus, *que* se move pela razão e não pela ira.»

c) O uso de *qual* em logar de *que* é mais auctorizado depois de preposições ou particulas de duas ou mais syllabas. Com quanto se usem — *sem que, com que, de que* (e tambem *sem o qual, com-qual*), o melhor é sempre dizer : *segundo o qual, conforme o qual, contra o qual, até o qual*, etc.

Exemplos :

A razão por que...
A razão pela qual...
O fim para que...
O fim para o qual...
A prova, *conforme a qual*...

4.—Distributivos e indefinidos

Representam funcção igual a de indefinidos os dizeres : *pessoa alguma, não sei o que*, etc.

Este uso provém da tradição historica. No latim era frequente o emprego da locução substantiva : *nescio quis* ou *nescio quid*.

A palavra *homem* (*homo*, lat.) algumas vezes representa o equivalente de indefinido: *Não sei de homem que soffra... De memoria de homem*, etc.

Sabe-se que o *on* francez deriva de *homo*; a fórma vernacula é *um* confundida com o partitivo *um* (*unus*). Os exemplos nos seculos XIII e XIV são abundantes: « *Não póde hum estar que não cenure.* » (1).

Na antiga lingua existia o indefinido *rem*, hoje archaico: *Non digades rem* (*Rem* = cousa; fr. *rien*).

De, partitivo, com uso analogo ao francez *de*, tem alguns exemplos nos classicos:

« Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos e partirás quando quizeres ». Lobo—*Pastor peregr.* II. Jorn.

« Mandei enforcar a quantas esperanças dera *de* comer ». Camões. Carta I. (2)

---

(1) Leia-se, que vem ao caso e a proposito, a nota de Ruy Barbosa (na sua *Replica*):

« O dr. CARNEIRO e, como elle, outros grammaticos têm por « não tolerada hoje » (*Serões*, p. 328-9) a construcção portugueza, em que *homem* entra na accepção indeterminada e vaga do *on* no francez e da particula apassivadora *se* em nossa linguagem, onde tem ainda os succedaneos de *um homem*, *uma pessoa*, ou simplesmente *um*. Mas, classicos de nosso tempo, como CASTILHO e C. CASTELLO BRANCO, ainda usaram d'esta fórma portugueza, cuja elegancia era pena se deixasse perder:

« Tediosa e impolida coisa é falar *homem* de si mesmo. » (CASTILHO: *As Metamorph.*, prol., p. XI).

« O que *homem* herda
Só póde chamar seu, quando o utiliza. »
(*Fausto*, p. 46.)

« É mais facil cortar fundo nos outros do que arranhar *homem* em si proprio ». (*Ib.*, p. 414.)

« Deserto é estar *homem* só, como succede a toda pessoa que não tem *aquillo com que mais se accende o engenho.* » (C. CASTELLO BRANCO: *Noites de Insomnia*, n. 2, p. 41-2.)

« Mas, se ha temeridade sandia, é querer *homem* pôr hombros de supporte ao desabar das velhas coisas. » (C. CASTELLO BRANCO: *Prologo dos Combates e Criticas* de SILVA PINTO, PORTO, 1882, p. XXIII.)

(2) Outros exemplos colhidos pelo douto philologo Dr. Silva Ramos, foram publicados na edição anterior, e aqui se não incluem, por falta de espaço, mais que os seguintes:

Dos **distributivos** já vimos o uso de *qual* (a proposito dos *relativos*). Com o mesmo uso acham-se em Camões, *um*, *quem* e *tal*:

Tal dos mancebos ha (*Lus.* IX, 73)
Quem se afoga nas ondas,
quem bebe o mar (I, 92).

Os distributivos partitivos e os indefinidos não offerecem difficuldades de uso. Façamos, porém, as seguintes observações:

— Quando a proposição é de sentido *negativo*, prefere-se no rosto da phrase a palavra *algum* posposta ao substantivo, ou *nenhum* anteposto.

Homem *algum* poderá saber
Nenhum homem poderá saber.

A primeira diz mais e é mais emphatica que a segunda.

A proposição será sempre *negativa*, se *algum* ou *nenhum* (com sentido negativo) não estiverem no rosto da phrase:

Não o saberá homem *algum*
Não o saberá *nenhum* homem
Ninguem escutou cousa *alguma*.

Affirmando a *negativa*, diz-se: *não* sei *nada*. Exclue-se o não da interrogativa se esta envolve duvida..

Quem sabe lá *nada* da outra vida?
Herc. *Mong.* IX

— *Nenhum* póde ser usado com sentido affirmativo e equivalente ao de *qualquer* na expressão — *mais que nenhum* —; n'este caso, a proposição será sempre de fórma affirmativa:

Thetys *quer ferir*, *mais que nenhuma*.
Lus. IX, 48

Alcido, tens ovelhas e tens cabras
De que tiras *da* lã, tiras *do* leite.
(Camões, Egloga XIII.)
Não quero comer *do* pão,
Nem *do* vinho beberei.
(Carrett—Romanceiro, T. I. pg. 152.)
Trazem *das* flôres vermelhas,
Das brancas para o enfeitar.
(Idem, pg. 163.)
Um móe o cravo e a canella
Outro móe *do* gerzeli.
(Idem, T. II, pg. 9.)

Um em relação a todos os demais é partitivo :

«Um é o que governa, os outros são os governados».

Note-se o exemplo seguinte :

Os alifantes seguem a *um*, os grous a *um*, as abelhas a *uma*. Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, I, V, 132.

— ***Cada qual*** e *cada um* têm proximamente o mesmo sentido ; ***cada qual*** fica proximo do verbo, o que póde não succeder a ***cada um***.

Cada um dos soldados trazia lança e espada
(e não cada qual dos soldados)
cada qual trazia lança e espada.
«De edade *cada qual* era mancebo».
Camões—*Egl.* IV.

São distributivos ***muitos***, ***poucos***, ***muitos de***, ***os mais de*** ou ***do***, ***poucos de***, ***poucos dos***, etc :

Estas *poucas* de lagrimas derramadas (F. Alvarez do Oriente. *Lus. Transf.* 171.)

Nestes *poucos de* dias que Deus lhe dá de trabalho (Fr. Luis de Souza.—*Vida do Arceb.*, I, 208).

Raras vezes, *todos* se emprega com a funcção de distributivo e equivalente a *cada qual*, *cada um* (onde estes talvez fossem preferiveis) :

«E aqui quadra o que disse o Padre Famiano Strada, que quando *muitos* ouvem o que deseja o principe, *todos* fazem por levar a dianteira *aos mais*, para que não pareçam que não queriam, querendo em ultimo lugar». M. Bernardez. *Floresta*, IV, 226».

Parece que dizendo *todos* não haveria logar para *os mais*. Quando a idéa de universalidade se torna imprescindivel, é costume mais geral dizer «*todos e cada um*» n'uma unica locução.

IV

Syntaxe do pronome pessoal

Da collocação do pronome pessoal enclitico trataremos na lição que será consagrada especialmente ao assumpto.

Ordem.—Quando occorrem dous pronomes antes do verbo, o pronome sujeito vae antes do outro : *Mandou que tu lhe entregasses o livro*. Com a primeira pessoa, póde-se todavia dizer : *Que lhe eu entregasse*.

Era esta a syntaxe antiga. Nos bons seculos das letras era uso da lingua collocar por ultimo o pronome sujeito. Eis o que se lê na Regra de S. Bento : «*a qual cousa se a tu ouvires*». Hoje dir-se-ia : *se tu a ouvires*.

Sempre está syntaxe foi a dos classicos, mórmente quando occorria o pronome *lhe* :

> «*Em vestir-se de lan que lhe elle désse.*» (F. Alvarez do Oriente, *Lus. transf.*)

Duplicação.—É um caso de emphase a duplicação de idéas, constituindo *idiotismo* romanico:

> *Eu* me *parece que viverei pouco.*
> *Irmã, já* a *não tenho.*
>
> Que *me* importa *a mim*, a gloria ? (Eur. VIII)
> Ou se *lha* dão *a ella* as bellas flôres (*Lus.* IX, 61).

—Outro emprego de duplicação se nota, quando depois do possessivo *seu* occorre o complemento pronominal

— *d'elles : «Contemplavam as montanhas e notavam a sua formosura d'ellas.»*

E cousa analoga encontra-se na ed. do Graal :

«...falou dos *seus* peccados *que fez.*»

Aquella syntaxe é classica e pura. Nesse uso não ha pleonasmo. É um recurso com que a lingua portugueza suppre a falta do pronome romantico *loro*, no francez *leur : leurs enfants*, os seus filhos d'elles. No castelhano antigo existiu a fórma *lures*.

—Uso proprio e idiomatico da lingua portugueza é omittir os pronomes sujeitos :

Oh não te *chamarei* ingrata ;
Sou filho teu : meus ossos *cobre* ao menos.
Garrett (*Camões*).

Entretanto, se ha necessidade de emphase e ha collocação indirecta, o pronome deve estar claro.

No dialogo :—«Sim, repliquei *eu*», é de uso frequente.

Infeliz patria, serves *tu*, princeza,
Tu, senhora dos mares!
Garrett (ib.)

Notem-se ainda os seguintes empregos :

a) Na linguagem familiar usa-se de *seu*, *sua* (talvez contracção de *Snr.* ou confusão com esta palavra) no sentido de *você :*

Dê cá um abraço, *seu* diabo,
seu magricela do inferno.
G. d'Amorim (1)

Em identico estylo, o possessivo *seu* exprime valor ou quantidade incerta, mas approximativa :

«Tem os *seus* vinte contos de réis», isto é, não muito menos. E por igual : Elle conhece bem a *sua* medicina, fala bem o *seu* inglez», como se equivalesse : conhece a medicina quanto a conhece, etc. Castilho, indicando os personagens das *Sabichonas*, diz : «Gonçalo André—cavalheiro rico, *seus* cincoenta annos», isto é, cincoenta approximadamente.

---

(1) Gramm. de Meyer Lübke, III, 95. «E em Machado de Assis:—*Seu* barbeiro, você é pernostico—*Quincas Borba.*» (Nota de Firmino Costa).

Casos obliquos—Entre os pessoaes, os accusativos têm a funcção de dativo e accusativo:

Dat. — Elle *me* deu o livro.
Acc. — Elle *me* reprehendeu.

O mesmo se vê com os outros pronomes, excepto com o da terceira pessoa, em que o dativo é expresso por *lhe;* e o accusativo, por *o* ou *a:*

Deu-*lhe* o livro
Reprehendeu-o.

Ainda aqui convém notar que nos tempos preliminares do periodo classico, no *Palmeirim de Inglaterra*, por exemplo, encontra-se a syntaxe *lhe=o: reprehendeu-lhe.* No castelhano tambem *le* e *lo* são equivalentes em varios casos. Não são poucos os verbos que admittem o regimen *directo* ou *indirecto* (gozar *o*, gozar *de*, usar *de*, usar *o*, etc.)

Se e si, sendo reflexivos, referem-se naturalmente ao sujeito da proposição. Não é correcto dizer-se: Falei *comsigo* (com V.). Falei de *si* (de V.). O uso correcto manda dizer:

«*Pedro* falou de *si* (d'elle Pedro e não de vós).
«*Você* quer tudo para *si* (isto é, para você).
«Leve o revolver *comsigo* (isto é, com você). (1)

---

(1) Estes dous ultimos exemplos são tirados dos interessantes *Estudos de portuguez* do Sr. A. R. Nobrega (1900), mas para contradictal-o. É certo que em Portugal, hoje em dia, o pronome *si* é preferido a *você* ou ao *senhor* (talvez porque estas duas ultimas formulas são, uma muito familiar e a outra muito cerimoniosa), e d'este uso se encontram exemplos nos dialogos dos romances e do theatro; mas creio que não é cousa que se imite, nem muito menos se aconselhe. A proposito lembra-me Firmino Costa o exame dos seguintes exemplos.

«Tinha este solicito Prelado guardado em uma grande arca a quantidade de trigo, *que* era necessaria naquelle anno para *si* e seus subditos.» (Bernardez, Nova Floresta, III, 376). «Encontrou Jacob um monge, que, reparando no melancolico do seu rosto, o obrigou a vir *comsigo* para a cella.» (Idem, II, 359.)» Acho que o segundo exemplo está de conformidade com a regra, e no primeiro é evidente que *si* sendo *pessoal* não se ha de referir a *trigo* ou a *quantidade.*

Igualmente, da mesma maneira que *me* e *te*, o pronome *se* póde ser accusativo ou dativo:

«Deu-*se* o incommodo de vir».
«O auctor reserva-*se* o direito...»

Comparação.—Depois do termo de uma comparação, usa-se do pronome nominativo: *mais serio que eu; mais vivo que tu.*

A syntaxe franceza adopta o obliquo *moi* em vez de *je: plus agé que moi.* Entre os seiscentistas, como já notámos, não é raro vêr identica syntaxe: *mais forte do que ti.* Nos proprios quinhentistas, em Sá de Miranda (ap. Moraes) encontra-se a syntaxe: *Tinha mais experiencia que ti.* E em Camões (*Redondilhas*): «*Por que sois maior que mim*». (1)

---

(1) A expressão *mais que*, quando ao *mais* não se segue o qualificativo, exprime um gráo intermediario entre o *positivo* e o *superlativo*, mas que exclue toda a comparação (conforme se vê nas minhas *Apostillas*). Taes são: *mais que* perfeito, *mais que* humano — que significam não *muito perfeito* ou *muito humano* e antes ao contrario, fóra do perfeito, acima do humano.

Co'o nome do mancebo mais que afouto.

F. Elysio. Ode aos novos Gamas.

V

Syntaxe do artigo

O artigo exerce a funcção de determinativo : *o homem*. Por isso substantiva qualquer palavra : *o bom, o querer.*

Esta funcção é um tropo ; a natureza essencial do artigo (*ille*) fal-o-ia empregar como pronome da terceira pessoa relativa. É o que já se observa no latim barbaro : *vidit illum.* Data do baixo latim.

O artigo exerce a funcção de terceira pessoa pronominal : *viu-o, ama-o.*

Esta funcção representa a syntaxe genuina do latim : *ille, a, ud.* Data do latim culto.

O artigo exerce a funcção de demonstrativo : *os de Lisboa* (em francez, *ceux de Lisbonne*).

Esta funcção, que não existia no latim puro, tambem era usual no antigo portuguez e nos tempos classicos : *Escolha qual melhor lhe parecer* (qual=o que). Nos proprios seiscentistas ainda se observa o uso de *o* como demonstrativo separado do seu complemento : *E como os reis são os a quem mais neste mundo se furta.* (Auctor da—A. de furtar, 67). Este uso é um primor de linguagem que se deve zelar ainda hoje. «E já póde ser que alguns dos que aqui estão, que deseja deixar no mundo memoria do seu engenho, saiba nesta occasião, o em que o póde empregar melhor». Rodr. Lobo. (*Côrte na Aldeia*, Dial. I).

Combinações.—O *artigo* compõe-se com varias fórmas grammaticaes, de ordinario com a fórma *lo*. Com os verbos : ama*lo*, faze*lo*, sabemo*lo*, dizei*lo*, etc.

Com os pronomes *vos*, *nos* : eu vo*lo* disse, elle no*lo* contou. Com *por* e *per* : pelo, polo (ant.) e ainda com outras palavras, como se prova com os antigos documentos,

e com certos plebeismos : todo*los* dias, ambo*los* braços, tra*las* paredes, Tra*los* Montes, eu mai*lo* companheiro, vêde*lo*, disse-*lo* ; e com as expressões de uso : *ala*fim, *ala*fé, *eilo*, *eilos*.

Empregos mais notaveis. 1.—Usa-se antes dos nomes proprios para determinal-os : o *Lopo*, o *Antonio*, o *Camões*, o *Tasso*, etc. A França, o Tejo, etc.

O artigo teria mais adequado uso com os cognomes do que com os nomes ; por isso diz-se o *Tasso* (e não o *Torquato*), o *Camões*, etc. Da mesma fórma, os italianos dizem *il Tasso* e nunca *il Dante* (como por erro dizemos : o Dante). *Dante*, sendo prenome, não tolera entre elles o artigo ; dizem simplesmente *Dante*, ou, se preferem o cognome, *l'Alighieri*.

Esta syntaxe tambem é observada com certos limites no portuguez. Dizemos *Jesus* e não o *Jesus* ; podemos todavia dizer *Christo*, ou o *Christo*, ou o *Christo Jesus*. A palavra *Christo* é um adjectivo e significa o—*ungido*.

Com os nomes de paizes o artigo não era usado na syntaxe antiga. Dizia-se *Terra de França ; nasceu em Italia, em Portugal em Castella*. «As terras viciosas de *Africa* e *de Asia*» (*Lus.* 1, 2). Hoje, o uso do artigo é muito commum. Diz-se : *a França, a Allemanha* ; comtudo, não se diz *a Castella, o Portugal* Os hespanhóes dizem : *Republica de Chile, gobierno de Mexico*, etc., sem artigo.

Os nomes de cidade, quando não são appellativos, como *Porto, Bahia, Rio*, nunca trazem o artigo : *Paris, Berlim*, etc. Ha, todavia, algumas cidades que são nomeadas com artigo : *o Cairo, a Méca, a Havana, a Corunha, a Rochella, o Havre, a Haya*. (1)

Ainda que os nomes de cidades, de natureza appellativos, se usem com artigo (*o Porto, a Bahia*), todavia, quando *compostos*, repellem-n'o : *Villa-nova, Pontes-vedras, Porto-Alegre, Meia-Ponte*.

2.—Usa-se o artigo antes dos nomes de titulos : *o Padre Mathias, o Visconde de Porto Seguro, o Conselheiro Albuquerque*.

Esta regra soffre modificações determinadas pelo uso. As fórmas contractas *frei, dom, são*, não admittem artigo : *Frei José, Dom João, São Pedro*. O titulo *soror* é um puro latinismo e repelle o artigo : *soror Violante*.

(1) E, ainda em espanhol : *La Vera Cruz* ; e em francez do sec. VI : *Le Liège* (Meyer-Lübke). Fernão Mendes Pinto diz : *o Pequim*.

No mesmo caso estão as fórmas de tratamento originadas da lingua estrangeira : *Sir* Robert, *madame* X, *Lord* N.

Exceptuam-se usos especiaes : *o lord* mayor, *os lords* do almirantado,

3. É um pouco arbitrario o uso do artigo nas apposições. Note-se, porém, o seguinte :

a) Nos cognomes de reis e celebridades é de uso geral : Pedro, *o* Crú ; Affonso, *o* Sabio.

b) Usa-se sem artigo o mesmo cognome, quando da geographia : Paulo *Veronez;* Scipião *Africano* (ou o Africano).

Igualmente com os ordinaes : Luiz *Quinto ;* Affonso *Decimo*. Excepto quando o numeral precede : *o sexto* Affonso. (Vide *Apposição*). É uso muito moderno, porque os classicos sempre escreviam : *D. João o terceiro, Affonso o quarto*. D'onde se conclue que este é o uso melhor.

— Convém notar aqui o influxo da syntaxe franceza. É um gallicismo a intercalação do artigo nas formulas : *Sua Excellencia o deputado, Sua Alteza o principe, Sua Santidade o Papa*. Estes gallicismos foram adoptados geralmente na lingua para evitar formulas menos elegantes, como : *a excellencia do sr. deputado, a alteza do principe*, como mandaria dizer a vernaculidade. (1)

4. Usa-se o artigo antes dos pronomes e adjectivos possessivos : *meu, teu, vosso, seu,* etc.: *o meu chapéo, o teu carro.*

No estylo familiar póde ser supprimido o artigo : *meu livro.*

Desde os documentos mais antigos nota-se este uso do artigo. Vê-se identica syntaxe nas orações da igreja, de linguagem naturalmente antiga e pura : *Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade*, etc. Nos antigos papeis officiaes : *a minha real camara, os meus dominios*, etc., conforme já observamos noutro logar.

A presença do artigo modifica o sentido. Um grammatico poderia dizer : *a syntaxe é meu dominio* (uma das cousas que estudo), *e a grammatica é o meu dominio.*

---

(1) Escreve-me o meu douto collaborador, Firmino Costa : «Na *Chronica da Comp.* do padre S. de Vasconcellos encontra-se a seguinte phrase: «communicou a coisa á *Alteza de el-rei* Dom João o III» pag. 3 ; «Assim da *Alteza d'El-Rei* D. João, como tambem de seu governador» pag. 18.»

O titulo de *alteza* era o que se dava aos reis de Portugal, e que depois passou aos principes. O de *majestade* foi introduzido com o dominio espanhol dos Filippes.

Vê-se que a locução *o meu* abrange o todo; *meu*, apenas uma parte. D'ahi vem a suppressão frequente do artigo nos dizeres que exprimem ser unico o objecto possuido: *meu estomago, minha cabeça, meu pae, minha mãe, minh'alma.*

5. O artigo tem muitas vezes um valor pronominal, uma funcção obscura e latente, por effeito de ellipse: «*Deu* ás *de Villa Diogo.*» «Foi *ás* do *cabo.*»

Omissão do artigo. Além das excepções ao emprego do artigo já apontadas, notemos os seguintes usos:

a) Omitte-se o artigo, quando concorrem estreitamente duas idéas, de modo que apenas representam uma idéa unida: *mar e céo; um e outro; mãos e pés; pés e cabeça; alma e corpo.*

b) Omitte-se nas expressões como esta: o homem *mais* competente (e não—*o* homem *o* mais competente—o que seria inutil gallicismo). Isto, quando ha repetição do artigo: o homem o mais competente. Quando a não ha, a construcção é portuguezissima: «Escriptores os mais competentes».

c) Omitte-se o artigo na enumeração de synonymos, e é indispensavel na enumeração de antonymos:

O sol, estrella fixa.
A lua, planeta, astro secundario.
A luz e as trevas. O dia e a noute.

«Surgiu *o* homem e *a* podridão, *a* arvore e *o* verme». Herc. *Eur.* IV, 3)

d) No antigo portuguez até o seculo XIV, e raramente depois, encontra-se a syntaxe *o um* analoga ao uso francez *l'un.*

«E enlegerom dous, *o hum*, foi Joseph e o outro Mathias. (Act. dos Apost. C. I. v. 23. *Apud.*—Inéditos de Alcobaça). (1)

e) Omitte-se geralmente nos *latinismos* poeticos: *Noto, Boreas, Austro, Zephyro,* e cousas personificadas: Amor, Fortuna, Natureza ou Natura.

---

(1) Veja-se no *Palmeirim* de F. Moraes, conforme o exemplo que me communicou Firmino Costa: «E sairam d'ella duas donas, *a uma* acompanhada como pessoa de preço, *a outra só.*» I, 220.

Quem viu *em fortuna* haver firmeza
Lus. IV, 51.

A quem *amor* não dera um só desgosto
Lus. IX, 75.

f) Omitte-se no uso familiar nas expressões: saber *geographia*, falar *inglez*. O emprego do artigo é preferivel É de Diniz, no Hyss. V, 110:

De tanto peso pois é saber o *francez?*

E em Camões:

Quem sabe a *lingua hispana*
Lus. VII, 25.

De indole igual é a expressão *falar verdade* ou *falar a verdade*, sendo que a primeira é de muito a preferida e mais conforme a idéa que exprime. Fr. Luis de Souza disse *falar verdade:*

«Replicou a rainha que differentes eram as informações, que d'este tinha e dadas por pessoas que sabia lhe falavam verdade. *Vida do Arceb.* I, cap. VI.

E tambem Camões nos Lusiadas, IX, 45:

Fala verdade, havida por verdade.

g) Omitte-se o artigo quando as cousas são designadas indeterminadamente (no que hoje por gallicismo é costume empregar-se *um, uns*). Leiam e meditem os seguintes exemplos de Camões:

Desejasse *piloto* para a India... (II, 70)
Vereis *amor da patria* não movido. (I, 10)
Busca *mouro*... que lhe mande... (I, 83)

e de Lobo (*Cond.* III):

«Achou Nunalvares *casa* nobre e rica,
mulher perfeita e *terras* abundantes.»

h) Omitte-se antes do *que* interrogativo. *Que é* isto? *Que é* sciencia?—e não—*o que* é isto? *o que* é a sciencia? É o uso classico, mas não o de hoje em Portugal e no Brasil.

i) Omitte-se ainda o artigo em expressões usadas em sentido de genero ou especie: *orgulho não é vicio.*

j) A expressão *el-rei*, já contendo o artigo *el*, não admitte outro. Comtudo, e não é para imitar, um ou outro escriptor empregou o artigo.

«Só o *el-rei* podesse julgal-os». Jorge de Vasconcellos. *Tavola redonda. Cap. I, 2.*

VI

Syntaxe do verbo e de alguns verbos especiaes

Correlação dos tempos dos verbos

Os verbos transitivos podem ser empregados como intransitivos: *quero e posso; lê e escreve.*

Os intransitivos podem ser empregados, ainda que mais raramente, como transitivos:

> *Dormimos somnos* alheios
> *Os nossos* não *os* dormimos
>
> **Sá de Miranda**

Outros differentes modismos podem substituir o citado. Ex.:

> « *O somno* que todos nós *dormiremos*... A deliciosa *vida* que naquellas terras *se vive.*»
> «A outra *vida* que d'antes *vivi.*
>
> Garrett—*Folh. cah.* 149.

Ha alguns casos em que a denegação do intransitivo é um gallicismo: *chove improperios, troveja applausos.* No francez esta syntaxe é admissivel e justificavel pela presença do sujeito apparente: *il.* Em vernaculo, se ha de dizer *chovem improperios, trovejam applausos;* os ultimos elementos d'estes dizeres serão então os sujeitos do verbo.

Andar, em Camões:

> ...philosophos que *andaram* tantas *terras* (V. 53).

Passear—frequentativo de *passar,* etymologicamente é transitivo. Póde-se dizer: passear *terras estranhas,* etc.

Entrar, em Camões, *Lus.* VIII, 37:

> Primeiro *entrando as portas* da cidade.

Calar — tambem era transitivo e ainda se usa como tal em certas expressões : *calar os motivos, as razões.*

Deparar é tambem transitivo: Santo Antonio *depara* (faz apparecer) as cousas perdidas. *Deparou-se-me* um livro.

É incorrecto dizer: *deparei com* o livro — ou — *deparei* o livro, ainda que se encontrem exemplos d'essa incorrecção em Filinto Elysio e outros.

A voz passiva tem um complemento adverbial regido de *por :* foi amado *pelos* paes.

A syntaxe latina dava a esse complemento a regencia *de*, *per* ou *ab*. A regencia *per* predominou no portuguez, porém a regencia *a*—tem alguns exemplos com participios: *morto a pedra*, *morto a fome*, que aliás se explicam por outra syntaxe. A regencia *de* torna-se necessaria com os participios usados como adjectivos: ornado *de* flôres; crivado *de* settas. Esta regencia nota-se ainda com os verbos *acompanhar*, *seguir*, *preceder*, *cercar*, etc.: cercado *de* soldados ; acompanhados *de* homens ; precedido *de* crianças. Fr. L. de Souza disse : «feito *de* pincel».

O caracter de *passividade* é menos intenso nas fórmas nominaes do verbo. Ha participios passivos, depoentes, que são usados como activos : homem *lido*, *viajado*, *ousado*, *calado* (v. Participios).

— Ha infinitos que accumulam a funcção das duas vozes : deixei *comer* o queijo pelo rato. (Julio Ribeiro).

E é o que se observa nas expressões já notadas : é de *suppor* (suppor-se), é de *ver* (ver-se), é de *crêr* (crêr-se), etc. (1)

---

(1) Escreve-me o douto philologo Firmino Costa:

« Nos classicos antigos é raro vir representado por um verbo no infinito o objecto directo do verbo *pedir*, o que é hoje muito usado em phrases como esta — *peço-lhe remetter-me duas peças de renda*. Bernardez, porém, fornece-nos em os Exercicios Espirituaes, parte 2ª, estes exemplos: « Tu és aquella palavra aspera, de que os tementes a Deus *pedem* com David *ser livres* » pag. 230. « E quando separados *pedem* outra vez unir-se » pag. 333.

O verbo *incorrer* é usado como transitivo e como intransitivo :

USOS ESPECIAES DE ALGUNS VERBOS

(exceptuados *ser*, *haver*)

Notem-se os empregos seguintes:

a) para significar *existencia* e varios matizes d'essa idéa, o idioma possue, além de *ser* e *estar*, grande numero de verbos:

Acho-me doente.
Sinto-me envelhecido.
Viu-se empobrecido.
Anda alegre.
Quedou-se surprehendido.

b) a fórma verbal *é de mister* (e tambem *ha mister)* é um defectivo e só tem terceiras pessoas:

« *Eram de mister* muitas considerações.
Ha mister cumprir a lei.»

c) o verbo *fazer* emprega-se frequentemente para evitar a repetição de outro verbo anterior. Ex.:

O melhor é *rir-se* como o *fazia* Democrito.

«Si peccares, incorrerás todas as miserias.» Bernardez. Ex. Esp., 1, 204;

«Incorrer em todos os castigos da ira de Deus» Ibidem, 231;

«Porque não tremem os que incorrem em semelhante culpa, de incorrer semelhante pena?» Ibidem, 245.

Bellegarde, em seu livro *Vocabulos e Locuções*, e com elle quasi todos os grammaticos, consideram incorrecto dar o pronome *o* como objecto directo do verbo *chamar*, quando este se emprega por appellidar—*chama-lhe audaz* e não *chama-o audaz*. Na verdade, essa anomalia é abonada pelos classicos. A construcção condemnada é hoje, entretanto, mui seguida pelos bons escriptores, e ainda ha pouco, o sr. J. R. escreveu: «porque os reis já não existem mais e são pois naturezas problematicas, como *os chama* o critico.»

Fr. Luis de Souza e Francisco de Moraes usaram em taes casos não só do pronome *lhe* como tambem do pronome *o*, conforme os exemplos d'este ultimo:

«Martyres *os chamavam* os companheiros.» Vida do Arcebispo, 1, 14.»

—Não é estranho que d'elle zombem, quando é o primeiro a *fazel-o* (a zombar) de si proprio. (1)

d) Certos verbos, por exprimirem vagamente movimentos ou percepções de si incompletas, de ordinario compõem-se com outros. Taes são os verbos que significam actividade dos sentidos (ver, ouvir), *parecer*, *semelhar*, *afigurar-se*.

Ouço cantar.
Vi sair a lua.
Mandei retirar os moveis.
Fiz transportar o piano.

«*Manda vir* cheiros, joias, galas, espelhos».
Vieira.

Este modismo póde ser muito generalizado:

Quero falar e não posso.
Anceio encontrar o amigo.
Espero vencer este combate.
Falta acabar o capitulo.

«*Deem-lhe* mais *navegar* a vela e remos...
Deem-lhe perder nas aguas o piloto.»
Lus. V, 88.

Na passiva esses verbos duplos constroem-se como no exemplo:

«Algumas vezes *foi ouvido* cantar em voz baixa e sentida uma letra pouco aparada no metro... Fr. Luis de Souza—*Vida do Arceb.* t. I, capitulo 5.

«Não sabeis si os chameis pilotos, si cocheiros, si cavallos.» Idem, 192.

«E por isso *a chamavam* a Floresta Desastrada.» Palmeirim, 1, 51.»

(1) No especial sentido em que costumam os francezes empregar o verbo *faire* (faire le menuisier), emprega-se *usar de*, como escreveu Camões:

Dae ao demo essa tenção,
Usae antes de *cortez*.
Amphitr. 1, sc. 3.

Tambem é notavel o uso de *fazer* como defectivo, como neste exemplo de Vieira:

«Os nossos proprios vicios *faz* que *sejam* testemunhas da nossa fé. (*Sermões selectos*, vol. 4, pag. 2).

e) Diz-se *acordar* e não *acordar-se*, no sentido de despertar. *Acordar-se* significa especialmente recordar-se. Ex.:

> «Fazei por merecer o appellido que herdastes *acordando-vos* que o nascimento de todos é igual.» Jac. Freire, D. *João de Castro*, II, 32.

f) Do verbo *criar* modernamente querem fazer dous verbos: *crear*, *crêo*, *crêas* no sentido de dar vida, fazer; e *criar* no sentido de educar, nutrir. E diz-se de conformidade com esta regra:

> «Deus *creou* o mundo.»
> «As difficuldades que elles crearam.»
> «A mãe *cria* o filhinho.»
> «Os sertanejos *criam* o gado.»

Os classicos nunca fizeram essa inutil distincção, e antes sempre diziam *criar:*

> Mas falta-lhes pincel, faltam-lhe côres,
> Honra, premio, favor que as artes criam
> *Lus.* VIII, 36.

g) Da mesma fórma que «*é mister*» (nota *b*), ha as locuções verbaes neutras: *cae* neve, *faz* calor, *é* bom, *é* natural, *é* simples, *é* vulgar, *é* facil, *é* justo, *é* bem que; e da mesma natureza logica é: *praz-me*, *apraz-me*, *convém*, *importa*, *parece*, que são verdadeiros VERBOS SEM SUJEITO. (1)

h) O uso do reflexivo, quando não indica differença de idéa (*ir* e *ir-se*, *morrer* e *morrer-se*, *parecer* e *parecer-se*) vae-se tornando obsoleto e hoje é commum dizer: *mudar*, *vestir*, *recolher*, *reunir*, *retirar*, *rir*, *sorrir*, *casar*, em casos onde o emprego de *se*, exprimindo espontaneidade da acção, seria mais louvavel e correcto.

---

(1) V. os excellentes *Estudos de linguistica* de Said Ali na *Rev. Bras.* tomo I (1895).

MODOS E TEMPOS

O presente emprega-se, no indicativo, para exprimir a realidade da acção no momento: *chove;* os homens *são* mortaes.

Para indicar as verdades scientificas e eternas: A somma dos angulos do triangulo *é* igual a dous rectos. A terra *move-se*.

O *presente historico* é um recurso literario proprio para dar realce e vivacidade ao estylo:

«E Jesus *toma-o* pela mão *e leva-o* até a margem do lago.»

É apenas um effeito pittoresco da narrativa enunciar no presente o facto passado.

Póde-se tambem empregar o presente pelo futuro: *vou* amanhã.

Indica a acção habitual: *pinto* aquarellas; *leio* Platão.

O perfeito indica a acção realizada: *parti, saí do* Havre em Junho.

As fórmas compostas: *tenho saído*, etc., exprimem a repetição do acto.

O imperfeito indica a acção realizada anteriormente a um momento passado: *dormia quando chegaste*.

É o tempo usado habitualmente no estylo descriptivo:

«Tres formosos oiteiros *se mostravam*» (Camões).

O mesmo emprego tem, entre os classicos, o presente.

O mais que perfeito—O portuguez é a unica das linguas romanas em que o *mais que perfeito simples* conserva o sentido primitivo latino. *Amára* (*amaveram*), tinha amado.

Nas demais linguas em que existe o *mais que perfeito*, a sua funcção é simplesmente de condicional: *amara, teria amado*. Esta funcção tambem cumulativamente com a outra existe na lingua vernacula.

O futuro indica que a acção do verbo se realizará depois do momento em que se fala: *irei* na proxima semana.

Faz a funcção de imperativo: *honrarás* pae e mãe.

E tambem (funcção importante e delicadissima pela subtileza da idéa) serve para indicar incerteza, ou simples avaliação approximativa: «*lerá*, mas não entende»; «*haverá* cinco annos» isto é, mais ou menos cinco annos. São phrases que differem d'est'outras: «*lê*, mas não entende; *ha* cinco annos.»

O futuro indica a acção relativamente a qualquer tempo nas fórmas compostas: *hei de fazer o que pedes*, ou *pedires*, *pedias*, *pediste*.

Esta composição pelo verbo *haver* é a propria do futuro simples: *amar-ei* (*amar-hei*).

O modo indicativo exprime o facto real; e o subjunctivo, o facto contingente.

O emprego do subjunctivo vêr-se-á melhor tratando da correlação dos tempos.

CORRESPONDENCIA (1)

Na correlação dos tempos só importa conhecer os casos em que os verbos se correspondem em *modos* differentes.

1. Fica o verbo da proposição subordinada no modo subjunctivo, quando a principal exprime receio, duvida:

Receio que *morras*
Não *sei* se *escreva*.

Não é de rigor. Póde-se dizer: temo que *morrerás;* não sei si *escreverei*.

2. O verbo da subordinada fica no subjunctivo, quando o verbo da principal é impessoal ou usado impessoalmente: *importa que fiques*, *basta que chegues* á hora.

Esta regra tem excepções: com os verbos *acontecer*, *resultar*, *seguir-se* e com as construcções *é certo que*, *é logico que*, etc.:

---

(1) A *correlação* dos tempos não me parece capitulo indispensavel, ainda que para corresponder á tradição das grammaticas e do ensino, aqui se incluam algumas observações. Não só as regras são todas lacunosas, como a verdade geral é que só o sentido, positivo ou hypothetico, isto é, o MODO e não os TEMPOS, determina o uso. Dizer que quando o sentido é incerto ou hypothetico o verbo vae para o subjunctivo, é nada dizer, pois isso decorre da definição de subjunctivo.

Acontece que *tens* de vir.
É certo que *esteve* doente.

3. Quando a subordinada está ligada á principal por um pronome conjunctivo *que*, *qual*, *cujo*, etc., o verbo será do subjunctivo ou do indicativo, conforme o sentido fôr positivo ou incerto:

O caminho que *sei*.
Um caminho que eu *saiba*
Quero o professor que *sabe*.
Quero professor que *saiba*.

Note-se que a analyse da phrase póde indicar o modo da subordinação. Com os adjectivos determinativos ou numeraes *este*, *primeiro*, *segundo*, *aquelle*, o verbo será do indicativo: é o primeiro *dia* que passo; é *este* que eu quero. Quando o antecedente do *que* vem determinado pelo artigo definito, em geral o verbo da subordinação fica no indicativo: a doutrina que *sigo*, a mais perfeita que *conheço*.

4. Depois da conjuncção *se*, a clausula subordinada tem o verbo no indicativo, quando exprime facto positivo: *se estudo* pouco, a culpa é minha.

Quando a clausula subordinada exprime duvida ou condição, fica no subjunctivo: se eu *fosse*, tu não irias.

5. As conjuncções *embora*, *quer*, exigem o verbo no subjunctivo:

Farei a viagem, *quer* elle *venha*, quer não.

Embora fique doente, trabalharei.

Tambem ficam incluidas nesta regra as conjuncções compostas de *que: comtanto que*, *ainda que*, etc., que pedem, em geral, o subjunctivo.

Os demais tempos não offerecem difficuldades de correlação.

O *presente* tambem é empregado por effeito pittoresco, no estylo historico e em logar do tempo passado.

«Jesus, ao ver os cégos e paralyticos, chega-se para perto e lhes *fala*, etc.»

E no estylo descriptivo:

«Vae esta estrada sempre em voltas por um vale, etc. J. Vasconc. *Tav. Redonda*, 227.

VII

Syntaxe das fórmas nominaes do verbo.

Infinitivo e particípios

As fórmas *nominaes* do verbo são as que podem exercer a função de nomes, substantivos ou adjectivos.

E são o *infinitivo*, o *gerundio* e os *participios*.

A natureza nominal do infinito era já conhecida de Prisciano: *Vim nominis habet verbum infinitum; dico enim* bonum est legere, *ut si dicam* bona est lectio.

1.—INFINITIVO

O infinito portuguez é dotado da flexão pessoal: *amar eu, amares tu*, etc.

Força é confessar que o saber empregar a flexão pessoal é mais da estylistica do que da grammatica.

Aquella particularidade tambem se observa no dialecto gallego, e constitue um idiotismo da lingua. A flexão de infinitivo explica-se pela influencia analogica do futuro do subjunctivo, que tem a fórma identica nos verbos regulares: *quando eu amar, amar eu*, etc., e etymologicamente pelo infinitivo latino.

Emprego do infinito pessoal:

1. Quando tem um sujeito differente do do outro verbo:

«Admiro-me de *gritares* com tão grande força.»

É apenas um uso em que se recommenda a clareza, qualidade sempre recommendavel. A respeito, porém, d'esta regra, como de outras, ha sempre exemplos em contrario.

2. Quando, tendo sujeito, é sujeito d'outra proposição:

«É triste *definhares* com tão pequeno pezar. É facil *defenderem-se*».

3. Quando ha necessidade de clareza na phrase:

Comprei estes livros, meu filho, para *estudares* (tu).
Comprei estes livros para *estudar* (eu).

4. Em proposição em que o infinito é o unico verbo claro:

«Morrerem todos de surpreza e sem gloria!»
«Saires sem licença?»

5. Quando o sujeito, differente do do verbo principal, é posposto ao infinito:

«Ficou surprehendido de não *estarem os soldados* devidamente em ordem».

«Ou succeda *topar eu* comvosco, ou vós commigo, sempre ficareis inteira e eu quebrada.» (Bernardez).

6. Quando, usando verbos compostos, como *ver sair*, *ouvir cantar*, etc., cada um tem sujeito proprio:

«Vejo erguerem-se no horizonte algumas velas.»

«Vimos as ursas banharem-se nas aguas.»
Lus., V. 15.

É um caso da regra primeira.

7. Os verbos usados pronominalmente, quando trazem no infinitivo anteposto o pronome obliquo, adquirem flexão pessoal:

«E querendo nós haver fala para *nos* informarmos d'elle...» F. Mendez Pinto, Cap. 3.

Não é de rigor.

8. Não se emprega o infinito pessoal, quando a fórma verbal é empregada em sentido passivo, como, p. ex.: é de *crer*, de *suppor*, de *louvar* (em vez de *crer-se*, *louvar-se*, ou digno de *ser crido*, *ser louvado*).

«Parece-nos para *louvar* suas intenções.» (1)

---

(1) As regras geraes com que J. Soares Barbosa suppunha resolvida a questão do infinito, são antes considerações desconnexas, sem valor theorico nem pratico. Um grammatico de merito (Ferreira de Andrade Junior, *Gramm.* 1850) resume-as no seguinte conceito quasi inintelligivel: — *O infinitivo pessoal é* empregado quando *a idéa de existencia por elle enunciada é correlata immediatamente ao seu sujeito* — regra que talvez servirá para analysar o exemplo que se tiver de antemão colhido.

A theoria de Ribeiro de Vasconcellos, outro grammatico moderno

Por translação, o *infinitivo* é usado como imperativo, e ás vezes reduplicado: «*Trabalhar! trabalhar! meus filhos.*»

Este uso tambem se encontra no castelhano (*Gr. da Acad. hesp.*). Tambem o substantivo póde exercer identica funcção: *trabalho! trabalho! o tempo é breve.*

2.—O PARTICIPIO PASSADO

O *participio passado* é um verdadeiro adjectivo: homem *respeitado*, etc.

1. O participio, como attributo, é variavel, pois concorda com o sujeito: os velhos são *venerados*.

2. Com os verbos *haver*, *ter*, o participio é invariavel: tenho *recebido* cartas; havia *comprado* casas.

A syntaxe da lingua antiga e do seculo XVI era timida e indecisa. Alguns classicos diziam: As cartas que eu tinha *escriptas*, etc. Entre os classicos, semelhante concordancia póde ser explicada como sendo talvez um italianismo.

Nesse periodo, Caminha, que aliás adoptava muitas fórmas archaicas, como *são* por *sou* e *non* por *não*, sempre tornava variavel o participio:

«As náos tinha *dadas*.»

Camões, falando de flôres:

"Que ella dos olhos seus *regadas* tinha" (III, 132).

"E do Jordão a tinha *vista*". (III, 27).

E Fr. Luis de Souza:

«Tambem nos tinham *mortos* muitos e bons soldados»
Ann. de D. João III.

---

e de valor, sobre o *infinitivo pessoal* (a qual recebeu de um latinista, Gonçalves Guimarães), consiste em considerar o infinito pessoal nada menos que um *imperfeito do conjunctivo* (!) com o nome de *aoristo* (!), só porque *amar* podia vir de *amarem* (viria melhor de *amare)*; mas, ajunta o Sr. Ribeiro de Vasconcellos, perdeu o *emprego e a significação*, isto é, perdeu os caracteres que o tornariam *tempo verbal*; esses caracteres e não a etymologia é que determinam a conjugação.

Leia-se a respeito do *infinito pessoal* a nova edição do *Dicc. gramm.* (3ª ed., no prelo).

Entre os participios da lingua portugueza notam-se os curiosos casos do sentido depoente, tão communs no latim. Em portuguez muitos participios de fórma passiva possuem o significado activo, conforme já em outro logar observamos:

Homem lido	que leu.
Corrido	que correu.
Viajado	que viajou.
Ousado	que ousa.
Calado	que cala

No estylo vulgar é commum dizer-se: estou *almoçado;* já veio *jantado*, etc. São os verdadeiros depoentes da lingua. É certo que essa dupla e reciproca funcção de actividade e passividade passou a alguns vocabulos, verbos e substantivos, como: *hospede, hospedar, esmolar, aluguer*, etc. (Mario Barreto.)

A terminação dos participios da segunda conjugação era em *udo*, como já se notou:

Estabeleçudo	estabelecido.
Sabudo	sabido.
Conhoçudo	conhecido.
Reteúdo	retido.

D'estas fórmas archaicas temos os vestigios já mencionados, *teúdo, conteúdo* e *manteúdo*.

Fórmas contraídas de flexão forte eram abundantissimas nos primeiros tempos e no seculo XVI e ainda no XVII.

Despezo	despendido.
Defezo	defendido.
Escolheito	escolhido.
Absolto	absolvido.
Coito	cozido.

«O papa Adriano V era já mui velho e achacado quando foi *assumpto* ao throno apostolico e o não logrou mais que trinta e nove dias.

BERNARDEZ—*Floresta*.

Ha grande numero de fórmas semelhantes que ainda estão em uso: *convicto*, convencido; *extenso*, extendido; *perverso*, pervertido; *extracto*, extraído; *frito*, frigido; *possesso*, possuido; *tinto*, tingido; *surto*, surgido, etc.; algumas, porém, com sentido ou funcção differente.

O participio *escorreito*, de *escorrer*, é mais usado na locução: *são e escorreito*.

Os nomes em *oso*, antes da disciplina classica, exerciam a funcção do participio do futuro em *ando*. Assim, encontram-se exemplos como o seguinte :

Amava muito a *venerosa* castidade.

E. DE ZURARA—144.

Onde *venerosa* devia ser substituido por *veneranda*.

3.—PARTICIPIO DO PRESENTE

O participio do presente tem o valor de adjectivo. É variavel quanto ao numero :

Flôr *odorante*
Flôres *odorantes*

——

Esta funcção já era propria do latim culto, e muito desenvolvida no latim barbaro.

——

A derivação verbal dos nomes em *ante*, *ente*, *inte*, muitas vezes transcorreu para a classe dos substantivos. São substantivos os nomes : *ente* (de *esse*), *tenente* (de *ter*), *sargento* (de *servientem*), *lente* (de *ler*), *doente* (de *dôer*), *acinte*, *sciente* (de *scire*, saber), *poente* (de *pôr*), *levante* (de *lever*, fr.), *oriente* (de *orior*, nascer), etc.

O participio presente tinha a funcção verbal com o complemento equivalente ao do gerundio :

Estabelecente esta regra...
—Estabelecendo esta regra...
Dizente estas cousas...
—Dizendo estas cousas...

Exemplos que occorrem na *Regra* de S. Bento :

Os quaes *temente* Nosso Senhor, e nostro senhor *complinte* todas estas cousas, etc. (*Apud* D. Vieira. *Dico. Chrest.*)

Este uso começou a desapparecer desde o seculo XV. Camões ainda escreveu : «As perlas imitantes côr da aurora». Encontram-se ainda hoje alguns vestigios nos dizeres :

Tirante este defeito...
Durante as ferias...
Homem *temente* a Deus...

Que equivalem á syntaxe hodierna :

Tirando este defeito...
Em quanto duram as ferias...
Homem que temê a Deus.

Ás vezes a funcção do participio presente exige o complemento com preposição, como se vê em Fernão Lopez:

«Era muito amigo e *conhecente* d'aquelle Judeo, Dom David Negros.» Chr.—140.

E no mesmo Fernão Lopez não era rara a confusão de emprego do participio passado:

«Ayres Gomes havia formoso e bem *parecente* corpo.»

E nas fórmas de datas:

Dante em Lisboa, março....
—Dada em Lisboa....

4.—GERUNDIO

Tem o valor de locução adverbial.

Amanhecendo, irei vel-o...
—Quando amanhecer...

Exemplo que exprime o *meio* ou *causa*:

Estudando, é facil aprender.
—Por meio do estudo...

O gerundio é mais propriamente a fórma **regida de preposição**: *em amanhecendo*, *em ficando dia*, etc. (1)

5.—PARTICIPIOS DO FUTURO

Os participios do futuro são hoje usados como simples adjectivos ou substantivos, e são das seguintes classes:

1. Os participios em *ouro: vindouro*, *immorredouro*, o que ha de vir, o que não ha de morrer.

Estes participios desappareceram no portuguez, deixando apenas os vestigios citados, *vindouro*, *immorredouro*, e mais alguns vestigios em *eiro:*

---

(1) Escreve-me Firmino Costa:

«É muito commum dizer-se *agua fervendo* em vez de *agua fervente*. S. de Vasconcellos, em seu livro citado, prefere esta fórma—«e as mesmas folhas pisadas, lançadas em agua *fervente*.» pag. CXXXIII; Bernardez, em igual caso, usou de *fervendo*—«E quizera que a torrente *fervendo* do fogo infernal me estivera entrando pelos ouvidos». *Luz e Calor*, 374.»

Carta *mandadeira* (que se ha de mandar).
Moça *casadeira* (que se ha de casar).

Na lingua antiga, porém, existiam em abundancia:

estabelecedouro
recebedouro, etc.
juras *mentideiras*. (*Ined. Alc.* 1. 175).

Podem ainda ser considerados como participios do futuro os nomes que, hoje aliás, têm a funcção de substantivos: *logradouro*, *matadouro*, *bebedouro*, *escoadouro*, *suadouro*, *futuro* (do verbo *esse*), etc.

2. Os participios em *undo*: *furibundo*, *iracundo*, etc.

Estes participios são, todos, neologismos importados do latim e do italiano pelos classicos e muito notavelmente por Camões. Citemos: *oriundo*, *sitibundo*, *pudibundo*, *tremebundo*, *iracundo*, etc.

3. Os participios em *ndo*: *reverendo*, *execrando*.

São participios da voz passiva latina; representam neologismos classicos: *nefando*, *miserando*, *horrendo*, *estupendo*. Muitos d'elles foram introduzidos na lingua igualmente por Camões.

Filinto Elysio escreveu na *Ode* XVII *A Liberdade*:

Mellificas abelhas,
Entre as azas do zephyro amparadas,
Vão demandar com vôo desejoso
As remotas devezas,
Que hão de adoçar c'os *fabricandos* favos.

Convém notar que a translação do sentido desviou de categoria a muitos d'estes participios que passaram a ser substantivos: *prebenda*, *prenda*, *vivenda*, *fazenda*, *addendo*, etc.

VIII

Syntaxe das palavras invariaveis. Adverbio, preposição e conjuncção.

As palavras invariaveis são os adverbios, as preposições, as conjuncções e as interjeições (1).

A funcção do *adverbio* póde ser exercida pelo adjectivo: comprou *caro*.

D'essa possibilidade originam-se usos especiaes, que convém notar.

a) Esses *adjectivos-adverbios* podem modificar outros nomes, ainda que tal uso não seja muito commum. É de Barros o exemplo:

«As fustas andavam *melhor* remeiras.»

b) *Meio* póde ser usado adverbialmente. O seu uso como adjectivo é, porém, mais auctorizado (V. exemplos na Lexilogia).

c) Igualmente os classicos preferiram o uso de *mesmo* como adjectivo: «O *mesmo* Deus desceu á terra.» Mas nunca hesitaram dizer: «agora mesmo, hoje mesmo.»

> «Ora eu com esta roupeta remendada espero em Deus que *hoje mesmo* hei de dar a V. M. toda esta quantia.» A. Vieira (2).

---

(1) Seria materia para um volume consignar individuadamente os usos de todas as particulas. Notamos os casos mais importantes que offerecem margem á analyse da syntaxe historica, ou indicam qualquer uso notavel. Vejam, os que necessitam conhecimento cabal do assumpto, as minhas *Apostillas*.

(2) Confirmando essa doutrina, annota o douto philologo Firmino Costa, a respeito da repetição de *mesmo*:

«Segundo a regra que dá o Sr. Freire da Silva, á pag. 361 da sua *Grammatica*, o adjectivo *mesmo* não se repete, si estiver determinando mais de um substantivo consecutivo, ainda que de generos differentes. Esta regra não se baseia nos bons escriptos da lingua, e entre outros bastam para contestal-a os exemplos seguintes: «Christo Jesus, que é a mesma santidade, a mesma mansidão e o mesmo amor.» Bernardez, Ex. Esp., II, 231. «Tinha nas instituições lacedemonias o mesmo logar e a mesma significação moral.» Lat. Coelho, *Oração da Corôa*, introd.»

1.—QUANTIDADE

A quantidade póde ser expressa pelo adverbio: comeu *muito*; *assaz* se divertiu.

Junto ao nome, o adverbio de quantidade torna-se um simples adjectivo variavel:

Tem *poucas* cousas.
Houve *muitas* delongas.

No seculo XVI, segundo affirma João de Barros na sua *Grammatica*, existia esta construcção adverbial:

Pouco de proveito.
Assaz de dinheiro.

E ainda hoje dizemos *uma pouca de agua*; *muito de tudo*. A syntaxe quinhentista anda já olvidada e diz-se vulgarmente: *pouco proveito*, *bastante dinheiro*, etc.

Na lingua antiga usava-se o adjectivo *melhor* como simples adverbio de quantidade. Eis a syntaxe que occorre no Livro de Linh. do Coll. dos Nobres—Cap. *Batalha de Salado:*

«É d'hu elle era a tá hu era El-Rei Aboacem ha *melhor* de quatrocentas leguas.»

É do seculo XV. (1)

2.—COMPARAÇÃO

O uso do comparativo exige os complementos *de*, *do que*, *que*: mais bello *do que* prudente; maior *de* todos, *tão* rico *quam* poderoso ou *quanto* poderoso, etc. (2)

---

(1) «E d'onde elle estava até o logar onde estava El-rei havia *mais* de 400 leguas.» Compare-se com o exemplo de Barros, já citado: «*melhor* remeira.» É uso tambem, recordado embora raras vezes, na syntaxe de quinhentistas e seiscentistas, conforme annota aqui Firmino Costa: «Andou esta gente ao longo do rio, que sae da alagôa, *melhor* de trinta leguas.» *Chronica da Comp. de Jesus*, de S. de Vasconcellos, L. «Uma machina que custa da nossa moeda o *melhor* de doze mil cruzados.» Vieira, *Cartas*, I, 357.

(2) A respeito dos comparativos *melhor* e *peior* como adverbios, escreve-me Firmino Costa:

«As grammaticas dos Srs. Freire da Silva (6ª edição, pg. 390), Ribeiro de Vasconcellos (pag. 213) e Maximino Maciel (3ª ed., pag. 152) ensinam que as fórmas *melhor* e *peior* se devem substituir pelas expressões *mais bem* e *mais mal*, antes dos participios passados. A leitura dos classicos nos mostra, porém, que não é errado em taes casos o emprego de *peior* e *melhor*.»

«O cavalleiro Triste estava *peor ferido* e trazia as armas mais des-

— A correlação de *tão* faz-se com *que* ou *qual* antes da proposição.

«*Tão cheirosa* que rescendia em toda a floresta.»
«*Tão* suave, domestica, benina.»
«*Qual* ferida lh'a tinha já Erycina.» (1)

Não póde ser aconselhado o uso que nos depara a *Vida do Arcebispo*, quando nella se lê:

«Proposição é essa prejudicial; não a poderia approvar senão quem fôr tão desatinado que com pertinacia queira defender outra *tão* falsa e *errada tão como* ella.»

A comparação, quando é feita pelo superlativo, exige o artigo:

«O mais bello dos caracteres.»

Em alguns casos, raros no portuguez e no castelhano, é de notar-se o superlativo de fórma synthetica:

O prudentissimo dos homens.

É um latinismo (*maximus oratorum*) que se acha admittido em varias expressões: *a infima das classes; o minimo dos seres.*

— Exemplos de gráo emphatico pela reduplicação das particulas encontram-se nos escriptores do seculo XV, nomeadamente em Fernão Lopez:

«Gente de *pé mui muita.*»—Chron. 199.

Facto importante da syntaxe historica era a construcção do comparativo de *tão*, analoga ao processo usual do francez *si... que:*

«E era *assi* alcantilado o logar do baluarte, *que* as náos tinham alli seu proiz.» (Barros, II, VII, 8).

3.—FORMAS CONTRACTAS

Mui exprime o gráo, e *muito* exprime o gráo e tambem a quantidade: *muitas e mui distinctas pessoas.*

Tam e *quam* exprimem qualidade: *tam* formoso; *quam* varias são as flôres! *Tão bella quanto* merece.

---

feitas.» Palmeirim, I, 377. «Disse entre dentes certas palavras mal pronunciadas e *peor entendidas.*» *Chronica da Comp. de Jesus*, CI. «Outro biographo, *peor informado*, diz duque.» Castello Branco, *Suicida*, pag. 7. «Mal mantido, mal albergado e *peior recebido.*» Castilho, *Colloquios* 212.»

(1) Apud—Ferr. Jun. *Gramm.*, 1850, pag. 120.

Tanto, quanto, exprimem de ordinario quantidade: *tanto possue, quanto cobiça*. Na comparação precedem, as mais das vezes, proposições.

As fórmas contractas sempre precedem adjectivos; as fórmas completas tornam-se adjectivos e precedem ou podem preceder os substantivos (1).

Recentemente contrae-se em *recem* (algumas vezes e antes de adjectivos).

4.—NEGAÇÃO

Em portuguez ha duas maneiras de *negação*.

Negação simples.— Indica apenas o contrario da affirmação: *não amo; não estudei a lição.*

Negação reforçada.— Indica a negação com termos accessorios que a tornam emphatica.:

Não vi *cousa alguma.*
Não vi *nada.*
Cousa *nenhuma* eu *vi.*
Não quero, *não.*
Não queria *nunca.*
Nunca jámais o saberá.

O francez possue os accessorios *pas, point, rien*, etc.

Em portuguez, o accessorio mais curioso da negativa é o adjectivo *nada*, do latim *natus* (nascido).

Usava-se primitivamente a fórma *rem nada* (*rem natam*=cousa nascida),

Esta phrase era usada de varias fórmas: *cousa nada, rem nada e homem nado.*

Homem nado não viu isto
=Nenhum homem...

No antigo portuguez, empregava-se isoladamente o termo *rem:*

Não digas *rem*
=Não digas cousa. (2)

No francez antigo, notam-se os dous termos:

Il n'avait vu rien née
(*rem natam*)

---

(1) *Apenas* (fr. à *peine*) representa talvez uma fórma elliptica. O castelhano possue: *a malas penas, a duras penas*, sempre usado por Cervantes.

(2) Eis um exemplo do seculo XVI, do Livro de Linhagens do Coll. dos Nobres, na descripção da batalha de Salado: «Mays todo esto nom lhe valia *ren*.»

O notavel destino d'esta periphrase fixou a ultima parte *nada* no portuguez e a primeira *rien* no francez.

Reforços analogos apparecem nas phrases: *Não* vi *boia* e no antigo *nemmigalha*.

Notem-se os seguintes usos:

a) Exprime-se a negação por *sem* com o infinito:

Foi *sem* se despedir.

Este uso é de certo puro e vernaculo. Nos seculos XIV e XV essa syntaxe era mais geral. A preposição *sem* podia servir de negativa ao gerundio.

E isso anda exemplificado largamente na *Chronica* de Fernão Lopez:

«De guisa que fugiram todos, *sem curando*, de levar coisa alguma» — 296.

« Responderam todos dos que presentes eram, dizendo que de todo o que lhe dissera lhes aprazia muito e que assi o entendiam de fazer *sem* lhe declarando porém o Conde, que terra haviam de leva». (11 p. 45).

b) *Nunca* e *jámais*, *nada*, não só formam a negativa com o verbo mas com os nomes:

mares *nunca* d'antes navegados...
segredos *nunca* sabidos
historias *nada* edificantes
jámais segredos
uma choça, *nunca* uma casa.

c) É tão da indole da negativa o reforço, que ella não deve ser enfraquecida pela omissão d'aquelle. Por isso, concorrendo muitos verbos ou nomes, estes repetem a negativa:

Sem talento e *sem* gloria.
Sem querer *nem* poder.
Não quero, *não* devo, *não* posso.

d) Para exprimir a negativa dos nomes, se não cabe o uso de prefixos usuaes (*in*, *an*, *des*, etc.), forma-se a negativa com *sem* ou *não*. São de uso os seguintes:

Não conformismo
Sem razão
Sem sabôr.

O uso de *não* é o unico de emprego natural, mas é sempre preferivel qualquer prefixo. *Inverdade*, *desamor*, *acatholico*.

e) A negativa serve para exprimir com modestia qualquer epitheto: «Este livro, *não indigno* do favor publico.» Aqui, *não indigno* vale menos que *digno*.

Neste exemplo ha duas negativas, *não* e *in* (prefixo), que, entretanto, não equivalem exactamente ao positivo, mas d'elle se approximam.

A mesma maneira de exprimir affirmação com modestia depara-se no uso de *sem* e *não* conjunctamente, ou *que não* entre substantivos.

« Vivo, *não sem* difficuldade. »

« A *riqueza*, *que não* a miseria, poderia offendel-o.»

f) Como no exemplo precedente, duas negativas das quaes uma *indirecta* (isto é, não expressa por não ou nada, nunca, etc.) formam de facto uma affirmativa embora fraca:

Não deve *deixar* de ir (=deve ir)
Não ignora (=sabe)
Não é desfavor (=é favor)

Assim, na locução *nem todos*, não se nega *todos*, mas excluem-se *alguns*.

g) *Tão pouco* é correlato de *não* e *nem* e tem sentido negativo:

Não falou, *tão pouco* escreveu
..... *nem tão pouco* escreveu.

h) Com o verbo *negar*, no portuguez (como no hespanhol), deve repetir-se em segunda proposição a negativa:

No niego que no pudiese hacerlo
Não nego que *não* podesse fazel-o.

Não nego que *não* estivesse (e não: — *não nego que estivesse*, como por ahi se encontra escripto.)

i) Uso elegantissimo da negativa é o de exprimir-se por ella um facto desejado e agradavel á alma:

« *Que* doce *não era* a vida
No roseo albor da existencia. » (1)

---

(1) Ajunte-se que ainda é possivel exprimir a *negativa* por uma phrase affirmativa, que se constróe com o verbo no futuro:

Bem *por nascer* está quem vos mereça.
Camões — Son. 27

Tanto assim é que, quando se indica o lapso de tempo discorrido, com o *presente* se exprime o periodo exacto; e com o *futuro*, periodo approximativo ou incerto. Vieira nas suas *Cartas* (2ª do tomo II) escreveu:

« *Haverá* quatorze mezes que continúa a
missão pelo corpo e braços d'aquelles rios...»

Haverá e não *ha*, porque não determina periodo exacto e apenas approximativo. Recorde-se o que já dissemos a proposito da syntaxe dos *tempos* e *modos* dos verbos. O futuro indica uma cousa problematica e por isso inferior ou menos segura. Assim, disse Castilho nas *Sabichonas*, pg. 6: «*Será* melhor, *será*; eu gosto do peior.»

5. — MODO E QUALIDADE

Os adverbios em *mente,* quando occorrem juntos, perdem, excepto o ultimo, aquella terminação. Ex.: Discorreu larga e *profundamente.*

E' esse uso classico. No emtanto, hoje em dia se vae generalizando, talvez por influencia franceza, o uso de conservar as terminações: Discorreu *sabiamente, largamente, profundamente.* (1).

6. — PREPOSIÇÕES

As preposições muitas vezes dirivam de participios que se tornam momentaneamente invariaveis: *salvo, excepto, durante* etc. Póde-se comtudo, dizer: *salvos* os motivos, *exceptas* as razões. (2).

---

(1) A proposito dessa classe de adverbios, escreve-nos firmino Costa, nosso precioso collaborador:

«O adverbio *boamente* é usado já sem preposição, já com ella: «Não pedem aos mercadores mais que aquillo que elles *boamente* lhes querem dar.» Fernão Mendez Pinto, Livraria classica, II, 80. «Padece *de boamente,* e padecerás menos.» Bernardez, Exercicios Espirituaes, II, 622. «Outro tanto digo das demarcações feitas á *boamente.*» Castilho, Colloquios aldeões, 385.»

(2) Exemplos classicos que transcrevo do eruditissimo Ruy Barbosa, na sua *Replica:*

«Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes liquidas.» (VIEIRA: *Cartas,* I, p. 167.)

«Todos os portuguezes fazem o mesmo, *exceptos* os mais ricos.» (*Ib.,* pag. 245.)

«Vossa senhoria se sirva de me restituir estes papeis, porque tenho promettido a communicação d'elles a algum amigo, *exceptas* as cartas do marquez de Marialva.» (*Ib.,* II, pag. 36.)

«*Excepta* a carta de sua alteza, esta é a unica que escrevo a Portugal.» (*Ib.,* III, p. I.)

«Com senhorio absoluto de todas as coisas creadas, *excepta* sómente uma arvore.» (VIEIRA: *Sermões,* I, p. 73.)

«Tudo o que o seu odio, sua astucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, *excepta* sómente a vida do mesmo Job.» (*Ib.,* p. 198.)

«Na grande provincia de Hollanda, *excepta* Dorth, por isso chamada virgem, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada.» (*Ib.,* p. 154.)

«*Exceptas* algumas auctoridades.» (BERNARDEZ: *N. Flor.,* II, p. 3.)

«*Excepta* uma, que estava á porta de um cidadão.» (*Ib.,* p. 91.)

Não me parece, pois, que tenha razão o illustre sr. CANDIDO DE FIGUEIREDO em recusar foros de portuguez ao adjectivo *excepto.* (*Lições,* v. I, p. 97-8.) Os latinos tinham o adjectivo *exceptus,* e a auctoridade de escriptores como VIEIRA E BERNARDEZ lhe legitima de sobra a adopção portugueza.»

a) Alguns permanecem variaveis por não estarem assim consagrados pelo uso. Por exemplo: *visto*, *posto*, *supposto*, etc.

Vistos os autos.
Postas as razões, etc.

b) Dos participios em *ante* que se tornaram preposições, notemos que eram muito frequentes na lingua antiga e classica:

O rei *embargante*, etc.
Isto *não obstante*.

Vinha nestes casos posposto. O castelhano diz: Dios *mediante*, por meio de Deus, com a ajuda de Deus.

c) Cumpre notar que as preposições compostas de *de* em geral pedem depois de si nova preposição, ao contrario do que succede com as preposições não compostas d'esse elemento:

Ante Deus.
Diante *de* Deus.
Após a chuva.
Depois *da* chuva.
Traz o bando.
Detraz *do* bando.

«*Traz* este vem Noronha.» (Lus. X, 62)

A disciplina d'esse uso tornou-o indispensavel nos escriptos classicos de maior pureza. Mas, no periodo antigo da lingua ha exemplos viciosos:

«Aquelle que empuxou diante *a* presença de seu coraçom o diabo malicioso.» R. de S. Bento.

É do seculo XIII.

No Livro de Linhagens do Coll. dos Nobres (*Port. Mon. Hist.*) é frequente o uso de *depois* sem a preposição *de*:

Os Reys que depois *el* veeram.

E no mesmo documento (Vieira—*Dicc.*)

Maria foy virgem *ante* parto e *depos* parto.

d) A preposição vem sempre seguida do complemento: de *casa;* para *casa*.

No seculo XIX, em portuguez, como já se notou tambem no castelhano, alguns escriptores buscaram introduzir o anglicismo do emprego da preposição sem complemento immediato: viver *para* e *pela* patria; vindo *da* e mandado *pela* França.

Esta syntaxe parece não se conformar com a indole da lingua. Encontram-se, todavia, alguns exemplos, sem demasia e acaso elegantes.

e) **Per e por** eram preposições distinctas entre os antigos, e assim *pelo* e *polo*; uma significava o instrumento (*per*); outra, o proveito ou occasião (*pro*, lat.). Por isso a phrase: «*Polo* peccado do homem veio o filho de Deus ao mundo». Isto é, por ter peccado o homem, por occasião d'isso—é phrase orthodoxa e intelligivel. Ao passo que «*Pelo* peccado (por meio do peccado) do homem veio Deus ao mundo»—é phrase heretica e absurda.

As vantagens d'essa subtileza perderam-se com a confusão de *pro* e *per* na fórma unica *por*. (1)

f) **Des** (*de-ex*), como composta de *de*, deve ter o complemento:

Des de Roma até Paris.

Apezar d'isto, usa-se a fórma contracta frequentemente sem preposição, quando se segue *que*: *des* que o vi ou *desde* que o vi.

«Coitado do velho desque o souber. Ant. Ferreira. *Bristo*, sc. II.»

g) **De**—exprime frequentes vezes relação de modo e de maneira: *de* manhoso, *de* geitoso, *de* preguiçoso; *de* pé, *de* joelhos, *de* cócoras.

Antigamente dizia-se *em joelhos* (Barros, I, IV, 4), *em* cócoras (II, V, 2), *em* calças (II, I, 6), *em* gibão (id.). Ainda hoje dizemos: *em* camisa, *em* ceroulas, *em* pé.

— Note-se o uso actual: cem *de* ti=cem como tu.

«Nem cem de ti os romperiam» Castilho, *Excav.* 138.

h) **A.**— Indica relação de muitas especies: *a* Roma; morrer *a* fome.

A *proximidade* expressa por *a* póde confundir-se com o logar exacto e definido:

mora *á rua Aurea.*

A razão é que *rua*, *praça*, não são pontos exactos, mas extensões indeterminadas. Assim diz-se: *ao* norte; *a* leste.

Apoiar-se, arrimar-se *á parede.*

A preposição *a* do seculo XVI em muitos empregos foi substituida por *para com*. Eis a regencia de alguns adjectivos, como se vê da *Grammatica* de João de Barros:

Manso *aos* humildes.
Cruel *aos* fortes.
Irascivel *aos* timidos.

Hoje se diz: *manso para com os humildes*, etc. Ainda alguns adjectivos verbaes conservam a regencia: *inutil* ao homem, etc.

---

(1) Vide Ferreira Junior, *Gramm.* 102.

i) **Para** (per+a) indica direcção mais remota e definitiva que *a*. Comparem-se:

Ir *a* Europa. Ir *para* a Europa.

Pelo mesmo motivo diz-se: «Guardei *para* a velhice» exprimindo o maximo do tempo; e com sentido de indeterminação: *para* vinte *pessoas;* quinze *para* vinte annos.

j) **Contra,** no sentido originario de *defronte, em direcção,* é muito usual na lingua. Eis a syntaxe antiga:

«E tornou o rosto contra hu vinham os christãos.»

«El-rei Almofadem disse muyta alta voz, os olhos *contra* o céo.» *Livro de Linh. do Coll. dos Nobres.*

Ainda exemplos similares se encontram *nos* classicos:

Começou a dizer vindo contra mim.

B. Ribeiro, *Menina e moça*, Cap. II.

k) **Sómente,** no seculo XVI, era preposição e equivalia a *excepto*, como se vê constantemente em Barros:

Salvaram-se todos os malabares, *sómente* tres ou quatro» (III, I, 4).

«Vendo que nenhuma cousa havia para a cal, *sómente* a ostra.» (III, II, 2).

l) **Senão** tinha a equivalencia de *excepto:*

Sossobrou o esquife e todos se salvaram, *senão* elles. Barros (II, VIII, 6).

m) **Em** antigamente servia ao logar para *onde* como em francez. Exemplos classicos são:

Passou *em* Italia (Barros). Se determinou de sahir *em* terra (F. Mendez Pinto).

Este uso persiste ainda nas expressões: de logar *em* logar; de cidade *em* cidade.

n) **Dentro de** e **dentro em** são de igual uso, ainda que a segunda expressão seja mais frequente nos antigos.

Vasa *dentro na* pansa.—Diniz, Hyss. 1,246.

Compaixão *dentro* n'alma sente.—Mal. Conquist. I. 19).

É mais vulgar dizer-se hoje *dentro de;* entretanto se diz—dentro *em* breve.

o) **Com.** Omitte-se ás vezes elegantemente, como o fez Camões:

Não acabava quando uma figura
Se nos mostra no ar...
O *rosto* carregado, *a barba* esqualida,
Os olhos encovados e a *postura*
Medonha e má.

Outras vezes, com a intenção de emphase, ha repetição:

«Vedes aqui como se gastam muitas vezes os bens da Igreja, as commendas da cavalleria *com* alcoviteiros, *com* chocarreiros, *com* cães, com doidos» Ferreira, *Bristo*, sc. I. (Acto II).

p) Acerca das *conjuncções*, releia-se a primeira parte. (1)

---

(1) A conjuncção *mas* tomou o sentido de adversativa, mas originariamente era reiterativa : *magis* accrescentava, sem contradizer. Por isso mesmo, nas expressões *não só*... *mas tambem* e outras, equivale exactamente a *mais*, e talvez assim é que se devera nesses casos orthographal-a.

Não sendo de todo *adversativa*, é facil que a deparemos conjunctamente com *porém*, nos escriptores da idade classica :

Mas porém quando as gentes mauritanas
Dizia Camões, nos *Lus.* III, 99.

Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me déstes.
Auto dos Amph. I, sc. V.

Senhor, grande : *mas porém*
Se a tal é virtuosa.
Auto d'el-rei Seleuco, I.

E Castilho (Sonho de uma noite de S. João, pag. 21) e quasi todos d'entre os antigos.

IX

Difficuldades de concordancia

As grandes difficuldades que realmente existem na syntaxe de concordancia, resultam de que nem sempre os factos observados se acham de accôrdo com os principios geraes da logica commum. E até se deve ajuntar que a secca e rispida *concordancia logica* não offerece a elegancia, a euphonia e a variedade dos usos e estylos da linguagem viva.

Os principios logicos *meramente de grammatica geral*, que se referem á concordancia do verbo com o sujeito, e do adjectivo com o substantivo, são os tres seguintes e bem conhecidos :

1º *Dous ou mais sujeitos equivalem a um sujeito do plural.* Pedro e Antonio *estão* doentes.

2º *Dous ou mais substantivos de differentes generos equivalem a um substantivo masculino do plural.* A gloria e o saber são *cobiçados.*

3º *Em concurrencia de varias pessoas, a segunda é preferida á terceira e a primeira á todas as outras.* Tu e Pedro não *dormistes.* Pedro e eu não *dormimos.*

Já tratamos d'esses casos e das principaes excepções na syntaxe das partes da Proposição. Cuidadosamente as deve reler o leitor. A excepção maior para aquellas regras logicas é a de que os classicos, por evitar a monotonia d'ellas, frequentes vezes fizeram o verbo concordar apenas com o primeiro de muitos sujeitos, quando estes se pospõem ao mesmo verbo. Seria escusado dar exemplos que são innumeros entre todos os escriptores de nota.

As tres regras logicas de *grammatica geral*, applicaveis a todas as linguas cultas, servem de recurso pratico ao principiante ou ao novel escriptor. A vernaculidade, porém, e o bom estylo dos classicos mostram que são illusorias e não raro contrarias ao genio da lingua viva, falada ou escripta. (1)

A. Quando duas idéas formam collectivamente uma noção unica, os nomes que as exprimem equivalem a um substantivo singular. Taes são os casos de idéas gemeas, como *fluxo e refluxo, um e outro*, etc. Ex.:

---

(1) A respeito de *concordancia*, leia-se a annotação 160 da minha *Secta Classica.*

O *bem e o mal* conhece-se nas cousas em que consiste
J. Vasc *Eufros.* fol. 2. (1)

B. Quando se usam etymologicamente fórmas neutras como sujeitos, é admissivel a concordancia no singular:

Isto e o *que* veio depois, *trouxe* esperança aos naufragos.

C. Os infinitos, substantivadamente como sujeitos, representam fórmas neutras, e por isso seguem a regra antecedente.

Comer, andar e *dormir* é proveitoso á saude.

«E assi *os feitos* heroicos d'este rei incomparavel (Affonso Henriques) e o *destroçar* tantos reis mouros com poucos christãos, não *se deve* attribuir a forças humanas.»

Usando do artigo, é preferivel a concordancia logica:

O comer, *o* andar e *o* dormir *são* proveitosos á saude. (2)

---

(1) Exemplo que resalta melhor na expressão *um e outro*. A respeito de *um e outro* communica-me Firmino Costa os exemplos de Castilho, *Fastos*, III, 19:

«Porque *um e outro* as portas nos *defendem*
A seu dono *um e outro* e *guarda* e *ama*.
.....
Um e outro é sagaz e presentido;
Um e outro aos ladrões *declaram* guerra.»

Nos exemplos acima registrados e nos que se seguem, sem embargo de exemplificações classicas portuguezas, tomamos por norma e modelo a Grammatica castelhana de Andres Bello, como já foi indicado nas primeiras edições deste livro.

Outras *idéas-gemeas* se apresentam, que se podem offerecer com identica syntaxe, como *mar e céo, dia e noite, verso e rima.* (*Lus.* V. 97).

Ainda Camões escreveu no XLV Soneto (que começa *Por os raros extremos...*)

A vós seu resplendor *deu* sol e lua,
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, fogo, terra e *agua* nos *serviu.*

Certo é que para taes ousadias só quando se tem auctoridade.

Nos casos em que se indicar a *unidade* e mais uma fracção, parece melhor conservar a concordancia no singular:

«*Um e meio* basta.» Esta é a regra mais geralmente seguida.

(2) Em Camões ha uma concordancia notavel de um só infinitivo sujeito com o verbo no plural:

Viam-se em derredor *ferver as praias.*
Lus. II, 98.

É evidente que o nome *praias* determinou o plural do verbo.

Confirma a regra maior a concordancia no singular com dous infinitivos, como se encontra na Carta I do mesmo poeta:

«Salvam-se com dizer que se não podem fazer tamanhas duas cousas, *como é prometter e dar*».

D. As proposições subordinadas pelo annunciativo *que* concordam em singular:

Não é admissivel *que* o crime seja commettido e que o criminoso viva impune.

Que Socrates nada escreveu, e *que* Platão expoz as doutrinas de Socrates, é sabido.

E. As excepções ou regras B. C. D. são violadas quando o attributo da proposição exprime reciprocidade:

Isto e o que Victor escreveu, não *estão* de accordo.
Dormir e *aprender* são cousas incompativeis.
Que o homem seja livre e *que* seja igualmente escravo, *repugnam*.

F. O verbo, quando precede a varios sujeitos do singular—póde, com parco e discreto uso, ficar no singular:

Veio a chuva, o trovão e a tempestade.

Excepto quando os sujeitos são pessoas:

Vieram Julio e Antonio.

Póde-se usar, todavia, a concordancia do singular, intercalando algumas palavras que designam qualquer circumstancia:

Veio Julio e *logo depois* Antonio.

G. Quando o verbo está collocado entre varios sujeitos, o que é raro, a concordancia se faz com o sujeito com o qual se expressa o verbo. Ex.:

A *causa* da religião nos *leva*, e *a* do nosso rei, a conquistar regiões desconhecidas.

H. O adjectivo que especifica a varios substantivos singulares precedentes, todos do mesmo genero, deve ir para o plural: Ambição e ousadia *imperdoaveis*. Quando os substantivos são de generos differentes, ha concordancia logica ou concorda com o ultimo:

talento e habilidade raros;
talento e habilidade rara.

A concordancia logica é preferivel, collocando proxima ao adjectivo uma palavra masculina:

habilidade e talento *raros*.

Se, porém, os substantivos são do plural, o adjectivo sempre concorda com o ultimo substantivo:

talentos e habilidades *raras*,
e não: *raros*.

De modo que a melhor concordancia é aquella que se realiza com as ultimas palavras:

(*habilidade rara ; habilidades raras*)

I. Quando os nomes de titulos são femininos, é de rigor a concordancia por syllepse Ex.:

V. Excellencia está *enganado*. S. Magestade estava *enfermo*.

Exceptua-se o caso em que o adjectivo faça parte do titulo :

S. Magestade *Catholica*, *S. M. Fidelissima*.

J. Quando occorrer um collectivo do singular modificado por um complemento regido de *de*, o verbo vae para o plural :

Nasceram-lhe pelo corpo uma *especie de* ulceras.
Parte dos prisioneiros *foram* massacrados.
Um *numero* consideravel de indios *pereceram*.

É a melhor concordancia e a mais seguida. Com *cada um* o verbo fica no singular, mas ha muitos exemplos classicos em contrario:

«*Tiraram* dos surrões *cada um* uma carta da pastora.» Rodr. Lobo — *Pastor peregrino*, Jornada II, pg. 21.

K. Ha um caso notavel de syllepse em que se reproduz no plural uma idéa que foi exposta no singular. Ex.:

Luis escreveu uma *ode* admiravel como sabia escrevel-*as*.

Antonio saiu e comprou um pão onde *os* vendiam.

Não compres *livro* sómente pelo titulo ; ainda que *pareçam bons*, são muitas vezes *pessimos*. (1)

L. O verbo *ser* constitue predicado só quando vem com o attributo : *é bom*, *é preciso*, etc. Por isso, muitas vezes o verbo concorda com o predicado :

Tudo *eram flôres*.
O *que* elle tinha *eram febres*.
"As *nymphas* do oceano tão formosas...
Outra cousa não *é* que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada."
Lus. IX, 89.

Alguns grammaticos sophismam o facto da attracção do predicado sobre o verbo *ser*, dizendo que na proposição: *O dinheiro é um bem fugitivo*—o sujeito é *o dinheiro;* e logo depois, na proposição — O dinheiro *são bens fugitivos*—o sujeito é *bens*. A verdade, porém, é outra, e resulta de que a predicação nos verbos completos *amar*,

(1) Em Fr. Luis de Souza — *Vida do Arceb.* t. I, cap. IV: «Mas não nos constou em que *anno* começou nem *quantos* esteve com elle.»

receber, é constituida por esses proprios verbos: *Pedro ama*. Com o verbo *ser*, a predicação só existe quando occorre um attributo: Pedro — *é amante*. O attributo é por assim dizer uma immanencia do verbo substantivo, e, em geral, lhe é subordinado. (1)

No conflicto entre a regra logica e a do uso, muitas vezes se encontra dupla syntaxe, como nestes curiosos exemplos de Vieira e Bernardez. Diz Vieira, Sermão da Nativ. pag. 296:

> *As riquezas* sem luz *são* pobreza, e a *pobreza* com luz *são* as maiores riquezas."

Na obra "Luz e Calor", pag. 29, diz Bernardez:

> E assim como *o espelho é* todos os objectos representativamente; assim *este entendimento é* todas as cousas intencionalmente." (2)

M. Ha certos casos em que a phrase póde ter dous sujeitos de diversos numeros, e então a concordancia é arbitraria. Ex.: *Deve-se* promulgar as leis, ou *devem-se* promulgar as leis. No primeiro caso o sujeito é *promulgar;* no segundo, *as leis*.

Quando, porém, o sentido determinar exactamente o sujeito verdadeiro, a concordancia não póde ser arbitraria. Ex.: *Quer-se inverter as leis*, e nunca *querem-se inverter as leis*. Neste caso, é evidente que o unico sujeito possivel é *inverter*.

Da mesma fórma deve-se dizer: *Intenta-se demolir aquelles morros;* e não, *intentam-se*.

N. Os nomes geographicos do plural, quando significam uma unidade, rio, cabo, monte ou povoação, figuram como no singular:

Campos é proximo do Rio.
Buenos-Ayres *está* na embocadura do Prata.
O fertil *Amazonas*.

Ha excepção quando os nomes exprimem collectividade de montanhas, paizes, e são, por isso, precedidos do artigo:

Os *Estados-Unidos* de novo *fizeram* a paz.
Os *Andes* de sul a norte *marginam* o littoral do Oceano Pacifico.
Os *Alpes* nevam.

O. Syntaxe de QUE e QUEM sujeitos. A regra logica é que QUEM leva a terceira pessoa e QUE póde ser de qualquer pessoa. Ex.:

Eu sou *quem o diz*—ou sou eu *que o digo*.

---

(1) Por isso são correctas as phrases: Quem bate? *Sou eu. São 13* do mez. *São onze* horas da noute, etc.

(2) Comm. por Firmino Costa. Accrescento que essa hesitação foi sempre de todos os periodos da historia da lingua. Camillo Castello Branco é na materia um dos mais hesitantes. V. o seu pamphleto *Vaidades*.

Entretanto, nos classicos ha exemplos de vario uso. João de Barros escreveu:

"Eu sou a *que ando* nas mexericadas"

"Eu sou a *que* maior bem *quer*", usos contraditorios.

Nas proposições de existencia (verbo *ser*), QUEM usa-se com qualquer pessoa: *Quem és? Quem sois?* Não seria correcto dizer: *Quem falas?* mas o é dizer com Bernardim Ribeiro:

"*Quem és a que me falas?*"

Nota-se o emprego do *que* com qualquer pessoa:

"*Eu sou o que* te *chamo* e que te *obrigo*". Lobo (Condest. I.)

És alma *que* este peito *animas* (Malaca conquist. V. 28).

Ó tu *que passas*, homem Cyrineu (Camões, Eleg. VI.)

Quem te disse que *eu* era o *que* te *sigo?* (Lus. IX, 77).

Cousas *que* juntas se *acham* raramente (Lus. X, 154).

Eu *que* cair não *pude* n'este engano (Lus. V. 54).

P. Ainda que na concurrencia da segunda e terceira pessoas (segundo a regra da grammatica geral) deva predominar a segunda (Tu e Tullia *estaes* bons), o habito de usarmos continuamente a terceira pessoa (Você, V. Excellencia), na conversação, torna possivel o predominio da mesma terceira pessoa na concordancia. (1)

---

(1) Os seguintes exemplos foram-me communicados por Firmino Costa:

«E assim tu agora sacrifica, para que nós e os *Deuses* te honrem.» Bernardez, *Estimulo Pratico*, 89. «O inferno, Deus e mais tu o fizeram, elle como Justo, tu como o condemnado.» Idem. *Ex. Esp.*, I, 195. «E cuidam elles, ou nós, que dizem o contrario. Ibidem, 366. «Dize-lhe que não ha sobre a terra um logar onde caibam elle, eu e o meu odio.» A. Herculano, *O Bobo*, 179. « A ver si tu e outros se convencem e se fazem tambem prégadores.» Castilho, *Colloquios*, 193.

Communicados pelo Dr. Silva Ramos:

«Mas tu nem os teus ulemas e cacizes *entendem* estas cousas». Alex. Herc. *M. de Cister*, I, 86.

«A viscondessa, tu e quanta mulher ha *vão-se* com Belzebuth.»

Castilho, *Avar.*, acto V, sc. VI.

X

Usos especiaes

Do verbo "haver" e uso de "se"

A syntaxe do verbo *haver*, usado não como auxiliar mas impessoalmente, constitue o que se poderia chamar *idiotismo* da lingua. Mas a syntaxe d'esse verbo, por mais anomala que pareça, acha-se sufficientemente explicada.

Nas phrases :

Ha homens
Houve occasiões
Haverá votos

Para os que sustentam a doutrina de que o verbo *haver* significa *existir*, aquellas sentenças interpretam-se do seguinte modo :

Existem homens
Existiram occasiões
Existirão votos.

Neste caso seria forçoso admittir que *homens*, *occasiões*, *votos*, são verdadeiramente sujeitos, que escapam á concordancia grammatical, constituindo d'esta arte vicioso solecismo. Mas é inadmissivel essa interpretação, e a prova é que ha necessidade de collocar o pronome no accusativo nas phrases como esta e outras analogas: «Festas não *as* houve» onde evidentemente não poderia *as* ser sujeito do verbo.

A etymologia do verbo *haver*, porém, indica a fórma primitiva no latim, que era *habere* e significa *ter* :

Copias habet.
(*Tem exercitos*).

A comparação demonstra que o equivalente de *haver* no francez é *avoir* :

Il y a des hommes.
Ha homens.

E no periodo classico é commum encontrar *ahi houve*, *ahi ha*, analogos ás fórmas de *y avoir*.

Que geração tão dura *ha hi* de gente? (*Lus.* II, 81.)

No proprio portuguez antigo, *haver* ou concorre com *hi* ou com qualquer adjuncto adverbial equivalente, como na canção de Affonso, o Sabio :

Tantas son as mercês,
Senor, que *en ti á*

Em Heitor Pinto sempre concorrem as duas palavras *hahi*, *hiha* :

«Não hahi cousa tam encuberta (I, 11) nem hahi razão para dizerdes (I, 27) mas taes hahi que folgam (I, 72, ed. Rollandiana. 1843).

O verbo *avoir* é derivado de *habere ;* como *devoir*, de *debere*. D'ahi se conclue que se ha de interpretar o verbo *haver* com a significação de *ter :*

Ha homens = *tem* homens.
Houve dias = *teve* dias.
Haverá votos = *terá* votos.

Assim entendida, desapparece a discordancia, e os termos *homens*, *dias*, *votos*, serão considerados complementos directos do verbo *haver* = *ter*, cujo sujeito é elliptico :

O mundo tem homens.
O tempo teve dias.
A sociedade haverá votos.

Essa interpretação não é um sophisma, é a deducção de actos observados na lingua em diversos periodos, em que *haver* conserva o valor etymologico da significação :

E elle *havia* nome Antão.

C. Mon., 702 v.

«O instante se *ha* com o tempo da maneira que se *ha* o ponto com a linha.»

Heitor Pinto.

O facto do sujeito occulto é analogo ao do sujeito *apparente* que se nota no francez: *il pleut*, *ce semble*, *il y a*, etc. Tambem certo e innegavel é que actualmente, fóra da literatura, o verbo *haver* significa *existir* e não *ter*, e isso explica os numerosos solecismos que hoje se nos deparam: «*Haviam* occasiões, etc.

Essa translação de sentido é real e acha justificação no proprio verbo *ter*, que entre o povo já significa tambem haver: *tem* dias que... = *ha* dias que, etc. (Em outras linguas, como no francez, o verbo *être* tem o valor de *ser* e *estar* cumulativamente.

Ha phrases na lingua usual que conservam nitidamente o significado etymologico de haver. Ex. :

Havida por verdade (*Lus.* IX, 45)—(*tida por...*)

Bem haja o pobre (Deus tenha...)

A expressão *haver filhos* é consagrada; o substantivo *haveres* (teres, posses) indica claramente a etymologia.

Os verbos *ter* e *haver*, *ser* e *estar*, frequentemente usados e de sentido quasi vago quando auxiliam verbos principaes, naturalmente soffreram a influencia que poderiam exercer uns sobre os outros.

—Certo grammatico chileno, J. J. de Mora, não sem agudeza, crê que nessas phrases do verbo *haver* impessoal, o sujeito é o adverbio—pronome *hi*, *y* (de *hic*, *illic*, lat.), que, ao menos na lingua antiga, acompanhava o verbo. Para comproval-o basta notar as phrases modernas em que *hi* é substituido por locuções adverbiaes (*na America* ha grandes florestas), as quaes locuções são os sujeitos, ao menos ideologicamente (*a America tem* grandes florestas). Comparem-se as phrases: *Aqui ha* (este logar tem) palmeiras. «*Na Suecia ha* (A Suecia tem) pinheiros.»

É certo que o francez appõe o *il* com *il y a*, mas esse sujeito apparente é proprio de todos os impessoaes francezes: *il pleut*, llueve, chove (1).

---

(1) Muito digno de lêr-se é o estudo do Prof. Said Ali na *Rev. Bras.* (1895—tom. I, fasc. I e II) sobre *Verbos sem sujeito*. O estudo é excellente e contém observações originaes e interessantes.

PRONOME—SE

A lingua portugueza possue uma voz MÉDIA passiva com o pronome *se* :

Fizeram-se casas.
Preparou-se a terra.
Escreviam-se cartas.

Este systema representa uma voz passiva da terceira pessoa, que seguiu a tradição do processo latino : *amor*= *amo-se* (o que aliás não está averiguado e é mera hypothese.)

Ainda na lingua antiga nota-se a syntaxe pura da passiva com o *se* e o complemento causal :

As cartas *escreveram-se* por elle.
(Foram escriptas por elle).

Não são muito raros os exemplos em Camões :

...o *mar* remoto navegamos
Que só dos feios phocas *se navega*
Lus. I, 52.

Olha essa terra toda *que se habita*
D'essa gente sem lei, quasi infinita
Lus. X, 92.

Em Barros, *Decada III*, encontra-se o exemplo seguinte :

...*Se nota pelos mareantes os perigos do mar.*

Houve erro, se o é, de concordancia, e o escriptor deveria dizer *se notam* (*notam-se*). Mas o que é claro, é o uso da voz passiva com o complemento *pelos mareantes*.

São notados pelos mareantes os perigos.

Entretanto, o uso mais auctorizado é adoptar a passiva de *se*— salvo se ha sujeitos que possam ser representados por pessoas capazes de acção — o que faria naturalmente obscuro ou equivoco o sentido. Seria, pois, erro dizer—«Na peleja, muitos soldados já *se estendem* mortos por terra..

Esta construcção indicaria a espontaneidade da acção, o que é absurdo. Deve-se dizer: «Muitos *são estendidos* mortos no chão». (1)

Por influencia da lingua franceza, pela analogia ideologica que existe entre *on dit* e *diz-se*, o modismo francez introduziu-se na lingua, e ha escriptores que empregam a syntaxe: *diz-se* cousas (dizem-se cousas). Os defensores d'esse gallicismo syntactico procuram explicar a difficuldade considerando como sujeito o pronome *se*.

Esta explicação não é destituida de senso, embora contraria á historia da lingua até ao latim, onde o *se*, caso obliquo, não poderia ser sujeito do verbo finito.

No francez, *on dit*, o vocabulo *on* (*homo*) é um nominativo e póde ser, como é effectivamente, o sujeito; doutrina, porém, que não póde ser applicada á lingua portugueza. Entretanto, a literatura contemporanea, tão approximada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso de *se* como sujeito, apezar da resistencia que a isso oppõem os grammaticos.

Não é pequena a difficuldade de analyse da *passiva* com *se*. É demasiada subtileza dizer que na phrase «Louva-*se* a Deus» a palavra Deus não é complemento objectivo, e affirmar que *a Deus* é sujeito (com preposição!). Além disso, «*Louva-se a Deus*» não significa que «Deus é louvado», e apenas que «Deus é para ser louvado, é digno de louvor,» da mesma fórma «*Vende-se* casas», não significa «casas são vendidas», mas «casas são para vender ou vendaveis. (2)

Do mesmo modo analysem-se fórmas como «Aqui *bebe-se* vinho puro.»—«Em Roma *vive-se* com pouco.»—«A que horas se come?»

---

(1) *Gramm.* de Ferreira de Andrade J., *Lisboa, 1850*, pag. 65.

(2) A fórma *vendavel* é a mais usada; comtudo, *vendivel* seria mais conforme á derivação dos adjectivos analogos que se tiram dos verbos em *er* e *ir*: *crivel, attendivel*, etc. Veja-se a nota 143 da minha *Selecta Classica*.

ALGUNS EMPREGOS DO—SE

Não é só o sentido de voz *passiva* que na phrase define o pronome *se*. Ha outros usos importantes que convém conhecer mais minuciosamente:

A. O emprego do pronome *se* e das variações de outras pessoas (*me-te-vos-nos*) ajunta ao do verbo o sentido de espontaneidade no agir, vontade propria de collaborar na acção: «Elle *se* partiu; elle *se* foi embora» (isto é, por vontade propria e espontanea). «Alegremente *se* partia», diz Camões.

Se a acção é necessitada e independente do sujeito, já não cabe o uso do pronome. Esse sentido deriva naturalmente do uso dos verbos chamados pronominaes, em que a acção do sujeito refere-se ao proprio sujeito e fica, portanto, na sua dependencia. D'ahi resulta que essa funcção, generalizando-se além dos pronominaes, empresta a espontaneidade da acção a outros verbos.

B. O uso de SER-SE é uma consequencia do anterior e por elle se explica cabalmente. «Quando *se é* rico»; «se *se é* pobre» — toda a existencia expressa pelo verbo vae e volta ao sujeito ou nelle se cifra e limita. Parece que na expressão «Quando se é mulher» a existencia exprime a necessidade; ao contrario, o sentido da phrase é exprimir a contingencia e hypothese, para tirar-se qualquer illação.

C. O uso de *se* exprimindo a collaboração e espontaneidade do agente, serve para designar phenomenos naturaes; a agua evapora-*se*, —o que differe de—a agua é evaporada (podendo sel-o, nesse caso, artificial e propositadamente por outro agente). (1)

---

(1) Sobre a passiva formada com o pronome *se* e a respeito dos casos em que *se* parece ser o sujeito, leia-se a nota 138 da minha *Selecta Classica*.

XI

Da ordem e collocação das palavras em geral

O discurso coordena-se de duas maneiras: pela *ordem directa* e pela *ordem inversa*.

A ordem directa, tambem denominada *analytica*, consiste na collocação dos termos da proposição, de modo que venha em primeiro logar o sujeito, depois o verbo e afinal o attributo.

Exemplos:

— *Deus é omnipotente.*

— *A luz que se nota no brilho dos planetas, provém do sol, centro do systema planetario.*

A ordem inversa, tambem denominada *ordem synthetica*, consiste em uma disposição differente da que se nota na *ordem directa*.

Exemplos:

— *Omnipotente é Deus.*

— *Provém do sol, centro do systema planetario, a* LUZ *que se nota no brilho dos planetas.*

Como se vê do exemplo, o sujeito LUZ vem depois do verbo.

Ambas as construcções são peculiares ao portuguez, convindo notar que o respectivo uso não é de todo arbitrario, quer quanto á distribuição dos vocabulos, quer quanto á distribuição das clausulas no periodo.

A *ordem directa* representa a analyse, serve pára a linguagem intellectual, philosophica e scientifica. Tem mais clareza e fala mais á razão do que aos sentidos e á imaginação.

A *ordem inversa* representa a synthese, serve para a linguagem do sentimento, da arte e da poesia e finalmente da paixão; é linguagem dos poetas, oradores e historiadores.

A ordem directa é propria do estylo scientifico ou pratico. Na historia da lingua veremos que a *inversa* predominou no periodo dos grandes poetas e escriptores do seculo XVI. Nos seculos seguintes, a *ordem directa* vae predominando gradualmente por effeito da decadencia classica, do progresso da cultura scientifica e notavelmente por causa da influencia da literatura franceza.

Nas linguas primitivas, a ordem é sempre *inversa*, por isso que o periodo inicial é caracterizado pela intensidade do sentimento e vida affectiva e da poesia e imaginação.

A *ordem inversa* é, portanto, a mais antiga e a mais natural, salvo em seus excessos licenciosos e arbitrarios, que são intencionalmente produzidos pelos escriptores. Todas as phrases que encerram alguma sentimentalidade, são dictadas na *ordem inversa*, taes como as phrases optativas, exclamativas, imperativas, etc.

1—DA ORDEM DAS PALAVRAS NA ORAÇÃO SIMPLES

Os termos da proposição, *essenciaes*, são o sujeito, o verbo e o attributo.

Os termos *secundarios* são os complementos.

Não é de todo arbitraria a collocação d'esses termos.

Ha algumas regras, das quaes as mais notaveis são as seguintes, nas proposições simples:

1. O sujeito colloca-se depois do verbo nas phrases interrogativas, exclamativas, optativas e imperativas:

> Queres *tu* almoçar ?
> Queira *Deus* protegel-o !
> Possam *elles* viver !
> Dize *tu;* dizei *vós.*
> «Cale-se de Alexandre, e de Trajano
> A fama das victorias que tiveram.

Por emphase, póde ser alterada a collocação n'este como nos outros casos.

2. Quando ha citação de um trecho ou quando um interlocutor toma a palavra, os sujeitos dos verbos que occorrem, como *dizer*, *replicar*, *responder*, *interromper*, etc., vêm sempre depois :

Creio, dizia *elle*, que...
Creio, replicou *Antonio*, que,...
Creio, respondemos *nós*, que... etc.
A vida, dizia *Socrates*...

3. Colloca-se por harmonia e belleza do estylo o sujeito depois do verbo, quando é de grande extensão relativamente ao resto da phrase :

É triste *a necessidade de corrigir com a lei abusos que deveriam já não existir.*

4. As proposições que começam por adverbio, de ordinario são construidas na ordem inversa :

Aqui esteve *elle* dous annos.
Em vão procurou *Cesar* convencel-o.
Apenas levantaram *elles* a cortina...
Então levantou-se o *rei* e disse.
Hontem desmoronou-se *uma casa*, etc.

5. Qualquer que seja a ordem da proposição, os complementos são inseparaveis das partes que os regem, ou os exigem :

Ardeu a casa *de Pedro*.
Ponha agua *com sal*.
O homem que é justo, é feliz.

A palavra *Pedro* sempre ficará junto á preposição — *de* — qualquer que seja a inversão que se opere no primeiro exemplo, e o mesmo se póde affirmar dos outros casos. Quando, porém, o complemento é uma preposição, como succede no ultimo exemplo, a ordem póde ser invertida, por licença, na poesia.

O homem é feliz, *que é justo*.

Tambem disse elegantemente o nosso poeta Varella:

Ah ! nenhum mago da Chaldeia sábia
A *dôr* abrandará *que me devora!*

A inversão em um unico talho da phrase póde tornar-se abusiva, como o é a de Filinto Elysio nos *Martyres:*

Em *pesada* caiu *melancolia*.

6. Ha palavras que têm posição definida no discurso. O artigo, os demonstrativos, os possessivos, os indefinidos, os determinativos, vão sempre antes do substantivo:

O homem.
As mulheres.
Este livro.
Meu livro.
Alguns homens.
Qualquer homem.
Todo homem.

Do artigo nunca se faz inversão, nunca se diz em prosa nem em verso: *homem o*. Dos outros determinativos são naturaes as inversões na poesia e na propria prosa, em orações exclamativas: Que homem *este!* (1)

A inversão póde dar-se, mas em qualquer caso tambem se opéra a differenciação dos sentidos em maior ou menor gráo.

Por exemplo:

Homem *algum*.
Um *simples* criado.
Um criado *simples*.
Homem *qualquer*.
Qualquer homem.
A tarde *toda*.
Toda a tarde.

Com os relativos e conjunctivos *que*, *qual*, *cujo*, é inadmissivel a inversão:

As *quaes* cousas
Que cousa.
Cuja regra.

É completamente impossivel, nestes exemplos, inverter a ordem, dizendo: *regra cuja*, *as cousas quaes*, etc.

Na lingua antiga era admissivel a syntaxe de collocação que separa o adjectivo *cujo* de seu referente: — aquelle homem *cuja* era a mulher.

---

(1) «Homem *este* que viera de longes terras». Repare-se que nesta phrase exprime-se referencia e accrescimo a assumpto já começado ou tratado. Com analogo sentido, é costume empregar a expressão: disse *isto*, *isto* disse, etc., para indicar o que já foi dito e não o que se vae dizer. Depois de reproduzir varios discursos, ajunta Camões: *Isto dizendo* (II, 106). *Isto disse* (II, 89), ou intercala:

Eu só com meus vassallos e com esta
(E dizendo *isto*, arranca meia espada)
Lus. IV, 19.

Muitos escrevem *isso*, provavelmente por uma reminiscencia de *voilà* francez.

— O adjectivo *meio* antepõe-se : *meia arroba, meio litro*. Depois da expressão de unidades, pospõe-se: *duas arrobas e meia, litro e meio.*

No emtanto, o symbolo correspondente a *meio* vae sempre reunido ao das unidades : 2 1/2 *arrobas*, 1 1/2 *litro*.

— O adjectivo *méro* sempre se antepõe: *méro* soldado.

Alguma rara vez póde vir posposto, no verso :

Isso é um segredo *mero*
A que o amor nos obriga.
Camões — Auto do amph. I, V.

7. As palavras em juxtaposição separada, os compostos e as locuções têm a ordem de construcção já consagrada pelo uso, e que não póde ser invertida:

Ajudante general.
Por onde.
Pouco mais ou menos.
Afim de que.
Desde logo.
Máo grado.
Onde quer que.

8. Quando ha emphase ou necessidade de pôr em relevo qualquer idéa ou expressão, esta deve ir em primeiro logar :

«*A sua historia* ouviste-a» (Herc. *Eur.* XVI).
«*Pilotos* lhe pedia o Capitão» (Camões, *Lus.* I, 70).
«*Qual a materia seja*, não se enxerga» (Camões, *Lus.* X,78).

2. — ORDEM DAS PROPOSIÇÕES NO PERIODO

1. As proposições subordinadas de qualquer especie collocam-se conforme a dependencia em que estão da principal.

A *subordinada substantiva*, quando serve de *sujeito*, de ordinario vae depois do verbo :

Era justo que *se retirasse.*
É lamentavel *que assim procedas.*

A *subordinada substantiva* que serve de *complemento*, ordinariamente vae depois do verbo :

Quero *que estudes.*
Receio *que venham.*
Vi *que se divertiam.*

A *subordinada adjectiva* que se aggrega ao sujeito ou ao complemento, vae sempre junto do sujeito no primeiro caso e do predicado no segundo.

O livro *que li*, é bom.
Recebi o livro *que escreveste.*

A *subordinada adverbial* não tem collocação definida. Colloque-se no rosto da phrase a que fôr mais emphatica, conforme a intenção do que a diz.

Elle morrerá, *se persistir.*
Se persistir, morrerá.
Logo que saí, choveu.
Choveu, *logo que saí.*
Antes de partir, chorou.
Chorou, *antes de partir.*

2. A proposição absoluta fica intercalada, quando marca uma citação ou fala de qualquer interlocutor:

A riqueza, *disse Socrates*, é ephemera.
Quero, *exclamou elle*, quero viver.

3. As orações coordenadas são dispostas conforme o sentido e a successão veridica dos factos:

a) Deus fez a luz; depois creou a natureza; e finalmente formou o homem.

b) Entrou em combate, luctou heroicamente e morreu.

A idéa obriga a collocação em circumstancias como estas, de sorte que seria impossivel dizer: *morreu, entrou em combate e luctou heroicamente*. Não menos absurdo seria inverter a ordem do primeiro exemplo dizendo: *Deus finalmente formou o homem, depois creou a natureza*, etc. Assim, todas as vezes que os factos têm ordem historica, a narração deve tambem seguir em logares successivos os momentos successivos do tempo.

A conclusão de uma premissa deve ir tambem em ultimo logar. *Penso, logo existo;* é phrase que se não póde inverter.

A inversão tem, todavia, logar, quando, semoffensa da ordem veridica e historica dos factos, a coordenação é feita por conjuncções disjunctivas:

Quer venha, quer não venha.
Quer não venha, quer venha.

Neste caso existe exclusão de um dos dous factos, e a ordem historica não soffre injuria alguma.

Mas, quando na successão e gradação de proposições ha necessidade de oppôr uns a outros, a successão deve entender-se para cada grupo de proposições. Ex.: «O dia aclara os objectos, a noute os obscurece; um é o momento do trabalho; a outra, o do descanço.»

Sem embargo d'estas regras, que são mais da logica do que do uso commum, nota-se em muitos passos dos *Lusiadas* certo desalinho na enumeração de acções verbaes. Ponho os exemplos:

Derriba, fere, *mata* e põe por terra.

Lusiadas, I, 88.

Fere, *mata*, derriba, denodado.

III, 67.

Rompe, corta, *desfaz*, abala e talha.

III, 51.

Aventurar-me a *ferro*, a *fogo* e a neve.

IV, 79.

E ainda outros, bastantes para que se supponha que em verdade é intencional. Descrevendo combates e pelejas, nota o poeta acções multiplas, simultaneas e confusas, exercendo-se sobre multiplos sujeitos; póde então dizer: *Fere* (a uns), *mata* (a outros) e *põe por terra* (a outros).

XII

Da collocação dos pronomes

Definições. Os pronomes obliquos *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *o*, chamam-se *encliticos*, quando são collocados depois do verbo, e sempre foram assim chamados por ser essa collocação normal:

Arrependi-*me*.
Diga-*me*.

Chamam-se *procliticos* quando vêm antes do verbo:

Para que *lhe* diga.
Disse que *se* arrependera.

Ao phenomeno de anteposição dá-se o nome de *próclise*; ao phenomeno de posposição, o de *enclise*.

Ainda ha o caso em que os pronomes ficam intercalados no vocabulo. É o que se dá no futuro:

Dir-*te-ei*.
Far-*vos-ei*.

É um caso especial da posposição, porque, se não é de uso dizer *farei-te*, *dirá-te*, a anteposição é sempre de bom uso: *te direi*, *te fará*. *Verás-me* havia em um manuscripto dos *Lusiadas* entre as estrophes que foram depois omittidas.

REGRAS DE COLLOCAÇÃO

A questão da collocação dos pronomes obliquos tem sido entre nós objecto de vivas questões, menos pelos erros no emprego d'esses pronomes do que em razão de regras falsas, arbitrariamente imaginadas e impostas com tyrannico e absurdo despotismo por varios grammaticos de hoje. A verdade é que os casos de *collocação deter-*

minada se reduzem a *quatro*, como veremos; fóra d'ahi tudo fica ao capricho e arbitrio do rhythmo, euphonia, ou emphase, não havendo para estes regra alguma.

1. Sempre que a oração é *negativa* ou *subordinada*, as encliticas pronominaes, *em geral*, precedem o verbo:

> «Pediu *que lh'o* mostrassem, perguntou cujo era; respondeu o official que era um filho de Sua Senhoria *que se* embarcava para a India.» Bernardez. *Floresta.*

> «Ao falador, calo-me; ao doudo, não *lhe* atalho a furia; ao pobre, *não lhe* devo; ao rico, *não lhe* peço; ao vão, *nem o* gabo *nem o* reprehendo; ao lisongeiro, *não o* creio.» Lobo. *Pastor peregrino.*

> «No fim da carta de *que* V. M. *me* fez mercê, *me* manda V. M. diga o meu parecer sobre a conveniencia de haver neste Estado ou dous capitães-móres ou um só governador. Eu, Senhor, razões politicas *nunca as* soube, e hoje *as* sei *muito menos.*» Vieira. *Cartas.*

Em vista d'esta regra, quando a subordinação de uma proposição fica expressada pela proposição principal, a anteposição das particulas é obrigatoria. Notem-se:

> «Aquillo que amaveis não era o corpo, era a alma; apartou-*se* o que se não via, ficou o que se não póde ver.» Vieira. *Sermões.*

Ha umas poucas de excepções quanto a essa 1ª regra, no que respeita á subordinação quando esta é expressada por *que*, conjuncção, ou *porque, pois que*. Os exemplos não são em grande numero, mas encontram-se nos bons escriptores. «*Porque* sobre os damnos referidos começava-*se* a sentir outro mais temeroso.» (Fr. L. de Souza.)

Nos casos de negativa, não ha excepção; isto é, nesses ha sempre anteposição dos pronomes obliquos.

2. Nunca se dá posposição depois do participio preterito. Ex.: *tenho-me aperfeiçoado;* e não, *tenho aperfeiçoado-me.*

É regra sem excepção, sem embargo de que o não é na lingua italiana, cuja literatura tanto influiu na era classica.

3. Nunca se dá a posposição nos futuros simples: *direi-lhe, amarei-o.* Nesses casos ha tmese ou intercalação: *dir-lhe-ei, amal-o-ei.*

4. Nunca se começa phrase ou periodo com o pronome obliquo. «*Me dê*», «*me faça*», etc., são brasileirismos que devem ser evitados.

5. Nas phrases do gerundio ha anteposição; nas de fórma imperfeita, posposição :

Em *se* levantando
Levantando-*se*.

6. Com algumas particulas, como *aqui, ahi, d'onde, onde, já, cá, só, sómente, lá, sempre, conforme, assim, nunca, não, bem, mais, muito*, etc., ha tendencia para a anteposição, quando os adverbios ficam antepostos :

«*Ali* se veem as murtas circumstantes.»
Cam. Ecl. 7.

«*Ali* lhe mostra o campo varias côres.»
Cam. Eleg. 3.

«Esta guerra *só a* sabem fazer os moradores.»
Vieira. *Cartas.*

«E em tanto *se guardava* que tendo um tempo guerra com Philippe»
Diogo do Couto. *Sold. pr.*

«*Muito me* apraz dizel-o.»
Vieira. *Cartas.*

«Onde *se* encontra ou *se* vende?»

Esta regra na parte que se refere a *não, nunca*, é consequencia da regra 1ª da proposição negativa. Fóra d'esse caso, não é difficil respigar exemplos, embora não muito frequentes, em contrario. É, todavia, preferivel construil-os com a anteposição :

Bem te avisei.
Ainda vos será util saber.
Sempre se faz assim.
Conforme se offereceu a occasião.

7. Ha anteposição em algumas orações optativas, de uso vulgar, quando o sujeito antecede o verbo da proposição; em virtude da regra 1ª, não inclue, portanto, caso novo.

Deus *me* livre.
O diabo *te* leve.
Mal' raio *te* parta.
Bons ventos *o* levem

Em resumo, ha uma certa attracção do sujeito ou do adverbio le negação, quantidade e tempo, para com o pronome obliquo. A anteposição dos primeiros torna elegante a anteposição dos ultimos. Provam os exemplos : Deus *me* livre, livre-*me* Deus ; muito *se* discutiu, discutiu-*se* muito, etc.

8. Com os adjectivos *todo, nada, ninguem, nenhum, cada, qualquer*, e com os quantitativos *tanto, quanto, muito, pouco*, etc., quando precedem o verbo, tambem precederão ao verbo os pronomes :

Ninguem *lhe* falou.
Todos *lhe* falaram.
Poucos *se* abstiveram.

É em parte esta regra consequencia da 1ª e da 6ª.

9. Em toda a proposição que começa pelo vocabulo *que* (conjuncção ou pronome) e pelas variantes *qual, quem, cujo*, etc., ha *próclise*, isto é, anteposição do pronome. É consequencia da regra primeira, porque taes proposições são subordinadas.

Quem o chamou.
Lei, cujo texto *se* comprehende.

10. Com os complementos de *logar onde, d'onde*, o pronome antepõe-se com mais frequencia de exemplos e elegancia de estylo :

Em Roma *se* vê o Papa.
Onde *se* bebe?

É consequencia da regra 6ª, já exposta.

Esta regra tem exemplos em contrario. E póde-se affirmar que a questão de collocação dos pronomes ainda não ficou resolvida, ou porque o phenomeno não fosse observado perfeitamente, ou porque não é susceptivel de disciplina exacta e positiva.

Do que ficou exposto resulta que só ha tres regras em que a **anteposição** é obrigatoria :

1. Nas negativas.

2. Nas subordinadas de *que, qual, cujo*. Comtudo, com a conjuncção *que, porque, pois que*, já a regra não tem mais rigor e é muito exceptuada.

3. No gerundio (*em* se levantando).

Só ha uma regra em que a **posposição** é obrigatoria:

No começo da phrase (Não se entenda nó começo da oração principal, que nem sempre inicia a phrase).

Todas as demais regras se derivam immediatamente d'estas, e são simples amplificações ou não tem valor pratico, porque exemplos classicos as desmentem a toda hora. (1)

COMBINAÇÕES

1. As encliticas *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *o*, sendo complemento objectivo, não toleram outra enclitica.

Recommendou-me a vós e não *recommendou-me-vos.*

2. As encliticas *me*, *te*, *nos*, *vos*, *lhes*, quando são objecto indirecto, pospõem-se a *se* e antepõem-se a *o* :

Fez-*se*-me.
Deram-*se*-lhes
Contei-*lh'o*.
Disse-m'*o*.
Que m'*o* censure.
Para que lh'*o* diria?
O que *se* vos fez.

3. As combinações *vol-o*, *nol-o* são mais usadas antes dos verbos : *quem vol-o disse?*

---

(1) Os ultimos trabalhos de valor sobre a collocação de pronomes são os de Said Ali na *Rev. bras.* 1895; os *Estudos de portuguez* de Raggio Nobrega (lidos com muita reserva) e os de um rio-grandense, F. Dutra. Um velho grammatico do Funchal, Ferreira Junior, foi, creio, o primeiro a tratar do assumpto; a sua *Gramm.* que merece ser reimpressa, data de 1850. A proposito da collocação de pronomes, faz-me notar o Dr. Silva Ramos que em Filinto Elysio se encontram exemplos (?) de pronomes obliquos no começo da phrase, *verbi gratia*, na trad. das *Fabulas* de Lafontaine

Nem sei que intento é esse;
Não deixarás este ermo solitario?
— *M'o* deparas mais brando? Dares musica
A brutos! Quando muito a algum camponio.
L. 1—57.

Vem-me beijar, vem, mano,
Me offende o teu receio.
L. III—39.

Não é exactamente o caso de começo de phrase. São expressões continuadas, talhos de periodos e não periodos differentes. Ha, comtudo, certas expressões populares, proverbiaes, que começam pelo pronome : *Me mellem! T'arrenégo!* Em um dos numeros da *Renascença*, 1904, publicou

4. Alguns escriptores usam a combinação ternaria ou de tres encliticas: *Dê-se-lh'a, a esmola.*

Pecca por falta de harmonia e de elegancia, quando faz recuar o accento para a quarta syllaba, o que não é lá muito da indole da lingua: «Faça-se-lhe a vontade».

---

o Dr. Silva Ramos um estudo a todos os respeitos notavel sobre a questão dos pronomes, dando nova interpretação ao phenomeno; a collocação para o Dr. S. Ramos é sempre enclitica; ha sempre posposição; e essa posposição se faz sempre em relação á *palavra de emphase*, que póde ser o verbo ou não:

Elle-o disse
Elle *disse-o*
Deus-me livre
Livre-me Deus, etc.

É, como se vê, muito original e interessante esse modo de vêr a questão. No exemplo citado, se a questão importante é o haver dito, a phrase é

Elle *disse-o*

Mas, se o que importa é a pessoa, então será a phrase:

Elle-o disse.

XIII

Figuras de syntaxe. Particulas de realce

Figuras de syntaxe.—São as modificações de qualquer ordem da syntaxe regular, feitas espontaneamente ou com o intuito de ennobrecer o discurso.

As figuras de *syntaxe* são numerosissimas, se levarmos a analyse até ao estylo, ao rhythmo da linguagem. Isto, porém, ao nosso parecer é mais do dominio da rhetorica do que da grammatica.

Estudaremos apenas as principaes figuras.

Ellipse — é a que indica a suppressão necessaria de um ou mais vocabulos na phrase :

O ouro pesa mais do que o ferro (pesa).
Silencio ! (fazei silencio).

Ha certas *ellipses* que devem ser aconselhadas por elegantes ou por evitar os francezismos do estylo actual.

A ellipse do indefinido *um :*

A vida do philosopho é calma
A vida d'*um* philosopho...

A ellipse de *algum :*

Ter pratica
ter (alguma) pratica.

Salvos os casos do emprego justificado de *um* e *algum*. Eis exemplos excellentes :

«Se alguem deseja *alguns* dictames para escolher e adquirir amigos, póde arrimar-se aos seguintes.»
Bernardez. *Floresta.*

Que não é premio vil ser conhecido
Por *um* pregão do ninho meu paterno.

Camões, *Lus.* I, 10.

Zeugma—é um caso particular da ellipse, indica a suppressão do sujeito. (1) É muito da indole da lingua.

Vou (eu vou).
Luis foi e voltou (Luis voltou).

Asyndeton—é outro caso particular da ellipse. Indica a suppressão de particulas :

Sobre o mar e a terra
(Sobre o mar e sobre a terra).

Os casos mais notaveis da ellipse são aquelles em que de dous vocabulos que primitivamente andaram juntos, um desapparece e o outro que resta, ganha a funcção dupla de ambos. Foi o que succedeu a alguns adjectivos que hoje têm o valor dos substantivos : *meia* (calça meia), *sereno* (*tempus seranum*), *figado* (*jecur ficátum*, lat.), *javali* (porco *javali*-montez), e em geral todos os adjectivos usados como substantivos : *o rapto, o direito, o pobre, o rico, a presa*, etc.

Syllepse—é a figura pela qual a concordancia se faz, não com o termo grammatical, mas com a idéa que se tinha em mente :

Syllepse de numero :

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade.

Camões, *Lus.* III, 9.

Não é digna de imitação a syllepse depois de *um e outro*, como no exemplo de Fr. Luis de Souza : Um e outro *arcebispos*.

Um e outro não varia de genero. «A morte e o inferno *um* e outro (e não *uma* e outro) são temiveis.» É a syntaxe melhor e mais bem auctorizada.

---

(1) Divergem os grammaticos quanto á definição de *Zeugma* e de *Ellipse*.

Eis um exemplo mais, que me communica Firmino Costa:

> «Porque assim como a alma e corpo, quando unidos vae *um* para onde vae o *outro*. Bernardez — *Exerc. espir.* II, 333.»

Ruy Barbosa não seguia esta syntaxe (*Cartas da Ingl.* pg. 71, pg. 77) mas seguiu melhor conselho na sua famosa *Replica*. No muito interessante opusculo de José A. Corrêa (*Estudinhos da lingua portugueza*, Maranhão, 1883) depara-se-me o exemplo de Vieira:

> «Dei-te *um* corpo com minhas mãos, o mais perfeito; dei-te *uma* alma tirada das minhas entranhas e feita á minha imagem e semelhança, ornei e habitei *um* e *outro*...»

Syllepse de pessoa: Tu e Tullia *estaes* bons.

Neste exemplo o verbo *estaes* concorda com o termo mental occulto: *vós*.

Syllepse de genero:

> «Já o nosso desterro tem no céo esta victima de sua innocencia; queira Deus que com ella se acabem de desenganar os homens, e que por desconto d'esta desgraça vejamos a *Vossa Excellencia restituido* ao descanço de sua casa.»
>
> Vieira — *Cartas*.

— E no celebre exemplo de Camões:

> Mas já a planeta que no céo primeiro
> Habita cinco vezes *apressada*...

O adjectivo *apressada* concorda com *planeta*, que era nos seculos XV e XVI do genero feminino, e não com o nome occulto *lua*, como diziam alguns grammaticos. Não houve, pois, syllepse neste caso.

Syllepse de **tempos** verbaes. Quando a correlação não é verdadeira, dizendo-se *trazia* em vez de *trago*, como o fez Camões, obrigado talvez pela difficuldade de rimas de *trago*:

> D'este Deus-Homem, alto e infinito
> Os livros que tu pedes não *trazia*.
>
> *Lus.* I, 66.

e assim no resto da estancia.

Comtudo, o uso do *imperfeito* é o mais proprio da poesia narrativa e o seguido nos romances, chacaras, balladas e solaus.

Dizendo aquestas palavras
N'um cavallo se *assubia*.
Fanfarrão e corpulento
Alvo, de gran bizarria;
Deu de espóras, largou redeas,
Logo *desapparecia*.

Castilho, *Outono*, 249.

Hyperbaton — indica a transposição da ordem nas sentenças e nos grupos de palavras. É uma das bellezas que o portuguez conserva por herança latina.

«Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte
Sem proveitar dos homens força e arte»

Lus. VI, 73.

Em Filinto Elysio, grande cultor, embora, da vernaculidade e propriedade da linguagem, mas pobre de habilidade no versificar, ha verdadeiro abuso do hyperbaton. São d'elle versos como estes:

«Em pesada, caiu, melancolia»

«No Ithomeo cume,
E dorio perystilo da Ara homerea,
Se estendia uma faixa de verdura,
De *estadios* ampla em roda, *centos oito*.»

Pleonasmo — é a repetição de palavras e idéas para tornar clara ou emphatica a affirmação: *vi* com estes *olhos*, *ouvi* com estes *ouvidos*, etc.

O exemplo de Camões: «*Vi claramente visto o lume vivo*» não é propriamente pleonasmo, como o não é o emprego emphatico de *nunca jámais*, *não — nada*, *não — nenhum*, etc., nas phrases negativas; nem o é o emprego de *acaso*, *talvez*, *por ventura*, em phrases dubitativas e interrogativas. A considerar taes exemplos como pleonasticos, não haveria belleza maior que a d'essa figura.

Repousa *lá no céo* eternamente
E viva eu *cá na terra* sempre triste.

Verdadeiro pleonasmo e pouco digno de imitação é o de João de Barros:

> «Ao qual recado *elle Hidalcão* não respondera; e que como os principes ás vezes se *indignavam indignamente* de seus capitães.. »

Não faltam, porém, escriptores que o justifiquem e passem o exemplo para o canhenho das costumadas imitações.

EXPLETIVAS

(Particulas de realce)

Expletivas.—São quaesquer partes do discurso usadas como simples effeitos decorativos da phrase.

Pronomes.—Alguns pronomes pessoaes são usados apenas com a funcção de *emphase* em logares onde seriam em certos casos dispensaveis.

Lembra-*me* a mim.
Deu-*me* a mim.
Veio-lhe, *nelle*, uma inchação. (1)

Sim.—O adverbio *sim* emprega-se muitas vezes com effeito de realce:

É morta Roma, *sim*, morta de todo.

(Garrett—*Catão*).

O que repetido sem ser grammaticalmente necessario no mesmo periodo. No exemplo geralmente citado:

...E *que* o regente
Que esta terra governa, *que* vos veja

Lusiadas, I, 27.

De.—A particula *de* é algumas vezes simples elemento de realce:

É muito *do* meu.
O pobre *do* homem.
Deu-lhe o nome *de* João.

---

(1) Vide o exemplo de João de Barros (onde se encontra—*elle Hidalcão*) nesta pagina.

Ainda o é nas phrases comparativas:

Mais sabio *do* que justo.
É mais bella *do* que a violeta.

A.—A preposição *a* é notada excepcionalmente nas relações de objecto directo com os nomes proprios:

Pedro matou a Julio.

As.—O artigo *as* em phrases idiomaticas e annexins é muitas vezes complemento directo em concordancia com um nome occulto, e nesse caso subsistiu como expletivo.

Deu *as* de Villa Diogo.
Sabe fazel-*as*.
Disse-*as* bem boas.

XIV

Anacoluthia

Anacoluthia, chama-se a interrupção e mudança de construcção já começada por outra de nexo differente.

Em geral, essa interrupção, não raras vezes elegantissima, traduz mais fielmente o pensamento do que a coordenação logica, por si mesma despida de sentimento.

> *Eu* que cair não pude n'este engano
> (Que é grande dos amantes a cegueira)
> *Encheram-me* com grandes abondanças
> O peito de desejos e esperanças.
>
> Camões. *Lus.* V. 54 (1)

---

(1) Communica-nos o Dr. Silva Ramos, nosso illustrado collaborador, os exemplos seguintes:

Da Ulysippo, de Jorge Ferreira de Vasconcellos:

«Quem muitas estacas tancha, alguma lhe ha de quebrar.»

«Quem te não roga, não lhe vás á voda.»

«Quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha.»

«Quem se bem estreia, bom anno lhe venha.»

«Bezerrinho que soe mamar, prue-lhe o paladar.»

Aproveitando a tendencia popular, o auctor da Ulysippo põe na bocca de um dos interlocutores a seguinte phrase:

«Eu por bem farão de mim tudo, e por mal nada.»

Sem sair do seculo XVI, Bernardim Ribeiro, na *Menina e Moça*, assim se exprime:

«...por onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno que nas noites caladas o rugido d'elle faz no mais alto d'este monte um saudoso tom.»

E Diogo do Couto, no *Dialogo do Soldado Pratico:*

«O rendeiro da Alfandega que no cabo do seu arrendamento ficou devendo dez mil cruzados são seus fiadores levados pelos ares.»

E na *Decada:*

«Manoel de Souza de Sepulveda, vendo sua amada esposa naquelle estado e os filhinhos no chão chorando, parece que a magua e a dôr lhe resuscitou o entendimento.»

Passando ao seculo XVII, Francisco Rodrigues Lobo, que com tão elevada eloquencia pelejou sempre em favor da vernaculidade, foi o escri-

E o seguinte de Fr. Luis de Souza:

> Os brincos, os jogos, os passatempos traz que aquella edade corre sem peso, e ainda sem malicia, parecia que a natureza o criara isento da inclinação d'elles. *Vida do Arc.* II, cap. 2.

---

ptor que mais amou aquella fórma de construcção. Leio na *Côrte na Aldeia:*

«Veio occasião em que o bom soldado invejoso e animado do que ouvia ler, lhe pareceu ensejo de mostrar o seu valor.»

«Eu que não perdia com os olhos um só movimento dos que os seus faziam, me pareceu tudo o que tinha visto sombra de graça e brandura.»

«Outro estudante do meu tempo (proseguiu Pindaro) passando parte de uma noite de inverno em casa de um amigo que morava perto do rio, choveu tanta agua e cresceu com tanta furia o Mondego, que lançou por fóra e fez ilha das casas do estudante.»

«E de então todos os que por fio de geração não succederam, as armas lhes deram titulo, corôa, sceptro e senhorio.»

«O outro Plafon andava o seu nome no bico dos passaros.»

E no *Desenganado:*

«Leontino que conheceu a letra e que abrindo-a (a carta) vio o signal de Marisbea, começaram-lhe a correr as lagrimas.»

São do elegantissimo D. Francisco Manoel de Mello, na *Carta de guia de casados*, estes dizeres:

«...que verdadeiramente as que se enfrascam nestes negocios caseiros não lhe lembram outros.

«A mulher principal basta-lhe que sua rainha a conheça »

No nosso seculo, Garrett, a quem não escapavam bellezas d'estas, offerece-nos nas *Viagens na minha terra* um periodo construido por este feitio:

«Assim o povo que tem sempre melhor gosto e mais puro do que essa escuma descorada que anda ao de cima das populações e que se chama a si mesma por excellencia *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre de Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas do Chellas.»

E Castilho, que não descuidava nunca limar a phrase e polir o verso, faz dizer a um rapazola no *Fausto:*

«Lá a mãisinha, essa, coitada,
É que lhe custou muito eu vir-me embora.»

Por ultimo, dois exemplos muito curiosos colhidos por Latino Coelho, que nolos transmitte no *Elogio de Frei Francisco de S. Luiz.* Um, de Vieira, no sermão do Rosario.

«Os tres reis orientaes que vieram adorar o filho de Deus recem-nascido em Belém é tradição da igreja que um era preto.»

O outro, de João de Barros:

«Martim Affonso de Mello, como o navio vinha dirigido a elle... ficou o navio com elle.»

Agora, a prova terminante de que Camões não usou d'aquella fórma de construcção por descuido, como se afigura a um grammatico, mas de

«Como diz Homero: *quem* ha de ser Pastoral de seu povo, cumpre-lhe ser limpo e afastado de todo o vicio.»

J. de Barros. *Paneg.* 9.

proposito firme para um effeito intencional, está na reincidencia comprovada nas seguintes estancias dos *Lusiadas:*

«Vereis este que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando
Tremer d'elle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.»

(Cant. II, Est. XLVII).

«Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes
Fazendo o que a seu peito forte deve,
Em premio destes feitos excellentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve
Um filho... »

(Canto III, Est. XXVI).

«Este povo que é meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo,
Sendo tu tanto contra o meu desejo!
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra a minha dita emfim pelejo.»

(Cant. II, Est. XL).

«Mas o rei vendo a estranha lealdade
Mais póde emfim que a ira a piedade.»

E na Egloga 1ª:

«Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo
Se me vai de tristeza enrouquecendo.»

E ainda do grande poeta:

«Assim vós, rei, que fostes segurança
Da nossa liberdade e que nos dais
De grandes bens certissima esperança
Nos costumes e aspectos que mostrais,
Concebemos segura confiança
Que Deus a quem servis e veneraís
Vos fará vingador dos seus reveis
E os premios vos dará que mereceis.»

XV

Dos vicios da linguagem

Chamam-se *vicios de linguagem* as irregularidades da lingua, produzidas pelo linguajar do vulgo ou por ignorancia, distracção ou máo gosto de escriptores pouco escrupulosos.

Os principaes *vicios* commettidos na linguagem falada e escripta são o *solecismo*, o *barbarismo*, a *cacophonia* e a *ambiguidade;* mas, em verdade, o numero é infinito.

1.—SOLECISMO

O solecismo é um vicio syntactico commettido quando se não observa a concordancia ou a collocação grammatical dos vocabulos. Não é muito raro, até em bons auctores, achar construcções como estas :

«*Tu* e o *teu* amigo *são* pessoas de bem» (sois pessoas)
«As fazendas e o dinheiro eram *muitas.*»

É tambem frequente empregar viciosa e promiscuamente *tu* e *você* no uso epistolar, e *lhe* em vez de *lhes*, como se fazia antigamente; ha, com referencia ao plural, em Camões:

Promettido *lhe* está do Fado eterno

Lus. I, 28.

Ha solecismos historicos que estejam approvados pelo uso?

Querem muitos que na expressão *ha homens* exista um puro solecismo consagrado pelo uso, e apoiam-se no facto incontestavel de que, em taes casos, o verbo *haver* tem hoje o sentido anti-etymologico de *existir*. Tem-n'o decerto, mas não o teve em outros tempos. (Vide Syntaxe dos verbos).

Mas, que são as *syllepses* senão solecismos que o bom uso ennobreceu?

2.—BARBARISMOS

Chamam-se *barbarismos* as expressões tiradas de outras linguas e que constituem vicio quando os vocabulos estranhos não são indispensaveis.

Os mais que occorrem são naturalmente *latinismos*, *anglicismos* e *gallicismos*.

Os **latinismos** podem ser de vocabulos, como:

Ludos por—divertimentos publicos *(ludum)*.

Empregado por O. Mendes.

Cespede por—torrão, terra. Empregado por Diniz: *O patrio cespede (cespes, lat.)*

Os *latinismos* tambem podem ser de construcção. É o que se nota em certas inversões ousadas, pouco proprias da indole da lingua.

Eis um exemplo:

> *Entre todos* com o dedo eras notado
> Lindos moços de Arzilla em galhardia.
> (Quevedo Mousinho.)

Em vez de: *em galhardia eras notado entre todos os lindos moços*, etc.

No seculo XVI, na epoca em que a lingua soffreu a mais intensa approximação do latim, por influencia do renascimento classico, usou-se um pouco descomedidamente da ordem inversa. João de Barros condemna a seguinte construcção, como exaggerada, e da auctoria de um lettrado:

> «*Dá-nos, Senhor, aquella a qual o mundo não póde dar paz.*»

É o vicio que Barros denomina, conforme a rhetorica, *cacosyntheton*.

Alguns dos latinismos são puros hebraismos transmittidos pela Biblia, como os de grão nas expressões *vaidade das vaidades*, *seculo dos seculos* e a locução *quanto mais:* «Adhuc vivente me... semper contentiore egistis contra Dominum, *quantum magis* cum mortuus fuero.»

Anglicismos são palavras tomadas inutilmente da lingua ingleza: *water-proof*, *rail*, *sleeping-car*, etc.

Gallicismos são as expressões e modos de dizer da lingua franceza introduzidos no idioma. Por terem importancia maior, d'elles trataremos em capitulo especial.

Cacophonia é um vicio resultante do encontro de vocabulos que no conjuncto se prestam á formação de termo inconveniente:

> Porque então se verá *quanto atraz* fico.
>
> J. Andrade.—*Cerco de Diu*, XX, est. 4.

Todo o som desagradavel é *cacophonico*.

O **echo** é a cacophonia que resulta da repetição das mesmas syllabas ou letras:

> Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.
>
> *Lus.* III, 3.

A **collisão** resulta da repetição das letras surdas *rr* e *ss*.

> De modo que d'alli, *se só se achara*,
> Outro novo Cupido se gerara.
>
> *Lusiadas*, II, 42.

O **hiato** resulta da successão de vogaes que formam syllabas distinctas:

> *Foi o aio á aula...*

Outros vicios existem, numerosos, como a construcção de phrases por monosyllabos ou, ao contrario, por palavras longas, sesquipedaes, etc. Tambem de *vicios* se convertem em qualidades, quando se ageitam em onomatopéas e em outros effeitos oratorios e poeticos.

XVI

Gallicismos

Gallicismos são expressões e modos de dizer tomados da lingua franceza.

Muitos e varios foram necessitados pelo desenvolvimento do progresso universal, ou pelo incremento das relações entre os povos latinos que a França espiritualmente domina; outros, porém, foram introduzidos por descuido, ignorancia das fontes classicas, pelo máo gosto dos escriptores ou ainda pelo capricho da moda.

Gallicismos de palavras.—São numerosissimos e, dir-se-ia, hoje inevitaveis. Citemos alguns exemplos que mais occorrem e são de uso commum.

Banal	— em logar de *trivial*, *vulgar*, etc.
Audacioso	— por *ousado*.
Bem-estar	— por *prosperidade*.
Bom tom	— por *a moda*, *o uso das pessoas educadas*.
Bonhomia	— por *bondade*, *tolerancia*.
Chicana	— por *trapaça*, etc.
Comprometter	— é gallicismo no sentido de *arriscar*, *deixar a qualquer em má posição*.
Esquecer	— é gallicismo, usado como verbo transitivo. *Esquecer o chapéo* por *esquecer-se do*. Mas é de bom quilate: *esqueceu-me* o chapéo (ou *esqueci-me do* chapéo).
Fazer	— por *consistir*. Isto *faz* a sua alegria e *fará* o assumpto do romance.
Voluptuosidade	— é gallicismo. Bluteau propoz a palavra de certo mais bella: *voluptade*.
Brusco	— é gallicismo, quando empregado com o sentido de *rapido*, *ligeiro*. Brusco significa propriamente *escuro*.
Debutar	— por *estrear*.
Confeccionar	— quando empregado no sentido de *elaborar* um trabalho artistico ou literario.

Trem	— é gallicismo, no sentido de *maneira de viver conducta.*
Comportamento	— no sentido de *procedimento.*
Bouquet	— em vez de *ramalhete.*
Coalição	— em vez de *colligação, liga.*
Deboche	— por *devassidão, corrupção.*
Picar	— em vez de *presumir-se.*
Pretencioso	— por *presumpçoso.*
Gallimatias	— por *palanfrorio, confusão de palavras*
Susceptivel	— por *irritadiço*, etc.
Felicitação	— em vez de *parabens, congratulações.*

Note-se que muitos gallicismos estão adoptados pelo uso geral: *felicitação, banal, fatigante, complacente, installar, conducta, ponto de vista, bandido, descoberta, genio, inabalavel, garantia, audacioso.*

De muitos dos gallicismos só se encontram exemplos de uso em Portugal: *pressante, travezes, portamantô, entestar, gare.*

No castelhano notam-se gallicismos, como *remarcable, acaparar, rango* (Gram. da Acad., 1883).

Os gallicismos de construcção mais notaveis são os seguintes:

1. O uso da preposição *por* com os verbos tremer, receiar. Receio *por* elle, temo *por* elle. Felizmente *por* ou para elle, em vez de: por felicidade *sua*, etc.

2. O uso da preposição *a* por *de* nas expressões: caminho *a* bitola estreita (*de* bitola estreita). Equação *a* duas incognitas (por *de* duas incognitas).

3. O vezo de repetir a conjuncção *que* das proposições subordinadas: Disse que saía, *que* tinha muito que fazer, *que* voltaria á noute.

Comtudo, ha exemplos nos classicos, mas com sobriedade.

4. O uso da preposição *a* em vez de *que*: tenho *a* dizer, em vez de: tenho *que* dizer; tenho a relatar, em vez de: tenho *que* relatar.

5. O uso das construcções seguintes:

Sem vós, morreria
Sem ti, chegaria mais cedo.

Em vernaculo, seria melhor dizer:

Se vós não fosseis, morreria.
Se tu não fosses, etc.

ou tambem

Sem a vossa ajuda, etc.
Sem o vosso auxilio...

Está, comtudo, admittido pelo uso geral.

6. O habito de empregar sempre claros os pronomes sujeitos é um gallicismo vicioso:

Eu parti; tu não devias estranhar que elles ficassem.
Seria mais elegante dizer-se:
Parti; não devias estranhar que ficassem..

Por emphase, póde-se admittir o uso dos pronomes, sem incorrer em gallicismo.

7. O uso da preposição *sobre* depois do verbo *descer* é um gallicismo:

Jesus desceu *sobre* a terra.

— E o uso de *sobre* em logar de *conforme*, *segundo*: *sobre* o modelo — conforme o modelo.

O uso da preposição *sobre* é ainda gallicismo nas seguintes expressões:

Ganhou terreno *sobre* o inimigo.
=ao inimigo.

8. O uso da preposição *em* como signal de opposição:

Redactor *em* chefe.

Em Portugal já se escreveram os gallicismos: *falar em philosopho=falar como philosopho*, etc.

Outros gallicismos: *o facto em discussão*, em vez de: *o facto que se discute; estrada em construcção*, por: *estrada que se está construindo.*

Estes gallicismos quasi todos estão admittidos no uso vulgar.

9. São ainda gallicismos as construcções: estar *ao facto*, estar *ao corrente*. Em vernaculo diz-se: estar em dia, sciente.

10. É gallicismo a expressão: *Conto comtigo, conto com elle.*

11. O uso indevido de proposições affirmativas, como: estou muito cançado para andar. Deve-se dizer: estou *tão* cançado que *não* posso andar.

12. Certas inversões são gallicismos e contrarias ao bom uso classico: *foi* assim *que* viveu, *foi* com esta idéa *que* partiu. Deve-se dizer: assim foi que viveu; com esta idéa foi que partiu.

13. A falta de simultaneidade de tempos nas proposições: É isto que me *incommodou (Foi* isto). É Jesus quem *dizia*. (Era Jesus...) etc.

Existem gallicismos curiosos, determinados pela leitura de livros francezes. A orthographia *Montes Ouraes* deve ser substituida por M. Uraes; os nomes latinos *Bruto, Junio*, só por gallicismo têm apparecido na lingua com as transcripções *Brutus, Junius*, etc.

Muitas das fórmas de nomes proprios são usadas hoje em dia com a transcripção franceza ou ingleza: *Mayença*, por *Moguncia; Canterbury*, por *Cantuaria; Bordeaux*, por *Bordéos; Anvers*, por *Antuerpia; Bale* por *Basiléa*.

São transcripções francezas: *Mahomet, pachá, kandjar, alcazar*, por *Mafoma, bachá, alfange, alcacer*.

Os erros d'essa ordem abundam maiormente nos termos geographicos: *Timboctou* por *Timboctú; Esquimáo* por *Esquimó*, etc.

Força é confessar que, apezar da reacção dos grammaticos, os gallicismos vão sendo adoptados na lingua escripta e em grande numero já correm na linguagem popular.

O gallicismo é, além d'isso, um facto justificavel. A renovação literaria do seculo XV teve por base a imitação da *arte classica* antiga; os latinismos foram as mais notaveis consequencias d'essa phase e d'essa escola literaria. Os nossos classicos latinizaram a lingua de tal fórma que um seculo foi apenas o sufficiente para que o portuguez se afastasse da lingua antiga e se tornasse lingua inteiramente nova.

A renovação literaria e scientifica dos seculos XVIII e XIX devia igualmente produzir analogos resultados. No seculo actual o movimento *romantico*, opposto ao classico, veio da França, ao menos para as populações do sul da Europa.

É a França a patria dos modelos em letras e em sciencias para os paizes secundarios, que não têm movimento literario original.

E facil ver, pois, que o *gallicismo* é no seculo XIX o resultado da educação do povo pelo espirito francez, do mesmo modo que o *latinismo* foi a educação dos letrados nos seculos XV e XVI, pela literatura latina.

Pouco valerá a razão de que a lingua se acha constituida ; o caracter mesmo de todas as linguas é ser um super-organismo em progresso ou em decadencia, e sempre em movimento.

Outra razão que alguns philologos oppõem contra o gallicismo é que muitos d'elles são escusados e inuteis.

Mas que utilidade houve no seculo XV para substituir o vernaculo *segre* pelo latinismo *seculo?* o vernaculo *cheio* por *pleno?*

Não se tenham as palavras anteriores como incitamento e animação.

Dever de todos que falam e escrevem é zelar a pureza do nosso idioma; ainda melhor é o exaggero do que a criminosa negligencia.

Comtudo, muitas expressões são classicas que têm soffrido o apodo de francezias, e em qualquer maneira, o peior nesta materia não é o emprego dos vocabulos peregrinos, mas a imitação da syntaxe estrangeira, o phrasear improprio e contrario á construcção e indole da lingua. (Leia-se a nota 162 da minha *Selecta Classica.*)

XVII

Da ambiguidade

A ambiguidade ou confusão de sentido, ainda á primeira vista, é grande inconveniencia que se deve evitar com todo o cuidado.

O meio de corrigil-a é construir a phrase differentemente e deixar de empregar os pronomes relativos, possessivos ou pessoaes que forem causa (como costumam ser) da amphibologia.

Notem-se os seguintes casos:

A. «O povo achou-se irritado contra o rei por causa de influencias perniciosas que o dominavam». *Dominavam* ao povo? ao rei? A ambiguidade é evidente.

B. «Se a nação não ama ao rei é porque deixa levar-se por influencias perniciosas». Ainda é ambiguo, e não se sabe quem *se deixa levar*, se o rei, se a nação; evitar-se-ia a confusão dizendo «porque *este* deixa levar-se...

C. «A mãe da menina Rosa *a quem* eu procurava» Não se sabe se procurava a mãe ou a filha.

D. Do relativo *que* frequentes vezes não se sabe se é objectivo ou sujeito: «O poder *que* lhe grangeara a victoria». Não se sabe *se o poder grangeou a victoria* ou *se foi a victoria que grangeou o* poder. Bastaria dizer, supprimindo o artigo do primeiro nome: «Poder que lhe grangeou a victoria». *A victoria* é o sujeito, mas ainda assim a clareza não é perfeita, e o melhor é escrever: *O poder que a victoria lhe grangeara.*

E. Possessivos *seu, seus;* já vimos no logar devido o uso das fórmas emphaticas, como a *sua formosura d'ella*, etc., que evitam a ambiguidade dos possessivos e incre-

mentam a força da expressão . «E *elle* concedeu-lhe permissão de levar comsigo alguns dos *seus* escravos. » *Seus*, de quem? do que concedia permissão ou de quem a obtivera? (1)

A regra mais seguida pelos bons escriptores é referir *seu* ao sujeito do verbo. Sempre o faz Camões (*Lus.* I, 27 e 41 ; II, 5 e 25; VI, 5 e innumeros outros). E em Fr. Luis de Souza : «Era requerido pelo sagrado Collegio dos cardeaes que abreviasse quanto fosse possivel *sua* partida» (entende-se de Adriano, bispo).

Os melhores escriptores procuraram sempre evitar a confusão, como Bernardez, *Floresta*, com o pronome claro ; neste exemplo refere-se a mulheres :

> «Os Romanos, antigamente, vendo que por opulentos que fossem os paes e maridos, não havia panno para tão largo cortar, porque *nellas* o *seu* giz e tesoura é seu appetite e teima, sairam com a lei Opia.»

Ha, porém, excepções, e então a ambiguidade só póde ser desfeita pela intelligencia do texto, como em Vieira, *Sermões:* «Querendo David oppôr-se ao poder de Absalão, tratou sobretudo de lhe metter um confidente no *seu* conselho.» O sentido indica que *seu* se refere a Absalão, no que em verdade a comprehensão é auxiliada pelo uso do *lhe*.

Deve-se acceitar como regra que a boa intelligencia do texto basta para desfazer qualquer ambiguidade. Tal é o caso de Camões :

> *Entre a zona* que o campo senhoreia,
> Meta septentrional do sol luzente,
> E *aquella* que por fria se arreceia
> Tanto como *a do meio* por ardente,
> Jaz a soberba Europa. . . .

Á primeira vista pareceria que a *zona do meio* (a equatorial) ficaria situada entre a temperada e a frigida,

(1) Cf. a *Gramm.* castelhana de Andres Bello.

quando se diz do *meio* em relação, não a essas duas, mas ao planeta.

Outra ambiguidade, que é antes um primor, se encontra nos *Lusiadas*, IX, 75:

> Leonardo, soldado bem disposto,
> A quem amor não dera um só desgosto
> Mas sempre fôra d'elle maltratado.

Não é raro que o emprego de uma ou outra palavra possa produzir, ao primeiro lanço, alguma obscuridade, como nesta passagem de João de Barros:

> «As perdas que em guerra tão justa se sentiram, todavia *fizeram* ao Reino *tanta falta* e foram causa de tantas lagrimas e desamparo.»
>
> *Panegyricos*, 33.

Fazer falta, quer aqui dizer, originar mortes ou causar perdas, damnos, etc.

Muito da doutrina e dos exemplos d'este capitulo foi tomado do grammatico Andres Bello.

XVIII

Archaismos syntacticos (1)

(LEITURA)

«Locuções, maneiras de escrever que hoje se têm a mal, e passariam até por erros chapados, tiveram sua epoca entre os melhores exemplares do nosso idioma.

Na *Menina e Moça* abundam expressões como estas: «Não passou muito, *que* por aquelle logar *não veo.*» (P. 123.) «E não tardou nada que uns pastores... vieram alli ter.» (P. 128.) «Teve aquella noite maneira *como... arribou* á fresta.» (P. 177.) É o perfeito do indicativo representando o imperfeito do conjunctivo. Quem se afoitaria hoje a imitar BERNARDIM RIBEIRO nesta substituição?

Entre os antigos o gerundio era precedido ás vezes de *em*, ás vezes de *sem:* «O sentir demanda cousas ligeiras de passar com prazer, com toda deleitaçom da vontade, *sem reguardando* ser bem feito.» (D. DUARTE: *Leal Conselheiro*, p. 142-3.) Deste uso a cada passo encontramos vestigios em FERNÃO LOPES, em BERNARDIM, em DAMIÃO DE GÓES e muitos outros. Não incorreria, comtudo, em erro quem, de presente, escrevera *sem querendo*, *sem amando*, *sem sentindo*, em vez de *sem sentir*, *sem amar*, *sem querer?*

Não ha classico, dos anteriores ao seculo passado, onde não se depare amiude esta fórma: «Quebrar as treguas que tinha *feitas*. Contra os pactos que tinham *feitos.*» (D. NUNES: *Cron.*, v. I, p. 362). «Tirando os cabellos, que já tinha *dados.*» (*Ib.*, p. 365.) «A jurisdicção que naquellas partes tinha *perdida.*» (BARROS: *Dec.* I, l. 1, c, 1, v. I, p. 11.) «D. Jorge leva a capitania de Maluco, por lha ter *dada* o governador.» (COUTO: *Dec.* IV, l. 1, c. 6, p. 41.) «Outras muitas que *tinha ouvidas.*» (BERNARDIM: *Men..*, c. 14, p. 120.) «Tanto que os padres... *os tivessem acabados.*» (SOUSA: *V. do Arceb.*, 1. II, c. 13.)

---

(1) Todo este capitulo, que é uma como revisão da syntaxe historica no que diz respeito ao *archaismo*, é uma pagina da famosa *Replica* do Senador RUY BARBOSA *ás defezas da redacção do Projecto do Codigo Civil*. Damol-a como leitura substanciosa e util a todos quantos se deleitam no estudo da nossa lingua. (Nota de J. R.)

«E do Jordão a areia *tinha vista*.» (CAM.: *Lus.* III, 20.) «Votos que em adversidades e doenças TINHA FEITOS para remissão de quantas culpas *tinham commettidas*.» (FERNÃO MENDES PINTO: *Peregrinação*, v. II, p. 347. Ed. de 1829). Hoje erraria quem, reproduzindo esses modelos, fizesse concordar com o objecto do verbo o participio passado ou aoristo, empregado como elemento de formação de tempo composto. (1)

Usou-se, entre autores antigos, empregar, depois do *que*, ou do *como*, na formação de comparativos, o pronome pessoal com a flexão dos casos obliquos: «As cousas mais fortes *que ty* não buscaras.» (D. DUARTE: *Leal Cons.*, p. 63.) «Porque sois *maior que mim?*» (CAMÕES. *Lbr.* v. V. p. 129.) «Mais temida e presada *que* ti.» (AZURARA: *Chron. d'El-Rei D. João I*, c. 1.) «Para o que ellas prestariam se fossem *como ti*?» (FERREIRA: *Com. de Bristo*, a. II, sc. 4.) «Quem tinha mais experiencia do mundo que *ti?* (*Id.* a III, sc. 1.) «Não poderá elle *mais que ti?* (*Id.*, a. IV. sc. 1.) De presente, bem que desse remoto fallar ainda se rastreiem vestigios na linguagem do povo português, sob a fórma: «Tem mais dinheiro *ca mim*», «Sou mais velho *ca ti*», não evitaria a nota de solecismo o escriptor, que ousasse destas phrases: «*Tão bom como ti*», «*Melhor que mim.*» (2).

Aos verbos *prohibir*, *defender* (no mesmo sentido) e *impedir* juntaram os classicos muitas vezes a negativa, nesta fórma: «*Prohibiu-lhes* que *não* tivessem oiro.» (VIEIRA: *Serm.*, v. V. p. 248.) «Pois se a fazenda comprada vos *impede* que *não* vades ao ceu.» (*Id.*, v. III. p. 190.) «Deixando-se estar nos bateis para *defender que não* apagassem os imigos o fogo das náos.» (GOES: *Chron. d'El-Rei D. Emanuel*, p. II, c. IV. f. 91 v.) Actualmente esta redacção imprimiria á linguagem sentido precisamente contrario ao que então exprimia.

No escrever classico nem sempre se discernem, consoante aos significados especiaes de cada um, os adverbios *onde*, *aonde* e *donde*. Escreve-se muita vez *donde* por *onde:* «Como nosso natural é entre as mais nações conhecido por amoroso, e nossas dilatadas viagens occasionam as maiores ausencias, dahi vem que *donde* se acha muito amor, e ausencia larga, as saudades sejam mais certas.» (D. FRANCISCO MANUEL: *Epanaphoras de Vária Historia Portug.*, p. 286.) «E os annexiristas *donde* dirão que está o ponto?» (*Id.: Feira de Annexins*, p. 183.) »A perguntar-lhe *de onde* o sabia.» (BERNARDIM RI-

(1) Não me parece que sempre incorram em erro os escriptores archaizantes. Ainda quando se despenham em excessos e demasias, fazem ao menos o beneficio de lembrar as riquezas esquecidas e não raro mal esquecidas do nosso idioma. (J. R.)

(2) *Presente mim*, disse AZURARA, *Cron. de El-rei D. João I*, c. 37: »Que vos façaes vossos filhos cavalleiros, *presente mi.*»

BEIRO: *Men.*, c. 15, p. 126.) «Em uma casa palhoça, detraz de outras, *d'onde* elle estava.» (*Id.*, c. 27, p. 199.) «Sobre a cabeceira *d'onde* pobremente estava encostado.» (*Id.*, p. 200.) «Lembrou-se logo do logar *d'onde* ella estivera assentada.» (*Id.*, c. 28, p. 209.) «A bolsa *donde* as levava mettidas estava fechada.» (VIEIRA: *Inedit.*, v. II, p. 158.) *De donde* forçosamente se seguiria a total ruina de seus estados.» (*Ib.*, v. I, p. 206.)

Algumas vezes *donde* faz de *aonde*, ou *para onde:* «Não tenho *donde* fugir.» (*Id.*, c. 18, p. 150.) «Já inclinada para aquella parte *donde* o esposo ia.» (*Id.*, c. 30, p. 219.) Mais frequentemente, porém, a troca é de *aonde* por *onde*, ou de *onde* por *aonde:* «D'alli se foi logo *onde* estava o arcebispo.» (SOUSA: *Vida do Arc.*, I. II, c. 20.) «A sahida das Lombas, *aonde* se deteve grande espaço.» (SOUSA: *Ann.*, p. 187.) «E vós *aonde* a vistes?» (JORGE FERREIRA: *Eufros.*, a. I, sc. I.) «Deus meu, *onde* me mandaes?» (VIEIRA: *Serm.*, v. II, p. 253.) «A poucos passos haviam de achar o Messias. E *aonde?*» (*Id.*, v. V. p. 119.) «Que te vi já, não me lembra *aonde.*» (FERREIRA: *Obr.*, v. II, p. 386.) «Que *aonde* a gente põe sua esperança.» (CAM.: *Lus.* I. 105.) (1). Mas actualmente, apezar de alguns exemplos, bem raros, em classicos do seculo dezanove, como GARRETT, CASTILHO e LATINO COELHO (2), não escreveria correcto quem não discriminasse nitidamente, no uso d'esse adverbio, o logar *donde*, o logar *onde* o logar *conde* ou *para onde* (3), como AL. HERCULANO os discriminou neste passo: «Lá no céu, *aonde* ella subiu, e *onde* nosso pae acolheu no seio a sua infeliz filha.» (*Monasticon*, v. III, p. 206.)

Na tradição classica o pronome *quem* alludia assim a *coisas* como a pessoas: «*Um tiro* de fogo, contra *quem* não valem forças, nem esforço.» (SOUSA: *Annaes*, p. 90.) «Não posso cuidar *quem seja essa cousa.* (JORGE FERR.: *Eufros.*, a. II, s. 19.) «Este galeão deu á vela meado março, e foi seguindo sua viagem, *a quem* tornaremos.» (COUTO: *Dec.* IV, c. 6, v. I, p. 37.) «Esta Braga, por *quem* este servo de Deus fez extremos.» (SOUSA: *V. do Arc.*, I. II, c. I.) «*Reino e corôa*, por *quem* tantos annos tão valorosamente batalhou.»

---

(1) SOUSA: *Annaes de D. João I*, p. 38, 281, 333. BRITO: *Monarchia Lusitana*, v. I, p. 7. D. FRANCISCO MANUEL: *Feira de Annex.*, p. 109, 116. VIEIRA: *Serm.*, v. IX, p. 82. *Obr. Ineditas*, v. II, p. 106, 107, 130, 154, 157, 168, 180. FERREIRA: *Obras*, v. II, p. 466, 481. BARROS: Dec. I, v. I, p. 31. CAMÕES: *Lus.* II. 59, VIII, 94, IX, 3.

(2) GARRETT: *Obr.*, v. XXII. p. 86, 212, 389. CASTILHO: *Colloq.*, pag. 61, 113. *Amor e Melancol.*, p. 307. LATINO COELHO: *Humboldt*, p. 265.

(3) C. DE FIGUEIREDO: *Lições Prat.*, v. I, p. 113; v. III, p. 111, 116, 129.

(*Ib.*, l. V, c. l.) «Aquelles poderosissimos *vasos* de primeira navegação do Oriente, *a quem* os estrangeiros... chamaram carrácas.» (Vieira: *Serm.*, v. II, p. 254.) «A soberba Europa, *a quem* rodeia... o Oceano.» (Cam.: *Lus.* III, 6.)

Filinto Elysio ainda escreveu de modo semelhante, servindo-se do relativo *quem* allusivamente a *emporios* e *navios*. Mas hoje, a não ser que as coisas, por certa liberdade de rhetorica, recebam do escriptor uma personificação (1), erraria quem, referindo-se a ellas, usasse d'esse pronome.

No escrever de outr'ora o conjunctivo *quem* podia levar ao plural o verbo, que regia, se representava um nome no plural, claro, ou occulto: «O aposentador da rainha, com outros d'el-rei de Castella, repartiam bairro a cada um, segundo *quem eram*.» (Fernão Lopes: *D. João I*, p. I, c. 67.) Em nossos dias, porém, certo que não escaparia á censura dos grammaticos esse phrasear (2).

Como varios outros bons autores de outra éra escrevia aquelle, a quem A. Herculano chamou «o pae da historia portugueza» e classificou entre os maiores poetas a par de Homero: «Viu... como todos andavam alevantados, que se poderia seguir *mais peior*.» (Fernão Lopes: *D. João I*, p. I, c. 26.) Hoje seria erro ignobil cumular, a esse geito, as duas expressões comparativas. (3)

Os nossos classicos usavam indiscriminadamente *lhe* ou *lhes* em

---

(1) Como nestas passagens de Castilho:

«E, em nau mudado, o pinheiro
Foi *quem* ensinou primeiro
Por sobre attonitas ondas
Funesto caminho abrir.»
(*Amores*, v. II, p. 59.)

«O dinheiro é *quem* vivifica a agricultura.»
(*Colloquios*, p. 196.)

Semelhantemente na *Arte de Amar*, v. I, p. 104, e nas *Georgicas*, p. 81.

De maneira analoga A. Herculano: *Eurico*, p. 244; *O Bôbo*, p. 46, 137; *Monge de Cister*, p. 357.

(2) C. de Figueiredo: *Liç. Prat.*, v. I, p. 263—4.

(3) Entre as fórmas classicas ha muito envelhecidas e extinctas, uma houve, que não sei porque, passou despercebida até hoje aos estudiosos e aos scientes. Costumam todos os philologos designar por brasileirismo (e eu em tal conta sempre o tive, até não ha muito) o uso do pronome pessoal *elle, ella, elles, ellas*, como objecto do verbo: «*Eu vi elle, Eu deixei elle*.» Dessa pratica, entretanto, bastantes casos se me deparam nos classicos mais antigos. Ex.:

«E el-rei, sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fóra de sua mercê, e *degradou* ELLE e os filhos a dez leguas de onde quer que elle fosse.» (Fern. Lopes: *D. Pedro I*, c. 4.)

«Deu os bens d'alguns áquelles que lh'os pediam, os quaes se hou-

relação aos nomes nõ plural: «É bem que, vindo taes *embaixadores* a vós, que *lhe* façaes muita honra.» (FERN. LOPES: *D. João I*, p. I, c. 57.) «Muito mais o *serão* depois, vendo que *lhe* houvestes medo.» (*Id.*, p. II, e 36) «Se o rei houvesse mister das suas *gentes*, que el-rei *lhe* désse licença e bom geito de ficarem.» (*Id.*, c. 93.)

Extrema é a frequencia nos exemplos dessa confusão.

.....

Não era, portanto, erro, anomalia, caso fortuito, que escapasse aos bons. Não. O uso, arbitro de fallar, dera a essa flexão pronominal, um a par do outro, os caracteres de variavel e invariavel. Variavel, assignalava ella o plural, terminando em *s*. Invariavel, representava, sem se alterar, nomes no singular ou no plural. Com o tempo, a razão entrou a allumiar a pratica, infiel á razão e á clareza. Começaram-se de sentir na immutabilidade da fórma invariavel os seus inconvenientes, a obscuridade nas referencias, as suas amphibologias, as suas confusões; e, pouco e pouco, inutil, inintelligivel desvantajosa, essa fórma descaiu para o esquecimento e o abandono.»

---

veram por mui aggravados, dizendo que *culpava* ELLES, porque se davam tão azinha, não se podendo mais defender, aos inimigos.» (FERN. LOPES: *D. Fernando*, c. 36.)

«El-rei mandou-o logo prender, e *levaram* ELLE e Matheus Fernandes a Sevilha.» (*Ib.*, c. 46.)

«Rogando-lhe» (el-rei), «por suas cartas ao cardeal, que *absolvesse* ELLE e seu reino d'algum caso d'excommunhão ou interdicto.» (*Ib.*, c. 84.)

«E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde D. Maria estava, e elle, quando entrou, *viu* ELLA e seus corregimentos assim dispostos para o receber por hospede.» (*Ib.*, c. 100.)

«Os cardeaes, outrosim, *privaram* ELLE d'algum direito, se o no papado tinha.» (*Ib.*, c. 108.)

«Traziam quatro honrados senhores um panno d'ouro tendido em hastes, que *cobria elle* e o cavallo.» (*Ib.*, c. 167.)

«Que em tal caso *houvessem ella* por sua rainha e senhora.» (*Ib.*, c. 158.)

«El-rei de Castella não vinha senão por passar seu caminho, e não por *cercar* ELLES nem outros.» (FERN. LOPES: *D. João I*, parte 1ª, c. 60.)

«Martim Annes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já comsigo muitos mais do que d'antes trouxera, e *nomeamos* ELLE mais que nenhum dos outros, porque elle principalmente era o que fazia fazer estas esperadas.» (*Ib.*, p. II, c. 65.)

«Parecendo-me vai que esta nossa vinda aqui pera desastres foi, e não mais. Mas, assi de longe *os ordena* ELLES a ventura, que, logo ao começo, se não podem conhecer.» (BERNARDIM: *Men. e Moça*, c. 23, p. 179.)

XIX

Analyse logica. — Relações

Proposição é todo o agrupamento de palavras formando juizo.

A PROPOSIÇÃO contém dous elementos capitaes e indispensaveis : o *sujeito* e o *predicado*.

SUJEITO é o ser de que se affirma alguma cousa.

PREDICADO é aquillo que se affirma do *sujeito*.

Exemplos :

Sujeitos	*Predicados*
Os passaros	*voam*
A vida em Paris	*é cara*
O tempo	*consome as cousas*

Tanto o sujeito como o predicado dizem-se *logicos* quando vêm acompanhados das palavras que os completam.

Sujeito logico : *A vida em Paris*.
Suj. grammatical : *vida*.
Predicado logico : *consome as cousas*.
Pred. grammatical : *consome*.

RELAÇÕES

As relações notadas entre phrases e palavras são de tres classes :

1. RELAÇÃO PREDICATIVA.
2. RELAÇÃO ATTRIBUTIVA
3. RELAÇÃO ADVERBIAL.

I. **Relação predicativa** é a que existe entre os dous elementos cardeaes de uma proposição — o sujeito e o predicado. Exemplos :

Sujeito	*Predicado*
Deus	existe
O homem	é mortal
Pedro e João	amam o estudo
A lingua dos brasileiros	é a portugueza

II. **Relação attributiva** é a que modifica o substantivo e póde ser representada por uma ou mais palavras. Exemplos :

O homem.
Todas as plantas.
Agua *de beber.*
Este chapéo.
A phrase : *o amor tudo vence.*
O homem *que é justo.*
O livro *que escreveste.*
Socrates, *philosopho grego.*

III. **Relação adverbial** é a que modifica, limita o verbo e o adjectivo por meio de uma ou mais palavras.

Exemplos :

Jantou *como um gastronomo.*
Saiu *ás pressas.*
Julia é *perfeitamente* educada.
Educado *com apuro.*
Voltarei *ás dez horas.*

Ha um caso especial, digno de nota, entre as relações adverbiaes. É a RELAÇÃO OBJECTIVA, que tambem modifica o verbo. Ex.:

Pedro ama a *virtude.*

O *objecto* é a palavra em que se emprega a acção do verbo, e póde ser *directo* ou *indirecto.*

a) OBJECTO DIRECTO exprime a cousa *passiva* (que recebe a acção):

Antonio matou *um faisão.*

E exprime tambem uma cousa *factitiva* (producto da acção):

Escreveu *uma carta.*

b) OBJECTO INDIRECTO exprime a cousa em vista da qual a acção se realiza. Exemplos:

Deu um livro *a Pedro.*
Escreveu-*me.*

ADJUNCTOS

Os elementos secundarios que modificam os elementos principaes da phrase, chamam-se adjunctos, e são de varias especies.

1. Os **adjunctos attributivos** modificam o substantivo. Podem servir de attributo ao substantivo:

a) Um adjectivo. Ex.: Um soldado *crivado de settas.* Livro *util.*

b) Uma palavra ou grupo de palavras em apposição. Ex.: A vida, *este sonho que precede a morte.* Garrett, o *dramaturgo.*

c) Um substantivo com preposição. Ex.: Um cento *de lapis.* O lago *de Constança.* O dia *de juizo.* A dedicação *pela patria.* Um chapéo *para baile.*

d) Uma proposição adjectiva. Ex.: A infancia *que passou.* O homem *que vimos* (passada, visto).

2. ADJUNCTOS ADVERBIAES

Os adjunctos adverbiaes modificam o verbo e o adjectivo, e são os seguintes:

a) O adverbio. Ex. : Luctou *heroicamente*. Partirei *amanhã*. *Grandemente* sabio.

b) Uma locução ou proposição adverbial. Ex. : Partirei *no dia seguinte*. Partirei *quando chegares*. Não irei, *se ficares*.

c) Um substantivo precedido de preposição clara ou subentendida. Ex. : Trabalha *para o progresso*. Caminhou *duas leguas*. Morreu *tres dias* depois. Escreve *toda a noite*. Estava *para morrer*.

d) O substantivo acompanhado de attributo e empregado no sentido absoluto. Ex. : *Feita a oração*, adormeceu. *Tendo-se occultado o sol*, acampámos.

SUJEITO

O *sujeito* póde ser *simples*, *composto* ou *complexo*.

1. **Sujeito simples** é representado por um substantivo, pronome, infinitivo ou palavra substantivada.

Exemplos :

A vida é breve.
Viver é necessario.
Eu estudo.
Assaz é um adverbio.

2. **Sujeito composto** é o que consta de dous nomes ou palavras substantivas :

O nascimento e a morte são dous termos da vida.
Eu e tu estamos bons.
Ser e não ser são cousas oppostas.

3. **Sujeito complexo** é representado por uma proposição ou citação :

Que o trabalho dá saude é cousa certa.
Viver sem peccado é a ambição do justo.

PREDICADO

O **predicado** póde ser *simples* ou *complexo*.

1. **Predicado simples** é o que é expresso por um simples verbo finito:

O mineral *cresce*.
O homem *pensa*.
Eu *leio*.

2. **Predicado complexo** é o que se compõe de um verbo de predicação incompleta com o seu completivo necessario.

Os verbos *ser*, *tornar-se*, *parecer*, *poder*, não exprimem predicado completo, e por isso seriam obscuras as proposições: Pedro *tornou-se*. Elle *parece*. Nós *podiamos*. A clareza exige um completivo: Pedro *tornou-se rico*. Elle *parece francez*. *Nós podiamos estudar*, etc.

Taes verbos de predicação incompleta juntos com os completivos (*rico*, *doente*, *estudar*, etc.) constituem o PREDICADO COMPLEXO.

O *completivo* é *subjectivo* quando se refere ao sujeito, o que se dá ás vezes em orações passivas:

A Austria foi proclamada *nação livre*.

Quando o *completivo* refere-se ao objecto, chama-se *objectivo*:

Eu tornei o livro *mais volumoso*.

Muitos verbos accidentalmente se apresentam como de predicação incompleta, como: *ficar*, *fazer-se*, *sentir*, *achar-se*, *suppôr*, *considerar*, *ter-se*, *estar*, etc.

SUJEITO (1)

O *objecto* póde ser *simples*, *composto* ou *complexo*, e as distincções são as mesmas que já estabelecemos para o caso do SUJEITO.

---

(1) O *objecto*, como já vimos, é um caso de *relação adverbial*.

Exemplos:

Objecto simples	Amo a *justiça*. Amo o *justo*. Desejo *viajar*.
Objecto composto	Amo a *justiça e a clemencia*. Amo os *justos e os clementes*. Quizera *ler e escrever*.
Objecto complexo	Sei *como estudas*. Creio *que estás zombando*. Vi *chover pedras*.

CLASSIFICAÇÃO QUANTO AO SENTIDO

As proposições simples classificam-se tambem, quanto ao sentido, em:

Positivas—aquellas que affirmam a realidade de um facto: *Carlos morreu.*

Negativas—aquellas que affirmam não ser o facto real: *Carlos não morreu.*

O termo *positivo* é preferivel a *affirmativo*, diz Roersch, porque este ultimo convém á negação logica.

Dividem-se ainda as proposições simples, quanto ao sentido, em:

Enunciativas—quando apenas indicam o facto: *Carlos morreu. Carlos não morrerá.*

Interrogativas—quando interrogam: *Morrerá Carlos?*

Optativas—quando exprimem desejo da realização do facto: *Viva Carlos!*

Imperativas—quando exprimem uma ordem da pessoa que fala: *Ide; voltae o mais depressa possivel.*

Exclamativas—quando encerram uma *exclamação*, um sentimento de enthusiasmo, de admiração ou respeito: *Sublime! Como é sublime!*

XX

Analyse logica—Proposições

As **proposições** são de tres especies: *simples*, *compostas* e *complexas*.

1. PROPOSIÇÃO SIMPLES

Proposição simples é a que se compõe unicamente do sujeito e do predicado. Exemplos:

Deus é omnipotente.
O poder de Deus é illimitado.
Alguns animaes vivem á custa de **outros**.
Os peixes respiram.
Julio Cesar venceu os barbaros.

2. PROPOSIÇÃO COMPLEXA

Proposição complexa é a que, além de possuir sujeito e predicado, contém outras proposições que lhe são subordinadas.

A *proposição complexa* contém, pois, uma proposição principal e outras dependentes. Exemplo:

O homem de que falaste, é um francez.

Decompõe-se em duas proposições, a saber:

A principal—*O homem é um francez.*
A subordinada—*de que falaste.*

As **subordinadas**, que tambem se denominam clausulas, dividem-se em tres classes: subordinadas *substantivas*, subordinadas *adjectivas*, subordinadas *adverbiaes*.

I. **Clausula substantiva** é a que tem funcção equivalente á de um substantivo. Exemplos:

Notou *que estava pallido*
(Notou *a sua pallidez*).
Assegurou *que eu viria*
(Assegurou *a minha vinda*).
Quando eu vá, é cousa incerta
(O tempo da *minha ida* é cousa incerta).

II. **Clausula adjectiva** é a que tem a funcção de um adjectivo, isto é, modifica o substantivo. Exemplos:

Vi o livro *que tu escreveste*
(Escripto por ti).
Os dedos, *que são cinco*, são os orgãos mais delicados do tacto.
As palavras *que elle pronuncia* são sempre agradaveis.

III. **Clausulas adverbiaes** são as que representam uma relação equivalente á do adverbio. Exemplos:

Ficou *onde o deixaram.*
Sairei *quando todos sairem*

As *clausulas* podem exprimir circumstancias diversas, as mesmas que constituem as classes de adverbios:

a) de tempo—Nunca mais recobrou a saude, *depois que teve a febre amarella.*
—Chorei *até que se esgotaram as lagrimas.*

b) de logar—Seguil-o-ei *onde quer que vá.*
—Conheci-o na casa *em que viveu nos ultimos tempos.*

c) de gráo—É mais instruido *do que parecia* (ser instruido).
—A rosa é mais bella *do que a violeta* (é bella).
—*Quanto mais leio*, mais aprendo.

d) de causa—Quero, *porque posso.*
—Adoro-o, *porque é Deus.*

e) de fim —Trabalhou tanto, *que enriqueceu.*
f) de condição —*Se commetter o crime*, merece punição.
g) de modo —Praticou, *conforme preceitúa a lei.*
—Pensou *como devia.*

3. PROPOSIÇÃO COMPOSTA

Proposição composta é a que se compõe de varias proposições que têm a mesma funcção na phrase.

As *proposições*, n'este caso, chamam-se *coordenadas* e ligam-se entre si pela simples successão ou por conjuncções chamadas de *coordenação.*

São conjuncções ordinariamente usadas na *coordenação* as seguintes:

A copulativa *e*	Deus creou o homem *e* creou o mundo.
A adversativa *mas*	Elle estuda, *mas* não aprende.
A disjunctiva *ou*	Venha *ou* mande.
A conclusiva *logo*	Penso, *logo* existo.

As proposições coordenadas que não possuem termos de ligação, chamam-se *collateraes* ou coordenadas por juxtaposição. Exemplos:

Chegou, viu, venceu.
Amo a virtude. Detesto o vicio.

Usam-se tambem as denominações de *asyndeticas* para as coordenadas juxtapostas, e *syndeticas* para as coordenadas que possuem connectivos. Essas denominações novas nada esclarecem e nenhuma vantagem têm sobre as outras.

---

4. PROPOSIÇÕES CONTRACTAS

Tanto as subordinadas como as coordenadas podem ter em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado ou sujeito, etc. São chamadas nesse caso PROPOSIÇÕES CONTRACTAS. Exemplos

Os francezes e os russos são brancos.

Os francezes são brancos.
Os russos são brancos.

O livro que imaginaste e escreveste

O livro que imaginaste.
O livro que escreveste.

5. PROPOSIÇÕES ELLIPTICAS

As proposições *ellipticas* são as que deixam subentender-se uma parte da phrase, que não é identicamente a mesma já expressa.

Elle é mais sabio do que eu.
Elle é mais sabio.
Que *eu sou sabio.*

Como se vê, a parte *eu sou sabio* subentendida é differente da parte *é sabio* expressa.

Convém notar que não são *proposições contractas* as proposições irreductiveis á analyse. Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos.* Esta proposição não é contracta, por isso que é indivisivel. Não se poderia decompôl-a nas duas: *Pedro* é irmão, *Paulo* é irmão.

SCHEMA GERAL DAS PROPOSIÇÕES

I Proposição simples

1. Sujeito: PEDRO ama.
2. Predicado: Pedro AMA
3. Objecto: Pedro ama o ESTUDO.
4. Adjuncto: Pedro ama o estudo COM ARDOR.

O sujeito póde ser *simples, composto, complexo.* O predicado póde ser *simples* ou *complexo.* O objecto póde ser *simples, composto, complexo.* Os adjunctos podem ser *attributivos* ou *adverbiaes.*

II. Proposição complexa (subordinadas)

1. Principal. O HOMEM que viste, NOTOU que estavas tremulo quando escrevias.
2. Subordinadas—clausulas :
   a) Substantiva : *que estavas tremulo.*
   b) Adjectiva : *que viste.*
   c) Adverbial : *quando escrevias.*

III. Proposição composta (coordenadas)

1. Syndetica : Chegou e falou (conjugada).
2. Asyndetica : Chegou, falou (collateral ou juxtaposta).

☞ — Na elaboração dos capitulos que se referem á analyse das proposições, servi-me da *English Gramm.* de Mason e do excellente trabalho do Prof. A. Alexander — *Analyse de relações.* Em alguns logares copiei-os textualmente.

Um escriptor que se occulta sob o pseudonymo FEBRONIO THIAGO escreveu em uma gazeta do Norte alguns artigos acerca d'estes principios de analyse. Como são de interesse, aqui os transcrevemos. Em todo e qualquer systema e methodo de analyse ha sempre questões que se não resolvem, por isso que nem todas as fórmas da linguagem podem soffrer aquella dissecção que é apenas um recurso logico meramente util aos que aprendem. A linguagem compõe-se as mais das vezes de illogismos que são a sua graça idiomatica e propria. Comtudo, as observações do critico são excellentes e bem fundadas, como se vae vêr :

1. «*Conjuncções de coordenação* são aquellas que indicam relações que têm a mesma funcção na phrase : Vae *ou* volta; *nem* sae, *nem* entra; soffre, *logo* está doente; quero, *porque* tenho dinheiro.

A pagina 267, exemplificando *clausulas adverbiaes de causa*, diz o illustrado philologo : *de causa* — QUERO, *porque* posso.

Confrontando estes dois exemplos, com franqueza confesso minha duvida em classificar as clausulas precedidas de *porque*, como *coordenadas* ou *adverbiaes de causa.*

Ne exemplo QUERO, *porque* TENHO DINHEIRO, se ha razões para se considerar como *coordenada* a clausula *porque tenho dinheiro*, eu as desconheço; e, ainda mais, não sendo um caso commum *porque* como coordenativa (se é que o possa ser), porque o auctor não frizou em seguida este caso excepcional quando tratou das *conjuncções de coordenação*, e só considerou nesta classe, gozando d'estas funcções as *copulativas, disjunctivas, adversativas e conclusivas ?*

Já que deu *porque* como *coordenativa* na parte da *Classificação*, devia, quando citou estas de *coordenação*, ter incluido as *causaes*, se é que ellas podem exercer a funcção de coordenativas.

Ainda mais: deixou duvidas o auctor, como vimos á pagina 267, chamando *porque* de subordinação, e dando como *causal* a clausula *porque posso*.

Porque exprime causa, não coordena, subordina; logo, não ha razões para no exemplo QUERO, *porque* TENHO DINHEIRO, chamar-se de coordenada esta—*porque tenho dinheiro*.

A boa logica nos manda classifical-a como *causal*.

---

2. «Á pag. 267 (d'esta edição) tratando de *clausulas adverbiaes*, cita o Auctor como *clausula de fim: Trabalhou tanto* QUE ENRIQUECEU.

Passos, em seu «Diccionario Grammatical», tratando das *comparativas de modo*, diz á pag. 287:

«A conjuncção *comparativa de modo* é precedida de *tal*, ou *taes*, *tão*, *tanto*, *tanta*, *tantos*, ou *tantas;* e *que*, representando-a, equivale á locução *de sorte que* (conjuncção que corresponde a *ut* latina. Ex.: *O rio encheu tanto* QUE ALAGOU OS CAMPOS.

O verão foi tão forte QUE AS PLANTAS SECCARAM, e outros.

Por esta doutrina, são *comparativas de modo* as clausulas: *que alagou os campos*, no 1º ex.; *que as plantas seccaram*, 2º ex.; entretanto, nos parece mais acertada a denominação de *correlativas subsequentes ou adverbiaes de subsequencia*, exprimindo um resultado. Não achamos, pois, cabivel a denominação de *fim*.

Ainda mais: Pacheco da Silva Junior (grammatico modernissimo) tratando de clausulas adverbiaes, diz á pag. 653 de sua grammatica, 2ª edição:

As *finaes* ligam-se á principal com as conjuncções *que*, *afim de*, *afim de que*, etc. O modo é sempre o *conjunctivo*.

As consecutivas unem-se á principal pela conjuncção *que* e o modo indicativo (correspondente ao lat. *ut* com o conjunctivo). Ex.: *Elle é tão sabio* QUE NÃO TEM PAR; *esta idéa é tão abstracta* QUE SE NÃO PÓDE REVESTIL-A DE IMAGENS.

Ora, as *finaes*, portanto, não são a mesma cousa que as *consecutivas:* aquellas tomam o verbo no conjunctivo, e são ligadas pelas conjuncções *que*, *afim de*, *afim de que e para que;* estas são ligadas pela conjuncção *que*, significando *de sorte que*, e servindo-se do verbo no indicativo. Assim, torna-se discutivel a denominação da clausula no ex.: QUE ENRIQUECEU, que, segundo o illustrado philologo, é *adverbial de fim;* segundo Passos, *comparativa de modo;* segundo Pacheco, *consecutiva*, e, segundo outros, *correlativa subsequente* ou *adverbial de subsequencia*, pelo methodo moderno, exprimindo um *resultado*.

Fim e resultado não são a mesma cousa, segundo *Bournouf*, que, á pag. 336, diz:

«*Ut* muitas vezes não exprime um *fim*, mas sim um *resultado*, correspondendo então ao francez, *en sorte que, de sorte que: Arboribus consita Italia est*, UT *tota pomarium videatur.* (*L'Italie est toute plantée d'arbres, de sorte qu'elle ressemble à un grand verger.*

Portanto, no caso em questão—*trabalhou tanto que enriqueceu*, —parece-me que a clausula—*que enriqueceu*, não exprime um *fim intencional* (como se dissessemos—trabalhou tanto para enriquecer—), mas sim um *resultado* ou *consequencia de tanto ter trabalhado.*

---

3. «Á pags. 166 e 167 (10ª edição; pag. 267 da 11ª)

Tratando o Auctor de *clausulas adverbiaes*, cita como *adverbial de logar: Conheci-o na casa* EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS.

Pacheco da Silva Junior, á pag. 526 de sua grammatica diz:

«A *clausula adjectiva* acha-se em relação attributiva para com um substantivo e prende-se a elle por um pronome relativo ou *adverbio relativo* (equivalente a um pronome relativo precedido de preposição).—*Leia esta carta* QUE EU ESCREVI; *é esta a casa* ONDE EU RESIDO (*onde* está por *na qual*).»

Vamos á theoria do Auctor.

«Clausula adjectiva é a que tem a funcção de um adjectivo, isto é, modifica um substantivo.»

Ora, no exemplo—conheci-o na casa EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS, parece-me que o Auctor sacrificou sua doutrina sobre *clausulas adjectivas*, porque supponho que seu exemplo de *adverbial de logar*, devia ser citado, quando tratou de *adjectivas*.

Vejamos:

— *Conheci-o na casa* EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS.

Dando a funcção adjectiva á clausula—EM QUE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS—temos:

Conheci-o na casa vivida (OU HABITADA) por ELLE NOS ULTIMOS TEMPOS.

Onde a idéa de *adverbial de logar?*

Não resta duvida que esta idéa é attributiva, pois está qualificando o substantivo *casa*.

No exemplo de Pacheco, *onde* é um relativo e elle mesmo affirma estar empregado por *na qual*.

Onde exprime uma circumstancia de logar em outros casos como diz o mesmo Pacheco—*Onde estás que não respondes?*

Ou ainda nestes outros:

Onde ha lavoura, ha muito trabalho. Fale onde falar, não tem quem o ouça; onde ha instrucção, ha progresso.

Aqui não ha antecedente a *onde*, para que possa elle ser um relativo; mas, no caso em questão que tambem se póde dizer—*conheci-o na casa* ONDE VIVEU NOS ULTIMOS TEMPOS, *onde* aqui é relativo, pois tem o antecedente *casa*.

Logo, como toda *clausula adjectiva* é precedida de relativos, a clausula—*em que viveu nos ultimos tempos* não é *adverbial de logar*, e sim, o penso com muita razão, *adjectiva*.

Outra apreciação.

Se o Auctor considera a clausula em questão como adverbial, *em que* tem força adverbial e está modificando o substantivo *casa* (o que vae de encontro a seus principios, pois não admitte modificar o adverbio a um substantivo, si bem que esta doutrina encontre apoio em Soares Barbosa, Bastin, Bournouf e Julio Ribeiro (em sua primeira edição, 1881.)

Assim, pois, para que fiquem salvas suas doutrinas sobre *adjectivas* e *adverbiaes*, acho que a clausula em questão é *adjectiva* e não *adverbial*.

«Á pag. 240 (10ª edição) diz o auctor em uma nota, depois de ter tratado de *proposições contractas e ellipticas:*

«Convém observar que não são *proposições contractas* as proposições irreductiveis á analyse.

Ha casos em que, por exemplo, a predicação só é applicavel ao sujeito composto: *Pedro e Paulo são irmãos*. Esta proposição não é contracta, por isso que é indivisivel. Não se poderia decompôl-a nas duas: *Pedro* é irmão, *Paulo* é irmão.»

Aqui dá o Auctor a entender que não é *contracta* a proposição, quando não se póde reduzil-a.

Á pag. 39 (da mesma edição), tratando o Auctor de *Conjuncções*, diz:

«Comquanto a conjuncção ligue sempre proposições, estas nem sempre são susceptiveis de resolução por meio da analyse logica. Assim, a proposição contracta: *Paris está entre Bruxellas e Marselha*, não soffre divisão analytica em duas orações: *Paris está entre Bruxellas* e *Paris está entre Marselha*. Estas locuções só têm valor como phrase composta: são abreviaturas irresoluveis.»

Ora, afinal não podemos saber qual a verdadeira *proposição contracta* de accôrdo com os preceitos do Auctor.

Esclareçamos a questão.

Diz o illustrado philologo á pag. 240 que no ex.: *Pedro e Paulo são irmãos*, esta proposição não é *contracta*, por ser irreductivel á analyse; entretanto, á pag. 39 chama de contracta esta: *Paris está entre Bruxellas e Marselha* (que por sua vez tambem é irreductivel á analyse).

Assim, pois, se a proposição—*Paris está entre Bruxellas e Marselha* é contracta, sendo irreductivel á analyse, *Pedro* e *Paulo são irmãos* tambem o é; d'onde se conclue que as proposições que têm em commum o mesmo objecto, o mesmo predicado, o mesmo sujeito ou a mesma relação adverbial são *contractas*, sendo umas *reductiveis á analyse*, e outras *não*.

É o que nos parece pelas doutrinas do Auctor, citadas ás pags. 240 e 39 de sua grammatica, como ficou esclarecido.»

———

As observações do Sr. Febronio Thiago são fundadas, e já com pequenas alterações me foram feitas por outros abalisados professores da materia. Sei bem que todos os systemas de analyse suscitam difficuldades e são proverbiaes as questões d'essa natureza, a proposito de Camões e de outros classicos torturados, não rara vez, pelos que querem tudo reduzir ao $a+b$.

I. Respeito a phrase: *Quero, porque tenho dinheiro*, não póde acceitar o critico a theoria de que as duas proposições d'aquelle exemplo sejam *coordenadas;* primeiramente porque não classifico entre as conjuncções de subordinação—*porque*—ou outra palavra semelhante; segundamente, porque o sentido é causal: «exprime causa; não coordena, subordina.»

A questão é meramente subtil. Porquanto naquelle exemplo o *dinheiro*, bem se vê, não é causa do *querer*, mas simples concomitancia, e d'alli se infere que o *querer* sem dinheiro seria um *querer inutil*, mas emfim um *querer*, pois se não supprime uma faculdade d'alma só com o haver ou o necessitar o dinheiro.

Se ha proposições cuja apparencia é de subordinação, na substancia são equivalentes, conjunctas e coordenadas. Esta apparencia é ás vezes dada pelas fórmas grammaticaes em que entra o elemento *que*, o qual embaraça, torna intrincada a analyse. Quando digo: *Existo porque me alimento*, aqui ha subordinação, porque quero indicar que a *minha existencia depende* do *alimentar-me;* ha, pois, nexo de causa e dependencia. Mas quando digo: *Alimento-me porque existo*, já a idéa é completamente outra, pois ninguem representaria a alimentação a depender da existencia, o que seria disparate. Apenas ahi indicam-se as duas acções conjunctas *alimentar-se* e *existir*, sendo a primeira o signal da outra, mas não producto

d'ella. **Considero, pois, coordenadas, sem embargo da molesta** particula *que*, todas as phrases, como a do exemplo: *Quero, porque tenho dinheiro. Deus porque é Deus, perdoa. O fogo, pois que queima, tambem cura. Pois que já sabeis a minha vida, andae e vinde commigo*, etc.

A regra logica, em summa, é que na subordinação, a *subordinada* é sempre um pensamento SECUNDARIO e que não póde subsistir sem o principal, Se isto se não dá, a subordinação é apenas apparente, ou, se se prefere, é meramente grammatical, mas não logica. Assim era no latim com *enim, nam, namque*, W. Botsch—*Grundriss der lateinischen Sprachlehre*, 65. Já fui censurado por incluir *porque* entre os nexos de coordenação; para não fazer de argueiro um cavalleiro, dei-me por vencido, mas não convencido. Abra-se a grammatica classica de HEYSE (pouco importa o tratar-se da lingua allemã; a questão é de logica e portanto de grammatica geral.) *Es muss kalt sein, denn die Bäume erfrieren*, etc.; poder-se-á dizer que a geada que está nas arvores é a causa de haver frio? quando digo: *Dorme porque não se move*, não indico que a immobilidade é causa do somno, apresento dous factos que costumam andar juntos ou coordenados. No allemão o nexo será *denn* e não *weil;* em portuguez será *porque* ou *pois que* ou *visto como*, etc.; em uma, como na outra lingua, são proposições *coordenadas*, segundo ensina Heyse.

II. Com respeito ao exemplo: *Trabalhou tanto que enriqueceu*. A subordinação é tanto de *fim* como é *comparativa de modo* (Passos), ou *consecutiva*, que é o mesmo que *fim* (Pacheco Junior). As classificações não se excluem, salvo quando encontradas. Tanto *fim* como *resultado*, ainda que os distinga Bournouf, convergem para o mesmo sentido logico. E a prova é que se poderá construir outras phrases synonymicas d'aquella d'estes modos: *Trabalhou tanto que por fim enriqueceu*, ou *afinal ou finalmente enriqueceu* ou *que o fim de tanto trabalhar foi enriquecer;* pouco importa, houvesse ou não intenção no sujeito, e não é d'esta intenção supposta ou real que havemos de tirar razões para classificar as phrases, sendo que muitas vezes o sujeito póde ser cousa incapaz de intenção.

Comtudo, a classificação de *comparativa de modo* é acceitavel e tambem o é a de *resultado* e *consequencia* (como quer o critico, e que ao meu ver é a mesma cousa ou pouco se afastará da minha, que é a de *fim*) igualmente bem arrazoada.

III. Quanto á nota n. 3 (clausulas adverbiaes) as reflexões do auctor são subtis, mas inacceitaveis. Na phrase: Conheci-o *na casa em que viveu nos ultimos annos*, a segunda proposição exprime logar onde, e é, pois, *adverbial de logar*.

Se estivesse escripto: *Conheci-o na casa em que habitou*, etc., então poder-se-ia analysar: casa *habitada por elle*, etc., e dar-se a segunda proposição como meramente adjectiva. Mas, em logar de *que habitou*, está EM que habitou ou viveu—e já a analyse differe. *Casa que elle habitou* não exprime logar, embora a palavra *casa* nos leve a essa illusão, por isso que indica uma posição ou local determinado. Se assim fosse, o *rio* que elle navegou; o *céo* que as aves percorrem —seriam proposições *adverbiaes* de logar.

É, pois, um sophisma pouco digno do talento do critico, confundir as proposições: o *céo que* as aves percorrem—com—o céo *em que* as aves adejam. O rio *que* elle navega—e—o rio *em que* elle navega. A casa *em que* viveu—e—a casa *que* habitou.

IV. A nota n. 4 censura com razão uma incoherencia que escapou em dous logares differentes d'esta grammatica, a respeito de *proposições contractas*.

A opinião que deve prevalecer é a que está em ultimo logar, e ao demais está no capitulo que trata especialmente do assumpto. A outra foi uma referencia apenas, fóra do logar devido e do capitulo da *Analyse*.

TERCEIRA PARTE

ESTUDOS COMPLEMENTARES

PRIMEIRAS NOÇÕES DE : *a*) PHONOLOGIA ; *b*) ETYMOLOGIA ; *c*) SEMANTICA.

A

PHONOLOGIA

(ESTUDO DOS SONS)

I

Phonologia. As letras

Phonologia é o estudo da palavra considerada como um composto de sons, consideradas as leis a que estes obedecem em suas alterações. Os sons são representados por letras e symbolos, ex. : *m*, *b*, *a*, *i*, *ô*, *ó*. O conjuncto das letras tem o nome de *alphabeto*.

Reserva-se hoje especialmente o nome de *Phonetica* ao estudo exacto dos sons, sob o aspecto especial da pronuncia: o nome *Phonologia* é mais amplo e comprehende o estudo historico.

O alphabeto moderno é summamente defeituoso. Faltam-lhe symbolos especiaes para certos sons, como *á*, *é*, *ô*, que são suppridos por accentos ; ao mesmo tempo possue caracteres superabundantes, como *ç*, *s* ; *c*, *k*, *q*, etc. Muitas das alterações das palavras são devidas a defeitos do alphabeto : ficar, fiquei, etc.

As letras dividem-se em *vogaes e consoantes*. Chamam-se *vogaes* os differentes timbres da voz (1). A vogal é um som laryngeo, puro e inarticulado : *a*, *e*, *o*, etc. Chamam-se *consoantes* os sons articulados que só se produzem com o concurso das vogaes : *b* (b+ê) *c*, *d*... ou melhor, são sons vogaes que se modificam no percurso do tubo vocal.

É o que se conclue dos radicaes do vocabulo . *cum sonare* — soar juntamente.

As consoantes produzem-se no *pharynge*, no *tubo vocal*, e em sua producção recebem a influencia e o concurso dos orgãos que constituem aquelle tubo : *os dentes*, *o véo do paladar*, *os labios*, etc.

Physiologicamente, as consoantes dividem-se em dous grandes grupos : *explosivas* e *continuas*. As consoantes que se produzem apenas por uma constricção ou estreitamento do tubo vocal, chamam-se *continuas*, e têm esta denominação porque se fazem ouvir imperfeitamente, sem necessidade de vogal, taes são : *s*, *j*, *v*, *x*.

As *consoantes explosivas ou momentaneas* não podem ser articuladas, de nenhum modo, sem vogal. Produzem-se, não por estreitamento, mas por contacto de duas partes do tubo vocal : *t*, *d*, *b*, *m*.

As consoantes *continuas* tambem são denominadas *fricativas*. As *explosivas* são verdadeiras consoantes, e as continuas não passam de semi-vogaes.

---

(1) Max Muller.

Classificam-se as consoantes em *labiaes*, *dentaes*, *linguaes*, *palataes*, conforme a influencia que os *labios*, os *dentes*, etc., exercem em sua producção.

São *labiaes* : *b*, *p*, *m*, *f*, *v*.

Dentaes : *t*, *d*, *s*, *n*.

Palataes : *j*, *g* (gê).

Linguaes : *l*, *r* (brando)

Gutturaes : *c* e *g* (fortes), *k*, *q*, *n*.

O som *nasal* póde ser guttural (*n*) ou labial (*m*). (1)

O grupo de duas vogaes em geral chama-se **diphthongo.**

Quando, porém, em um grupo vocalico as vogaes que o compõem pronunciam-se separadamente, ha o que se chama *hiato*. Ex.: *planicie*, *lua*, *tio*, etc. Nos hiatos, a primeira vogal, quando é *i* ou *u*, tem o valor de semiconsoante.

---

(1) As divergencias quanto ás classificações das vogaes resultam de denominações aqui e alli adoptadas. O presente quadro esclarece a maior parte das duvidas:

EXPLOSIVAS OU INSTANTANEAS			CONTINUAS					
			Spirantes					
Segundo o orgão	SURDAS (FORTES)	SONORAS (BRANDAS)	SURDAS (FORTES)	SONORAS (BRANDAS)	LIQUIDAS	VIBRANTES	SEMI-VOGAES	NASAES
Labiaes.....	p	b	f	v	—	—	w	m
Dentaes.....	t	d	s	—	—	rr	—	n
Gutturaes.....	c,k	gh	—	—	—	—	—	—
Palataes (marginaes)	—	—	x,ch	j	l	—	y	—

Das *semivogaes* entendem-se *y* e *i* antes de outra vogal, e *w* em *wagon*.

II

Theoria geral

Constitue a phonologia historica o estudo da evolução dos sons vocabulares desde a epoca latina até a constituição do *romance* e da mesma lingua actual. Até a epoca do *romance* (lingua antiga), que se póde fixar entre os seculos XII e XIII para o portuguez, a evolução foi *organica*, isto é, operou-se sob o regimen das causas naturaes e inconscientes da degeneração das linguas. D'ahi ao diante, porém, a cultura literaria, a disciplina grammatical e o cuidado pelos estudos philologicos tornaram-se agentes artificiaes ora em reacção, ora em concurrencia com o movimento organico primitivo, que foi e vae perdendo cada vez mais a intensidade propria, sem comtudo annullar-se totalmente.

As forças que pouco a pouco minavam e produziam a dissolução dos phonemas latinos, tomavam aspectos especiaes que variavam segundo os logares e os tempos. Todavia as transformações que o idioma soffria, deixavam claramente observaveis duas tendencias geraes, que caracterizaram o conjuncto dos resultados : a *decomposição* e a *reconstrucção*.

Uma vez instituidas estas correntes contrarias, tornou-se possivel o equilibrio. Á medida que pela *decomposição* se davam o enfraquecimento e a perda consecutiva dos valores phoneticos, novas forças surgiam, que, alliadas ao trabalho mental e obvolvidas umas sobre outras, se iam oppondo á devastação da lingua.

Assim, pois, a *phonologia* que deve ser sempre entendida conjunctamente com o estudo literario da lingua, comprehende o estudo das duas forças geraes permanentes, que mantêm a lingua em equilibrio embora instavel : a *decomposição* e a *reconstrucção*.

1.—DECOMPOSIÇÃO

Os phenomenos de *decomposição*, cujo maximo resultado foi differenciar e dar individualidade original ás linguas modernas, acham explicação em muitas e mui variadas causas.

Entre estes factores são de notar as *raças* e *línguas* primitivas ou posteriores, que pela invasão se superpozeram ao dominio latino na peninsula. Taes foram o celtico, o gothico e o arabe.

Bem se vê que semelhante factor offerece sérias difficuldades de analyse, mas alguns factos ha que resistem a qualquer controversia. É sabido que alguns sons gutturaes e aspirados são devidos á influencia arabe. Outros phenomenos phoneticos derivam da mesma origem, taes como as *protheses*, outr'ora innumeraveis da letra *a* nos substantivos portuguezes *alagôa*, *alicornio*, *alampada*, *aluguer*, *alanterna*. Ainda mais: ninguem contesta a procedencia gothica das transformações *gu*, *gh*, dos sons *w*, v. exemplos:

gastas	— vastare
vomitar	— gomitare
guai!	— Væ!

(Segundo o gothico: werra—*guerra*).

D'essa classe participam os termos *Guadalquivir*, *Guadiana*, *Guimarães*, *guiza* (ant.) etc., etc.

Além das *raças* e *línguas*, convém não esquecer um factor de importancia limitada, designado sob o nome de *meio* ou *condições mesologicas*, entre as quaes a principal é incontestavelmente o *clima*.

A *mesologia* abrange o estudo do clima, dos accidentes e contornos do sólo e das aguas, da alimentação, do *modus vivendi* material dos homens. Entre estas condições avulta o *clima* por ser a causa mais geral, e que póde explicar a existencia das restantes. Alguns observadores, como pondera Hardy, têm procurado definir a influencia *mesologica* ou *climaterica*, induzindo dos factos a verdade que *os sons se tornam mais agudos á medida que cresce a latitude* ou baixa a temperatura. Assim, os phonemas latinos, italianos e peninsulares em A, tornam-se mais agudos na zona média, na França e attingem a maxima acuidade na zona septentrional e mais fria. A progressão póde ser notada nos exemplos seguintes:

A (sul)	E (francez)	I (inglez)
Cabo Capo Caput	— Chef —	— Chief (*txif*).
Labio Labbro Labrum	— Lèvre —	— Lip
Aquila Aguia	— aigle —	— eagle (igl')

Estes exemplos, que nos aponta Hardy, justificam a *progressão aguda* ou *diminuição sonora* dos valores phoneticos, do sul para o norte europeu, produzida pela acção do clima.

Os factos *mesologicos* são os que notificam a variedade physionomica das linguas, e que a umas dão preferencias por certos sons, que em outras escasseiam. O som chiante do *s* e os diphthongos em *ão* caracterizam o portuguez; os sons gutturaes do *ch* dão especial parecer ao allemão, como o sibilo dental ao inglez, a nasalidade ao francez e o excessivo vocalismo ao italiano. Assim, cada lingua tem a sua organização ou indole phonetica de tal arte ordenada, que se póde ouvir confusamente um trecho declamado, e dizer em que lingua está composto, ainda quando se não perceba uma só palavra ou phrase.

A acção *mesologica* é sobretudo profunda no dominio biologico. Não se deve dar exaggerado peso á influencia do *clima* sobre o trabalho mental; mas é claro que a actividade cerebral e as funcções do apparelho vocal dependem immediatamente do estado physiologico dos orgãos que vivem sob a continuada acção do *meio*.

Todos os factores que contribuem para a differenciação da lingua em qualquer direcção, quer impulsores, quer obsidentes, refluem e vão ter ao principio geral de economia physiologica, conhecido pelo appellido de *lei do menor esforço*.

Esta lei de caracter generalissimo póde em verdade conter os phenomenos não só de *decomposição*, mas os de *reconstrucção* phonica; é ella todavia applicada mais restrictamente á serie de transformações que se distinguem por decrescentes reducções dos valores prosodicos.

De sorte que o principio póde ser formulado, em phonologia, do seguinte modo.

Na decomposição da lingua, todo o som tende a diminuir de força ou a abrandar até o extremo limite: a desapparição ou quéda.

D'ahi evidentemente se infere que os sons comportam duas especies determinadas de reducção:

1ª *O abrandamento.* (Ex.: c=g: *lacunam*, baixo latim *lagona*, lagôa).

2ª *A quéda.* (Ex.: *l: ma-l-um*, máo).

Estas duas ordens de factos assignalam os dous modos essenciaes da decomposição. Sem que se exerçam discricionariamente, é licito lembrar que o *abrandamento* e a *perda* acontecem sob a occurrencia de outras causas e circumstancias de que já faremos a analyse.

A expressão mais geral da degeneração phonetica é a chamada *Lei de Grimm*, do nome do eminente philologo que a formulou. (1)

2.— Reconstrucção

É manifesto que chegariamos á ruina do idioma, dado que fosse exclusiva a acção das leis degeneradoras. Sem sair do mesmo dominio unico da phonetica, os estragos produzidos pela *decomposição* seriam excessivos; os sons fortes e intensos enfraqueceriam e os sons fracos e brandos ficariam de continuo sujeitos a perdas inevitaveis.

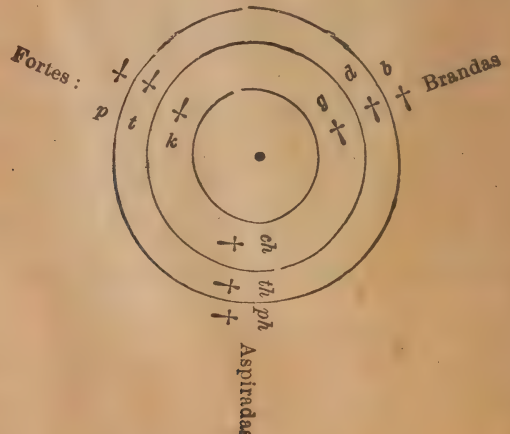
Mas, ainda ahi verificou-se o principio que o transformismo biologico denominou: *a lucta pela existencia*. O conflicto produziu-se entre as forças que arrastavam a degeneração dos vocabulos, e as forças que se oppunham a essa degeneração, provenientes as ultimas,

---

(1) A *Lei de Grimm* rege as variações das consoantes nas tres familias das linguas indo-germanicas.

I Grego e sanskrito, latim (e l. romanas).
II Antigo alto allemão.
III Baixo allemão, anglo-saxonio (e inglez).

A ordem em que variam é representada por estes circulos concentricos.



em parte dos elementos de resistencia propria dos sons, e em parte da intervenção do espirito humano, que naturalmente procurava manter a integridade da linguagem.

De feito, os vocabulos contêm em si proprios bases estaveis de resistencia e de reacção: *a euphonia, o tamanho, as letras iniciaes e especialmente o accento tonico* foram elementos que os deixaram em perfeita seguridade contra a onda destruidora da decomposição phonetica. Por outra parte, o espirito do homem, interessado na manutenção indeclinavel da lingua, exercia a integração dos vocabulos pela *emphase*, reforçando-os e ampliando-os, conforme impunha a necessidade.

Vê-se do que fica acima declarado, que a *reconstrucção* da lingua se effectuou por meio de processos bilateraes: de um lado, a reacção negativa expressa pela resistencia á decomposição, pelo *accento*, pela *grandeza* (ás vezes pela pequenez do vocabulo), pelas letras iniciaes, pela *euphonia* e facilidade prosodica; de outro lado, nota-se a reacção positiva, caracterizada pela novidade dos expedientes, pelo reforçamento e pela creação consciente de sons novos, que ampliavam e compunham os vocabulos e facilitavam a pronuncia, tornando-os mais euphonicos.

Em summa, coexistiram no conflicto um momento *physiologico* e outro *psychologico*, ambos reactores e sufficientes para a elaboração do equilibrio e da restauração da linguagem.

Superficial analyse põe a limpo immediatamente as direcções systematicas d'aquella reacção constructora. Aos dous principios da decomposição, o *abrandamento* e a *quéda*, oppunham-se respectivamente os principios antagonicos, o *reforço* e o *neophonema*, ou a introducção de novos elementos phoneticos; letras adventicias e figurativas, interpolações, suffixações e elementos addicionaes.

Como já fizemos sentir opportunamente, na propria acção dos elementos reconstructores, aqui e acolá, á parte algumas intermittencias, observa-se o principio do *menor esforço*, mas do *menor esforço espiritual*, se podemos chamar-lhe assim.

A deformação, o destroço das fórmas materiaes e dos symbolos de flexão augmentaria, de certo, as ellipses, o trabalho da percepção, emfim, a energia mental, cujo trabalho ficou diminuido pela reconstrucção e pela consequente clareza e abundancia das fórmas.

Ordenando summariamente os factos essenciaes da reconstrucção phonetica, temos:

I. O accento tonico persiste ou escapa á decomposição.

II. A letra inicial persiste.

III. Os vocabulos de maior grandeza persistem.

Além d'esses principios de resistencia negativa, a que se podem aggregar o da *euphonia* e outros menos importantes, notam-se os dous modos culminantes da emphase:

IV. — 1) O *reforçamento* de sons (que é raro).

V. — 2) Os *neophonemas* ou sons addicionaes (muito commum).

D'estes principios faremos em outro logar minuciosa analyse. Convém, entretanto, desde já esclarecer que os phenomenos de *reconstrucção* ora referem-se aos sons, e fazem parte do estudo que esboçamos, ora referem-se aos vocabulos *in totum*, e constituem o estudo lexicologico dos *archaismos* e *neologismos*, *derivação*, objectos estranhos á phonologia, embora com esta mantenham alguns pontos de contacto.

3. — INTERFERENCIAS

Em profundo desacerto cairia aquelle que viesse explicar todas as modalidades phoneticas pelo simples recurso da decomposição e da construcção. Os dous grandes factores são victimas de perturbações, de casos especiaes que interceptam, modificam e por vezes lhes annullam toda a effectividade. Não raro se observa que á perda de um elemento succede o reforçamento compensativo de outro. No latim, para exemplo, a quéda do *d*, em *dvis*, *dvellum*, foi compensada pelo reforçamento do *v*, em *bis*, *bellum*.

Assim, existem factores secundarios de grande e extensissima funcção, communs tanto á corrente degeneradora como muito principalmente á reconstructiva. São os *factores interferentes*, cuja acção, embora limitada, nem por isso deixa de ser importante.

Em primeiro logar deve-se nomear o *principio de analogia*, que opera, pouco a pouco, a uniformidade e perfeição pratica das linguas. É intuitivo que, sendo a *analogia* a tendencia para uniformar e methodizar, no dominio das fórmas da morphologia é que ella se manifesta com a maior intensidade.

Outros principios ainda intercorrem e complicam a evolução phonetica : taes são os phenomenos de attracção ou sympathia conhecida pelo termo de *assimilação*, e os seus oppostos, de *dissimilação* e *transposição* ou *metathese*.

1) A *analogia* funcciona como força de systematização e por isso reduz ao *minimum* possivel a variabilidade de fórmas e de expoentes morphicos. Além da funcção negativa de reducção, opéra como força creadora, inventando, sobre os moldes mais communs, os typos que a necessidade e progresso das linguas reclamam.

No portuguez, a analogia dos infinitos em *ar* e em *ir* tornou agudos todos os infinitos em *er* (de *ēre* e de *ĕre)*; reduziu as flexões verbaes e substituiu-as por tempos compostos, no futuro, condicional, e nas vozes passivas.

Desenvolvida a phase analytica das linguas romanas, deu ás fórmas nominaes um unico caso, cujo typo etymologico é o accusativo latino.

Na formação do *genero* fez preponderar como expoentes do masculino e do feminino as letras *o* e *a*. D'ahi a derivação, apparentemente anormal, dos neutros latinos, cujo genero se perdera, do plural em *a: folia*, de *folium*, etc.

A flexão em *o*, tornando-se o typo geral dos masculinos e correspondendo á segunda declinação latina, tornou masculinos analogicamente os femininos da segunda declinação: *louro*, de *laurum; choupo*, de *populum*, etc. Foi ainda a *analogia* que procurou determinar o genero sómente pela flexão, creando os femininos *freira*, *patrôa*, apezar de só existirem os masculinos *freire*, *patrão*. A *analogia* creou flexões femininas para os nomes communs, dizendo: *princeza*, *parenta*, *infanta*, de *princeps*, *parens*, *infans*, communs aos dous sexos. E o que é mais curioso, muitas vezes o masculino originou-se de um typo feminino, como: *frango*, de *franga; mono*, de *mona* (ital.); *pombo*, de *pomba*.

Nota-se que, por natureza propria, a funcção da *analogia* não é começar, mas continuar e fazer progredir uma tendencia já existente. Sendo de creação popular e inconsciente, a analogia é muitas vezes grosseira e falsa, submettendo á uniformidade alguns factos de origem e indole diversas; como, por exemplo, dando a *pedir* e *impedir* a mesma flexão *peço* e *impeço;* formando nomes, como *Tiago*,, em vez de *Iago*. Sant' (Iago), etc.

2) Outra força interferente existe que constantemente reflue contra as correntes normaes da evolução das linguas, e é a que denominamos *a influencia erudita* ou *literaria*.

A influencia erudita procurou approximar a lingua da fonte latina, e com este criterio destruiu muitas indecisões e schismas que necessitavam de fixação e de disciplina.

Se a *analogia* por uma parte a principio generalizou a regra dos femininos em *a*, tornando taes os nomes *cometa*, *planeta*, etc., a disciplina erudita do seculo XVI em diante restituiu o genero masculino áquelles vocabulos.

Perdida a fórma dos superlativos proprios em *issimo*, a influencia erudita revocou-os do latim, desde o seculo XV. (1)

Ás elaborações phoneticas puras foram contrapostos os neologismos literarios, creando fórmas divergentes: *macula* e *magoa; primeiro* e *primario*. Muitas vezes succedeu que a fórma erudita supplantou o typo popular, como se vê em *seculo* sobre *segre; plantar* sobre *prantar* e *chantar*, etc. Outras vezes, a fórma popular só

(1) Antes d'isso, são raros os superlativos em *issimo*. Cita-se, por exemplo, *santissimo*.

se denuncia em algum vestigio; assim. o adjectivo *preio*, divergente com *pleno*, ficou immobilizado na expressão: *preiamar*. A palavra *mar* era feminina outr'ora, como ainda o é hoje no francez e na mencionada locução portugueza.

Foi ainda a influencia erudita que modificou a pronuncia do *x*, de *ch* chiante para *ks* (fiche, ficho, fixo, fikso); identica transformação prosodica operou no grupo *qu*, que nos primeiros tempos soava como *c* duro ou *k*, pelo que attestam as fórmas antiquadas: *casi* (quasi), *contia* (quantia), *córesma* (quaresma, *quadragesima*), *calidade* (qualidade), car (de *quare*).

A influencia erudita restabeleceu as suffixações em *ario*, que por metathese se quedaram em *airo*: *rosario*, *primario*, de *rosairo* e *primairo*.

Mas, nem sempre o factor da disciplina erudita conseguia destruir as fórmas usuaes; se o antigo adjectivo *bôo*, *boa*, póde ser latinizado na fórma *bom*, todavia, com a primeira pessoa do presente do verbo *ser*, de typos indecisos *som* e *son* no seculo XV e XVI, apezar da auctoridade de João de Barros, deu-se a victoria da ultima fórma, mais afastada do exemplar latino, *sum*.

3) Não nos devemos esquecer, afinal, das leis phoneticas, communs a toda especie de idiomas, e conhecidas por leis de *assimilação* e *dissimilação*.

Antes da *assimilação* dos sons, notada francamente desde o latim, como se vê em *attender* (*attendere*, de *adtendere*), é pelo menos theoricamente admissivel uma phase preliminar e de transição. De facto, o *accommodamento* é um esboço da *assimilação*, que é muito commum na coalescencia das vogaes duplas antigas (má — maa, ler — leer); e mais claramente se mostra entre as consoantes e grupos respectivos, que, sem se assimilar, tomam fórmas mais euphonicas e adaptaveis ás letras procedentes: tal é a nasal de *exame*, *ensaio* (*examen*, *exagium*), e dos proprios elementos não latinos *enchorar* (do inglez *a-shore*). A fórma *factum* produziu *fato* (pop.) e *feito*, e só artificialmente o especimen erudito *facto*.

A *assimilação* perfeita, isto é, a que produziu a substituição da letra assimilada por outra igual á precessora e assimilante, exemplifica-se abundantemente nos vocabulos de prefixação de *ab*, *ad*, *in*, etc.: *attender*, *assistir*, *applicar*, *illegivel*, etc.

Não se ha de esquecer, porém, quanto ao elemento arabico, o facto curioso de que a assimilação só se produz na juncção das letras chamadas solares: *r*, *s*, *z*, *ç*.

Taes são as assimilações do artigo *al:*

Açucar (as-sucar)
Az-zeite
Ar-rabil
A-çude (as-sude).

É claro que os phenomenos de *assimilação* ou sympathia phonetica interferem frequentemente dentro da orbita das leis geraes da phonologia, creando excepções e casos especialissimos, inexplicaveis muitas vezes pela simples filiação historica.

III

Do accento e da quantidade

Na degeneração do latim foi-se pouco e pouco obliterando a noção de quantidade em proveito da do *accento*, que se tornou, como diz Frederico Diez, o centro de gravidade da palavra.

O *som* tem *duração* e tem *altura*. Na *duração* baseia-se o conceito de quantidade, e neste caso os sons podem ser *longos* ou *breves*, podem ser pronunciados em maior ou em menor espaço de tempo.

É sobre a *altura* ou *acuidade* dos sons que se baseia o conceito do *accento*. A vogal, e por extensão a sy'laba mais intensa, diz-se *tonica*, *accentuada* ou *syllaba* predominante. As vogaes e syllabas menos intensas ou graves dizem-se *atonas*.

Os vocabulos que têm o accento na ultima syllaba, dizem-se *agudos: café*, imm*or*tal. Os que têm o accento na penultima, são *graves*: c*a*sa, verd*a*de. Os que têm o accento na ante-penultima, são esdruxulos: c*e*lebre, phil*o*sopho, (1)

O accento. — O *accento latino foi*, em regra geral, *conservado nas linguas romanas*, conseguintemente, na lingua portugueza. Esta lei é a mais importante e geral da phonologia neo-latina. Exemplos da lingua portugueza:

Praça	*plateam.*
Lebre	*lépore.*
Janeiro	*januarium, janarium.*
Piedade	*pietatem.*
Joelho	*genuculum* (ant. *geõlho*).
Cabido	*capitulum.*

Convém observar que os vocabulos agudos (taes não existiam no latim) tambem representam a accentuação primitiva latina:

Amor	*amorem*
Jazer	*jacére.*

(1) Ha as denominações gregas *oxytono* (agudo), *paroxytono* (grave) e *proparoxytono* (esdruxulo), que nenhuma vantagem apresentam em relação ás antigas.

Razão	*rationem.*
Orador	*oratorem.*
Fiel	*fidelem.*

Ainda os compostos conservam frequentemente o accento dos seus radicaes, resultando d'ahi, muitas vezes, a *accentuação dupla:* reciproca-*mente; tro*pega-*mente; phy*sico-*chi*mica, etc.

Existe tambem o accento proprio da phrase em prosa ou em verso, *o accento oracional*, muito sensivel na conversação ou na declamação.

As excepções da *lei de persistencia do accento tonico* são assáz numerosas, embora representem pequeno *minimum* ao lado de todo o vocabulario da lingua. Aqui mostraremos os casos mais geraes da *deslocação do accento* nas palavras portuguezas:

1º) *A analogia deslocou o accento em grande numero de fórmas verbaes.*

Como das quatro conjugações latinas, tres possuiam os infinitivos graves, em *are, ere, ire*, a ultima, *ère atono*, foi impellida para o caso mais geral. Assim explicam-se as deslocações do accento em:

caber—cápere (capêre)
dizer—dicere (dicére)
fazer—fácere (facére), etc.

Da persistencia do accento, porém, restam vestigios, nas fórmas do futuro de alguns verbos: *far-ei, dir-ei*, etc., em que os themas *far, dir*, apresentam a accentuação de *facere, dicere.*

A seu turno, infinitivos uma vez degenerados constituiram-se themas fixos das conjugações, a damno do accento latino:

Considerar (considerare). *Considéro* (considero).

ant. *considro.*

Imaginar (imaginare). Imagino (*Imágino*).

Imaginas.

Este facto póde ser interpretado segundo o principio: *as fórmas de flexões conservam a accentuação do thema respectivo.* Por exemplo, o accento de *amava* persiste nas variações *amávamos* (amabámus), *amaveis*, etc.

2º) *A tendencia para evitar o hiato e o esdruxulo*, sempre de prosodia difficil, *operou a deslocação do accento.* O accento passa á vogal mais clara.

Lençol	*lintéolum.*
Feijão	*faséolum.*
Parede	*Parietem.*

3º) *A tendencia para evitar o maior esforço da articulação* é uma das cousas mais notaveis da deslocação do accento. D'este modo, nota-se *a influencia regressiva* dos grupos *br, tr, cr, dr,* de pronuncia difficil e que frequentemente attraem o accento. (Era a *positio debilis* do latim culto.)

Alvedrio	*arbitrium*
Penétro	*penetro*
Inteiro	*integrum*
Alegre	*alacrem*, med. *alecrum*.
Trevas	*ténebras*

Já tinham este accento no latim medieval.

Note-se ainda :

4º) Quando occorriam fórmas gregas e latinas, em geral houve obediencia á accentuação latina. Em alguns casos, porém, a accentuação grega tornou-se predominante, como se vê dos seguintes exemplos :

Aconito	*aconitum*
Idolo	*idólum*
Tisana	*ptisana*
Elogio	*elógium*
Diatribe	*diátribe*
Heléna	*Hélena*

A obediencia ao accento foi sobretudo notavel nas fórmas eruditas que contém o suffixo *ia : academia, geometria, philosophia, geographia*, etc. São esdruxulos, entretanto, *comédia, policia* (ant. *policía*), *encyclopédia, hematuria, geodésia, estratégia, nigrománcia, filaucia, pharmacia, malacia*. Não se justificam essas excepções com a prosodia latina, que em alguns casos diverge : *nigromancía, encyclopedia*, etc. (1)

5º) Do elemento germanico são pouco importantes os casos de deslocação do accento. Citam-se *arenque*, de *Hering*, e os dous nomes *Américo, Copérnico*, em contraposição com *Alarico, Eurico, Rodrigo* (*Roderico*), etc.

6º) Do elemento arabe existem casos notificados pelas fórmas divergentes, como:

alcool e *alcanfor* (kafúr)

Taes são os factos de maior importancia, relativamente ás leis do accento tonico.

---

(1) A lingua latina collocava sempre o accento na vogal penultima, se esta era longa, e na ante-penultima, se a penultima era breve. Ao tomar as palavras gregas (em *eia*), se a penultima era *eta* (*e* grande), ahi punha o accento ; se era *epsilon*, recuava-o para a ante-penultima.

Por influencia da prosodia franceza tem sido adoptada a pronuncia erronea de alguns vocabulos: *resedá*, *genése*, *aerostáto*, *eutrapelia*, *barbaria* (*barbarie*).

Os indios no Brasil, de conformidade com a lingua tupi, tornavam *agudos* os vocabulos portuguezes: *cabará* (cabra), *cabarú* (cavallo), *curusú* (cruz), etc.

A prosodia dos nomes proprios de origem grega, oriental e hebraica, etc., nunca foi definida. D'ahi a variedade de accentuações: *Dário* (Camões III, 41; X. 21), *Cleopátra* (III, 141), *Heliogabálo* (III, 92), *Annibál* (X, 153), *Próteo* (I, 19), *Némesis* (III, 71), *Eólo* (III, 8), *Diomédes* (II, 62).

Deve-se preferir a prosodia latina e dizer: *Cleópatra*, *Agáthocles*, *Sóphocles*, *Dámocles*.

Ha casos de deslocação do accento difficilmente explicaveis: dadiva, de *dativa*; bahú, de *bájulus*; figado, de *ficátum*.

Outros são meros erros de prosodia, que, apezar de combatidos, se têm vulgarizado, como *décano*, *pégada*, *amygdála*.

Notem-se a respeito da prosodia das vogaes as seguintes particularidades:

1. A *vogal pura*, accentuada, tem o som agudo: António, hómem, evangélho (e não *An-ton-nio*).

2. A *vogal*, quando é affectada pelo som nasal, sôa grave: *reclâmo*, *gânhar*, *sônhar*. Exceptua-se o caso do preterito perfeito *jantámos*, differente do tempo presente *jantâmos*.

3. Nos verbos, o som do *é na primeira conjugação* é agudo: *bérra*, *espéra*, *cérra*, *invéjo*, *néga*. Excepções: chêgo, chêga, apedrêjo, alvêjo, fêcho, gargarêjo, desêjo.

Na 2ª conjugação, varia. Diz-se: merêço, meréces, meréce. Parêço, paréces, paréce. Cêdo, cédes, céde. Fâço, fázes. Côrro, córres. Exceptuam-se as variações de *pedir*, *péço*, *pédes*, e as de *poder* e *querer*: quéro, *quéres*; pósso, pódes; pérco, pérdes.

4. Em geral o E dos substantivos tirados do verbo (e para distinguirem-se d'estes) tem o som grave: interêsse, arremêdo, gêlo, modêlo, requêbro (tambem *requébro*), esmêro. Nas palavras femininas ha é agudo: *réga*, *réza*, *séca* (para distinguir-se d'esta ultima, *sécca*), sóbra, próva.

5. Em geral o accento agudo é um recurso para distincção de vozes differentes. É recurso nos femininos (vide regra 4ª): formôso, *formósa*. É recurso no plural: formôso, *formósos*. Mas a este respeito observaremos ainda:

a) Os nomes em *oso* têm o accento grave (briôso), e mudam-n'o em agudo: *briósos* e *briósa*.

b) Os em *or*, *oi*, *ou* conservam sempre o accento grave: *doutôres*, *doutôra*, *senhôra*; noivo, boi, moiro, coisa.

c) Todos os demais adoptam no plural ou no feminino o accento agudo que não tinham: *pórtos*, *glóbos*, *gróssos* e *gróssa*; *caróços*, *óvos*, *ólhos*, *trócos*.

Conservam o O grave os seguintes: espôsas, môças, rolas, roscas, moscas; aljofre, gota, estopa, arroba, alcova, sopa, brôa, estofo, fôrma (distincto de *fórma*), mariposa, dorso, garoto, minhoto, perdigoto, piloto, repolho, namoro, tosco; esgoto, soco, ceroto. São ainda incertos: logro, sogro. No Brasil dizemos *lógros*, *sógros* e *senhóra*.

d) O E ás vezes varia o accento nas palavras que variam de genero: êste, ésta; aquêlle, aquélla. (No Entre Douro e Minho, *ésta* por *ésta*). A regra, porém, é conservar o accento: vêsgo, vêsga, cabeço, cabêça; vélho, vélha; cêpo, cêpas; travesso, travêssa.

Muda o accento para distinguir palavra differente: féz, revéz, travéssa, pêz.

6. A terminação *eda* tem o é agudo: veréda, alaméda. Os classicos diziam *moêda* (F. J. Freire, *Reflexões*, II, 107) como ainda hoje no Minho: moêda, alamêda, bodêga, verêda.

7. Contra a prosodia portugueza de hoje, dizia Duarte N. de Lião: *côros*, *hôrtos e pôços*; e diziam-se no seu tempo: rôgos, confôrtos, accôrdos, esfôrços, destrôços, estôrvos, alvorôto, contôrnos, transtôrnos, soccôrros. Foi essa a prosodia até o seculo XVIII, conforme attestam João de Barros, Lião, F. J. Freire, Madureira, etc. J. Soares Barbosa ainda pronuncia *contôrnos*, e em Lisboa ainda o povo diz *almôços*, *alvoróços*, e os letrados *almóços*, *alvoróços*.

De tal ordem se definiu a supremacia do *accento* que, em regra, a quantidade só não foi vôlada quando coincidiu com a accentuação da mesma syllaba.

Facto que bem poderia representar a noção de *quantidade* na lingua é o rhythmo prosodico das syllabas, resultante e dependente do accento em qualquer vocabulo. Na pronuncia de qualquer palavra notam-se alternadamente uma syllaba forte e logo outra fraca em toda a extensão do vocabulo:

Ci-vi-*li*-sa-*ção*
Re-gu-*la*-ri-*da*-de, etc.

A observação mostra que estes vocabulos são pronunciados como o seriam as phrases imaginaveis seguintes: *cive lisa ção*; *rego lare dade*. Isto prova que existe um rhythmo que não póde ser destruido, nem tão pouco ser transformado em outro, v. g.: *cívi lisá ção*; *regu lari dade*, etc.

É clara a existencia do rhythmo, e as cesuras ou accentos secundarios são dispostos alternadamente, conforme o accento principal. Se este cae sobre a syllaba impar, as cesuras tambem recaem sobre syllabas impares.

1 2 3 4 5 6
Ca-pil-*la*-ri-DA-de
Cápe lare dade

Quando o accento principal cae sobre a syllaba par, as cesuras são tambem pares:

1 2 3 4 5
Ca *val* ga *dú* ra

As excepções notam-se apenas nas palavras compostas cujos elementos já têm os seus accentos determinados. Por isso não se dirá con*tra*dizer e sim *con*tradizer.

De tudo isso se conclue que ha effectivamente tres accentos: a *quantidade* (duração), o *accento* propriamente dito (*altura do som*) e a *intensidade* (amplitude do som). É esta ultima que engendra os phenomenos de rhythmo acima notados.

Comquanto pouco sensiveis na prosodia brasileira, são alguns *valores quantitativos*, longos e breves, dignos de observancia na recta pronunciação das palavras, a qual não se satisfaz meramente com a observancia do accento.

Aqui pomos as seguintes regras como sufficientes para a quasi totalidade dos casos.

São LONGAS:

a) todas as vozes nasaes, quer accentuadas, quer não: or*gão*, *enten*der, ama*ram*, *an*terior, ho*mem*.

b) todas as vozes accentuadas, v. g., as dos exemplos anteriores.

c) todos os diphthongos e vozes conjunctas: re*quei*jão, *tai*kum, *auc*tor, *coi*tado, *sui*cidio.

d) Na poesia, as vozes que se contam unidas (*luar*, *cair*, *sala*, *paul*, *oriente*, *diurnal*) são tambem longas em virtude da contracção.

e) São ainda longas por *posição* quando á vogal se lhes seguem duas consoantes ou, o que é o mesmo, a dupla x = ks: *amal*gamar, *atroz*, *re*trato, re*flexão*, *fac*ticio, *pe*dregulho.

São syllabas BREVES:

a) Salvas as excepções anteriores do accento e nasalidade, as syllabas que constam de uma só vogal ou de vogal e uma só consoante: mun*do*, *cidade*, vi*lla*, *acaso*, *idiota*.

b) Todas as palavras encliticas e procliticas, em geral de uma syllaba, e os artigos: *o*, *a*, *os*, *as*, *me*, *te*, *se*, *nos*, *vos*, *lhes*, *lhe*.

IV

Origem das letras. Leis phoneticas geraes

Origem das letras.—O nosso alphabeto é o mesmo do latim

A orthographia dos sons gregos foi-nos legada pelos escriptores romanos. Taes são os caracteres compostos : *ch*, *ph*, equivalentes a *c* e *p* aspirados, como se vê nos vocabulos: *monarcha*, *Phebo*, etc.

Os caracteres *j* e *v* foram creados nos tempos modernos para designar os sons consoantes do *i* e do *u*.

O *w*, de origem gothica, só apparece em vocabulos estranhos á lingua. Nos vocabulos allemães tem o som de *v : wagon*, *walsa ;* nos vocabulos inglezes tem o som de *u : tramway*, *water-closet*, *whist*.

O *h* serviu desde o latim para exprimir o espirito rude (notação prosodica) dos termos gregos : *rhetorica*, *rheumatismo*.

No portuguez antigo e no mesmo periodo classico, o *h* é um symbolo de aspiração de vogal ou hiato : *távoha*, *meheu*, taboa, meu.

Os valores *c* e *g* do latim antigo abrandaram antes de *e* e *i* no latim barbaro e em todas as linguas romanas. Dest'arte antes do *e* e *i* o *c*=*s*, e o *g*=*j*

Os sons gutturaes dos arabes perduram na lingua castelhana, mas desappareceram no portuguez.

Os sons molhados *lh* e *nh* formaram-se no dominio das linguas romanas, e não ha certeza de que fossem desconhecidos no latim.

LEIS PHONETICAS

A transformação que soffreram as fórmas latinas para chegar ao estado actual obedeceu a lei que vamos enunciar : realizou-se, em geral, entre os sons *homorganicos*, isto é, entre aquelles que são produzidos por um mesmo orgão. Assim, é natural a permuta entre as *dentaes : t, d ;* entre as gutturaes : *c* e *g*, etc.

As leis de transformação, porém, não são simples quanto poderia parecer, porque são de duas ordens. As *leis* por assim dizer *naturaes* e espontaneas, obram no sentido da degeneração, isto é, *abrandam* os sons fortes em certos casos definidos; e em outros, tambem definidos, *eliminam*. Essas são as leis proprias da linguagem no seu desenvolvimento natural.

Outras *leis*, porém, oriundas do espirito, da logica commum ou da literatura, contrariam as tendencias naturaes, *restituem perdas* onde as houve, *reforçam* sons que correriam risco de enfraquecer, e por *analogia* procuram uniformizar tendencias anteriormente estabelecidas.

Estudaremos, pois, umas e outras. Eis as mais notaveis das transformações :

1ª **Abrandamento.** — As consoantes fortes ou surdas abrandaram-se em homorganicas sonoras. Exemplos :

dentaes	t = d	*vitam*	— vida
		latus	— lado
gutturaes	c = g	*lacunam*	— lagoa
		periculum	— perigo
labiaes	p = b	*operam*	— obra
		capére	— caber
dent. sibil.	s = z	*mensam*	— mesa
		pensum	— peso

2ª **Reforço.** — É phenomeno contrario ao abrandamento : é por isso raro na evolução de qualquer lingua, e deve ser considerado como uma reacção contra as leis naturaes.

Leixar, deixar —*laxare*
Nembrar, lembrar —*memorari*.

Nesta classe entram certos vicios prosodicos e provincialismos, como a confusão tumultuaria do *b* e *v* em *boda*, *voda*, *bespa*, *vespa*, *cobarde*, *covarde*, *taberna*, *taverna*, etc.

Os casos mais notaveis do reforço são :

a) A substituição do *l* por *r* nos grupos consoantes :

Cravo	—*clavum*
Empregar	—*implicare*
Prazer	—*placere*
Fróco	—*floccum*
Grude	—*gluten*

Era mais commum na lingua antiga, *fror* (flôr), *groria* (gloria), etc.

b) O reforço das continuas, x—ss :

Paixão —*Passionem*
Bexiga —*Vesiram*

cf. *Ximenes e Simões*.

3ª **Assimilação.**—Consiste na alteração que um som exerce sobre outro, dando-lhe o proprio valor phonetico. É resultado do sentimento da euphonia e da analogia.

A *assimilação* na maioria dos casos veio do latim, onde é frequentissima.

Exemplos de assimilação encontram-se quando occorrem os prefixos *ob*, *ad*, *in*, *per*, *sub*, *cum*:

ob —omittir, por *ob-mittir*
—occasião
ad —attender
—accusar
in —illegal
—immortal
—irradiar
sub —sopapo (**sob** + **papo**)
—supplantar
cum —commissão
—collateral

Muitas vezes a *assimilação* é incompleta, como quando não se produz a attracção de sons identicos, mas de outros differentes. Exemplos: almoço (*ad-morsum*); caixa, *capsam*; bautisar, de *baptisare*; *consome* por *consume*.

A assimilação é *progressiva* ou *regressiva*. É *progressiva*, quando a attracção, entre duas letras, se exerce da precedente para a que se lhe segue. Ex.: *dozentos* (dois-centos), *trezentos* (tres-centos.) É *regressiva* no caso contrario, isto é, quando a letra que se transfórma vem em primeiro logar. Ex.: em *omittir*, foi a attracção do *m* da segunda syllaba que transformou o prefixo *ob* em *om*. É o caso mais vulgar.

Salsicha transforma-se em *salchicha*.

A influencia *regressiva* nota-se ainda nas derivações *chuchar* (suchar, de *suctiare*), *choco* (socho, de *suctus*), *isso* (de *ipsum*), gesso (de *gypsum*).

O artigo *al* tem varios exemplos de assimilação:

as-sucar
ar-roba
az-zeite (azeite)

4ª **Perdas.**—A quéda dos sons é um phenomeno frequente e manifesta-se segundo as duas leis principaes que vamos enunciar:

a) ***Quéda da vogal média breve.*** Notem-se os seguintes exemplos:

Del-i-catum — delgado
Ver-i-tatem — verdade

Dec-i-mum —dizimo
Op-e-rare —obrar
Ap-e-rire —abrir

b) *Quéda da consoante média entre vogaes :*

ler (leer) —*le-g-ere*
ver (veer) —*vi-d-ere*
máo (maao) —*ma-l-um*
eréo —*hœre-d-em*
amais (amades) —*ama-t-is*

Quasi sempre existem as fórmas do portuguez antigo *leer*, *veer*, que attestam a evolução da lei.

5ª **Conservação.** — Ha sons que persistem e resistem ás transformações phoneticas ; são as consoantes iniciaes.

a) *A consoante inicial persiste quasi sempre, raras vezes transforma-se e quasi nunca desapparece:* fresta, *fenestram;* quente, *calentem*, etc.

Ás vezes notam-se transformações homorganicas, v. g., entre as gutturaes: gato, *cattum*. A quéda da consoante inicial, sempre rara, realiza-se em casos especiaes, que examinaremos quando se tratar da *apherese*.

6ª **Tonalidade.** — A tonalidade das vogaes depende em geral da origem: o ē longo latino corresponde a *é* (*habere*, haver; *frenum*, freio); o ĕ breve, a *é* (*pedem*, pé; *equam*, égua). A mesma equivalencia se nota entre ō e *ó* e ŏ e *ó*.

Do que fica exposto, facil é concluir a importancia que decorre das leis phoneticas, que devem ser estudadas nos tratados especiaes.

Sem essas leis, induzidas da analyse dos factos, seria impossivel constituir a sciencia da *etymologia*, outr'ora tão entregue á arbitrariedade dos doutos e dos ignorantes.

Por meio d'ella explica-se harmoniosamente toda a evolução da phonetica do latim ás linguas modernas, evolução que se traduz pelo *abrandamento* continuo dos sons e *perda* de sons isolados e medios ao lado da *conservação* do accento e dos sons iniciaes.

Fóra d'essas *leis naturaes*, as excepções apparentes são raras e explicaveis ; ora é a *euphonia* corrigindo os defeitos ou difficuldades de prosodia, ora é a acção da *analogia* procurando uniformizar, como nos verbos, todas as variações (comprimi*do*, absolvi*do*, em vez do latino compresso, absolto), ora é a *acção literaria* dos escriptores intervindo, remontando ás fontes classicas e contrariando a geração natural das fórmas vocabulares (por exemplo : *legal* em vez de *leal*).

Os neologismos e as fórmas de derivação erudita não se submetteram á acção das leis, e, antes, apresentam intacto o caracter das fórmas originarias latinas. Assim, na derivação popular o suffixo *aticus* apresenta as fórmas *agem* e *age:* selvagem, viagem (de *silvaticus, viaticus*); mas o mesmo suffixo não soffre alteração nos vocabulos de origem literaria; taes são os exemplos: *viatico, silvatico.*

Não é aqui o logar de desenvolver o estudo de questões que são proprias das *grammaticas historicas* (1) e dos tratados especiaes.

---

(1) Em portuguez, ha uma *Grammatica historica* de Ribeiro de Vasconcellos, mas tão commedida que é de muito inferior a esta nossa, que aliás não pretende ser *historica* ou *comparativa*, mas apenas moderna e escripta segundo os principios d'aquelle methodo. Aconselhamos como leitura util o trabalho de J. Cornu, já citado, e a *Gram. hist. española* de R. Menendez Pidal.

V

Alterações phonicas especiaes

O estudo d'essas alterações, que tinham o nome de *figuras de dicção*, não se distingue do das *leis geraes* já indicadas no capitulo antecedente, mas é uso consagrar-lhes attenção especial.

ACCRESCENTAMENTO

As figuras de accrescentamento são as seguintes:

1. Prothese. — É o augmento de sons no principio do vocabulo. Ex.: *alevantar*, *alagôa*, por *levantar*, *lagôa*.

Em Camões:

Assi que um pela infamia que *arrecêa*
Lus. I, 34.

Tornar a seu caminho *acostumado*
Lus. I, 95.

Muitos vocabulos latinos receberam a *prothese* no portuguez:

speciem — especie
spasmum — espasmo
scribere — escrever

Analysando os casos em que se realizou a *prothese*, vê-se que constituem duas classes numerosas:

1ª Os nomes que começam por *l* e que receberam o augmento de um *a*. É muito provavel que a analogia e a reminiscencia das palavras arabes prefixadas de *al* contribuissem para as formações como *alanterna*, *alagôa*, etc., de origem latina.

2ª Recebem vogal os nomes que começam por *s* impuro, isto é, seguido de consoante. Este facto explica-se pela natural difficuldade que ha na pronuncia d'aquelle *s*: *espasmo*, *especie*. De sorte que ou o *s* augmenta-se de uma vogal, *espasmo*, ou desapparece: *pasmo*, *sciencia* (que se lê *siencia*). Por isso é que houve prothese de *e*, vogal surda, em *esphera* (*spheram*), esperança (*sperantiam*), espada (*spatha*), estar (*stare*), etc.

2. **Epenthese.**—É a addição de sons no meio dos vocabulos. Ex.: *caravelha*, em vez de *cravelha*. Em Camões :

E *despois* que ao Rei apresentaram

Lus. II, 9.

Nota-se a *epenthese* na etymologia de varias palavras :

garupa—*clupeam*
fevereiro—*februarius*, *febrarius*

lanterna—*lanternam*
mancha—*maculam*
minha—*meam*.

Pretendem alguns explicar a presença epentethica do *n*, como sendo a transposição da flexão *m*, nasal, do accusativo:

maculam — manculam — mancha

Em taes casos, parece mais razoavel admittir a prolongação da nasalidade do *m* inicial : *ma*=*mã*. Cf. *muito*, onde o nasal sôa no começo e no fim da primeira syllaba (mui).

3. **Epithese** ou *paragoge*. — É a addição de sons no fim do vocabulo. É rara na lingua escripta, porém frequentemente observada nos provincialismos e entre os vicios prosodicos : *martyre*, por *martyr*.

Entre as figuras de accrescimo devem ser incluidos os dous casos especiaes conhecidos sob os nomes de *tmese* e *dierese*.

A **tmese** em portuguez consiste na intercalação dos pronomes encliticos nas fórmas do futuro e do condicional : *far-te-ia*, *amar-te-ia*.

A **dierese** não consiste em addição de elementos phonicos, mas na aspiração da vogal, para evitar um diphthongo. Ex.:

caia e cahia
sairam e sahiram
traição e trahição (*Lus.* II.17)

Ha um processo popular, denominado pelos antigos grammaticos *parectase*, que consiste na adjuncção de elementos phonicos intermedios, por necessidade de euphonia. Já notado no latim :

drachume — gr. *drachmé*.

Esta tendencia ampliou-se na decadencia da lingua, nos romances que deram origem ás linguas *neo-latinas* e nos textos alja-

miados do hespanhol e portuguez. Foi pela *parectase* que se dissolveram muitos grupos consoantes:

Caravana—*harwrn* (arabe)

A acção erudita tem concertado os destroços d'esta tendencia, mas arbitrariamente o povo diz: *baravo* e *bravo*, *periquito* e *prequito*, *tatara-avô* e *tatra-avô*, *caravelha* e *cravelha*, *brôa* e *borôa*, *crôa* e *corôa*, *taramela* e *tramela*, *glotão* e *golotão*.

SUPPRESSÃO

As figuras de suppressão são as seguintes:

1. **Apherese.**—A apherese consiste na subtracção dos sons iniciaes do vocabulo. Ex.: *postema*, por *apostema*; *letria*, por *aletria*.

Nos poetas não é raro encontrar *esmaiar* por *desmaiar*, *espedaçar* e *despedaçar*.

E em Camões *estruir* por *destruir*:

Mas seguindo a victoria *estrue* e mata

Lus. I, 90.

E *liança* por *alliança* (VII, 62), no mesmo poeta.

Nota-se a apherese na degeneração de varios vocabulos latinos:

Pasmo de *spasmum*
Tisana » *ptisanam*
Botica » *apothecam*
Gume » *acumem*.

E perdas de syllabas inteiras no correr das transformações da lingua: *beira* (de ribeira), *fundo* (profundo), *Tiago* (Sant'Iago), *cobrar* (de recobrar).

Um facto digno de nota é a apherese dos elementos *o*, *a* e *l*. Estas letras, como se sabe, representam o artigo vernaculo: *o*, *a* e a fórma archaica *lo*. D'ahi, os resultados *bodega*, por *abodega*; *bispo*, por *obispo* (como no castelhano); *onça*, por *lonça* (no lat. *lyncem*); *azul*, por *lazul* (pers. *lazuerd*), etc.

Essa conjectura não é destituida de fundamento, pois deve-se ter em conta que o *l* é a unica consoante que soffre apherese, e porque é a unica? As outras só experimentam apherese nos raros

casos em que não se ligam á vogal, e constituem um grupo barbaro, quasi impronunciavel, v. g.: *pt* em *ptisana*. (1)

2. **Syncope.**—É a suppressão de sons no meio do vocabulo Ex.: *mór*, em vez de *maior*, e *benino* (benigno).

Em Camões:

Que a ilha é possuida da malina
Gente.

Lus. I, 99.

Da barra *imiga* e terras suspeitosas

Lus, II, 59.

Que a neve está *contino* pelos montes

Lus. III, 8.

A *syncope* é um dos phenomenos mais communs da phonologia historica. Exemplos:

ver —*videre*
leal —*legalem*
mealha —*metaliam*
véo —*velum*

É um dos recursos da euphonia: *idolatra* por *idololatra*.

Sempre existem na lingua antiga os exemplos que attestam a transição d'essa lei: *veer*, depois *ver;* *maao*, depois *máo*. *Imos* e *is* (*Lus.* IV, 91) por *ides*.

3. **Apocope.**—Consiste na suppressão de sons no fim do vocabulo. Ex.: *carcer*, *marmor*, em vez de *carcere*, *marmore*.

Quando Jupiter alto *assi* dizendo

Lus. I, 23.

A *apocope* ou quéda de sons finaes é um dos phenomenos caracteristicos na formação de todas as linguas romanas:

ama —*amat*
amam—*umant*
nunca—*nunquam*
causa —*causam*

---

(1) O *l*, dissemos, é a unica consoante que soffre a apherese. Em *germanus* (irmão) não houve apherese de *g;* a palavra *irmão* ou *ermão* é provavelmente a fórma castelhana *hermano*, e, se o não fôr, o som de *g* é aqui igual ao de *j*, e conseguintemente uma semi-vogal: *jermão*, *iermão ermão*.

E perdas de syllabas: *dom* (de domno, dominus), *frei* (freire), gram, cem, mui, segum (*Leal Cons:* segum fama, segum diz), Fonseca, Castel Verde, Monforte, Monreal, Vallongo.

Entre os casos de subtracção devemos considerar as seguintes figuras:

Elisão ou *Synalepha.*—É um caso especial da apocope, e consiste na subtracção da vogal final de um vocabulo, quando se lhe segue outra palavra que começa por vogal.

Exemplos:

minh'alma — minha alma
d'Almeida — de Almeida.

O habito da synalepha na pronuncia fazia com que os classicos escrevessem *dalmeida, dalvarez*, etc. Ainda hoje se escrevem *Dantas* (d'Antas), *Dornellas* (d'Ornellas) e o cognome italiano Doria (d'Oria). Vide o capitulo seguinte.

Ecthlipse. —É a propria synalepha, e dá-se quando a vogal que termina o vocabulo é nasal. Nos *Lusiadas:*

Co'o sangue mouro barbaro e nefando (III, 75).

Camões foi até empregar *se*, por *sem:*

Se aproveitar dos homens força e arte.

Lus. VI, 73.

TRANSPOSIÇÃO

Os phenomenos de transposição foram muito frequentes nos antigos tempos da lingua, e são conhecidos sob o nome de

Metathese.—Consiste na transposição dos sons de um vocabulo. Exemplos: *rosairo*, em vez de *rosario;* pormenor, em vez de promenor (1); geolho e joelho, enjoar e enojar (*enauseare*), chimpar e pinchar, tanchar e chantar.

Eis alguns exemplos historicos:

andorinha	—	*hirundinam*
primeiro	—	*primarium*
choupo	—	*pop'lum* (*pl*=*ch*)
trevas	—	*tenebras*
copo	—	*poculum*
moela	—	*medullam* (miolo).

(1) Em Portugal: *esburgar, estrovar, cravão, cravalho*, na pronuncia commum.

VI

Sobre a elisão e outros factos da prosodia

No enunciado da phrase ligam-se ás palavras, observando-se a elisão das vogaes.

1. Todas as sortes de **a** em concurrencia produzem o som **ā** longo: *está além do rio* (=stālem do rio); *vá abrir* (=vābrir); *falta a agua* (=faltāgua).

a+**e** (quando o **a** não é accentuado) se contraem na phrase em **e**: *toda esta gente; inda é cedo* (tod'esta gente, ind'é cedo) *cousa é sabida* (cois'é sabida).

2. **A**+**o** não se unem em geral: *esta obra* (=estaobra), Mas diz-se: outr'ora, ess'hora, aquell'outra.

3. **A**+**u** produzem o som *ô*: *passa o tempo* (passôtempo) *seja o que fôr* (sejô-kefôr).

4. **E**+**a** unem-se: *vire a pagina* (vir'apagina); porém **é**+**a** não se unem, *a'sé antiga* (sé-antiga), dizendo-se, entretanto, *até'li, até'gora.*

5. **U**+**i** unem-se pronunciados distinctamente: nosso irmão (nossuirmão). **U**+**e** fundem-se: *tud'é possivel* (e *tudo é possivel*). O **u** (=o) desapparece em *Pedralvares, Santiago, Portoalegre, Santamaro.* No seculo XVI o oo dobrado sôa como *ou* (F. d'Oliveira, *Gr.*)

6. **O**+**i** ou **o**+**e** mudo conservam a sua prosodia distincta: *pobre homem* (pobri omem), *torre alta* (torri alta). Mas igualmente desapparecem em algumas expressões: *sobr'o mar, tard'ô cedo, entr'a gente, pód' haver, ell' usa*, e o plebeismo *nov'horas.* Nos pronomes *me, te, se, lhe*, a elisão é frequente: *vait' embora, dêm'a chave.*

7. Com a particula *de* ha elisão: praça d'Elvas, villa d'Almeida. Em *d'esse, d'esta, d'aqui, d'alli, d'um, d'outro.* Fóra d'estes casos, o **e**=**i** sempre sôa: fazer *di atrevido*, chamar *di orgulhoso.*

8. As particulas *me, te, se, lhe*, em geral deixam soar, ainda que levemente, o *e* final: *te* amasse, *me* arguisse (e não: *t'amasse*, etc.). Mais claramente na intercalação: amar-*te*-ei (e não: amar-*t'*-ei) calar-*me*-ei (e não: calar-*m'*-ei). A elisão, entretanto, se faz com as palavras complementares: Chega-*t'*aqui; conte-*m'*a historia; cegou-*t'*a luz.

9. **Que**; o E+I sôam geralmente=i= *que idade, que é isso? que era aquillo?* São plebeismos: *qu'idade, qu'isso? sem quou'tro, diz qu'há*, etc.

Segundo Gonçalves Vianna, as elisões do *e* mudo são muito caprichosas: « Lorsque la voyelle initiale du mot suivant est accentuée, la prononciation la plus commune rejette l'élision.» Não se deve, pois, dizer *qu'é? porq'é que...* etc. (1)

Provincianismos na prosodia portugueza são:

—O som QU=K, proprio do Minho: carenta, carto, canto, caresma. E por igual *gu=g* em guardar, guarnecer.

Não, no Minho, *nu;* em Lisboa, *nã: num* quero, *nã* quero.

—*ch* soava *tx*. Nos seculos passados D. N. Lião comparava-o ao italiano *ce, ci*, e Caetano de Lima ao inglez em *church*. Ainda hoje *ch* e *x* soam *tx* na Beira: txave, txapéo.

—Os orthographos até o seculo passado (Madureira, Fr. L. do Monte Carmelo) distinguiam o *c* do *s* e tambem differençavam o *z* do *s* entre vogaes. Nota-se ainda essa differença difficil de representar, no Minho e em Traz os Montes.

—Em todo o sul e na parte média do reino, diz G. Vianna, distinguem-se B e V. No Porto e provavelmente em toda a região circumvisinha trocam-se estas letras (como o *v* e *w* em Londres). Para as duas predomina o *b* em Traz os Montes.

—O A, em Entre-Douro, Minho, Beira, quando concorrem dous *a a*, ha intercalação de um Y: a-y-agua, aquella-y-agua.

—Em todo Portugal, o povo omitte na pronuncia o E depois do *ll: foll', moll', pell';* e ao mesmo tempo augmenta de um *i* ao *l* final simples: sule, vile, papéle, arrátele, amávele. (Vide J. Cornu, apud. Gröber—Op. *c.* 778.)

—No Alemtejo e Algarve mudam o diphthongo *eu* em *ei* frequentemente: *mei* pae.

—Os da Madeira intercalam *a* antes das terminações ôo, ôa: *baôa, maôo* (boa, máo).

No Brasil os vicios mais communs são: o valor s=z do *s* final que não sôa como *x* em Portugal (armas e não armax); mais de um accento em cada palavra: *pápél, pápélão, cidáde*, etc.; a suppressão

---

(1) Leia-se Gonçalves Vianna—*Ess. de phonétique—Romania*, XII J. Cornu—apud. GRÖBER— *Grundriss der rom. Phil.*, d'onde se tiraram estas observações. Nem sempre são applicaveis ao Brasil e nem (em alguns casos) a Portugal. Veja-se a nota 167 da minha *Selecta Classica* sobre as contracções *para quê*, etc.

(plebeismo) do *r* final: *prazê*, *ficá*, *andá*, sendo que entre os mesmos letrados, tanto o *r* como o *l* finaes não se pronunciam com a prolação que têm (*amár*, por *amarè*; *sól*, por *solè*); a vocalização do *lh* em *i*, plebeismo sobretudo do norte (bacaiáo, mio, páia); a accentuação das vogaes entre paulistas sertanejos: *estâcidadê*; pronuncia quasi accentuada dos pronomes atonos: me, te, lhe, se: *mi fáça*, *mi dê*; perfeita indifferença pela *quantidade* das syllabas, pois quasi se não distinguem longas e breves. E outros vicios que não concernem á prosodia.

Muitas das singularidades da prosodia brasileira (exceptuados os plebeismos de origem americana ou africana) representam a pronuncia archaica dos seculos XV e XVI qual se entrevê nos escriptores e poetas portuguezes: por exemplo, a *rima* de *mãe* e *tambem*, que é moderna, não era dos antigos classicos, e não é toleravel no Brasil.

B.

ETYMOLOGIA

(ORIGENS, HISTORIA E DERIVAÇÃO)

ETYMOLOGIA

I

Etymologia portugueza; principios em que se baseia a etymologia

Etymologia é o estudo que consiste em determinar a significação e a fórma primitiva dos vocabulos.

Pela *etymologia* sabemos que a palavra *ignobil* veio da fórma primitiva *ignobilis*, do latim. Sabemos ainda que o sentido primitivo de *ignobilis* foi «obscuro, desconhecido», por isso que se compõe de *in*, prefixo negativo, e do termo *nobilis* (de *gnoscere*, conhecer).

A palavra *etymologia* vem de *etymos* (verdadeiro) e *logos* (discurso). Cicero traduziu-a litteralmente com a palavra *veriloquium*.

A etymologia até o seculo XVIII foi sciencia impossivel; um mixto de discordancias e de inverosimeis hypotheses. Em geral, pouco se attendia á historia da lingua, e dava-se excessiva importancia ás *onomatopéas* ou a palavras de formação imitativa, como *ulular*, *trovejar*, etc.

Uma das antigas theorias mais extravagantes era a que dava valor *onomatopaico* a cada letra, e estabelecia que o *l* exprime fluidez; o *r*, aspereza, etc. Eram estes os principios sobre os quaes se baseava a etymologia.

Outros etymologistas davam exaggerada importancia ao sentido, de modo que derivavam, v. gr., *ter* do verbo *habere*, e explicavam arbitrariamente as transformações que *habere* deveria soffrer para apresentar a fórma *ter*.

Sem principios scientificos e fixos, a etymologia nunca pôde constituir-se como sciencia positiva; por isso sempre foi tida á conta de pretexto para divagações eruditas e inuteis.

A Etymologia de um vocabulo determina-se pela observancia dos dous principios geraes: a filiação e a comparação.

A *filiação* quer dizer a historia do vocabulo, a referencia e ligação da fórma actual para com a fórma primitiva, através das fórmas médias que expliquem a differença entre os dous termos extremos. O methodo historico comparativo, como se vê da denomi-

nação, consiste nesta investigação através do tempo (historia), e através do espaço e dos logares (comparação). Dentro de uma lingua ou de um grupo de linguas, o vocabulo primitivo vae-se alterando com as epocas e com os logares para onde emigra; determinada a *filiação* do vocabulo, procura-se o termo comparado ou de lingua congenere que o comprova; se este termo existe, póde por sua fórma corrigir uma *filiação* erronea, que acaso se imaginára.

Mas, como a *filiação* abrange a historia do vocabulo e os principios que regulam a sua evolução material (phonologia), os principios da etymologia são precisamente tres: a *historia*, a *phonetica* e a *comparação*.

1. — A **historia** dos vocabulos consiste na averiguação das fórmas de transição que ligam o vocabulo primitivo ao vocabulo actual. (1) As phases mais notaveis na historia do vocabulo portuguez são representadas pelo latim barbaro e pelo portuguez antigo, que precederam a lingua vigente. D'est'arte, os nomes *fortaleza*, *arribar*, explicam-se pela fórma do latim barbaro *fortalitia*, *adripare*, etc. O adjectivo *coitado* explica-se pelo portuguez antigo, que o possuia, como participio de *coitar* (magoar). O latim *laxare* deu no portuguez antigo *leixar;* e no moderno, *deixar*.

Como se vê, todas essas fórmas *intermediarias* do latim barbaro e do portuguez antigo esclarecem a etymologia dos vocabulos.

Como a palavra é dotada não só de *fórma* mas de *sentido*, é preciso não esquecer que a *idéa* ou *sentido* tambem tem sua historia e suas phases intermedias. A palavra rosto (*rostrum*) tinha o significado de *bico*. O numero de translações de sentido é infinito: *presbytero* (velho). *conde* (*comes*, companheiro, ajudante), *marechal* (do gothico, intendente da cavallariça, etc.)

O estudo do *sentido* é o que se chama *Semantica*.

2. — As letras, os sons, não se transformam arbitrariamente, obedecem a principios certos e leis determinadas. O grupo latino *pl*, por exemplo, transformou-se regularmente em *ch : pluvia*, chuva; *planus*, chão; *plicare*, chegar.

A phonetica determina que a *accentuação* latina persiste nos vocabulos (cabido, *capitulum);* as permutas são feitas entre letras *homorganicas*, isto é, entre uma guttural e outra guttural, entre uma labial e outra labial, etc.; e finalmente a phonetica determina que

---

(1) A historia da lingua é representada por quatro phases: 1ª, a do latim; 2ª, a do latim barbaro; 3ª, a dos *romances* ou linguas que succederam ao latim barbaro, como o portuguez antigo, o francez antigo, etc.; 4ª, a da lingua moderna.

Esta evolução é commum ás linguas neo-latinas: o francez, o portuguez, o hespanhol, o italiano, o provençal, o valachio.

as permutas se fazem no sentido do *menor esforço*, isto é, do som forte para o som brando, da guttural forte para a guttural branda: (*cattus*, gato); da dental forte para a dental branda (*cito*, cedo); da labial forte para a labial branda: (*ripa*, riba), etc

Seria a *phonetica* de extrema simplicidade, se sobre o elemento material dos sons não reconhecesse a preeminencia do espirito. Assim, contra a força material da degeneração e alteração physiologica do vocabulo, oppõem-se a força psychologica reconstructora e a analogia. A analogia contraría as tendencias de alteração. Assim, o diphthongo *eu*, que occorre nos vocabulos *teu*, *seu* (*tuus*, *suus*), é devido á analogia que o creou sobre o typo de *meu* (*meus*).

A literatura é tambem uma força opposta á degeneração phonetica: as fórmas *segre*, *calonha*, da lingua antiga, foram reconstruidas nos typos *seculo*, *calumnia*, mais proximos do latim.

Ha outras interferencias que se oppõem á acção phonetica, tal é o facto da influencia de uma lingua estrangeira. O *c* forte (=k) sempre se conservou no portuguez: cantar, *cantare;* cousa, *causam;* no emtanto, vindos do francez, adoptamos termos em que *c* forte abrandou em *ch:* chapéo (*chapeau*, cappellus), chaminé (*cheminée*, camminata), *bacharel*, de baccalarius; *chambre*, de camara; *broche*, de brocca, etc.

A comparação é um methodo que consiste em notar a uniformidade ou dissemelhança de processos e de factos em certo grupo de linguas.

Para o portuguez os elementos naturaes de comparação são as linguas romanas: italiana, hespanhola, franceza, etc. Como estas linguas têm origem commum, tambem têm processos communs. Por exemplo, todas conservam o accento latino: *pallidus* produziu no francez *pâle;* no italiano, *pállido;* no portuguez, *párdo*. *Anima* produziu no francez *âme;* no portuguez, *alma;* no italiano, *ánima*. Sendo, porém, todas estas linguas differentes, tambem têm processos differentes. O grupo *ct* latino é representado em portuguez por *it: noite* (noctem), *oito* (octo); e o mesmo grupo é representado por *ch* no hespanhol: *noche*, *leche*, *ocho;* o mesmo grupo é representado por *tt* no italiano: *notte*, *otto;* o mesmo grupo é representado por *ui* no francez: *nuit*, *huit*.

A palavra *viagem* deriva do latim *viaticus*, que, pela quéda da vogal breve, transformou-se em *viat'cus*, *viatcus*. (1)

---

(1) O grupo *tc* transformou-se regularmente em *dg*, pois *t* dental forte transformou-se na branda *d;* e *c* guttural forte transformou-se em a guttural branda *g*, de sorte que o grupo *tc* torna-se no grupo *dg;* ora, *dg* ou *dj* é a prosodia de *gê: selvadgem* ou *selvagem*. É possivel que estas fórmas em *agem* fossem tomadas do francez e do provençal.

Se houvesse duvida do resultado obtido — *viagem* — por não conter o *t* da palavra primitiva, o esclarecimento poderia ser ministrado pela comparação de outras linguas. O provençal possue este vocabulo com a fórma *viatge*, onde o *t* foi conservado. A *comparação* não se entende exclusivamente com a *fórma*, mas tambem com a idéa ou sentido dos vocabulos. A *semantica* comparativa é difficillima, mas existem factos caracteristicos que affirmam a possibilidade d'esse estudo. Sabemos que os godos na idade média usavam fórmas latinas, mas conservando no vocabulo a idéa germanica. Isto deu origem a sentidos novos, só explicaveis pela comparação. A ave que em portuguez se chama *carriça* ou *reizinha*, de rei, em francez é *roitelet*, diminutivo de *roi ;* em latim, *regulus*, diminutivo de *rex;* em grego, *Basiliskos*, diminutivo de *Basileus* (rei). Os romanos, que tinham a cultura hellenica, traduziam a idéa grega com as fórmas latinas : *circumloquium* (periphrase) ; *coordenatio* (syntaxe) ; *translatio* (metaphora). Em portuguez, os factos não são raros. A nossa educação scientifica e literaria é puramente bebida na literatura franceza. D'ahi se têm originado as variações de sentidos de certos vocabulos : *brusco*, em portuguez significa *escuro, sombrio ;* por gallicismo, damos a *brusco* o sentido de *violento, rapido*. Por gallicismo, damos a *comprehender* o sentido de *abranger ;* a *contestar*, a accepção de *impugnar*, etc. Como observa Brachet, a comparação de sentidos muitas vezes elucida uma etymologia. A palavra *contrée* (região) deriva de *contra* (*contratum*, o que está em frente). Os godos formaram este vocabulo seguindo a idéa germanica *gegend* (região), de *gegen* (contra). O fundo é germanico, mas a fórma é latina.

O **lexico** portuguez constituiu-se, em geral, de vocabulos que obedecem aos principios da phonetica. Outras forças concorreram para a formação do lexico : a introducção de elementos estrangeiros, a formação erudita de muitos vocabulos e a derivação realizada no proprio seio da lingua.

a) a DERIVAÇÃO, como já vimos, realiza-se dentro do dominio da lingua por meio de *suffixações*.

b) as FORMAÇÕES ERUDITAS tambem se realizaram no seio da lingua, tendo por agentes os seus escriptores e sabios. As *formações eruditas* foram, em geral, tiradas do latim (*ignobil, contumacia*, etc.), ou do grego (*anthropologia, psychographia, telegrapho*, etc.)

c) os ELEMENTOS ESTRANGEIROS representam os vocabulos introduzidos de diversas linguas, como o arabe, o germanico, o francez, etc.

II

Etymologia dos substantivos

Os substantivos constituem a maior riqueza dos lexicos. A difficuldade de determinar préviamente a etymologia do substantivo depende de que as outras categorias grammaticaes raros exemplos possuem de palavras estrangeiras primitivas. Entre os substantivos, porém, existem quasi todos os termos germanicos, arabes e estrangeiros que entraram para o idioma.

Todos os pronomes determinativos e preposições são latinos. Todos os adverbios, excepto *debalde*, são latinos. Quasi todos os verbos primitivos são latinos; exceptuam-se alguns germanicos: *tirar*, *britar*, *brandir*, *chocar*, *singrar*, *ganhar*, *guardar*, *tocar* e poucos mais; alguns arabes: *matar*, etc.

A quasi totalidade dos vocabulos estrangeiros existe entre os substantivos.

Substantivos proprios — Os nomes de pessoas têm etymologias muito diversas. Em regra geral, porém, os christãos adoptaram os nomes de martyres romanos e gregos dos primeiros tempos da religião.

Nomes proprios *hebraicos* ou biblicos: *Manoel*, *José*, *João*, *Sara*, *Esther*, *Jeremias*, *David*, *Moysés*, *Anna*, *Maria*, *Judas*, *Pedro*, etc. Nomes gregos: *Eugenio*, *Euphrosina*, *Theodoro*, *Philippe*, etc. Latinos: *Deodato*, *Deusdedit*, *Antonio*, *Mario*, etc. Com a invasão dos barbaros visigodos, foram adoptados nomes de origem gothica: *Luis*, *Carlos*, *Eduardo* ou *Duarte*, *Affonso*, *Clotilde*, *Elvira*, *Rodolpho*, *Adolpho*, etc.

Em todas as linguas os nomes proprios foram significativos e representavam anteriormente qualquer qualificação. É o que se vê do grego: *Theodoro*, dadiva de Deus, e o latino *Adeodato*; *Eutychio*, feliz, e o latino *Felix*. Em portuguez: *Boaventura*, *Branca*, *Clara*, são qualificativos evidentes. Os nomes proprios tambem têm fórmas duplas: *Duarte* e *Eduardo*; *Luis* e *Ludovico*; *Adolpho* e *Ataulpho*; *Raul* e *Rodolpho*, como já vimos no logar proprio.

Alguns cognomes, hoje portuguezes, **originaram-se de familias estrangeiras** que emigraram para o reino ; taes são os *Accioli*, que vieram de Florença e se estabeleceram na ilha da Madeira : os *Brandões*, que são de origem germanica, e que os nobiliarios dão como vindos de Inglaterra ; os *Cavalcanti*, familia italiana ; os *Espinola*, familia genoveza, emigradas as duas ultimas no seculo XVI, como consta dos nobiliarios portuguezes.

Patronymicos. — Derivam de origens diversas, porém immediatamente da fórma plural do ablativo : Paes (de *Pelagiis*); *Antunes*, de Antão. Os semitas formam os *patronymicos* analyticamente pela anteposição de *ben* (filho) : Ben-jamin, Ben-alcanfôr, Os bons escriptores latinos da idade média indicam á filiação, ora pelo genitivo em *i* (Gomes Fernan*di*), ás vezes pelo suffixo peninsular em -*iz* (G. Fernan*diz*), outras vezes pelo genitivo latino (G. Fernan*dici*), derivado do antecedente.—**Carol. Michaëlis.**

Appellativos. — Os nomes abstractos, em geral, derivam do latim : *virtude*, *vicio*, *avareza*, etc. Os nomes technicos de sciencias mathematicas e physicas, muitos são formados do grego : *polygono*, *geologia*, *thermometro*, *epiderme*, etc. Os nomes de arte e bellas artes, em grande parte, vieram das linguas modernas ; notando-se que os termos de musica são na quasi totalidade italianos : *guache*, *pastel*, *allegro*, *adagio*, *duetto*, etc.

III

Etymologia do artigo e determinativos

As etymologias do artigo, dos determinativos, dos indefinidos e pronomes encontram-se no elemento latino.

Os artigos dividem-se em *definito* e *indefinito*.

O **artigo indefinito** é o que junto ao nome não lhe determina a existencia ou posição : *um homem*.

O **artigo definito** é o que determina a especie ou individuo. Exemplos :

Determinando a especie : *o homem* é animal.
Determinando o individuo : *o homem* que vimos.

Quanto á flexão, notemos que o artigo se agglutina com a preposição : *ao, do, pelo, no*. A contracção *a*+*a* dá o producto *á*, com um accento agudo. A contracção *a*+*o* produziu até o seculo XVII a fórma *ó*, hoje desusada na escripta, mas perceptivel no falar do povo : ó depois=ao depois.

O *artigo definito* **o, a**, deriva do accusativo latino *illum, illam* :

dedit illam—deu-a

Convém notar que já no latim não existia a accentuação da primeira syllaba de *ille* (tal se vê em Plauto).

As fórmas antigas foram *lo, la*, que na lingua, por causa dos dialectos, perduraram conjunctamente com *o, a*.

As fórmas *lo, la*, ainda se conservam nos dizeres : *ala-mar, ala-fem, vol-o digo, amal-o, dizel-o, punil-o*.

——

A etymologia do artigo *illum* tem sido combatida por alguns, que sustentam que o artigo portuguez se originou do artigo *ho* grego, e por outros, que derivam *o, a, de hoc, hac*, etc. Não é admissivel a origem grega. O grego pouco influe na lingua popular, e a pouca influencia que d'elle provém, nos veio por intermedio do latim. Ora, o latim nunca adoptou o artigo grego. A etymologia *hoc, hac*, é inadmissivel tambem, por isso que não explica a quéda da terminação forte *c*, tão conservada em agora (*hac*+*hora*), etc. O *c* final, quando desapparece, é compensado pela nasalisação ou

accento: **nem** (*nec*), **sim** (*sic*), lá (*illac*). A etymologia de *hoc* é, além d'isto, contraria ás origens dos artigos das linguas romanas, italiano *lo*, francez *le*, hespanhol *el*, *lo*, etc. A etymologia de *hoc*, finalmente, deriva o artigo, no singular, do ablativo (*hoc*, *hac*); e no plural, do accusativo (*hos*, *has*). Os antigos escriptores portuguezes escreviam frequentemente *ho*, *ha*, mas sempre foi isso mero erro orthographico.

O portuguez possue o artigo *el* existente na lingua: *el gado*. Hoje a fórma *el* só é usada na expressão: *El-Rei*.

El origina-se do nominativo *ille*.

Tambem possue o portuguez o artigo arabe *al*, que vem prefixado a vocabulos d'essa lingua: *al-mocreve*, *al-cova*.

No portuguez o *al* arabe não tem funcção de artigo, é apenas elemento compositivo do vocabulo.

O **artigo indefinito** *um*, *uma*, *uns*, *umas*, deriva do latim.

Um — *unum*

A troca de *n* em *m* (una-uma) justificavel pelo exemplo mastruço (*nasturtium*), nasce do erro graphico *uma* por *ũa*.

Possessivos.—Os possessivos vieram do latim:

Meu— *meum*
Teu — *tuum*
Seu — *suum*

Por analogia da fórma *meu*, o mesmo diphthongo predominou nas outras pessoas: *teu*, *seu*; mas os femininos conservaram a fórma latina: *tua*, *sua*.

O feminino da primeira pessoa *minha* (antigo *mia* de *meam*) tomou a nasal da segunda syllaba por influencia do *m* inicial.

O mesmo succedeu nos vocabulos *mancha* (*mac'lam*), muito (*multum*).

As fórmas do plural são:

Nosso — nostrum
Vosso — vostrum (*vestrum*).

No antigo portuguez existiam fórmas contractas: *ma*, *sa*, *ta*, que precediam os nomes:

— *Sa* vida
Vida *sua*.
— *Ma* ventura
Ventura *mia*, etc.

Demonstrativos.—Os demonstrativos têm as suas etymologias no latim :

Este — *iste*.
Esse — *ipse*.
Aquelle — *ecce illum*.
ecc' illum.

O portuguez tambem conserva as fórmas neutras *isto* (antigo *esto*, de *istud*), *isso* (antigo *esso*, de *ipsum*), *aquillo* (antigo *aquello*, de *ecc'illud*). A lingua antiga possuia outras fórmas que desappareceram. Taes foram : *aquesto* (ecc'istum), com a fórma neutra *aquisto*. Ainda se lê em Bernardim Ribeiro :

E *n'aquisto* triste chorando...

Relativos. — São todos derivados do latim. Exemplos :

Que — *qui*.
Qual — *qualis*.
Cujo — *cujus*.

As fórmas *quem* e a archaica *qui* foram respectivamente o accusativo e o dativo latino. Hoje, porém, *quem* póde ser nominativo.

Os interrogativos *que ? qual ?* têm as mesmas etymologias dos relativos.

Indefinidos.—Os indefinidos têm suas origens no latim, no grego e no arabe.

Latinos : Algum — *aliq'unum*.
Nenhum — *nec-unum* (*nem-um*).
Outro — *alterum*.
Certo — *certum*.
Algo — *aliquis*.
Alguem — *aliquem*.
Ninguem — *nec-quem*.
Al — *aliud*.

Arabe : Fulano—*fólan*.
E, por analogia : *Sicrano Beltrano*.

Grego : Cada—*kata*.

A fórma grega *kata* foi usada no latim das biblias **medievaes** *(kata matina)*, e d'ahi vulgarizada nas linguas romanas.

A opinião de Diez, que a faz derivar de *quisque*, não é hoje sustentavel, depois de verificada á fórma *kata* do latim medieval, occurrente em varias traducções latinas da Biblia.

Convém notar entre os *indefinidos* o archaismo *ren*, que desappareceu :

Disse-lhe *ren* (*alliquod*).

Ren deriva de *rem* (*res*=cousa).

Outros indefinidos são *homem* ou *um*, a que já nos referimos.

Deixar *homem* liberdade.

E o termo *gente*, usado no mesmo sentido:

Deixar a *gente de viver*.

IV

Pronomes

Os pronomes pessoaes derivam-se do latim.

Eu — *ego*.
Tu — *tu*.
Elle — *ille*..

Variações.....
- me — *me*.
- mim — *mihi*.
- te — *te*.
- ti — *tibi*.
- se — *se*.
- si — *sibi*.
- migo — *mecum*.
- tigo — *tecum*.
- sigo — *secum*.

As fórmas do plural são:

Nós — *nos*.
Vós — *vos*.

Variações.....
- Nosco — *noscum* (lat. b.)
- Vosco — *voscum* (lat. b.)
- Os — *illos*.
- As — *illas*.

As observações sobre as variantes pronominaes **foram já exaradas** sufficientemente na lição respectiva.

V

Fórmas verbaes. Comparação da conjugação latina com a portugueza

A etymologia das *fórmas verbaes* portuguezas encontra-se no latim, excepto em alguns casos em que houve formação original no seio da propria lingua. Consideraremos as conjugações regulares em *are*, *ere* e *ire*. A conjugação em *ar* provém dos verbos latinos em *are:* amar (*amare*), estar (*stare*). A conjugação em *er* provém de duas fontes da conjugação latina em *ere* longo: jazer (*jacēre*), e em maior numero de verbos em *ĕre* breve: fazer (*facĕre*), dizer (*dicĕre*). A conjugação em *ir* provém de verbos em *ire:* vir (*venire*), e de alguns verbos em *ere* breve: conduzir (*conducere*), cair (*cadere*).

Cumpre notar que estas divergencias de origens só se fazem sentir comparando o portuguez actual com o latim classico. No latim barbaro, porém, já apparecem confusamente as fórmas *immergĕre* e *immergire*, *conducĕre* e *conducire*. Por outra parte, *fazer*, *dizer* derivam, não de *facĕre*, *dicĕre*, mas de *facēre*, *dicēre;* ao mesmo tempo note-se que os vestigios *far*, *dir* (em *far*-ei, *dir*-ei) derivam do infinito forte *facĕre*, *dicĕre*.

O *presente* representa os typos originarios com sensivel fidelidade. Eis as fórmas comparadas do latim e portuguez:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO (1ª latina)		SEGUNDA CONJUGAÇÃO (2ª e 3ª latinas)		TERCEIRA CONJUGAÇÃO (4ª latina)	
Am-o	*Am-o*	Dev-o	*Deb-eo*	Sint-o	*Sent-io*
Am-as	*Am-as*	Dev-es	*Deb-es*	Sent-es	*Sent-is*
Am-a	*Am-at*	Dev-e	*Deb-et*	Sent-e	*Sent-it*
Am-amos	*Am-ámus*	Dev-emos	*Deb-émus*	Sent-imos	*Sent-ímus*
Am-ais	*Am-átis*	Dev-eis	*Deb-étis*	Sent-is	*Sent-ítis*
Am-am	*Am-ant*	Dev-em	*Deb-ent*	Sent-em	*Sent-iunt*

Na terceira pessoa de ambos os numeros cae o *t* final: *ama* (amat), *amam* (amant). Esta apocope explica-se, por isso que a lingua, por indole propria, repelliu as terminações em consoantes que não sejam *l*, *r*, *s*, ou nasal.

Na segunda pessoa do plural houve syncope do *t*: *amais* (ama-t-is). Esta quéda foi precedida por simples abrandamento em *d* no portuguez antigo: *amades*, *devedes*, *sentides*. A transição do latim para o portuguez foi gradual: *amatis* (latim); *amades* (portuguez antigo); *amaes* (lingua actual).

D'este *d* existem vestigios nos verbos de pequena extensão: *vindes*, *ledes*, *tendes*, etc.

Do presente são dignas de nota as fórmas archaicas: *soio* (soleo) *senço* (de sentio), *dormio* (dormio). (1)

O **imperfeito** tambem se origina do latim: amava, de *amabam;* devia, de *debebam;* sentia, de *sentiebam*. A quéda do *b* (sentia, de *sentie-b-am*) é uma syncope vulgar, como se vê em *cubitus*, côto; não se realizou em *amava* (de *amabam*), porque o resultado seria um hiato: *amá-a*.

Convém notar que no imperfeito houve deslocação do accento nas pessoas do plural: amavamos (de *amabamus*), sentiamos (de *sentiebamus*).

No hespanhol não houve deslocação do accento: *amabamos*. O italiano conserva mais fielmente as fórmas do imperfeito: *temeva* (temia).

O **perfeito** origina-se das fórmas: amei, de *amavi;* devi, de *debevi* (por *debui*); e senti, de *sentivi* (por *sensi*). As fórmas foram-se modificando gradualmente:

Amavi	*amaui*	**amei**
Debevi	*debeui*	**devi**
Sentivi	*Sentiui*	**senti**

Estas fórmas são regulares. Em certos casos, na formação do perfeito, succedeu a metathese: houve, de *habui*, depois *haubi;* jouve, de *jaui*, depois *jauvi;* teve, de *tenui*, depois *teue*.

No plural, a desinencia representada por *am* (*pediram*) teve diversos valores phoneticos e orthographicos: foro, forum, *foram;* chamaro, chamarom, *chamaram*.

---

(1) Reinhardstœttner — *Gr. d. port. Spr.* Encontram-se nos quinhentistas e até nos seiscentistas fórmas identicas.

O mais-que-perfeito origina-se igualmente de fórmas latinas : amára, de *amaveram ;* devêra, de *debeveram* (*debueram*) *;* sentira, de *sentiveram* (*sensiveram*).

Houve deslocação de accento no plural : amáramos, de *amaveramus*.

O futuro tem etymologia puramente romanica. O futuro é um composto do verbo *haver* e do verbo principal :

Amar-ei	amar + hei	*amare habeo*
Amar-ás	amar + has	*amare habes*
Amar-á	amar + ha	*amara habet*, etc.

O futuro simples latino perdeu-se e deu origem ás ditas fórmas em todas as linguas romanas : *amero* (italiano), *aimerai* (francez), etc.

O subjunctivo do presente seguiu o typo latino nas fórmas e na accentuação : ame, amemos (*amem*, *amemus) ;* deva, devamos (*debem*, *debeamus) ;* sinta, sintamos (*sentiam*, *sentiamus*).

O subjunctivo do imperfeito não deriva do mesmo tempo latino (*amarem*, *deberem*), nem ainda do perfeito (*amaverim*, *debuerim*), mas origina-se do *mais que perfeito :* amasse, de *amavissem ;* devesse, de *debevissem* (*debuissem*) *;* sentisse, de *sentivissem* (*sensissem*).

Houve deslocação do accento no plural : amássemos, de *amavissemus*.

O subjunctivo do futuro confundiu-se com o infinitivo portuguez : amar, dever, sentir. Em alguns casos nota-se differença evidente :

Futuro — *Vier*	Infinito — *Vir*
Trouxer	*Trazer*
Der	*Dar*
Vir	*Vêr*

Essas divergencias resultam da derivação do perfeito *vim*, *trouxe*, *dei ;* de sorte que o futuro, no subjunctivo, deve ser explicado pelo futuro anterior, indicativo do latim.

Recapitulando, veremos que se perderam o futuro simples (*amabo*) do indicativo ; o imperfeito (*amarem*) e o perfeito (*amaverim*) do subjunctivo, e as terceiras pessoas do imperativo (*amato*, *amanto*) Em compensação, a lingua adquiriu grande numero de fórmas analyticas ou compostas (*tenho*, *tinha*, *tivera*, *tivesse amado*, etc). e creou duas flexões originaes : o futuro (amarei, de *amar-hei*) e o condicional (amaria, de *amar-hia* ou *havia*). (1)

---

(1) Para maior conhecimento da materia, leia-se a memoria de J. Cornu na *Encyclopedia* de Groeber.

FÓRMAS NOMINAES

O infinitivo portuguez deriva do infinitivo latino. O infinitivo em *ar* deriva do latim *are:* amar, *amare;* quebrar, *crepare.*

O infinitivo em *er* deriva não só dos verbos em *ere* longo, mas tambem dos verbos em *ere* breve: jazer, de *jacere;* dever, de *debere;* fazer, de *facere;* dizer, de *dicere.* O infinito em *ir* deriva de verbos em *ire* e em *ere* latinos *:* arguir, de *arguere;* attribuir. de *attribuere;* cair, de *cadere;* parir, de *parere;* vir, de *venire;* vestir, de *vestire.*

O gerundio representa o typo do gerundio latino em ablativo: amando, de *amando;* devendo, de *debendo,* etc.

O participio latino do presente foi conservado como simples adjectivo: *amante.* O participio do *futuro* desappareceu, deixando alguns vestigios; morredouro (*muriturus*), vindouro, casadeira (casadoura), mandadeira (mandadoura).

O supino desappareceu.

Os participios preteritos da 2ª conjugação em *er* tinham antigamente a desinencia *udo : estabeleçudo, escondudo, estendudo, mettudo, perdudo, vendudo, devudo, desfalleçudo, creudo, conoçudo, cognoçudo.* Entre essas fórmas, convém notar que hoje pertencem á 3ª conjugação ou á 1ª: *entendudo, espantudo, adduzudo, addudo* (additus), *onjudo* (ungido), etc. Todas essas fórmas se acham no *El.* de Viterbo. Os vestigios actuaes são *teúdo, conteúdo, manteúdo.*

VOZ PASSIVA

A **voz passiva** portugueza formou-se analyticamente da conjugação composta do verbo *ser* e do participio preterito do verbo principal: *ser amado, serás amado,* etc.

As fórmas passivas simples do latim perderam-se no portuguez, excepto duas: o *participio perfeito,* amado (*amatus*), devido (*debitus*), etc., que é um verdadeiro adjectivo, e o participio do futuro, que foi adoptado na lingua literaria como substantivo: *examinando* (o que ha de ser examinado), *doutorando* (o que ha de ser doutorado).

Esta funcção de participio passivo do futuro ainda se nota em palavras de terminação *enda:* fazenda, agenda, addenda, corrigenda, etc.

VI

Verbos irregulares

Os verbos que de ordinario se chamam *irregulares*, são os que obedeceram ao principio etymologico da filiação historica ou soffreram as transformações phoneticas de que eram susceptiveis como quaesquer vocabulos.

Ha diversas classes de irregularidades verbaes, que analysaremos individualmente.

1ª CLASSE — VERBOS DE FLEXÃO FORTE

Alguns verbos portuguezes conservam a *flexão forte* do latim, e por isso tornaram-se irregulares em relação aos paradigmas.

As flexões fortes latinas principalmente conservadas foram:

a) **O infinito.** — As fórmas da terceira conjugação em *ĕre* conservaram em alguns casos, como já foi dito, a accentuação primitiva: *far* (facĕre), *dir* (dicĕre), *trar* (trahĕre), *quer* (quærĕre), *por* (ponĕre); estas fórmas observam-se no futuro simples e condicional:

far-ei	far-ia
dir-ei	dir-ia
trar-ei	trar-ia
por-ei	por-ia
arch. querr-ei	querr-ia (1)

b) **O preterito perfeito.** — O preterito perfeito latino deu formações irregulares do portuguez:

disse, dixe	*dixi*
fiz (ant. *fige*)	*feci*
trouxe, trousse	*traxi*
vi	*vidi*
vim	*veni* (*venivi*).

(1) As fórmas *querrei*, *querria* occorrem frequentemente no *Canc. da Vat.*

Ou, por metathese:

houve (haube)	*habui*
poude (*pude*)	*potui*
soube (sube)	*sapui*
puz (ant. *puge*)	*posui*

Existem outras fórmas que estão archaicas, como *jouve* (de *jazer*), *resposse* (de *responder*), *addusse* (de *adduzir*).

c) **Presente.** — Os tempos do presente deixaram vestigios dos **numeros** de suas flexões:

digo	*dico.*
diga	*dicam.*
faço	*facio.*
jazo	*jaceo.*
trago (hesp. *trajo*)	*traho.*
vejo (vêo)	*video.*
venho	*venio.*
ponho	*pono* (poneo).
valho	*valeo.*

Note-se a presença do som ç nas transformações analogicas derivadas de *tio*, *dio*, etc.

meço, *metior* (metio).
peço, *petio* (de *petire*, por *petere*).
ouço, *audio*.

2ª CLASSE — VERBOS DE FLEXÕES MULTIPLAS

Existem verbos que possuem mais de um **radical**, e são na lingua portugueza: SABER, SER, PODER e IR.

1. SABER. — O verbo *saber* deriva com todos os seus tempos de *sapĕre*. No presente do indicativo, porém, a primeira pessoa **SEI** é derivada de *scio*, do verbo SCIRE.

2. SER. — O verbo *ser* já no latim tem dous **radicaes differentes**, nas duas raizes AS (*esse*) e *fu*. D'ahi as fórmas:

$\sqrt{}$AS — *sou* — *sum*, etc.

$\sqrt{}$*fu* — *fôra* — *fueram*.

No portuguez, a estas fórmas juntou-se um novo **radical**, *sedére* (**estar sentado**), que deu origem a varias flexões:

seja	— *sedeam.*
serei	— *sedĕre* — habeo.
ser (seer)	— *sedĕre.*

São derivadas de *sedĕre* as fórmas antigas ou populares *sêdes* e sodes (*sedetis*, por *estis*), sente (sedentem), seia (*sedebam*, por *eram*), etc.

3. PODER, como sendo em latim um derivado de ESSE (*posse*= *potis-esse*, ser poderoso), contém naturalmente as duas raizes AS e FU:

$\sqrt{}$ AS — posso (*pos-sum*)

$\sqrt{}$ FU — pude (*pot-ui*)

4. IR. — O verbo *ir* em portuguez contém tres radicaes, o do verbo *ire*:

Ir	—	*ire*
Ia	—	*ibam*

O radical *fu*, que é o mesmo do verbo *ser*:

fui	—	*fui*
fôra	—	*fueram*

O radical do verbo *vado*, que apparece em varias fórmas:

Vou	—	*vado*
Vá (vaia)	—	*vadam*

Cumpre notar que o subjunctivo latino *eam*, *eat*, deixou vestigio na expressão interjectiva *eia*=*vá*.

Tambem é de bom uso no indicativo presente a fórma *imos* por *vamos*.

3.ª CLASSE — IRREGULARIDADES PHONETICAS

« Os valores prosodicos, especialmente no que diz respeito á accentuação, soffrem differentes modificações dignas de analyse.

I. — *Não ha flexão verbal proparoxytona* (*esdruxula*); prepare, prepar*ei*, mag*ôa*, ma*guae*, matric*ule*, etc.

As fórmulas esdruxulas latinas ou desviaram o accento (*invóco*, de *invoco*), ou soffreram transformações que encurtaram o vocabulo: *valho*, de *valeo*; *venho*, de *venio*; e os arch. *considro*, de *considéro*; *arço*, de *ardeo*. (Gil Vicente)

II. — A vogal ou diphthongo da penultima syllaba do presente impessoal infinito dos verbos polysyllabos, quando recebe o accento tonico (a saber: nas tres pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e conjunctivo, e no singular do imperativo), está sujeita ás seguintes modificações:

Na primeira conjugação:

1) *a* oral fechado, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *a* aberto: *lavar*, *lavo*.

Quando é seguido d'aquellas consoantes, conserva-se: *chamar*, *chámo*; *sanar*, *sáno*; *apanhar*, *apánho*.

2) *e* surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *e* aberto : *encetar, encéto ; concertar, concérto.*

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *ejar, echar* ou *elhar*, bem como no verbo *chegar* e seus compostos e no verbo *pezar*, na accepção de desprazer, passa para *e* fechado : *algemar, algêmo ; ordenar, ordêno ; empenhar, empênho ; desejar, desêjo ; fechar, fêcho ; ajoelhar, ajoêlho ; chegar, chêgo ; conchegar, conchêgo ; pezar, pezame.* (Exceptua-se o verbo *invejar*, em que passa para *e* aberto *invejo* .)

Nos verbos terminados em *ear* passa para *ei : nomear, nomeio.* Em *crear*, porém, passa para *i : crio ;* mas nos compostos passa para *ei : procrear, procreio ;* exceptuando *recrear* (na accepção de tornar a crear).

3) *o* surdo, não seguido de *m* ou *n* ou *nh*, passa para *o* aberto : *tocar, tóco.*

Quando, porém, é seguido d'aquellas consoantes, e tambem nos verbos terminados em *oar*, passa para *o* fechado : *assomar, assômo ; abonar, abôno ; sonhar, sonho ; perdoar, perdôo.* Exceptuam-se os verbos *tomar* e *domar* e os seus compostos, nos quaes passa para *o* aberto : *tómo, dómo.*

4) *o* oral fechado passa para *o* aberto : *soltar, sólto.*

5) *ai* com *a* fechado passa para *ai* com *a* aberto : des*maiar, desmaio.*

6) Nos verbos em *iar*, o *i* conserva-se tanto na pronuncia como na escripta : *copiar, copio.*

Todavia, em um pequeno numero de verbos, é permittido passar o *i* para *ei*. Taes são os verbos *diligenciar, negociar, odiar, premiar.* (1)

III. — Na segunda conjugação :

1) *a* oral fechado passa para *a* aberto : *abater, abato.*

2) *e* surdo passa para *e* fechado na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo : *gemer, gemo, gema, gemas, gemam ;* e para *e* aberto na segunda pessoa e na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo : *gemes, geme, gemem.*

---

(1) Em particular não se faz esta mudança em *adiar, afiar, alliar, alumiar, aviar, contrariar, confiar, copiar, fiar, miar, piar, saciar, tosquiar, variar.* «É questão de uso, porque seria melhor dizer e ainda se diz : *negocio, diligencio.* Não se diz *odio*, naturalmente porque o infinito é antes *odeiar* que *odiar.* (J. R.)»

3) *o* surdo passa para *o* fechado nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* fechado: *comer, como, coma, comas, comam;* e para *o* aberto nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* aberto: *come, comes, comem.*

4) *o* oral fechado passa para *o* aberto nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *e* aberto: *volves, volve, volvem.*

IV. — Na terceira conjugação:

1) *a* oral fechado, **não seguido de** *m* **ou** *n* **ou** *nh*, passa para *a* aberto: *abrir, abro.*

Quando, porém, **é seguido d'aquellas consoantes**, conserva-se fechado: *ganir, gano.*

2) *e* surdo passa para *i* na primeira pessoa do singular do presente indicativo e nas tres do singular e terceira do plural do presente conjunctivo: *despir, dispo, dispa, dispas, dispam;* e para *e* aberto na segunda pessoa, na terceira do singular e na terceira do plural do presente indicativo e no singular do imperativo: *despes, despe, despem.*

Nos verbos *aggredir, denegrir, prevenir, progredir, remir, transgredir*, a vogal da penultima syllaba do presente do infinito impessoal passa para *i* todas as vezes que é accentuada: *aggrido, aggrides, aggride, aggridem.*

3) *e* fechado (oral ou nasal) passa para *i* nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *i*: *sentir, sinto, sinta, sintas, sintam.* (Nas outras pessoas conserva-se · *sentes, sente, sentem.*)

4) *o* surdo passa para *u* nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *i*: *dormir, durmo, durma, durmas, durmam;* e para *o* aberto nas mesmas pessoas em que *e* surdo passa para *o* aberto: *dormes, dorme, dormem.*

Nos verbos *sortir, ordir* e *cortir*, o *o* passa para *u* em todas as pessoas em que é accentuado.

5) *u* oral passa para *o* aberto na segunda pessoa, na terceira do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e no singular do imperativo dos seguintes verbos: *acudir, bulir, consumir, cubrir*, ou antes, *cobrir* e *descobrir, cuspir, destruir, engulir, fugir*, e *refugir, sacudir, subir, sumir, tussir.*

Em *construir* (e *reconstruir*) alguns fazem esta mudança e dizem *constroes, constroe, constroem*; é melhor, porém, conservar o *u* e dizer *construes, construe, construem.*

6) Na terceira conjugação, a vogal da penultima syllaba do presente impessoal infinitivo, sendo *e* fechado, *e* ou *o* surdos, experimenta tambem na primeira pessoa e na segunda do plural do

presente do conjunctivo a mesma modificação a que está sujeita nas tres pessoas do singular e na terceira do plural d'esse tempo: *ferir*, *fira*, *firas*, *fira*, *firamos*, *firaes*, *firam.*» (1)

4ª CLASSE — IRREGULARIDADES ORTHOGRAPHICAS

A necessidade de conservar a mesma prosodia nas varias flexões do verbo modifica a orthographia. Assim, os verbos que possuem os sons fortes *gar* e *car* da terminação, tomam a orthographia *gue*, *que* quando é necessario: *peccar*, *pequei*, *peque*; *ficar*, *fiquei*.

Os verbos que têm a terminação branda em *ger*, *gir* e *cer* mudam nos casos necessarios o *g* em *j* e o *c* em *ç*:

fallecer — *falleça*
reger — *rejo*
dirigir — *dirija*

(1) Estas observações extrahimol-as *ipsis-verbis* da excellente *Gramm.* de Epiphanio Silva, que por ser portugueza consigna a prosodia verdadeira da lingua. A prosodia brasileira só em parte obedece a essas regras, e quasi de todo se não observam aqui no que respeita aos valores de *á* e *ó* antes de nasal.

VII

Palavras invariaveis

A etymologia das palavras invariaveis é, em geral, latina. Muitas d'ellas são de ormação romana, posterior ao latim culto. Algumas derivam de elementos estranhos.

Dos **adverbios**:

De **logar.** *Alhures*, do lat. *aliorsum* (pronunciado *aliorum*); a fórma *algures* soffreu a influencia de *algo* (*aliquis*).

A fórma *hic* latina produziu *hi*, e com a juncção de outras: *ahi* (ad+hic), *aqui* (fr. ant. *iqui*, hic+hic).

A fórma *ahi* corresponde ao francez *y*; de *hic*, *hoc*, *hac* repetidos, formaram *aqui*, *acó*, *acá*. A fórma *aquó* archaizou-se, persiste em *acolá* e *acá*; existiu em *acajuso* (abaixo) e *acasuso* (em cima). Da fórma *acá* existe o segundo elemento *cá*.

Alli provém de *ad+illinc*.

Allá (archaico) de *ad+illac*. A fórma *lá* ainda existe.

Arriba vem do latim *ad+ripam*, para a praia.

Foi formado como o francez *aval* (*advallem*).

Além, de *alli + ende*, hesp. *allende* (L. Vasconcellos).

Adverbios de tempo. — Agora, de *hac+hora*; hoje, de *hodie* (hoc die); logo, de *loco*; hontem, de *ad+noctem* (no hespanhol *anoche*, no portuguez antigo *ooyte* (1); sempre, de *semper*; nunca, de *nunquam*.

Muitas fórmas são de creação vernacula: *outr'ora* (outr'hora); *ante-hontem*; *d'ora em diante*; *depois de amanhã*; *ainda ha pouco*, etc.

Adverbios de modo. — Os adverbios em *mente* derivam de adjectivos femininos em concordancia com o substantivo *mente*, e representam o ablativo latino: boamente, de *bona-mente*; *obscuramente*, *precisamente*.

Assim, de *ad+sic*; bem, de *bene*; mal, de *male*.

Os adjectivos da fórma neutra no latim e no grego podiam servir muitas vezes de adverbio. D'ahi a tradição mantida na nossa lingua de adverbiar adjectivos: *baixo*, *alto*, *serio*, comprar *caro*, etc.

---

(1) A etymologia de *hontem* não está averiguada. Têm sido propostas as origens *hanc-noctem*, *hodie-ante*, ou sómente *ante*.

Adverbios de quantidade.—Cerca, do lat. *circa;* quasi, do lat. *quasi;* assaz, do lat. *ad+satis;* pouco, do lat. *pauco;* muito, do lat. *multo.*

O adverbio *nada* deriva do adjectivo feminino *nata.* Res *nata,* cousa nascida, creação. O francez antigo possuia *rien* e *née,* e depois *rien* exclusivamente. O portuguez perdeu o elemento *ren* e conservou o adjectivo *nada,* que, por contagio, ganhou a funcção do antigo elemento a que vinha junto.

Adverbios de affirmativa.—Sim, do lat. *sic;* não, do lat. *non;* talvez, do portuguez *tal+vez* (*talvice*); jámais, do portuguez *já+mais* (*jam+magis*).

A fórma *quiçá* talvez provenha do italiano *chi sa.* A fórma antiga era *quiçais.*

Entre os adverbios de tempo convém recordar, por interessantes, os archaismos: *hogano* (hoc+anno) *entano* (*ant'ano*).

O adverbio *debalde* é de origem arabe.

Os adverbios em *mente* formam-se do adjectivo feminino: de *bello, bellamente,* etc. Acontece, porém, que muitas vezes se usa da fórma feminina archaica. Assim, não se diz de *máo,* mámente, porém, *malmente;* o elemento *mal,* contracto *mala*= *má.*

O adverbio affirmativo *amen,* usado nas orações religiosas, deriva do hebraico *aman,* no passivo *amen,* ser verdadeiro ou constante.

Preposições.

As etymologias das preposições ou são latinas ou formaram-se no dominio romano, depois da dissolução do latim.

Latinas: de, de *de.* Com, de *cum.* Entre, de *inter.* Em, de *in.* Por, de *per.* Sem, de *sine.* Sobre, de *super.* Sob, de *sub.* Contra, de *contra.* Antes, de *ante.*

Romanas: acerca, de *ad+circa;* após, de *ad+post;* depois, de *de+post;* adiante, de *ad+de+ante;* des, dês, de *de+ex;* desde, de *de+ex+de;* dentro, de *de+intra;* para, de *por a, per+ad* (antigo port. *pera*).

Aquem foi por analogia formado á maneira de *além* (aliunde).

A preposição *até* é composta de *a* (ad) + *té* (tenus), no antigo portuguez *atém* (Viterbo).

Atras deriva de *ad-trans.*

Ha preposições que se originam de adjectivos: *excepto, salvo.* Ha outras que se originam de verbos: *durante, não obstante, mediante, tocante,* etc.

No latim a fórma *secundum* deriva de *sequor,* e é preposição e nome de numero.

Perto é talvez um adjectivo antigo.

As **conjuncções** foram originadas do latim:

E, de *et;* mas, de *magis;* nem, de *nec;* ora, do substantivo *hora;* pois, de *post;* logo, do substantivo *loco;* já, de *jam;* porém, de *per-inde* ou *pro+inde* (antigo portuguez *por+ende);* quando, de *quando;* como, de *quomodo;* que, de *qui* (em logar de *quam*), etc.

Ha outras conjuncções formadas por composição vernacula: logo que, supposto que, porque, afim de que, por consequencia, todavia (*tota-via*), pois que, etc.

O archaismo *car* (porque) deriva do latim *quare* (qua+re). A fórma *ende* (ainda, *inde*) permanece na lingua com fórma *en* nas seguintes expressões:

em que péze a F.
—ende que péze a F.
—ainda que peze a F.

Em rigor as **interjeições** deveriam escapar a analyse etymologica, pois que representam gritos espontaneos.

E isto é o que succede, quando se busca a etymologia de interjeições simples, communs a quasi todas as linguas:—ah! eh! ui! oh! ih! olá!

As interjeições improprias acham sua origem em varios vocabulos que se perderam ou se desviaram de sua categoria grammatical.

Verbos: Safa! viva! salve! basta!
Particulas: Avante! acima! fóra!
Nomes: Adeus! silencio! coragem!

Entre as interjeições, notemos *guai!* que parece o celtico *guai!* ou a transcripção gothica do *væ!* latino.

Em *ák-d'El-Rei!* (e não *aqui-d'El-Rei*), a interjectiva é provavelmente a imprecativa celtica: *ak.*

A interjeição *oxalá!* é arabe e deriva de *insh'allah!* queira Deus! (1)

---

(1) Diez e Littré notaram que as fórmas do plural de alguns adjectivos *(nimis gratis)* crearam nas linguas romanas a tendencia de dar fórma pluralizada aos adverbios. É o que se nota no italiano *volontiere;* no francez *certes, fors, hors, jusques;* no hespanhol *entonces,* etc.

A mesma tendencia encontra-se no portuguez da plebe: *aindas, porens,* mesmo até nos adverbios em *mente: seguramentes, certamentes.*

A respeito de *Ak,* veja-se o que escrevi na minha *Selecta Classica,* nota 167, onde reformo e corrijo este modo de vêr.

C.

SEMANTICA

SEMANTICA

Semantica é o estudo do *sentido* e de suas variações no curso dos tempos. O *sentido* do vocabulo progride e altera-se do mesmo modo que os seus elementos phoneticos, e essas alterações fazem-se segundo leis ainda pouco estudadas, mas ao certo verdadeiras.

No que respeita ao dominio literario, ha as *alterações eruditas* effectuadas pelos grandes escriptores para realizar certos effeitos de estylo; essas alterações já se achavam estudadas sob o nome de *tropos e figuras* pelos grammaticos e rhetores da antiguidade. Assim, o sentido do vocabulo podia augmentar-se, contrair-se, ou inverter-se a *parte pelo todo* ou o *todo pela parte*, o *possuidor pelo objecto possuido*, etc.

A expressão *semasiologia* é creação de Reisig e data de 1839; posteriormente o termo *semantica* foi sendo usado parallelamente ao primeiro. Sobre esses assumptos os estudos que existem são fragmentarios e não dão materia sufficiente para synthese definitiva.

São varias as theorias e os systemas de explicação da variabilidade do sentido das palavras. Tantos são os systemas quantos os auctores que se têm occupado do assumpto.

Pensa Whitney que todas as variações de significado explicam-se, em ultima analyse, por dous processos antitheticos.

1. *Especialisação das idéas geraes*. Um termo geral passa a ter uma accepção restricta. Exemplo: *stella* (estrella) já não se applica aos planetas e seus satellites e asteriscos. Em *homo* (homem) a tendencia é limitar o vocabulo ao sexo masculino, ao *varão*.

2. *Generalisação das idéas especiaes*. Este processo invertido é tambem muito frequente. *Perna* (perna de porco) é hoje de todos os mammiferos e até de aves e insectos. *Rostro* (bico de ave ou de não) generalizou-se, e sob a fórma *rosto* applica-se á face humana. A palavra *sol* ou *soes* generalizou-se para todas as estrellas chamadas fixas.

As duas categorias de Whitney são demasiado largas e por isso mesmo obscuras. É difficil incluir nellas grande numero de variações que se não caracterisam pela *especialisação*, nem pela *generalisação*; por ex.: a variação do concreto para o abstracto (*ligare* e *religio*) etc.

Pott no seu *Wurzel-Wörterbuch* indicou sete classes de mudanças de sentido. E aqui damos, segundo Reinach, um resumo:

1. Extensão ou restricção do sentido (*halogon* em grego moderno = cavallo; *emere*, primit. tomar = comprar, em latim classico).

2. Metaphora. Preposições de *logar* que se tomam pelas de *tempo*. V. gr.: *em* Roma; *em* vinte dias.

3. Applicação simultanea de um termo ao bem e mal, a pessoa e cousa. Exemplos: *imbecillus;* ingl, *silly;* latim, *fortuna*.

4. Emprego das palavras, activa ou passivamente, como sujeitos ou objectos: *Dea veneranda, venerandus deam*.

5. Expressão de uma só idéa por palavras simples ou compostas.

6. Emprego da mesma palavra com sentidos diversos.

7. Palavras que se perdendo necessitam a introducção de outras. Introducção de palavras estranhas modificando o sentido de palavras indigenas. Exemplo: as fórmas divergentes.

Pelo que acima acaba de ser exposto, vê-se que a classificação de Pott, feita accidentalmente no seu livro, está longe de constituir uma theoria geral da *Semantica*. Mais completa e individuada é a de Whitney, porém menos logica que ella, e ambas são, ao certo, assaz deficientes.

Bréal pensa que nesta materia os phenomenos principaes podem reduzir-se a cinco, da seguinte maneira:

I. O sentido material torna-se moral. *Insultare* (saltar sobre) de offensa material ganhou o sentido de offensa moral, e por palavras. Cf. os sentidos novos de *queimar, liquidar, quebrar* (fallir), etc.

II. O sentido abstracto torna-se concreto. Exemplo: *gelosia, bellezas* (disposição do cabello).

III. O sentido geral torna-se restricto. Exemplo: no latim *æquor* (superficie plana) significa *mar*. Outros: *céo* da bocca, *véo* do paladar; *coma*, por cabelleira.

IV. O sentido restricto torna-se geral ou se desenvolve. Exemplos: *cabeça*, por individuo; *fogo*, por casas; *almas*, por habitantes. *Ouro*, em vez de riqueza em qualquer especie.

V. A palavra muda de classe ou de categoria. Exemplos: os diminutivos *abelha, rolha, ovelha*, que são positivos. Os comparativos *prior, mestre* (magister) etc., que são igualmente positivos. Os adjectivos que passam a substantivos: *justo, pobre*, etc.

APPENDICE

A PONTUAÇÃO

ACCENTOS GRAPHICOS E PONTUAÇÃO

I

Signaes diacriticos

Notações lexicas são os signaes que indicam os diversos valores phoneticos de qualquer letra.

As mais importantes são:

O **til** (˜) que indica o som nasal: *irmão, coração.* O *til* póde ser substituido pelo *m* ou *n*, em alguns casos: *irman.* Em portuguez, o *til* só se emprega, para indicar a nasalidade das letras *a* e *o*, nas abreviaturas e nas terminações dos vocabulos.

O **accento agudo** (´) serve para indicar os sons intensos: *rapé, mó.*

O accento *agudo* muitas vezes serve para distinguir categorias grammaticaes de vocabulos: *bota* (subs.) e *bóta* (verbo).

O **accento circumflexo** (ˆ) serve para indicar os sons graves: *dôr, mercê.*

A **cedilha** (¸) serve para indicar o som brando do *c* antes de *a, o, u: caça, poço, açude.*

A cedilha (*zediglia*), como o nome indica, era um pequeno *z*, que no italiano e francez antigo exercia funcção identica: *faczon leczon=façon, leçon.*

II

Pontuação (notações syntacticas). Emprego das letras maiusculas

Notações syntacticas são os signaes ou symbolos que auxiliam a comprehensão do discurso escripto. (1)

Estas notações são determinadas pelo sentido e pela necessidade de respirar, como diz Roersch. Por isso, estão um pouco ao arbitrio do escriptor, e nem se submettem a regras rigorosas.

---

(1) Esta lição foi escripta (exceptuando o commentario historico), segundo a *Gramm.* de Delbœuf e Roersch. (141—148).

Entre as notações syntacticas convém distinguir tres classes: uma constituida pelos signaes proprios da pontuação, e que determinam as divisões da parte do discurso: a *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto* e a *alinea*. A segunda classe abrange os signaes que exprimem commoção, ou um movimento d'alma, e são os *pontos de reticencia*, o *ponto interrogativo* e o *exclamativo*. A terceira classe é constituida por signaes destinados á clareza dos manuscriptos; taes são o *hyphen*, as *aspas*, o *parenthese*, etc.

PRIMEIRA CLASSE

A *virgula*, o *ponto e virgula*, os *dous pontos*, o *ponto final* e a *alinea* são signaes da mesma familia e correspondem na leitura a repousos progressivamente mais demorados.

Virgula—Serve para separar os termos de uma serie, ainda quando são ligados por conjuncção, excepto *e*:

Deus, a patria, a familia, o amor e a gloria.

Serve para separar o sujeito do verbo, quando aquelle é extenso:

O poder que tem o rei de dissolver o parlamento, é poucas vezes applicado.

Esta regra não é absoluta. Por motivo identico podem ser separados os complementos não essenciaes:

O notavel tragico nasceu em Roma, a 20 de agosto de 1850, em uma terça-feira.

—Emprega-se a virgula nas inversões:

Dos homens de má fé, não quero occupar-me.
Das ruinas de Herculanum, a mais notavel é o templo de Jupiter.

—Emprega-se a virgula, quando a proposição é elliptica:

A verdade é clara; a mentira escura.

—Collocam-se entre duas virgulas a apostrophe, a invocação e as incidentes absolutas:

Tu, ó Catilina, conjuraste...

Vinde, Senhor, soccorrer aos pobres.
A vida, disse Bias, é um fardo.

—As proposições incidentes ou intercaladas ficam entre virgulas quando são *explicativas*, mas levam apenas uma virgula no fim, quando são restrictivas:

Napoleão, o primeiro, venceu a Europa.
O sol, que tudo alumia, tambem alumia as choupanas.

Exemplos do segundo caso:

O maior segredo que me disseres, será fielmente guardado.
O homem que é justo, tem a consciencia tranquilla.

Tambem não é regra que se tenha seguido com rigor.

A *virgula* corresponde á denominação *comma*, que se encontra nos velhos grammaticos portuguezes Nunes de Lião e outros. O termo *comma* denota a fracção de tom vocal, cujo symbolo material é a virgula; este vocabulo ainda subsiste na arte musical, em relação ás variações intertonicas da voz humana ou dos instrumentos de corda. A *virgula*, desconhecida dos gregos e dos romanos, generalizou-se do seculo VI em diante e, na escripturação, tomava fórmas e posições diversas. No Virgilio de Medicis (manuscripto do seculo V) encontra-se a virgula esporadicamente com a funcção do ponto final.

Ponto e virgula.—O ponto e virgula, como a virgula, serve para marcar series de series e opposição de idéas.

Amor, indifferença, odio, respeito; veneração e culto; sobriedade, abstinencia e moderação.
A riqueza que se herda, dura pouco; a riqueza que se adquire, é mais estavel.

—Serve o *ponto e virgula* para separar proposições coordenadas extensas:

O jornal é um producto da civilisação moderna; dá as noticias de todos os pontos do globo; guia e fortalece a opinião publica.

Dous pontos.—Empregam-se antes de uma enumeração, de uma citação ou desenvolvimento.

As virtudes theologaes são tres: Fé, Esperança e Caridade.

Ponto final ou ponto.—Emprega-se no fim do periodo, para indicar o sentido concluido.

O ponto era o elemento exclusivo da pontuação grega. Na declamação, os gregos distinguiam a pausa pequena (*comma*) e pausa longa (*colon*). O ponto indicava essas pausas, collocado em baixo (*comma*) ou a meia altura dos caracteres (*colon*). O ponto no alto da linha denotava interrupção ou sentido completo, tendo a funcção do nosso *ponto final*. Até o seculo XVII sempre se usou do ponto depois dos numeraes, e assim se escrevia: «A semana tem VII. dias; o mez tem 30. dias. Note-se que este uso só era permittido quando os numeraes eram expressos por symbolos arabicos e romanos, e não por palavras.

Em Camões, Vieira e em todos os classicos tanto vale usar os *dous pontos* como o *ponto e virgula*. A disciplina da pontuação deriva do influxo da literatura franceza, parece-nos.

Alinea.—Emprega-se para distinguir os diversos grupos de idéas do assumpto. Consiste em mudar a escripta para linhas novas quando os factos são distinctos:

Trataremos de tres estudos:

1. Da psychologia.
2. Da logica.
3. Da moral.

A palavra *alinea* deriva-se do latim *a+linea*, isto é, *passe a outra linha*. Impropriamente tem sido varias vezes denominada *paragrapho*, cujo symbolo é § e indicava quota á margem.

O *paragrapho*, muito commum nos manuscriptos e impressos antigos, hoje apenas se usa na redacção de leis ou é notificado por algarismos no texto dos impressos.

SEGUNDA E TERCEIRA CLASSES

Á *segunda classe* pertencem os signaes que exprimem não só pausa, mas um movimento da alma.

Reticencias.—Empregam-se quando o pensamento é interrompido em meio da phrase:

Mas morra emfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui... E n'isto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes.

Ponto interrogativo. — Colloca-se no fim de uma interrogação (excepto no discurso indirecto):

Queres ir?

«Perguntado *quem era*, respondeu que era o prelado.»

Ponto admirativo.—Colloca-se no fim de uma exclamação:

O' gloria de mandar! ó vã cobiça
D'esta vaidade a quem chamamos fama!

Ambos os pontos, de interrogação e exclamação, costumavam vir invertidos no começo da phrase, nos livros antigos:

¿ Que cousa é a gloria?

Este uso ainda persiste no castelhano e serve para dar o tom da declamação na leitura.

Hyphen.—É um traço horizontal, empregado para separar syllabas, vocabulos juxtapostos e quaesquer grupos de palavras:

A-mi-za-de
Contra-mestre
Dir-te-ei.

A velhice—periodo de desengano—tem a sabedoria da experiencia.

Serve com maiores dimensões para indicar a phrase de um interlocutor:

— *Vamos, disse Antonio, tenho pressa de chegar.*

Parenthese.—Tem por fim separar uma proposição intercalada que não mantem relações syntacticas com a phrase:

Eu só com meus vassallos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca d'outrem sojugada.

Aspas.—Servem para indicar um trecho citado, quando é textual:

Os *Lusiadas* começam por este verso:

«*As armas e os barões assignalados*»

Historia.—A pontuação dos documentos da antiguidade é deficiente e obscura, pelo pouco que se póde concluir das inscripções mais completas. Sabe-se que o ponto (*colon*) era indicado em baixo ou em cima e ainda no meio da linha graphica, para indicar repousos diversos. O mesmo succedia com o *comma* (virgula); depois vieram as combinações d'estes signaes: *dous pontos, ponto e virgula*. Nos modernos textos gregos o *ponto e virgula* substitue o ponto interrogativo. A combinação *duas virgulas* desappareceu.

Entre os gregos, o *hyphen* consistia em uma figura semelhante a pequeno arco de circulo, posto acima e no fim da palavra para indicar estreita ligação com o vocabulo seguinte.

Na divisão das palavras, um grammatico do seculo XVI (Nunez de Lião) ordena que as *consoantes compativeis de se ajuntarem* devem ser postas na syllaba seguinte: *ho-spede, ca-sto*, etc.

A divisão das palavras torna-se complicado estudo quando se attende a fórmas de origem estranha, para a divisão das quaes melhor fôra não cogitar da *etymologia* e sim da pronuncia. Máo effeito produzem as divisões, aliás correctas: *hip-hen, ap-helio* (grego). Damos, todavia, aqui uma pequena lista de divisões de palavras estrangeiras, que não são para ser seguidas, mas têm não obstante a vantagem de recordar o etymologia dos vocabulos:

Elemento grego:

Phil-adelpho.	Cir-urgia.
Phil-adelphia.	Dramat-urgo.
Mete-oro.	Phil-armonica.
Arch-anjo.	Ap-helio.
Ev-angelhos.	Ep-hemero.

Syn-agoga.	Par-helio.
Dem-agogo.	Ep-hemerides.
Ped-agogo	Ec-lipse.
Nevr-algia	Palin-odia.
Mis-anthropo.	Rhaps-odia.
Log-arithmo.	An-onymo.
My-ope	Syn-onymo.
Aut-opsia.	Patr-onymico.
Cycl-ope.	Aero-stato.
Syn-optico.	Apo-stata.
Tele-scopio	Sy-stema.

Peri-stylo, etc.

Elemento germanico :

Land-grave.	Cant-erbury.
Lans-quené.	Esping-arda.
Patr-ulha.	Thal-weg.
Skat-ing.	Guind-aste.

Tram-way, etc.

Elemento americano (tupi) :

Aba-eté.
Man-iba.
Bara-una.
Parahyb-una

Nos outros tempos era a pontuação imperfeitissima e quasi só consistia em um unico elemento : o *ponto*. A escripturação nos manuscriptos e a gravura das taboas e inscripções não deixavam em geral intervallos entre as palavras.

Entretanto, já os gregos usavam a separação das phrases, escrevendo-as uma em cada linha, á maneira de versiculos (*stichos*).

Este systema foi adoptado por S. Jeronymo na traducção grega da Biblia, que ainda hoje conserva os antigos versiculos. Os etruscos separavam as palavras por um ponto ; os romanos, por dous e frequentemente por tres, segundo o methodo dos gregos. Mas o uso de separar as palavras, como actualmente se faz, por intervallos em branco, sómente se verifica nos manuscriptos posteriores ao seculo XII. (1)

A pontuação definiu-se e tornou-se positiva com a invenção da imprensa e com os progressos da arte de imprimir. Foi um impressor (*Guillemin*) que inventou os symbolos conhecidos pelo nome de

(1) Natalis — *Paleographia*.

aspas (*Guillemets*, fr.). Outros impressores crearam o *grypho* ou *italico*, e a diversidade de caracteres que auxiliam a clareza do discurso.

Toda a pontuação da lingua vernacula, segundo o testemunho de Barros, no seculo XVI consistia no uso de signaes de denominações erroneas: *comma* (dous pontos), *colo* (ponto), *vergas* e *virgulas*.

O uso do *apostropho*, que D. Nunez de Lião só justificava pela synalepha, nem sempre foi observado. Os quinhentistas escreviam *Pedrafonso*, *Daguiar*, em vez de *Pedr' Affonso*, *d'Aguiar*.

III.—DO MAIUSCULO

O **maiusculo** emprega-se no **começo do periodo e em começo** de phrase que se segue a um ponto:

A luz vem do sol. O sol é uma estrella fixa.

O maiusculo emprega-se com os nomes proprios, nomes de titulos nobiliarchicos, de obras literarias, de mezes, de cousas personificadas, de adjectivos consagrados aos deuses e aos reis:

Manoel
O Conde de Porto Alegre
Os Lusiadas
em Agosto
a Inveja, a Arte
Rainha Fidelissima.

As composições artisticas de qualquer especie levam o maiusculo:

Leia a *Cigarra e a Formiga.*
Já viu a *Primeira Missa no Brasil?*

Quando os nomes proprios são compostos de **nome commum** e de adjectivo, é o adjectivo que toma o maiusculo:

a rua *Larga*
o mar *Vermelho*
o lago *Asphaltite*
o monte *Branco.*

Ás vezes o nome commum tem valor de proprio, e neste caso traz sempre o maiusculo inicial:

o Reino Unido
os Estados-Unidos

Emprega-se a inicial maiuscula no principio dos versos:

As armas e os barões assignalados
Que da occidental praia lusitana, etc.

Os hespanhóes não estão por esta regra, e, entre portuguezes, Castilho, Th. Ribeiro e outros adoptaram o systema castelhano.

Os antigos não conheciam caracteres *minusculos*, e nos manuscriptos de maior antiguidade até os seculos V e VI só occorrem as lettras maiusculas. O habito crescente e cada vez mais disseminado de manuscrever foi que originou o *minusculo*. As pennas dos amanuenses difficilmente sujeitavam-se aos contornos angulares do *maiusculo*, e insensivelmente foram substituindo-os pelas ligações curvilineas que caracterizam o *minusculo*.

Os caracteres gothicos (ulphilianos) perduraram na Hespanha até o Concilio de Leão, no qual o cardeal Raynel propoz a adopção dos caracteres italianos, já vulgarizados em França. D'ahi data a decadencia e consequente desapparição da escriptura gothica em toda a peninsula iberica.

— No antigo portuguez, na mesma epoca classica, os collectivos em geral começavam por letras maiusculas: *o Reyno, o Tribunal*, etc.

— Nos impressos do seculo XVI frequentes vezes os cognomes e appellidos figuram com caracteres minusculos: *Pedro alvares, Men de sá*, etc.

A regra do maiusculo inicial dos nomes proprios, deixa de ser observada, quando esses nomes se tornam appellativos. Exemplo: um gole de *cognac*; uma taça de *champagne*, etc.

Nas linguas romanas, o uso das letras maiusculas é uniforme. No inglez o pronome I (eu) e no allemão todos os substantivos, escrevem-se com a inicial maiuscula.

No latim barbaro usava-se o i maiusculo para evitar o *ii* dobrado: *frumentarI=frumentarii*.

NOTAS FINAES

Inclúo nesta ultima secção varias observações esparsas e correcções ou ainda additamentos e exposição de duvidas que me occorreram ou me foram apresentadas por alguns dos meus mais escolhidos leitores. Já desde muitos annos se acha estereotypada esta *Grammatica*, e por isso não foram feitas as correcções apontadas no *Zeitschr. f. rom. Phil.*, por H. Lang, e por Leite de Vasconcellos (em carta intima), como p. ex., pg. 27, da fórma *geu* (=*ja eu* em *namjá-eu)*, e principalmente do segundo dos dous philologos as observações avulsas: «pg. 24: *te* é tambem dativo (dei-*te)* e assim *me*, *nos*, *vos*, e por isso se emprega *lhe* como accusativo em *chamei*-lhe *santo»;* pg. 65: os nominativos *Dido*, *Jupiter* (Juppiter), *Nero*, etc., são literarios, e não podem estar a par de *Deus*, *Domingos*. A par de *Marcos* ha em portuguez antigo *Matheu*. Os nominativos de pg. 66 precisam de discussão. Pg. 69: *muu* (muo) parallelo a *mua; cadella* e *rapariga* são palavras diversas de cão e *rapaz*, não ampliamentos. Pg. 120: era bom ter posto os prefixos propriamente portuguezes: *ausente* não é formado dentro da nossa lingua; vem do latim já prompto, e assim muitos outros. Tambem era bom ter indicado a funcção de cada suffixo. Na syntaxe acho observações boas.»

Certas modificações propostas por Leite de Vasconcellos foram incluidas nos lugares proprios do texto; algumas, porém, não podem todavia ser aceitas, p. ex., a da collocação da *Phonologia* no começo do livro, como é o costume mais geral e que aliás foi a que adoptei nos cursos d'esta mesma *Gramm.* (1º e 2º anno). Esta foi escripta para os

Gymnasios, onde se não ensina estrictamente a grammatica historica, e seguiu as linhas geraes do programma adoptado; por essa razão nunca fiz cabedal de dizer explicitamente tratando, p. ex., da flexão de genero, que *pae*, *rapaz* são palavras differentes de *mãe*, *rapariga*, segundo a etymologia de cada uma d'ellas; limitei-me a dizer que umas, em portuguez como succede em outras linguas, são femininas das outras, e entende-se não na *fórma* mas no *sentido*, até por que a differença de fórma é patente e não permitte engano. Quando falei na «*distensão de fórma*», pg. 69, de *rapaz*, *raparigo* e *cão*, *cadella*, não fui de certo exacto, mas logo no paragrafo seguinte da mesma pagina corrijo o defeituoso da expressão, notando as fórmas antigas ou etymologicas *raparigo* que existiu, e *catella* (ou talvez *cătĕlla*, como registra Kœrting) diminutivo, o que significa que não attribuindo a mesma origem para o feminino, considero palavras differentes as duas fórmas, *cão* e *cadella* etc.

A reflexão de L. de Vasconcellos acima exposta, de que na fraze «chamei-*lhe* santo» o *lhe* é accusativo, é, a muitos respeitos, interessante; na linguagem popular do Brasil *lhe* póde ser sempre accusativo: vi-*lhe* (vi-o) e na lingua portugueza archaica deparam-se exemplos d'este uso. O facto de existirem dous accusativos (chamei-*lhe santo*) tem outros exemplos seguros no seculo XVI e XVII, segundo observação minha, na fraze «*o ter mão*» (=deter, obstar) «tenha-o mão», que occorre uma vez ou outra nos classicos. || Desde a 12ª ed. que a parte pormenorizada da phonologia (*permutas* de letras) que estava estereotypada na da 2ª ed. (1888) e reproduzida nas seguintes, foi de todo supprimida, por inutil ensino; desde muito necessitava mais accurada revisão, mas como, segundo contracto com o editor d'este livro, tenho o dever de compôr uma *Gramm. historica*, de que outros trabalhos diversos me distraíram, achei melhor supprimil-a a deixal-a desafiando a critica relativamente facil de trabalho nesta materia, escripto precisamente ha vinte annos (1887).

Introducção (pg. I—XXIV). Póde ser contestado por ser materia ainda de duvidas, o pouco que propositadamente ahi dissemos dos celtas, iberos e populações primitivas da peninsula. O melhor para os leitores brasileiros e portuguezes, seria ler o livro de critica de Silvio Romero— *A Patria portugueza*, onde essas questões ethnographicas são expostas com grande clareza e elevação. || As *etymologias* como são indicadas pg. XIII-XVII merecem exame pormenorizado; basta dizer que são na quasi totalidade tomadas de *segunda mão* ou pelo francez ou ainda pelo hespanhol, ou pela literatura; se exceptuarmos as antigas fórmas *arabicas* e *germanicas* e as *indianas* e *americanas*, poucos

serão os vocabulos que de sua origem extranha foram directamente tomados. || Pg. XIV. *Boné* e *paletot*. Entre outras observações do illustre mestre Candido de Figueiredo, as quaes por muito bem cabidas aceitei, como se vê do texto, todavia aportuguezei a fórma *bonet*, sem fazer o mesmo a *paletot*, porque uns pronunciam *paletó* e outros *paletó*, o que parece indicar que a fórma exotica ainda se não adaptou á índole prosodica da lingua.

Classificação (pg. 11 *et sequ.*). Na *classificação* inclúo, por ser cousa inevitavel, muitos factos de syntaxe. Ao meu ver (e está no plano das *Apostillas* que espero publicar), a grammatica deve ser toda ella syntaxe ou estudo da fraze, sendo as demais partes divisões subsidiarias e até meras definições, ainda que uteis ou indispensaveis. || Pg. 22. O emprego de *e* no corpo dos nomes numeraes deveria merecer a attenção dos grammaticos; os numeros que multiplicam não trazem a conjuncção (quatro centos =4×100; tres mil=3×1.000); os numeros que se sommam trazem-n'a (mil *e* quatro 1000+4; vinte *e* sete, 20+7); por isso fôra preferivel dizer *mil e novecentos* e não *mil novecentos*. || Pg. 36. Ha quem não aceite a classificação de *logo* como conjuncção de coordenação. || Pg. 37: a observação de que *a* equivale a *e* (dezeseis e dezaseis) não tem lugar; por um hellenismo, se o quizerem, que se acha no latim e nas linguas romanas, *e* equivale a *mas* e *mais*.

Morphologia || Pg. 51. Deve estar corrigida ahi e em outros lugares a etymologia de *menino*, que é fórma germanica. || Pg. 66: *Nominativos;* veja-se a observação de Leite de Vasconcellos, no começo d'estas notas. || Pg. 74 e pg. 78: occorre na exposição da materia a palavra *expresso* (em vez de *expressado)* que ficou da primeira redacção d'este livro; prefiro hoje dizer *expressar* e *expressado* no lugar em que escrevia *exprimir* e *expresso* que são, ao meu parecer, vozes improprias. || Pg. 75: *pequeno* deriva mediatamente de *picca*, pêga. || Pg. 119—etymologia de *averiguar;* leia-se o que excellentemente escreveu Gonçalvez Viana, nas suas *Apostilas*, tom. I, *loco*. || Pg. 119: *sandêu* formou-se do feminino *sandia* (melancia, em hespanhol) palavra que passou a designar a estupidez (fr. *courge, melon*, com a mesma metaphora). É o que diz Sainéan Lazare—*Zeitschr.* 1907. || Pg. 120: *vendavel* já está em Pantaleão d'Aveiro e talvez seja formação peninsular, extranha ao francez. || Pg. 123: *Ausente;* não vejo como seja de mister, como diz Vasconcellos, admittir que tenha ja vindo formado do latim; da mesma formação temos o archaismo *ausia* (absis,-ida) *ousia* e *ausidia*, registrados em Viterbo. || Pg. 124: De origem analoga é *apaniguado*, ant. *apaniaguado (pan* e *agua);* Gonç. Viana, *Apostilas*, I, 75. || Pg. 139 — *bem*, adverbio ás vezes tido, sem razão, como gallicismo. Que o não é, demonstrou-o Heraclito Graça, que es-

greve nos *Factos da linguagem* com o grande conhecimento que tem dos classicos: «Ha mister outros exemplos de portuguez? Apontemos alguns, mas exclusivamente de classicos quinhentistas e seiscentistas, quando a literatura portugueza recebia o influxo da hespanhola e da italiana, e ainda não predominava o da literatura franceza. «Cavando anda bacello, *bem* cansado e *bem suado*.» Gil Vicente, t. 3, p. 216. *Força dos Almocreves*. «Eu que *bem* mal cuidava que em effeito. Se posesse o que o peito me pedia.» Camões, *Lus.* c. 4, e. 77. «*Bem* mais cousas e avisos que palavras.» Lobo, *Côrte na Aldeia*, Dial. 3, p. 52. «Feito insigne e *bem* afortunado» Brandão, *Mon. Lusit.* t. 1, p. 401. «De algumas chacinas de que ellas estavam *bem* largamente providas» Mendes Pinto, *Peregrinações*, t. 3, c. 171. «*Bem* continuadamente «Bernardes, *Paraiso dos Contemplativos*, pg. 230. «*Bem* maior trabalho» D. F. M. de Mello. *Carta de guia de Casados*, c. 2. «Estando as cousas neste *bem* ruim estado» Couto, *Dec.* 6, l. 3, c. 2. «Isso era *bem* mal feito» Jorge Ferreira, *Ulyssippo*, pg. 264—«Quem é aquelle outro de borzeguins amarellos? D'aqui é terrantez, filho de um siseiro e *bem* rico, que dizem que elle é» Idem, *Eufrosina*, t. 4, sc. 5.» «Aquelles que alcançam o officio, ham-se por *bem* ditosos» Idem, act. 2, sc. 5; «bem acondicionado fim.» Ibidem, sc. 6; «cumpre-a quem a de tratar, se *bem* acreditado, Ibidem, sc. 7. Pg. 99—80.» Heraclito Graça. *Factos da Linguagem*.

Syntaxe

INFINITO PESSOAL. Pg. 192-194. As regras expostas no texto da *Grammatica* devem ser meditadas *cum grano salis*. Ainda ha muita incerteza na materia e basta apontar os varios pareceres e opiniões que foram compiladas no *Diccionario Grammatical*. A estes convém ajuntar as instructivas paginas que escreveu o abalisado mestre DR. CARNEIRO RIBEIRO (*A redacção do projecto do Codigo Civil* — Bahia, 1905, pgs. 240 *sequ.)*

A regra n. 5 do texto mereceu a seguinte censura, e bem merecida, de CANDIDO FIGUEIREDO, na resposta que deu a uma consulta que do Brasil lhe fôra feita. Seguem-se á resposta outros ensinamentos uteis:

«A proposito do infinito pessoal, vejo numa *Gramática* muito bem conceituada, e que V. conhece, a regra de que se deve empregar o infinito pessoal quando o sujeito, differente do sujeito do verbo principal, é posposto ao infinito como em — Suceda *topares tu* com êle»...— «Então, se nêste exemplo o sujeito *tu* fôr anteposto ao verbo, não poderá êste têr a fórma pessoal?» Póde, (responde C. F.): «Suceda topares tu...» — «Suceda *tu topares*...» *Tu topares* não é eufónico, mas é grammaticál. É judiciosa a observação de *Um Mineiro* e inclino-me a crêr que a suposta e aludida

regra foi redigida num momento de precipitação ou inadvertencia do referido gramático, justamente apreciado entre os melhores. —«Por que é que V., em um dos seus últimos artigos, empregou sob a fórma de impessoal o verbo *parecêr*, que entra na seguinte frase: A etimologia e a pratica *parece* justificarem...—! *Parecêr* não é empregado ali sob a acepção de *têr a aparencia?* E, nesse caso, não deve ir para o plural, concordando com os dois sujeitos da oração?» Há nesta pergunta de *Um Mineiro* equivocos varios; 1º *Parece* não é impessoal: é a terceira pessôa, singular, do indicativo... 2º *Etimologia* e *prática*, não são nem podiam ser o sujeito de *parece*. Mas eu sei o que *Um Mineiro* quer dizer. Se eu escrevêsse:—A etimologia e a prática *parecem* justificar,—*Um Mineiro* nada objectaria, porque realmente nada haveria que dizer. Mas, como eu transformei a construcção, tornando *etimologia* e *prática* o sujeito de *justificarem*, e servindo-me da oração infinitiva como sujeito de *parece*, *Um Mineiro* hesitou sobre a gramaticalidade daquillo. Mas não ha razão para hesitar: o verbo principal é *parece;* o sujeito é o *justificarem*, que, por isso mesmo que póde sêr precedido do artigo *o*, não póde sêr sujeito de um verbo no plural:—*O* justificarem *parece*... São correntes e vernaculissimas as duas fórmas:— — *Parecem têr* juizo os meus amigos. Ou:—*Parece terem* juizo os meus amigos; que é o mesmo que:—*Parece* que êles têm juizo. Como a oração integrante e a oração infinitiva podem ser sujeito de um verbo principal, *uma só* acção secundária ou subordinada não póde pluralizar o verbo, de que é sujeito. Em summa: o plural, que *Um Mineiro* procurava inutilmente em *parece*, encontra-o em *justificarem*. Se eu dissesse *parecem*, não teria dito *justificarem*, o que sería desconchavo de grande marca; mas diria *justificar: parecem justificar*... Ainda terá dúvida *Um Mineiro?* Não me parece.»

COLLOCAÇÃO E COMBINAÇÃO DE PRONOMES (cap. XII, pgs. 229 *sequ.)* Ao que ficou escripto ajuntem-se os seguintes trechos tomados de artigos avulsos de CANDIDO DE FIGUEIREDO, a cerca da collocação dos pronomes: I. Interrogando, *em portuguez*, nunca se diz: — «Em que os homens encontram mais prazer? — Em que os versos valem mais do que a prosa?— Em que o dinheiro póde substituir o talento?» O Sr. Paulino de Brito terá ouvido e lido phrases taes na sua terra; em Portugal nunca as ouvirá, nem se lhe depararão em bons escriptores portuguezes. O que se diz cá e o que os mestres dizem é isto: —«Em que póde o dinheiro substituir o talento?» —«Em que valem os versos mais do que a prosa?» — «Em que encontram os homens mais prazer?» Ou isto, se bem que menos euphonico: — «Em que é que os homens encontram mais prazer?» — «Em que é que os versos valem mais do que a pro-

sa? » — « Em que é que o dinheiro póde substituir o talento? » — « Em que é que a collocação dos pronomes póde ferir, etc. ? II. Os vocabulos portuguezes, como os italianos e os hespanhóes, formam tres categorias, com referencia ao acento tónico: oxitonos, paroxitonos e proparoxitonos, ou, — como se dizia dantes, — *agudos*, *graves* e *esdruxulos*. Mas não confundamos. A enclise, bem como a proclise, não envolve um dos elementos constitutivos dos vocabulos que a subordinam. Quando nós dizemos: *eu lhe dei*, servimo-nos de tres vocabulos; e portanto, se dissermos *eu dei-lhe*, ficaram os mesmos tres vocabulos. No primeiro caso, o *lhe* é proclitico; e, no segundo, enclitico. Se *lhe dei* não é nem póde ser uma palavra só, tambem *dei-lhe* o não será. O hiphen não põe nem tira nada á essencia vocabular da phrase. Ora, se em *dei-lhe* temos dous vocabulos, embora um subordinado ao outro, parece claro que em *amassemo-lo* temos igualmente dous vocabulos: um é o pronome proclitico *lo;* e outro é o verbo *amassemos;* aquelle não tem acentuação propria, como a não tem qualquer particula enclitica ou proclitica; e este é um vocabulo proparoxitono, pertencendo portanto a uma das tres categorias dos nossos vocabulos Não vejo por isso fundamento na affirmação do Sr. Paulino de Brito: que *amassemo-lo* é inadmissivel na lingua portugueza. Fórmulas identicas são vulgares na linguagem corrente, por exemplo: — «*Afigurasse-me* que não é verdade.» — «*Contavam-se-lhe* os amigos aos centos.» — « *Esquivassemo-nos* nós ás suas instancias, e não nos arrependeriamos.» E depois, a não ser á conta da euphonia, creio bem que os mais escrupulosos escriptores nunca hesitaram no emprego daquellas fórmas; e comprova-lo-hei, quando para tanto me sóbre pachorra e tempo. Por agora, apenas lembrarei que taes expressões são tão antigas na lingua, que as tenho aqui exemplificadas em documento do seculo XVI. Numa carta de D. João III (Torre do Tombo, Chancellaria, *Doações*, livro 40, folhas 215), lê-se: — «*Notifico-vo-lo* asy...» Aqui está, pois, uma expressão que o Sr. Brito considera uma só palavra, e portanto inadmissivel na lingua portugueza... Dos escriptores modernos poderei citar-lhe o respeitado Camillo, o qual, no prologo das suas *Estrellas Funestas*, escreveu isto: — «Estiveram os apontamentos a *olvidarem-se-me* na escuridade...» Não aceito a doutrina, mas é digna de registro.

A PARTICULA PRONOMINAL — SE. Pgs. 219-221. A questão do pronome SE considerado como *sujeito* ou *objecto*, tem attrahido ultimamente a attenção de muitos grammaticos. São dignas de leitura as instructivas monographias escriptas nestes dous annos passados pelo CONEGO BRAGA (do Paraná), por Americo Brasiliense ANTUNES DE MOURA (de S. Paulo) e o *Ensaio linguistico* de OTHONIEL MOTTA (Jahú — S. Paulo), além de outros de que

não tenho conhecimento directo. Para o *Conego Braga* e *A. de Moura*, o pronome *se* póde ser e é effectivamente o sujeito em varias proposições de sentido geral. No texto d'esta *Grammatica*, como na *Selecta Classica*, digo que, pelo menos na linguagem de hoje, o *se* deve ser analysado como sujeito, quando corresponde ao *on* dos francezes, a *um* e *homem* da linguagem classica, nos casos identicos aos do emprego actual do *se*. Ainda a respeito da funcção do pronome SE, leia-se o communicado de ALVES AMORIM, que vae transcripto adiante na parte da *Analyse logica*. || AMBIGUIDADE ou AMPHIBOLOGIA (cap. XVII, pg. 252 *sequ.)* Não está bem explicito que os primeiros exemplos ahi apontados, tomei-os da *Gramm. castelhana* de ANDRES BELLO, aliás citado em nota. || ARCHAISMOS (pg. 255 *sequ.)* Com o titulo de *Archaismos semanticos* enviou-me o seguinte commentario a este capitulo o meu antigo e illustre collaborador FIRMINO COSTA:

«Poderá servir de subsidio para o estudo da semantica o exame dos seguintes termos. A palavra *proeza* perdeu o sentido apreciativo, que outrora possuia, e hoje não se póde usar como nesta frase de Amador Arraiz, *Dialogos*, 421: «Assi nós não podemos deixar de louvar os Santos, e sermos admiradores de suas *proezas*.» E ainda em Manoel Bernardes, *Estimulo Pratico*, 120: «Os mysterios da vida de Christo e de sua Mãe Santissima, e as *proezas* dos Santos».

«*Tratante*, que se tornou pejorativo, era em outros tempos synonymo de commerciante: «Todo o mercador, ou *tratante*, que anda metido em algum negocio de fazenda, vae ao encerramento das contas, etc.» M. Bernardes, *Os ultimos fins*, 87. Note-se que não tem sentido depreciativo o composto *contratante*.

«*Manha*, que se toma hoje á má parte, significava habilidade ou prenda, conforme se vê em Garcia de Rezende, *Liv. Classica*, 218: «A cobiça bem lembrada, Nobreza bem esquecida, *Manhas* não valerem nada, Devoção desbaratada.»

«A palavra *amante*, ao que parece, não tinha a significação actual de amasia, mas era sempre empregada em bom sentido, como ainda hoje em certas frases— *amante de seus paes*, *amante da sciencia*, etc. Esta passagem de Diogo de Paiva, *Casamento perfeito*, 320, assim o mostra: «Não importou menos a Eutherio, esposo de Santa Ursula.» A palavra *amiga*, applicada a uma senhora em relação a um homem, já tambem adquiriu o sentido de concubina. Hoje considerar-se-á inconveniencia dizer que S. Anna é *avó de Deus*, em logar de *mãe da mãe de Deus*, conforme se usa. Emtanto depara-se-nos em Bernardes, *Meditações*, 54, aquella expressão applicada a S. Joaquim e a S. Anna: «... quanta terão no Empyreo os gloriosos S. Joaquim e S. Anna, por serem paes da Mãe do Altissimo, e *avós do mesmo Deus?*»

«Não evitou Diogo Fernandes, *Arte de caça*, pag. 43, servir-se da palavra *pessoa* com referencia á ave: «O que purgar a ave considere a *pessôa* della.» Não menos curioso é o emprego de *pessoa* neste exemplo de Fr. Luis de Sousa, *Vida de D. Frei Bartolameu*, I, 88: «Apresentou-se um dia diante della um homem *de boa pessoa* e bem entrajado.» Hoje se diz *homem apessoado* ou antes *bem apessoado*.

«O termo *retrato* se acha empregado de modo improprio para o nosso tempo nesta frase de Amador Arraiz, *Dialogos*, 800: «E os *retratos* das batalhas que se deram naquella guerra.»

«O adjectivo *insigne* hoje em dia serve de qualificar palavras de elevada significação, ao envez destes usos de Bernardes: «Entre dous *insignes* malfeitores.» *Luz e Calor*, 539. «Tanto que os sentiam pelo faro (que é *insigne* no Brasil a esperteza deste sentido.» *Os ultimos fins*, 28.

«Vae-se antiquando o emprego do qualificativo *eminente* em relação a cousas, como no excerpto de Bernardes: «...o levou a uma torre *eminente*.» *Nova Floresta*. I, 46.

«*Quantia* é vocabulo, cujo significado tende a especialisar-se a alguma somma de dinheiro. Frases, como «quantia de meia noz», da *Arte de caça*, 54, já quasi não se ouvem entre o povo.

Hospicio passou a ser hospital de alienados, tornando-se obsoleto nas outras accepções. Nos *Lusiadas*, canto X, 96, ainda se encontra aquella palavra significando hospedagem: «onde te deu Melinde *hospicio* gazalhoso e caro.»

«*Historico*, presentemente empregado apenas como adjectivo, se acha como synonymo de historiador em Arraiz, *ob. cit.*, 286: «Quanto ao nascimento deste Henrique não concordam os *historicos*.»

«Actualmente se emprega o qualificativo *enxuto* com respeito ao gado bovino para dizer que a rez está meio gorda ou *lisa*. Neste sentido se encontra o mesmo adjectivo referindo-se á pessoa: «Este tal mantimento faz os homens *enxutos*, rijos, de gentil aspecto.» Amador Arraiz, *ob. cit.*, 51.

«*Terceira*, que desceu á accepção de alcoviteira, era tida em bom sentido, segundo se vê do *Casamento perfeito*, pag. 300: «E a opinião da mesma virtude é grande *terceira* de amisades.»

«Parece-me que *ponto* significa minuto neste passo de Amador Arraiz, *ob. cit.*, 393: «Que razão darei dos annos, mezes, dias, horas e *pontos* da minha vida?» Como vestigio dessa accepção de *ponto*, ahi temos o derivado *ponteiro*, que marca *pontos* ou *minutos* no relogio. O referido Arraiz, na mesma obra, pg. 746, assim se exprime: «No *ponto da meia-noite* vem um novo resplandor.» Hoje dizemos *á meia-noite em ponto, ao meio-dia em ponto*. Cabe aqui lembrar que em alguns logares do sul do Brasil usam da expressão *meia-tarde*, conforme se vê do seguinte trecho de Virgilio Varzea, *Mares e Campos*,

129: « A gente das proximidades, essa, desde *meia-tarde*, a bem dizer, enxameava a casa.»

«*Mulato* antigamente queria dizer mulo: « Porque o *mulato* depois que se farta do leite da mãe, tira-lhe couces.» Hector Pinto, *Imagem da vida christan*, II, 346. « Um destes endividados, não trata só de viver elle, e seus filhos: sinão elle, e os seus *mulatos*, os seus cães, os seus cavallos, os seus passaros. » Bernardes, *Estimulo Pratico*, 170.

«*Desgraça* era antonymo de graça, tomada esta palavra na accepção de dom sobrenatural concedido por Deus. Em vez de *não morrer em graça de Deus*, Arraiz, em seus *Dialogos*, pg. 436, assim se enuncia. « O que morre *em desgraça de Deus* por suas culpas e demeritos, etc.»

«*Enxadrez* é a fórma antiga de xadrez: « Estando um homem chamado Canio jogando o *enxadrez.* » Hector Pinto, *ob. cit.*, II, 28. Procede daquelle archaismo o neologismo *enxadrista*, jogador de xadrez: « Entre o *enxadrista* e os seus trebelhos.» Machado de Assis, *Esaú e Jacob*, 46.

«Para indicar cada uma das camadas de tinta, que se dá em algum logar, usamos da palavra *mão*, e menos vezes do vocabulo *demão*. Assim, dizemos *esta parede já levou duas mãos de tinta*. Para este fim empregava-se antigamente o substantivo *capa*, conforme se encontra na *Direcção para os Exercicios*, do padre Manoel Bernardes, pg. 454: «Ou como pintor, que lança segunda *capa* de tinta sobre a primeira, para que a obra fique de maior dura.»

«De *convite*, na accepção de banquete, aqui se offerecem os seguintes exemplos: Ensinou aos Lusitanos fazer cerveja de cevada que antigamente se bebia nos *convites.*» Arraiz, *Dialogos*, 254. « Evite a pessoa quanto fôr possivel ir a *convites;* porque nestas solemnidades rijas do Deus Ventre, padece grandes dispendios, ou ao menos perigos, a Castidade, e Pudicicia.» Bernardes, *Armas da Castidade*, 363.

« Archaizou-se o adjectivo *manho*, grande, empregado ainda por Hector Pinto, *ob. cit.*, II, 134: «O *manho* Alexandre.» Delle subsiste, porém, o composto *tamanho*, tendo-se perdido o composto *quamanho*.

«O termo *soffrido* tornou-se obsoleto na accepção de paciente, sendo entretanto muito usado como participio de *soffrer*. Exemplo daquella accepção se encontra em Paiva, *Casamento perfeito*, 170: « Raramente se acha um velho que seja *soffrido.*»

«*Lapso* é hoje desusado como adjectivo, ao passo que seu composto *relapso* não caiu no esquecimento. Uso do primeiro se apresenta na pg. 310 da obra *Luz e Calor*, de Bernardes: « Natureza *lapsa.*»

«Em o mesmo classico, *Armas da Castidade*, pg. 384, apparece o adjectivo *leso:* « Quem é *leso* de um pé, estriba sobre o bordão. » Tal adjectivo, póde-se dizer, tornou-se archaico, menos como termo componente da expressão *crime de lesa-majestade* e de ou-

tras mais. O composto *illeso* é todavia muito usado.

«*Razões concludentes*, e não *razões concluintes*. Desta expressão usou Fr. Luis de Souza, *Vida do Arcebispo*, I, 243: «Foram estas razões ditas pelo Arcebispo com tanta efficacia, e pareceram a todos tão *concluintes*.» «A estas razões tão *concludentes*», é como se vê á pg. 56 de *Os ultimos fins*, de Bernardes.

«*Mancebia*, que hoje significa concubinato, queria dizer mocidade, do que nos fornece exemplo Damião de Goes, *Catão Maior*, 72: «E viveu até idade de minha *mancebia*.»

«É de uso geral a palavra *guisado* como denominação de certa iguaria, emquanto o verbo *guisar* raras vezes se ouve. Neste logar de Diogo de Paiva, *ob. cit.*, 44, elle só nos depara: «Tinha-lhe a Rainha mandado *guisar* uma tão refinada peçonha.»

«*Cabeça* era o mesmo que capital, cidade onde está a séde do governo; «Çaragoça *cabeça* do Reino de Aragão.» *Vida do Arcebispo*, I, 370. Ainda hoje costumam dizer *cabeça da comarca* por *séde da comarca*.

«Rematando o presente artigo, transcrevo os seguintes dizeres classicos, que se têm obliterado e que talvez conviesse imitar com certo commedimento: «Se o *amor da amizade* não faz estremos, não ha que fiar delle.» Arraiz, *Dialogos*, 4. «Alvoroçava-se para o remate da vida com *jubilos de prazer*.» Bernardes, *Exercicios Espirituaes*, I, 149. «Deus Nosso Senhor costuma castigar os *orgulhos da soberba* com quedas da luxuria.» Bernardes, *Estimulo Pratico*, 66.»

Analyse logica

ANALYSE (cap. XX, pags. 266 a 276; cf. as *Gramm.* do 1.º e 2.º anno, nas secções correspondentes, *in fine*). As questões de analyse logica são as que mais excitam o interesse dos professores brazileiros. Creio que haverá excesso nesta paixão e que resulta do proposito de explicar *analyticamente* muitas das palavras, idéas e frazes que são pensadas e só valem como actos syntheticos. Nas minhas lições de portuguez, feitas no *Pedagogium* do Rio de Janeiro, a *Analyse logica* foi completamente eliminada por inutil ou insignificante. Sempre me pareceu que conhecidos os termos essenciaes da proposição, todo estudo ulterior e pormenorizado de divisões, subdivisões e classificações de fraze e talhos de fraze, nada ou quasi nada aproveita a quem quer estudar a lingua vernacula, e faz parte do que antigamente se chamava a *Grammatica geral filosofica* ou systema mais ou menos logico applicavel a todas as linguas. Tenho visto que muitos alumnos de *portuguez* sabem talvez *analysar*; mas não sabem ler, nem entender o que lêm, e ainda menos escrever correctamente, sem falar aqui do que ignoram da historia da lingua. O methodo que adoptei nas minhas aulas foi o da *analyse dos vocabulos*, isto é, a

sua formação historica, á dos elementos morphologicos e prosodicos, a boa pronuncia, a certa significação, o emprego syntactico, a synonymia, a collocação, as flexões e variações, isto é, em uma palavra, o sentido e a fórma, que só se comprehendem cabalmente na fraze ou no discurso.

O assumpto, entretanto, da *analyse logica* é e continúa a ser objecto de predilecção de quasi todos os mestres e por isso aqui inclúo as observações, algumas excellentes, que me foram feitas por distinctos professores, as quaes envolvem reflexões sobre outras materias congeneres:

Analyse. Divisão da proposição. I. «Diversos grammaticos que tenho lido dividem a proposição composta em composta por coordenação e por subordinação. Não me satisfaz esta divisão ou eu não a entendo, porque «a proposição composta é a reunião de varios sentidos absolutos coordenados entre si.» Ora, na proposição composta por subordinação dá-se justamente o contrario do que expõe a regra citada, como facilmente verificaremos. Na proposição composta por subordinação ha uma principal e subordinadas que lhe são complementares. A oração principal é por si só um sentido absoluto, mas a subordinação não. Logo, ellas podem estar coordenadas entre si e não com a principal, porque são completamente independentes e a subordinada não tem, como se sabe, a funcção da principal. Penso que se acceitando a composta por subordinação, admitte-se a equiparação da subordinada á principal, o que não se verifica diante das leis do raciocinio, não podendo haver, portanto, proposição composta por subordinação, que é simples e unicamente a proposição complexa ou ampliada. No caso da composta por coordenação nada tenho que me deixe em duvida, porque as coordenadas são sentidos absolutos, são proposições simples ou complexas reunidas e ligadas pelo sentido para a organisação do periodo. Se separarmos as coordenadas, cada uma de per si fará sentido perfeito; e, se separarmos as subordinadas, nem uma d'ellas fará sentido perfeito. Este facto mais uma vez demonstra que não póde existir proposição composta por subordinação. Vejamos mais claramente pelos exemplos: *Julio Cesar, que foi um grande general romano, venceu os barbaros.* Este exemplo é da sua grammatica do 3º anno e lá figura como proposição complexa e nisso estamos plenamente de accôrdo. Outros grammaticos, porém, vêem ahi a proposição composta por subordinação, como tambem nest'outro exemplo que me occorre: *Vem á minha casa, quando voltares, porque desejo a tua presença que me é muito cara.* Agora a proposição composta por coordenação: *Chegou, viu e venceu.* (Tres coordenadas simples). *Eu leio as minhas lições e espero que faças o mesmo.* (Duas coordenadas: uma simples e uma complexa). *Quando se estuda com von*

tade, muito se lucra ; mas quando não ha força de vontade, de nada vale o livro que se procura sempre com desamor. (Duas coordenadas complexas). Haverá, portanto, igualdade entre estas e aquellas proposições, ou haverá mesmo proposições compostas por subordinação ?

« O segundo ponto d'esta carta com que estou a aborrecel-o, versa sobre uma questão velha que está por isso condemnada pelos competentes que, no emtanto, já deviam tel-a resolvido. Falo d'esse pomposo adjectivo com que os nossos colonisadores chrismaram-nos, chamando-nos por desfastio ou por desprezo natural do colonisador ao colonisado de *brasileiros*. Toda gente sabe que o suffixo *eiro* não designa nacionalidade, salvo se, applicado a nós, elle tomou esta significação. Quando os senhores donatarios nos deram este titulo ou este rotulo, não queriam dizer certamente com isso que nós eramos nascidos no Brasil e sim meros cortadores de páu brasil, da mesma fórma que chamaram ao filho de Minas-Geraes *mineiro*, querendo significar que elle era, não o nato d'esse Estado do Brasil, mas o trabalhador de minas. Não haverá um meio de tirarmos de sobre nós esta pecha desairosa e offensiva ás leis da grammatica ? Facilmente, me parece, resolver-se-ia este caso, abrindo em toda a imprensa uma propaganda tenaz que se reproduzisse nas Escolas, nos Clubs literarios, nas Revistas e nos Livros. Convém ensinar ao povo a significação da palavra *brasileiro*, de maneira a convencel-o á lux da razão de que a palavra com que designamos o filho do Brasil é *brasiliense* ou *brasiliano*. Por esta razão deve dizer-se *mineirense*. Farei uma tentativa infructifera ? » — THEODORO RODRIGUES.

II. 1ª O compendio, ao mesmo tempo que expõe o methodo de «analyse de relações», traz, em sua pg. 153 e seg., o antigo methodo, em que os elementos secundarios se denominam «complementos.» Em uma obra didactica parece-me ser isso um defeito. Já assisti a um exame, aliás em bom collegio, onde os alumnos julgavam como coisas muito differentes entre si o adjuncto attributivo e o complemento appositivo e o determinativo. Como convém simplificar o mais possivel a analyse, evitando sobrecarregar a memoria do alumno de termos dispensaveis, eu me animo a lembrar-lhe a suppressão do cap. «Complementos», de pg. 153 a 156, adaptando aos termos da «analyse de relações» o que ahi se encontra sobre syntaxe de regencia. 2ª A pg. 266 o compendio define «proposição simples» a que se compõe unicamente de sujeito e de predicado. A ser assim, deve-se considerar «simples» a proposição «convém ires ao Rio», que consta sómente do sujeito «ires ao Rio» e do predicado «convém», quando é ella «complexa.» Figura-se-me, pois, inexacta a definição. Não seria conveniente restabelecer o uso do termo «pe-

riodo» para exprimir a proposição completa por si ou o conjuncto de proposições terminadas em ponto final? «Periodo simples», definir-se-ia então, o que é formado de uma proposição; «complexo», o que contém duas ou mais proposições, etc.; «composto», o que consta de proposições, que têm a mesma funcção. Ao contrario de Julio Ribeiro e outros, acho o termo «periodo» preferivel á «sentença», que é propriamente uma maxima, etc. 3ª O compendio, pg. 268, diz que as denominações «asyndeticas e syndeticas» nenhuma vantagem têm sobre as outras. Quaes outras? Elle apenas dá a denominação «collateral», correspondente á asyndetica», esquecendo-se de mencionar o termo equivalente á «syndetica.» 4ª O compendio adopta para os equivalentes — adverbiaes as expressões «locução adverbial», «adjuncto adverbial,» «clausula adverbial», e para os equivalentes — adjectivos as denominações «locução adjectiva», «clausula adjectiva» e «adjuncto... attributivo.» Não fôra melhor uniformar tambem esta ultima nomenclatura, dizendo «adjuncto adjectivo» e não «attributivo»? Além de que é este termo usado por alguns grammaticos (Bento de Oliveira e outros) como synonymo de «qualificativo», ao passo que o «determinativo» serve egualmente de «adjuncto attributivo.» 5ª A regra de concordancia do sujeito collectivo, á pg. 147, não se me figura claramente enunciada: Quando o collectivo é seguido de *um determinativo do plural*», etc. Por esta ultima expressão se entende commummente «adjectivo determinativo do plural» e não «complemento determinativo do plural», e assim mais claro talvez ficára formular a regra por esta fórma — Se o sujeito é um collectivo partitivo singular, seguido de um substantivo do plural ligado pela preposição «de», o verbo vae geralmente para o plural. 6ª Como as proposições coordenadas, que formam o periodo composto, consideradas em si equivalem a periodos simples ou complexos, costumo dividil-as em coordenadas simples e complexas, analysando então cada uma dellas como se fôra periodo simples ou complexo. Não conviria dar essa divisão ás coordenadas? 7ª O compendio, pg. 268, refere-se a connectivos, cuja explicação se esqueceu de dar. Parece-me conveniente dar a definição de «connectivo» e de elemento emocional», termos necessarios á analyse e empregados pelo prof. Alexander.» Firmino Costa.

III. «Sou dos que se interessam pela pureza do seu idióma. Julgo um dos maiores e mais fortes attestados que se deve procurar da grandeza de um povo, a maior ou menor pureza observada na lingua do mesmo. Quando um paiz tem a lingua corrompida, é porque o seu povo está perdendo ou perdeu o caracter nacional. No Brasil, e mais ainda em Portugal, este phenomeno largamente se observa.

Para mim, como para Edmundo de Amicis, «sono una cosa, patria e lingua, pensiero e parola, parola e vita.» «Si dice che l'uomo vale per quello che sa;— diz o mesmo escriptor—ma vale anche in gran parte per come sa dire, quello che sa.»

«É já tempo de cuidar das questões supra-alludidas.

«Foi mesmo o Mestre que me fez saber é o estudo comparado das linguas provindas de um só tronco, a maneira preferivel para se obter o acerto das expressões na lingua vernacula. Isso a proposito de SE sujeito—*gallicismo*. O mestre cita—*on parle*,—*on dit*. Em seguida lembra não haver na declinação do SE latino, o caso sujeito. Tornei-me apostolo intransigente do SE sujeito-*gallicismo*, combatendo em prol das opiniões do Mestre em discussões e em lições a que fiz parte. Este anno iniciei o estudo do italiano. Esta lingua, como o portuguez, deriva do latim, e mais do que a nossa do latim se approxima. Com extraordinario espanto meu, deparou-se-me no italiano, se não ha engano de minha parte, o SE como sujeito. Senão, vejamos. Alighiere Dante começa assim a terrivel inscripção que diz ter lido, em sua visão, gravada á porta do Inferno:—«*Per me* SI *va nella citá dolente.*» Lendo a traducção deste verso feita pelo Barão da Villa da Barra, traducção feliz no dizer do Sr. Araripe Junior, deparou-se-me isto: — «*Por mim* SE *chega ao reino doloroso*, muito semelhante á traducção de Littré, citada tambem pelo Sr. Araripe:—«*Par moi* L'ON *va dans la cité dolente*». Ora, confrontados o original e as duas traducções, nenhuma d'ellas apresenta na parte referente ao caso em questão, differença alguma. E o sujeito das tres é—SI—SE—ON (ou *l'on* como requereu a euphonia franceza), em resumo, o pronome SE. Portanto si o SE, *on*, foi sujeito no francez, foi-o tambem no italiano *(si)* como o foi no portuguez do Barão da Villa da Barra, portuguez feliz para Araripe Junior. Concluindo, penso—e desejava o illustre Mestre me dissesse si vou em erro assim pensando—que o SE sujeito em portuguez não é lá quanto isso condemnavel: e assim como é *gallicismo* póde tambem ser *italianismo* e para mim é mais isto que aquillo. Expliquemo-nos: Dante (e, creio, não ha corrupção no italiano de Alighiere) escreveu — *si va* — e *si va* mais se approxima de SE *chega*— ou *se vae*, que de *on va*.—Digo assim, porque, para mim, o equivalente em portuguez do *on* francez não é positivamente *se*, como geralmente dizem, mas esse como idiotismo commum que *nós* temos na expressão — *a gente*, por *nós*. Ora, o *on* francez é uma corrupção de *homo* latino; por conseguinte, phrases como *on va*, *on dit*, *on parle*, etc. — (que, requerendo-o a euphonia precedem do artigo *le*, para melhor semelhar-se ao nosso *a gente)* têm o valor positivo de — *o homem* diz, *vae* etc., que em melhor traducção diriamos como familiarmente dizemos:—*a gente vae*, *a gente diz*, *a*

gente fala etc. E deante d'esses raciocinios que hei feito, que julgo hoje o SE sujeito, apenas uma expressão feia na maioria dos casos, e como que sem logica, porén não tão condemnavel em portuguez, visto ser no meu entender, mais *italianismo* que — *gallicismo*. Póde dar-se tambem o caso de que o meu pouco estudo do italiano, não consinta vej. eu bem a analyse que se deve dar ao citado verso de Dante. Certo é, porém, que por mais que investigue, não descubro alli a possibilidade de outro sujeito que não o SI.

«Ha poucos dias o meu amigo Paulino Santiago, tambem dado a essas investigações, narrou-me o seguinte que tambem já lhe havia sido narrado: Ha uma grammatica portugueza de um padre que tratando de SE sujeito, apresenta esta questão: «mulheres se tratam com delicadeza», significando que «mulheres devem ser tratadas etc.»; neste exemplo, diz o padre, si dissessemos—*mulheres se trata etc.*—fôra erro—e dizendo como lemos acima dá-se a *amphibologia*: isto é, não sabemos se «as mulheres devem ser tratadas com delicadeza» — ou se alli se dá a voz reflexa. Dos exemplos que se me têm apresentado, como *um beco sem saída* de *se* sujeito — o do padre é o mais razoavel. Mas ha ainda que perguntar: — porque em vez de aquillo não diremos mesmo: «as mulheres devem ser tratadas com delicadeza»; ou melhor: —«nós devemos tratar as mulheres com delicadeza»; ou ainda melhor; — «tratemos as mulheres com delicadeza»?... Em todo o caso o padre apresenta uma questão mais digna de attenção do que muitas que se me têm apresentado, como por exemplo — *só no céo se vive.*» — ALVES DE AMORIM.

INDICE GERAL

Prologo V
Introducção. Noticia sobre a origem e formação da lingua portugueza IX
Prolegomenos 3

I Parte. O vocabulo

CLASSIFICAÇÃO

I Primeira classe. Substantivos e suas especies 11
II Segunda classe. Qualificativos 17
III Terceira classe. Determinativos 19
IV Quarta classe. Pronomes 25
V Quinta classe. Verbos e suas especies 29
VI 6ª, 7ª e 8ª classes. Palavras invariaveis 34
VII Grupos e familias de palavras. Synonymos, homonymos, etc 39

FÓRMAS

I A estructura do vocabulo. Raiz e affixos 47
II Flexão. Genero, numero e caso 54
III Observações supplementares 64
IV Estudo historico da flexão 68
V Gráos 73
VI Flexão dos determinativos e pronomes. Declinação. 79
VII Observações supplementares 81
VIII Conjugações. Tempos primitivos e derivados 83
IX Quadro synoptico das conjugações 88
X Conjugação regular dos verbos nos tempos simples. *Id.* dos verbos auxiliares. *Id.* Voz passiva. *Id.* completa. Verbo pronominal. Conjugação dos irregulares 90
XI Observações sobre as irregularidades dos verbos 115
XII Derivação e composição. Prefixos 117
XIII Derivação. Suffixos 128
XIV Palavras variaveis formadas no seio da lingua 136
XV Palavras invariaveis formadas no seio da lingua 139

II Parte. Syntaxe

I Da syntaxe em geral 145
II Concordancia do sujeito e concordancia do attributo. Complementos 147

III Syntaxe do substantivo e do adjectivo..... 147
IV Syntaxe do pronome pessoal..... 175
V Syntaxe do artigo..... 178
VI Syntaxe do verbo e de alguns verbos especiaes. Correlação dos tempos..... 184
VII Syntaxe das fórmas nominaes do verbo. Infinitivo e participios..... 192
VIII Syntaxe das palavras invariaveis. Adverbio. Preposição. Conjuncção. Interjeição..... 199
IX Difficuldades de concordancia..... 210
X Usos especiaes do verbo *haver* e uso de *se*..... 216
XI Da ordem e collocação das palavras em geral..... 222
XII Da collocação dos pronomes..... 229
XIII Figuras de syntaxe. Particulas de realce..... 235
XIV Anacoluthia..... 241
XV Dos vicios de linguagem..... 244
XVI Gallicismos..... 247
XVII Ambiguidade. Amphibologia..... 252
XVIII Archaismos syntacticos..... 255
XIX **Analyse logica**. Relações..... 260
XX Idem. Proposições..... 266

III Parte. Estudos complementares

A. PHONOLOGIA

I Phonologia. **As letras**..... 281
II Theoria geral..... 283
III Do accento e da quantidade..... 292
IV Origem das letras. Leis phoneticas geraes..... 298
V Alterações phonicas especiaes..... 303
VI Sobre a elisão e outros factos da prosodia..... 308

B. ETYMOLOGIA

I Etymologia portugueza. Principios em que se baseia a etymologia..... 313
II Etymologia dos substantivos..... 317
III Etymologia do artigo e determinativos..... 319
IV Idem. Pronomes..... 323
V Idem. Fórmas verbaes; conjugações latina e portugueza comparadas..... 324
VI Idem. Verbos irregulares..... 328
VII Idem. Palavras invariaveis..... 334

C. SEMANTICA

Semantica..... 339

APPENDICE

Accentos graphicos e pontuação..... 343
Notas finaes..... 351

INDICE ANALYTICO

Accento, 292, deslocação 293
Adjectivos, derivação, 133-134, etymo. 319
Adjunctos (analyse). 262
Adverbio, 34, derivação, 139, syntaxe. 199
Affixos. 48
Allemão, *Vid. germanico.* Voc. XVI
Alteração das vogaes. 295
Ambiguidade. 252
Americanismos, voc. XVII
Amphibologia ou ambiguidade. 252
Anacoluthia. 241
Analogia. 289
Analyse logica *sequ.* 260. 260
Antonymos. 12
Arabes, XI, vocabulario XIV
Archaismos, XVIII. 255
Apposição. 153
Artigo. Articulares (determ.) 21, syntaxe 178, etymo. 319
Asiaticismos. XVII
Asyndeton. 236
Assimilação. 290
Attributo, concordancia. . 151
Augmentativos, 15, 16, 73 74
Auxiliares, conjugação, 96 *seq.* 96
Cacophaton. 246
Cardeaes. 22
Casos, imparisyll. XXXI, historia e vestigios. 65
Celtico, voc. XVII
Collisão. 246
Classificação. 11
Clausulas adjectivas, substantivas, adverbiaes. . . 267
Collocação, subst. e adjectivos 157, 222, dos pronomes. 229
Collectivos, 15, sujeito collectivo. 147
Comparação, syntaxe. . . . 200
Comparativos. 75
Complementos. 153
Composição. Compostos, 116, syntaxe. 160
Conjugação, 83, *sequ.* 88, conj. regular. 90
Conjuncção, 36, syntaxe. . 199
Concordancia, 147, 153, difficuldades, 210 *sequ.* 210
Correlação dos tempos; correspondencia. 190
Defectivo. 32
De, partitivo. 171
Demonstrativos, syntaxe. 167
Derivação. 117
Desinencia. 48
Determinativos, fórmas, flexão. 78
Diminutivo, 74. 75
Distributivos, syntaxe. . . 170
Echo. 246
Ellipse. 236
Etymologia, fundamento, 337, subst., adjectivo, pronomes, etc., 134 *et sequ.* 319
Expletivas. 239
Familia de palavras. 39
Figuras de syntaxe. 235
Flexão, 54, flexão *hominal* 82
Fórmas duplas, divergentes, XX. XXI

Fórmas nominaes do verbo, syntaxe..... 192
Francez, voc..... XV
Frequentativos (definição) 33
Gallicismos, 247 *sequ*..... 247
Genero, regras, 55, historia, 63 *sequ* e 68 *sequ*, synt..... 158
Germanico, voc..... XIV
Grammatica, 3, geral, particular, comparativa, historica 3-4, descriptiva, pratica, 4. Divisões da Gramm..... 4-5
Gráos de nomes e adjectivos, 73, syntaxe..... 162
Haver, verbo; syntaxe... 216
Hespanhol, voc..... XVI
Hiato, 246, phonologia, 320, hiatos modernos.. 326
Homonymos, homophonos, 12..... 42
Hybridismo..... XXIV
Hyperbaton..... 238
Iberos..... IX
Impessoal. V. *defectivo*
Inchoativos..... 33
Indefinidos ou indefinitos, 21, syntaxe, 17, sujeito *um, homem*..... 171
Intransitivos..... 32
Infinitivo e tempos do infinito pessoal..... 192
Inglez, voc..... XV
Interferencias..... 288
Interjeição, 37, etymo
Interrogativos, relativos. 21
Invariaveis..... 3
Italiano, voc..... XV
Irregulares, verbos, 108-114, 115..... 116
Irregularidades apparentes, 106..... 115
Juxtaposição, 118..... 119
Latim barbaro, medieval, *intr*..... X
Latinismo..... 245
Lei de Grimm..... 286
Letras, classificação; explosivas, labiaes, etc.. 282
Leis phoneticas, em geral 285
Locução adjectiva, 18, loc. verbal, 33, adverbial, 34, prepositiva..... 36
Meio, adv. e adj..... 160
Modos, definição, 30, syntaxe, 188, correlação... 190
Morphologia..... 45
Multiplicativos, 23..... 24
Negação, syntaxe..... 202
Neologismo..... XXIII
Notações lexicas e syntacticas
Numeraes, 22, syntaxe... 161
Numero, regras, 59 *sequ*, historia, 68 e 71 *sequ.*; n. de verbos..... 87
Objecto (analyse)..... 264
Oração. Vide *Proposição*
Ordem, 157, syntaxe geral 224
Ordinaes..... 22
Palavras formadas no seio da lingua, 136 *sequ.* 139 141
Paronymos..... 13
Paradigmas, 90 *sequ*..... 90
Passiva, conjugação..... 99
Patronymicos..... 14
Partitivo, artigo..... 171
Participios do presente, do passado; syntaxe, 193, partic. do futuro..... 197
Particulas de realce..... 239
Peregrinismo ou barbarismo..... 245
Periodos de formação da lingua..... XIII
Periphrastica, conjugação 33
Pessoaes, pronomes, 25,

verbos, 86, syntaxe.... 174
Phonologia historica.... 281
Pleonasmo..... 238
Ponto final, interrogativo, etc..... 371
Pontuação.....
Portuguez antigo, romance, textos..... XII
Possessivos, 19, syntaxe, 165..... 175
Prefixos, 120..... 127
Preposição, 35, derivação, 140, syntaxe, 199, etymo.
Primitivas, palavras..... 11
Prosodia de vogaes *ô* — *ó*, —*é*—*é*, etc..... 295
Pronomes, 25, declinação, 80, *sequ*; collocação, 229, combinação, 233, etymo.
Proposições, 264, positivas, negativas, optativas, etc., 265, simples, complexa, contracta, etc..... 266
Qualificativos..... 17
Quantidade..... 292
Quantitativos..... 21
Que, *qual*, etc., syntaxe, 168 *sequ*. Cujo, 169, que? 169
Raiz, radical, 39-40, 50 53
Reflexivo (pronome)..... 27
Relações (analyse logica) 260
Relativos, 20, syntaxe... 168
Rhythmo..... 296
S, plural facticio nas particulas, 134, signal do plural, historia..... 67
Se, syntaxe, 219, empregos 221
Semantica.....
Sentido das palavras, proprio e translato..... 42
Signaes de accento.....
Solecismo..... 244
Sujeito, concordancia, 147 *sequ*. «Um dos que» 151; suj. coordenados por *e*, *ou*, *nem*, 148..... 149
Substantivos abstractos, concretos, proprios, communs, 13 *sequ*. Derivação, 130-133, 136, syntaxe, 157, etymo.....
Suffixos..... 128
Superlativo..... 76
Syllepse..... 236
Synonymos, 12..... 43
Taxinomia (classificação) 12
Tempos, definição, 30, primitivos e derivados, 83, *sequ*. 88, syntaxe, 188 *sequ*..... 188
Thema ou radical, 39.... 40
Transitivos, definição.... 31
Variaveis. Gráo dos variaveis..... 12
Verbo e suas especies, 29 *sequ*. Conjugações, 83; pronominal, conjug. 105. *Vide* Irregulares, etc. Tempos, modos, 83-88, verbos em *izar*, 137; derivação, 137, syntaxe, 184 *sequ*. Verbos especiaes, 185, etymo.....
Virgula e ponto e virgula
Visigodos..... 244
Vicios de linguagem..... XI
Voz activa, passiva, reflexa (definições)..... 32
Zeugma..... 236

N. 1.564 — Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PC
5067
R5
1923

Ribeiro, João
Grammatica portugueza

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 25 07 02 002 6